

COLEÇÃO BÍBLICA



EUGENIO  
ZOLLI

# Guia do antigo e novo testamento

Enrolou o livro,  
entregou-o  
ao ministro  
e sentou-se.  
Começou então  
a dizer-lhes:  
Cumriu-se  
hoje esta passagem  
da Escritura  
que acabais  
de ouvir.  
Lc 4,21-22

EDIÇÕES PAULINAS

## *GUIA DO ANTIGO E NÓVO TESTAMENTO*

---

Esta tradução feita e anotada pelo ilustre biblista Pe. Frederico Dattler SVD constitui o N. 5 da col. Bíblica das Edições Paulinas. O nome do autor, pranteado professor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, é de per si uma recomendação. Rabino-mór convertido, sua vida não era outra senão a de estudar e meditar as palavras divinas consignadas na Sagrada Escritura. Como o nome indica, a obra não pretende ser uma «introduction» no sentido clássico do termo, mas quer «oferecer às pessoas de cultura mediana e de conhecimentos razoáveis no campo bíblico, alguns conceitos sobre a ideologia e a espiritualidade bíblicas» (p. 5). Muitas vezes o A. sobe do chão das informações técnicas para a altura de verdadeiras meditações bíblicas baseadas nos livros e nos assuntos que vai comentando. Nesse ponto, o livro apresenta algo de novo também para os especialistas e faz bem à alma. Notáveis são as páginas sobre a evolução do profetismo e a interpretação do Cântico dos Cânticos. Com proveito a obra servirá para leitura de complementação, oferecendo em vários pontos um aspecto mais dinâmico e mais vital do que as páginas áridas de um tratado sistemático.

*Frei Marcelo M. Gomes OFM*

EUGÊNIO ZOLLI

Professor do Pontifício Instituto Bíblico

# GUIA DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

EDIÇÕES PAULINAS

TÍTULO ORIGINAL  
GUIDA ALL'ANTICO E NUOVO TESTAMENTO  
Garzanti - Milão

Tradução de P. FREDERICO DATTLER SVD.

N I H I L O B S T A T  
São Paulo, 15 de agosto de 1960  
Pe. JOÃO ROATTA, S.S.P.  
*Censor*

I M P R I M A T U M  
São Paulo, 13 de setembro de 1960  
† PAULO ROLIM LOUREIRO  
*Bispo Auxiliar e Vigário Geral*

---

Direitos reservados à Pia Sociedade de São Paulo  
Praça da Sé, 180 - Caixa Postal 8107 - SÃO PAULO  
1961

A finalidade do presente livro é oferecer, às pessoas de cultura mediana e de conhecimentos razoáveis no campo bíblico, alguns conceitos sobre a ideologia e a espiritualidade bíblicas.

Sendo limitado o espaço disponível e devendo escolher entre muitas coisas em forma resumida e menos clara, preferi ser menos completo e mais claro. O Antigo Testamento absorveu maior número de páginas, para destarte facilitar a compreensão do Novo, desenvolvimento e sublimação do primeiro.

Seria desejável poder fazer seguir ao presente volume estoutro: uma antologia bíblica, abrangendo o Antigo e o Novo Testamento, com o título: "Leituras Bíblicas".

E. Z.

---

Eugênio Zolli colaborou nas principais revistas científicas e espirituais da Itália e do exterior: *Biblica*, *Sefarad*, *Catholic Biblical Quarterly*, *Rivista di Studi Orientali*, *Studi e Materiali di Storia delle Religioni*, *Vetus Testamentum*, *Lares*, *Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes*, *Responsabilità del Sapere*, *Humanitas*, *Vita e Pensiero*, *Città di Vita*, *Il Fuoco*, *L'Oltima*, etc.

Uma parte de seus escritos de caráter científico encontra-se nos dois volumes: *Israel*, Udine 1935 e *Il Nazareno*. Udine, 1938.

Outra, de caráter autobiográfico: *Christus*. Ave, Roma, 1945; *Mi encuentro con Cristo*, Madrid, 1952; *Before the dawn* (Antes da aurora), Sheed and Ward, Nova Iorque, 1954.

Da época da conversão destaca-se *Anti-semitismo*. Ave, Roma, 1945.

Dedicou um amor todo especial à versão do *Saltério*. Muito aplaudida, pertencia à edição Viola, Milão, 1951, e foi seguida de um volume introdutório: *I Salmi, documenti di vita vissuta* (ed. Viola, Milão, 1953). Assinalamos ainda *L'Ebraismo*, Universale Studium, Roma, breve síntese da história e da espiritualidade judaicas desde a origem até nossos dias.

## PREFÁCIO DO TRADUTOR

*Causou surpresa desagradável nos meios israelitas a conversão do rabino-mor de Roma ao catolicismo, realizada durante a Segunda Guerra Mundial, quando Zolli se encontrava refugiado no Vaticano. Em THE STANDARD JEWISH ENCYCLOPAEDIA (Jerusalém-Tel-Aviv 1958/59) à qual recorreremos em busca de informações, não existe o seu nome. DAMNATIO MEMORIAE? Não o cremos. Um rabino-mor, dentro da comunidade judaica, não se compara com um bispo diocesano. Quando muito, êle é um teólogo de renome ou um insigne pregador e sempre um mero funcionário dentro da organização leiga da comunidade israelita, encarregado dos assuntos rituais.*

O livro que acabamos de traduzir chama-se Guia e não Introdução; numa introdução esperam-se certas matérias tratadas que podem faltar num Guia. Eugênio Zolli sempre foi rabino, traindo em cada linha que escreveu a sua formação específica e tão diferente da nossa. Quantos pontos de vista e quantas idéias novas Zolli apresenta ao leitor cristão! Com grande proveito e interêsse serão lidas as suas exposições sobre os livros de Moisés, sobre o Cântico, sobre os livros sapienciais. Nesta parte o rabino fala aos cristãos comunicando-lhes algo de sua experiência adquirida em longos anos de estudo e meditação. Tratando dos profetas e do Novo Testamento, o judeu convertido dirige-se aos de seu povo abordando e debatendo o eterno problema da messianidade do Nazareno. Destacam-se, pela maestria de composição, os capítulos sobre os Evangelhos, a questão sinóptica, a Carta aos Romanos e o Apocalipse.

Zolli conservou a sua mentalidade hebréia. Evita o nome divino Javé, encara o cristianismo com os olhos dos

*apóstolos, judeus convertidos também eles. A argumentação é circunstanciada, como a de um escriba abalizado. Na citação dos Padres da Igreja é um tanto ingênuo e inseguro, um leigo na matéria, mais ou menos assim como nós, quando citamos um rabi Aquiba ou outros astros do céu talmúdico.*

*O livro é mais um resultado de reflexão devotada do que um estudo sistemático. O seu interesse principal ocupam as idéias e os assuntos teológicos. As questões puramente técnicas, tais como o autor, a data, a divisão do livro, etc., são tratadas globalmente.*

*No tocante às anotações, a leitura mostrará que Zolli preferiu os parênteses dentro do texto. Das notas ao pé da página, só cinco são dele; marcamos-las com a sigla (Z.). Todas as demais notas (T.) foram acrescentadas pelo tradutor no intuito de esclarecer e retificar os ensinamentos do autor. Cremos que a obra de Zolli não ficou prejudicada com esta espécie de colaboração da parte do tradutor.*

*Enfim, entregando esta versão ao leitor brasileiro, esperamos ter contribuído, embora modestamente, para maior conhecimento e amor mais profundo da Palavra de Deus expressa em linguagem humana.*

F. D

PRIMEIRA PARTE



## A BÍBLIA. O ANTIGO TESTAMENTO

1. - Serve-se a Igreja cristã do termo "Bíblia", para designar tôda a coleção dos Escritos sagrados do Antigo e Novo Testamento. Deriva-se o termo do grego *biblia*, ou seja, "livros", plural do substantivo neutro *biblion* que, através do latim vulgar, assumiu a forma dum substantivo feminino singular.

Melitão, bispo de Sardes (Lídia), (séc. II d. C.), denomina os 24 livros contidos na bíblia hebraica "Livros do Antigo Testamento" ou "Livros da Antiga Aliança". Fala êle em "*Ta tês palaias diathékes biblia*", "Os Livros da Antiga Aliança", definição essa que se baseia sôbre Jeremias (31,30-33): "Eis que virão os dias — diz o Senhor — em que eu farei uma *nova aliança* com a casa de Israel e com a casa de Judá (reino do norte e do sul). Não como a aliança que fiz com os seus pais quando os tomei pela mão para tirá-los da terra do Egito, aliança essa que êles romperam, pelo que eu os rejeitei, — diz o Senhor. Tal será a aliança que eu celebrarei com a casa de Israel, naqueles dias, — diz o Senhor: porei a minha *Lei dentro* dêles e a escreverei nos seus *corações*. Eu lhes serei Deus e êles serão o meu povo, e não mais um ensinará o outro: "Invocai o Senhor!", pois que *todos* me invocarão, grande e pequeno, diz o Senhor. Perdoar-lhes-ei as transgressões e não mais recordarei os seus pecados".

### ANTIGO TESTAMENTO E ANTIGA ALIANÇA

2. - O assunto tratado em Jeremias 31 reaparece na Carta aos Hebreus 8,8-13. No texto hebraico de Jeremias temos

a palavra *berith* que significa "aliança" (pacto). A versão grega dos Setenta diz: *diathéke*, a Vulgata latina: *testamentum*. Os tradutores modernos preferem o termo *aliança*, termo êsse, próximo de "pacto", mais afastado de "testamento", sem, no entanto, identificar-se com *berith* e *diathéke*. O profeta pensa na restauração messiânica e escatológica, idéia que vem avolumando-se em Israel desde o retôrno do exílio babilônico. A carta (aos hebreus) desenvolve o raciocínio seguinte: O profeta, falando em *pacto novo* ou *aliança nova*, quer dizer que o pacto precedente era menos perfeito, quer em si mesmo, quer em relação àqueles que foram chamados a observá-lo. O novo pacto realiza-se, isto é, encontra o seu *lugar (tópos)* no cristianismo que é o Novo Testamento. A antiga Lei é antiquada, envelhecida (por isso se prefere dizer "Velho" Testamento em vez de "Antigo"). É um astro prestes a se apagar, é uma lei em vésperas de ser posta fora do uso, um conceito que vem sendo exposto em termos drásticos, dada a tendência do autor em realçar o mais possível a excelência do Novo Testamento.

Dai a idéia de que o Tabernáculo e o culto mosaico não passam de uma figura e preparação do culto novo em espírito e verdade<sup>1</sup>. O Tabernáculo de Moisés era feito por mãos humanas ("manufactum"). O sumo sacerdote, ano por ano, devia renovar no *Santo dos Santos* o rito da expiação. Cristo, porém, completado o sacrifício de si próprio, obteve a expiação para sempre, para passar a figurar como ministro do santuário celeste. José Flávio e Filão vislumbravam no Tabernáculo, nos seus utensílios e no culto praticado pelo sumo sacerdote, um reflexo do Universo, bem como do ministério litúrgico celebrado em nome do mundo inteiro.

Pois bem, o ministério sagrado e celeste de Jesus Cristo, sumo sacerdote, reveste-se de caráter cósmico. Destarte o Novo Testamento é vinculado a um culto novo. Cristo pe-

<sup>1</sup> Cfr. Jo 4,23; a expressão "espírito e verdade" ocorre frequentemente na presente obra. Parece que o autor opõe "espírito" às observâncias e cerimônias da Lei mosaica; "verdade" ao caráter figurado destas mesmas realidades (T.).

netrou no Santuário, de uma vez para sempre, não mais para oferecer sangue de animais e incenso, e sim a si mesmo.

O Antigo e o Novo Testamento são expressões de dois regimes diferentes. A posição de Moisés era "entre" Deus e o povo de Israel. Segundo a nova *diathéke*, Jesus é o verdadeiro mediador que reconcilia os homens com Deus.

Jesus fez, ao mesmo tempo, um "Testamento" e uma "Aliança". "Aliança", enquanto reconstituiu entre Deus e o homem a aliança, já desde muito rompida. "Testamento", enquanto a morte do "testante" Jesus, franqueia aos homens a posse dos bens "futuros", deixados por testamento.

Sob este ponto de vista só os livros bíblicos, editados depois do início da era cristã, seriam um "testamento". E os livros da Antiga Aliança? Ora, o termo "diathéke", testamento, cabe também aos livros da Antiga Aliança, sendo que o termo *diathéke*, pôsto que secundária e raramente, significa também "aliança". Na realidade, esperar-se-ia o emprêgo de *synthéke*, já que "aliança" implica o processo tanto de "compor" (syn = com!), como de "dispor".

Mas, então por que preferiram traduzir *berith* (aliança, pacto) por *diathéke*? A nosso ver, a explicação poderia ser a seguinte: Na Bíblia, pacto (*berith*) significa que Deus, pactuante principal, oferece o pacto a Israel que êle ama, para empenhá-lo a observar-lhe os preceitos e as suas disposições. Embora Israel seja livre na aceitação, parece-me explicado o emprêgo de *diathéke* (disposição) de preferência a *synthéke* (composição de dois para um só). É que a aliança já não se baseia sobre um simples *do ut des* entre dois contraentes em pé de igualdade completa, mas antes sobre a obediência prestada por Israel a Deus.

O uso de *testamento*, por sua vez, em relação aos Evangelhos explica-se com a última vontade de Jesus; testador, morto na Cruz. A obediência para com os ensinamentos de Jesus encerra a *renovação* da Antiga Aliança entre Deus e Israel, por isto que pela doutrina e a morte de Jesus torna-se mais explícito e eficaz o pacto entre Deus e Israel, bem como o pacto entre Deus e qualquer outro que seja, que se con-

verte pela graça da fé em Jesus, novel medianeiro entre Deus e a humanidade.

Jesus é o "lugar", o *tópos* onde se consuma a *Nova Aliança*, uma *nova realidade*. Moisés é o porta-voz de Deus: Jesus, a manifestação de Deus.

Nas antigas fontes rabínicas o termo "Lugar" (*mâqom*) ocorre como sinônimo de "Céu" ou "Pai nosso"<sup>2</sup>.

### O CÂNON BÍBLICO

3. - A palavra "cânon" é de origem grega; em hebraico, *qanéh*, cana, denotava o caule de uma cana e depois qualquer bordão de madeira, comprido e reto, bem como qualquer medida, regra, território medido, norma. Aplicavam o termo à moral, à gramática, à história, à arte, à matéria tributária. Desde o século II os escritores eclesiásticos mencionavam um "cânon", ou seja, norma da fé. Do século III em diante a legislação eclesiástica é denominada "cânon da Igreja".

O termo "cânon" (bíblico) para indicar o conjunto dos livros sagrados inspirados por Deus, encontra-se em uso já no século III para tornar-se comum a partir do século IV.

Os hebreus designavam os livros bíblicos, considerados por eles como "ditados pelo Espírito Santo", com o nome de "Escritos Sagrados" (*Kitbhé há-qòdesh*), denominação essa que se acha em Filão, José Flávio, no Código rabínico (Mísna), e na literatura neotestamentária. Outros nomes eram: *miqrà*, isto é, "Leitura", "Livros sacros escritos" (ensinamento escrito) Lei escrita, distinta do ensinamento oral dos rabinos, destinada, no início, a ser transmitida oralmente.

<sup>2</sup> O termo "lugar" explica-se pela teologia rabínica onde é empregado como nome divino, para indicar que Deus está presente em determinado lugar misterioso, ignorado até pelas criaturas mais chegadas a ele, como por exemplo os animais do seu carro (Ez 1,5 etc.). Desta maneira, Jesus é um "lugar" determinado da presença do Deus invisível (T.).

A respeito dos Escritos sagrados, (hoje em dia diríamos: canônicos) afirmava-se, evocando uma decisão rabínica, que “manchariam as mãos”, visto que o ato de tocar tais Escritos acarretava impureza levítica. O caráter sagrado, por sua vez, foi considerado como um fluido invisível, oposto ao contágio impuro, ou seja, oposto a tudo quanto era considerado leviticamente impuro, por exemplo, o cadáver humano.

Ora, a decisão em virtude da qual os livros bíblicos passavam a ser chamados de “sagrados”, isto é, intocáveis, derivá de razões práticas. Tinham introduzido o uso de colocar os rolos que continham as Escrituras em meio às ofertas destinadas aos sacerdotes — as primícias dos cereais, do mosto e do azeite (Dt 18,3-7) — equiparando a santidade destes donativos às das Sagradas Escrituras. O que é santo é intocável. Com isto também as Sagradas Escrituras tornaram-se intangíveis e se dizia que “manchavam (= santificavam) as mãos”. A finalidade era extirpar o mau costume de depositar as Escrituras juntamente com os cereais e assim salvaguardá-las dos camundongos que comiam os cereais. O estado de impureza das mãos é anulado por uma ablução.

O conceito da santidade das Sagradas Escrituras entre os hebreus, vincula-se à idéia da Aliança entre Deus e Israel: Em 4 Rs 22s e Ne 9s temos a descrição de cerimônias pelas quais o povo renova o pacto com o Senhor, cerimônias que evocam de perto o pacto sináutico em Êxodo, 24.

#### A TEORIA DO CÂNON EM FLAVIO JOSÉ, EM 4 ESDRAS, 14 E EM ELIAS LEVITA

4. - Na obra “Contra Apião” (1,8), o historiador judaico Flávio José sustenta que as notas características do cânon consistem no seguinte: 1) A inspiração divina. Os hagiógrafos pertencem ao período da Revelação que se estende de Moisés até Artaxerxes I (465-424). 2) A diferença dos escritos profanos que se manifesta no “manchar das mãos”,

como foi explanado acima. 3) O número bem determinado dos Escritos que compõem o cânon (22 para Flávio José, 24 para os rabinos). 4) A proibição de se introduzirem alterações no texto.

Excetuando-se o princípio da inspiração, em 4 Esdras 14,14-48 encontramos opiniões diferentes das de Flávio José, a respeito das origens do cânon (também este escrito data do ano 100 d. C., aproximadamente). Segundo 4 Esdras o cânon não seria fruto de contribuições sucessivas, e sim obra surgida num só período, no de Esdras, que teria começado sua redação em consequência de visões, ocorridas 30 anos depois da queda de Jerusalém (587 a. C.). Tendo êle orado insistentemente, Deus o encheu do Espírito Santo. Assim, em 40 dias, pôde ditar, a seus ajudantes, certos escritos que foram destruídos pelo fogo, os 24 livros canônicos, além de 70 outros mantidos em segredo e reservados aos sábios: mesmo alguns escritores cristãos defenderam esta teoria.

No século XVI, Elias Levita, (judeu de origem germânica, que viveu em Veneza, Pádua e Roma), seguindo esta idéia, aludida já por Davi Quimchi, gramático e comentarista bíblico († 1275), sustentava em uma de suas obras de 1538 que os 24 Escritos canônicos existiram já no tempo de Esdras e foram reunidos pelos homens da "Grande Sinagoga". Estes teriam dividido a Bíblia em três categorias: Lei (Pentateuco), Profetas, e Hagiógrafos (= Escritos sagrados). Os homens da "Grande Sinagoga" parecem ser a continuação duma assembleia popular (cfr. Ne 8-10), um colégio cuja existência histórica não consta ao certo.

### A ORDEM DOS LIVROS CANÔNICOS NO JUDAÍSMO MODERNO

5. - Os 24 livros canônicos dividem-se em três grupos: 1) Lei; 2) Profetas; 3) Os Escritos sacros ou Hagiógrafos.

1) A Lei (Tora) divide-se em cinco livros (Pentateuco): Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronomio.

2) Os Profetas (Nebüm) dividem-se em: a) Profetas anteriores, ou seja, livros históricos antigos. b) Profetas posteriores. Ao grupo a) pertencem: Josué, Juizes, Samuel I e II, Reis III e IV, (Samuel I e II e Reis III e IV contam, cada qual, como um só livro). Ao Grupo b) pertencem: Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores que contam como um só livro.

3) Hagiógrafos: Salmos, Provérbios, Jó, Cântico, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester (os últimos cinco são designados "volumes"); Daniel, Esdras e Neemias, (considerados já no período talmúdico como um livro só); os livros das Crônicas.

#### A ORDEM DOS LIVROS CANÔNICOS DO ANTIGO TESTAMENTO NA TRADIÇÃO HEBRAICA

6. - A obra precípua da literatura tradicional hebraica, o Talmude, no tratado Baba Batra (14b e 15a) oferece-nos, segundo tradição palestinese, uma ordem dos livros canônicos da Bíblia hebraica bem diversa daquela que vimos no capítulo anterior. Assim, depois dos 5 livros de Moisés (Pentateuco) temos no segundo grupo: Josué, Juizes, Samuel, Reis, Jeremias, Ezequiel, Isaías (segundo um critério histórico esperar-se-ia: Isaías, Jeremias, Ezequiel) e os doze profetas menores. Fazem parte do terceiro grupo: Rute, Salmos, Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cânticos, Lamentações, Daniel, Ester, Esdras (e Neemias) e as Crônicas.

Rute, um idílio delicioso, precede os Salmos, uma coleção de cânticos religiosos, de caráter quase exclusivamente litúrgico. A razão parece ser o fato de que Rute é a ancestral de Davi, considerado como autor da maioria dos Salmos. Quanto ao agrupamento de Jó — Provérbios — Eclesiastes — Cânticos, a razão, a nosso ver, seria o caráter filosófico destes escritos. — Eis uma contribuição para melhor compreender o significado, tão debatido, do Cântico dos Cânticos!

O agrupamento de Lamentações — Daniel — Ester — Esdras (e Neemias) — Crônicas, eu o explicaria pelo interesse histórico, comum a todos êsses escritos.

## O CANON SEGUNDO FLÁVIO JOSÉ

7. - Também segundo a tradição rabinica o número dos livros que fazem parte do cânon da Antiga Aliança ou do Antigo Testamento é de 24 e não de 22 como queria o historiador Flávio José (Contra Apião, 1,8). Êle é vítima de tendência aritmológica em virtude da qual os algarismos não se revestem do valor que comumente possuem na vida administrativa ou comercial. Elevam-se, antes, a um nível superior, espiritual, quase que místico! São 22 as letras do alfabeto hebraico; e as letras que serviram para difundir a verdade divina são ricas em significações profundas e religiosas. Ora, sendo 22 as letras, o número dos livros — desde que se saiba contá-los criteriosamente, — não seria de 22 também?

Tiveram pêsso ainda outras circunstâncias. Flávio José conta: 5 livros do Pentateuco, 13 de conteúdo profético e 4 com hinos e exortações. Rute é reunido ao livro dos Juizes e as Lamentações fazem parte de Jeremias. Os livros históricos são tomados como proféticos. Os “anciãos” ou presbíteros, tidos como possuidores de dons carismáticos de origem divina, são considerados como fonte segura para o conhecimento das tradições históricas antigas. Assim aconteceu a partir dos tempos de Moisés. Os profetas, com suas doutrinas e realizações, passaram para o patrimônio histórico. A nosso ver é êsse o motivo por que os livros históricos de Josué, Juizes, Lamentações e Reis são chamados “profetas anteriores” e Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores, “profetas posteriores”. A literatura bíblica sapiencial, é considerada, também ela, impregnada de espírito profético, e conseqüentemente de caráter sagrado.



## OS CINCO VOLUMES

8. - Os livros: Cânticos — Rute — Lamentações — Eclesiastes e Ester, encontram-se atualmente logo depois de Jó, fazendo, assim, parte do terceiro grupo de livros chamados Hagiógrafos (escritos sacros), enquanto em hebraico chamam-se simplesmente "Escritos". Foi São Jerônimo quem introduziu a denominação de "Hagiógrafos".

Deve-se a razões de caráter litúrgico a ordem em que os Cinco Volumes se acham hoje em dia na Bíblia. Nos serviços religiosos dos dias festivos e semi-festivos, e mais tarde também nas segundas e quintas-feiras, dias de mercado e ajuntamento maior de povo, foram lidos trechos do Pentateuco.

Seguia-se, antigamente, um ciclo setenal, isto é, uma divisão tal que toda a leitura do Pentateuco era feita em sete anos. Passavam depois a um ciclo trienal e, enfim, a um anual. Nos dias solenes, sábados e festas, a leitura do trecho do Pentateuco era seguida por um trecho dos livros proféticos. O critério da escolha, comumente, era qualquer afinidade, mais ou menos pronunciada, entre a passagem da Lei e a dos Profetas. Por ocasião dos ofícios vespertinos, em algumas comunidades, como ainda em Roma, era costume ler certos versículos tirados dos Hagiógrafos, tratando-se geralmente de textos breves, de conteúdo messiânico. E os Cinco Volumes? Para estes não havia ocasião determinada: Aos poucos, porém, introduziu-se o hábito de ler os Cânticos durante a Páscoa, festa de regozijo e primavera, que recorda a saída dos hebreus do Egito. Desta maneira passavam a interpretar o teor amoroso destes cânticos como a primavera da história do povo eleito.

O livro de Rute, pequenito e idílico, relata um episódio ocorrido na época da colheita, ou melhor, na época que marca o início da colheita. Ora, a Solenidade das Semanas, o Pentecostes, no seu aspecto agrícola, indica exatamente o início

da época da colheita. Eis a razão por que o livro de Rute passou a ser lido na festa de Pentecostes<sup>1</sup>.

O livro das Lamentações foi destacado do livro de Jeremias porque a sua leitura foi introduzida no dia nove do mês de Ab, dia de jejum, consagrado à memória dolorosa da destruição do Templo por Nabucodonosor, em 586 a. C., e por Tito em 70 d. C.

O livro do Eclesiastes é um livro triste. O seu autor é um daqueles filósofos ecléticos, conhecedores das correntes filosóficas de seu tempo, e mormente de todo o Oriente próximo. Segundo a tradição, o seu autor seria Salomão, já idoso. Este, que é considerado também autor do Cântico, encara o homem como um ser cuja vida, durante a juventude, durante o período do viço primaveril, é leviana e deliciosa, enquanto que na velhice experimenta a vida como condenado ao declínio corporal; esta experiência lhe causa a sensação de ser a vida humana destituída de qualquer conteúdo atraente: tudo passa, tudo desvanece; e a sabedoria? Não é capacitada, nem ela, de preencher o vazio que sempre mais toma conta do espírito humano. Até que por fim o homem se convence de que a morte o iguala ao animal, que todo ser vivo se encaminha lentamente para a catástrofe: que resta então? O temor de Deus e a observância dos seus preceitos. Só muito tarde, já no outono, é que o homem sente que a jornada de sua vida, como a de tóda a natureza, se volta ao fim. Por isso a leitura pública do Eclesiastes foi localizada na Solenidade das Cabanas.

O livro de Ester constitui um memorial histórico. Conta êle como os judeus, exilados na Pérsia, foram perseguidos e salvos desta mesma perseguição. Os acontecimentos transportam o leitor para o mês de Adar, mês que precede o da Páscoa. Eis por que êste livrinho é lido por ocasião da festa dos Purim, a festa das Sortes, a festa de Ester.

São êstes os motivos pelos quais os cinco volumes foram destacados dos lugares em que se achavam no Cânon para

<sup>1</sup> Para os judeus modernos, Pentecostes é a solenidade da entrega da Torá no monte Sinai. Não obstante isso, continua a leitura do livro de Rute (T.).

formarem um próprio conjunto de cinco livros, de extensão reduzida, cada um.

O nome de "volume" (= rôlo de pergaminho) deriva-se do fato de que tanto para fins de estudo como para o uso sinagoga, o Pentateuco foi escrito sobre tiras compridas de pergaminho, cujo início e fim foram presos a duas varinhas de madeira sobre as quais o pergaminho foi enrolado.

Ora, como os Cinco Volumes foram considerados menos importantes que o Pentateuco, e, talvez também pela extensão menor, empregava-se para eles uma só varinha de madeira. Mais tarde, porém, o costume de se escrever o livro sobre uma tira de pergaminho provido de uma só varinha, foi conservado só para o livro de Ester, e excepcionalmente também para o Eclesiastes.

## O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO NA TRADIÇÃO CRISTÃ

9. - Os mais antigos escritores eclesiásticos, gregos e latinos, agrupam os livros sacros de acôrdo com o seu conteúdo. Conformando-se com a versão grega do Antigo Testamento, os assim chamados Setenta, estes escritores dividiram os livros canônicos em históricos, proféticos e didáticos, ou históricos, poéticos e proféticos. À segunda categoria pertencem os livros didáticos ou sapienciais: Jó, Provérbios, Eclesiastes, Sabedoria e Eclesiástico. Dentro de cada classe, contudo, não existe ordem fixa, variando a seqüência dos livros nos diferentes manuscritos latinos e siríacos.

A Vulgata enumera 46 escritos canônicos, encontrando-se ali os sete livros deutero-canônicos, isto é, sete livros de caráter sagrado, porém não no mesmo grau como os demais.

A versão grega abrange os livros seguintes: Pentateuco, Josué, Juizes, Rute, Reis, Crônicas, doze profetas menores, Isaías, Jeremias, Carta de Jeremias, Ezequiel, Daniel, Ester,

Tobias, Judite, Esdras, Neemias, Macabeus, Salmos (aos quais se acrescentam Hinos e Preces do Antigo e Novo Testamento, incluída a oração de Manassés), Jó, Provérbios de Salomão, a Sabedoria do Siracides. Os livros sacros são classificados globalmente em históricos, proféticos e poético-didáticos, embora os manuscritos apresentem muitas divergências.

Na Vulgata o agrupamento dos livros sagrados, nas suas linhas gerais, segue o dos Setenta. Os livros históricos são dispostos pela sua ordem cronológica de acordo com os acontecimentos relatados nestes livros; só os livros dos Macabeus foram colocados no fim do Antigo Testamento.

A ordem pela qual se sucedem, na Vulgata, os escritos proféticos é diversa daquela que se observa nos Setenta.

Do que até agora foi exposto, evidencia-se que não havia tradição fixa em relação à ordem em que deveriam suceder, um por um, os livros das Escrituras da Antiga Aliança.

## SUBDIVISÕES DOS LIVROS CANÔNICOS

10. - Devido ao uso litúrgico introduziram-se, no decorrer dos tempos, ainda outras divisões. No tempo de Cristo leram-se nos sábados alguns capítulos da Lei (Pentateuco) e dos Profetas; este uso remonta à data mais antiga (At. 15,21 e 13,15). Devido a esta leitura, os judeus babilônicos, seguindo o ciclo anual da leitura do Pentateuco, repartiram os cinco livros em 54 perícopes, denominadas, em hebraico, "parashá". Os judeus palestineses, adotando um ciclo trienal, executaram a leitura em três anos e contavam por isso, 154 perícopes.

Ao lado desta divisão devida às necessidades de caráter litúrgico, existia também outra repartição do texto em perícopes abertas e fechadas. As primeiras, perícopes abertas, começavam com uma nova linha, ao passo que as perícopes fechadas evidenciam a divisão dentro da própria linha, isto

e, não abrem um novo parágrafo. Nas bíblias impressas, a letra P indica as perícopes abertas, ou seja, aquelas que formaram próprias alíneas; a letra S designa os assim chamados capítulos fechados, constituindo a divisão um espaço livre dentro da linha, pelo qual se começa o capítulo seguinte.

Dos Atos (13,15) deduzimos a praxe da leitura dos Profetas da qual falamos acima. Um exemplo de analogia do conteúdo: ao Gênesis 1,6-8 corresponde Isaías 42,5 a 43, 11. A leitura profética assinalava o término das leituras litúrgicas.

Note-se ainda a divisão de todos os livros do Antigo Testamento em 446 (ou. 447) capítulos, divisão essa que servia provavelmente à leitura particular dos livros sagrados. O Pentateuco contém 154 desses capítulos.

Quanto à divisão do texto bíblico em versículos, já a assim chamada lei rabínica, a saber, o código denominado de "mishnah", esboça um indício. Inicialmente os livros poéticos e alguns outros livros foram repartidos em versículos, estendendo-se daí o uso também sobre os textos em prosa do Cânon. Desde o século XII d. C., o fim do versículo foi assinalado por dois pontos dispostos verticalmente. Atualmente o texto inteiro do Antigo Testamento está dividido em capítulos e versículos.

Tal divisão em capítulos remonta ao cardeal Estêvão Langton, arcebispo de Cantuária († 1228). Aplicada de início tão-somente aos manuscritos da Vulgata, esta divisão mais tarde passou também para as edições gregas e hebraicas. O cardeal Ugo de St. Cher, O. P. († 1260) continuou a obra iniciada por Langton. Dividiu êle os capítulos de Langton em sete subdivisões assinaladas com letras do alfabeto\*.

Reveste-se de interesse particular a divisão do Cânon bíblico em livros protocanônicos e deuterocanônicos, quer pelos judeus, quer pelos escritores eclesiásticos. A situação dos livros deuterocanônicos, entretanto, sempre foi objeto de

\* A divisão dos capítulos em versículos foi introduzida só no séc. XIV por Santes Pagnino no A. e no N. T.; só no N. T. por Roberto Etienne (T.).

discussões. Segundo o conceito católico, porém, ambas as categorias de livros revestem-se da mesma importância.

Entre os livros deutero-canônicos, conservados na Bíblia grega, figuram sete livros completos: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, I e II, Macabeus, além de certas passagens: Ester 10,4 a 16,24; Daniel 3,24-90 (oração de Azaria e cânticos dos três jovens), 13 (História da Susana), e 14 (História do Bel e do Dragão).

### O CANON DO ANTIGO TESTAMENTO NO ENSINO DA IGREJA CATÓLICA

11:- A Igreja católica registra toda a literatura vetero-testamentária entre os livros sagrados e inspirados. A versão grega do Antigo Testamento forma a base do ensinamento dos Evangelhos e dos demais escritos que compõem o cânon do Novo Testamento. Compreende-se facilmente que também aí onde a versão grega difere do texto hebraico, a literatura neotestamentária segue quase sempre a versão grega.

Ora, na versão grega dos Setenta acham-se livros cujo caráter sacro jamais foi reconhecido pelo judaísmo, que por isso pouco se interessa por eles. Tais livros, diferentes daqueles contidos no Antigo Testamento hebraico e designados de protocanônicos, receberam uma classificação complementar, passando a ser chamados "deutero-canônicos". O termo *deuteros* (= segundo) não quer indicar livros de segunda importância para a Igreja, visto a Igreja os adjudicar ao cânon escriturístico da mesma maneira que os protocanônicos. O termo "deutero-canônicos" difere do termo "apócrifos", reservado aos livros que a Igreja não reconhece como inspirados. Os protestantes chamam de apócrifos os livros deutero-canônicos, reservando a denominação de pseudo-epígrafos (= publicados sob um nome falso) aos livros que a Igreja designa de apócrifos.

Daí o conjunto dos livros que constituem o Antigo Testamento na Igreja diferir do cânon vetero-testamentário

hebraico. O elenco dos livros pertencentes ao Antigo Testamento, foi estabelecido pelo Concílio de Trento na forma seguinte:

#### LIVROS HISTÓRICOS:

- |   |  |
|---|--|
| 1) Gênesis (50 cap.)  | (24 cap.)  |
| 2) Êxodo (40 cap.)  | 11) I dos Reis ou III dos Reis (22 cap.)           |
| 3) Levítico (27 cap.)   | 12) II dos Reis ou IV dos Reis (25 cap.)           |
| 4) Números (36 cap.)  | 13) I dos Paralipômenos ou das Crônicas (29 cap.)  |
| 5) Deuteronômio (34 cap.). Livros de Moisés chamados globalmente "Pentateuco" (= cinco livros) e pelos hebreus "Lei". | 14) II dos Paralipômenos ou das Crônicas (36 cap.) |
| 6) Josué (24 cap.)  | 15) I de Esdras (10 cap.)                          |
| 7) Juizes (21 cap.)   | 16) II de Esdras ou Neemias (13 cap.)              |
| 8) Rute (24 cap.)   | 17) Tobias (14 cap.)                               |
| 9) I de Samuel ou I dos Reis (24 cap.)  | 18) Judite (16 cap.)                               |
| 10) II de Samuel ou II dos Reis   | 19) Ester (16 cap.)                                |

#### LIVROS DIDÁTICOS OU SAPIENCIAIS OU POÉTICOS:

- |   |                                    |
|---|------------------------------------|
| 20) Jó (42 cap.)                              | 24) Cântico dos Cânticos (12 cap.) |
| 21) Saltério ou Livro dos Salmos (150 Salmos) | 25) Sabedoria (19 cap.)            |
| 22) Provérbios (31 cap.)                      | 26) Eclesiástico (51 cap.)         |
| 23) Eclesiastes (12 cap.)                     |                                    |

#### LIVROS PROFÉTICOS:

- |                             |                        |
|-----------------------------|------------------------|
| a) <i>Profetas maiores.</i> | 34) Joel (3 cap.)      |
| 27) Isaías (66 cap.)        | 35) Amós (9 cap.)      |
| 28) Jeremias (52 cap.)      | 36) Abdia (1 cap.)     |
| 29) Lamentações (5 cap.)    | 37) Jonas (4 cap.)     |
| 30) Baruc (6 cap.)          | 38) Miquéias (7 cap.)  |
| 31) Ezequiel (48 cap.)      | 39) Naum (3 cap.)      |
| 32) Daniel (14 cap.)        | 40) Abacuc (3 cap.)    |
| b) <i>Profetas menores.</i> | 41) Sofonia (3 cap.)   |
| 33) Oséias (14 cap.)        | 42) Ageu (2 cap.)      |
|                             | 43) Zacarias (14 cap.) |
|                             | 44) Malaquias (4 cap.) |

#### SEGUIDOS DOS LIVROS HISTÓRICOS:

- |                              |                               |
|------------------------------|-------------------------------|
| 45) I dos Macabeus (16 cap.) | 46) II dos Macabeus (15 cap.) |
|------------------------------|-------------------------------|

Um exame superficial do elenco aduzido já mostra diferenças importantes, tanto na seqüência dos livros, como na denominação. Nos números 6 a 16 percebe-se o critério

que motivou a ordem dos livros; constituindo livros de caráter histórico seguem aos cinco livros da Lei. Os números 17 e 18 indicam os livros de Tobias e Judite, que não figuram no Antigo Testamento hebraico. A posição do livro de Ester faz pensar que se trata de um livro considerado como publicado em tempo posterior. Examinando o quadro do cânon do Antigo Testamento segundo a tradição da Igreja, depara-se com Ester sob o número 19 e o Eclesiastes sob o número 23, escritos êsses que no cânon hebraico fazem parte dos Cinco Volumes. No tocante ao livro de Rute, pertencente também aos Cinco Volumes, está no cânon da Igreja sob o n.o 8, sendo cronològicamente vizinho aos livros dos Juizes (n.o 7). Pelo mesmo motivo as Lamentações, n.o 29, seguem ao livro de Jeremias (n.o 28), por serem consideradas da autoria dêste profeta.

O Cântico, que no cânon hebraico faz parte dos Cinco Volumes, é inserido pela Igreja entre os escritos de caráter didático-sapiencial ou poético, embora a definição "poético" não corresponda em tudo à *forma mentis* dos antigos doutôres judaicos. Com efeito, no conjunto dos escritos que abrangem os números 20 a 26, livro nenhum, consoante à mentalidade dos judeus antigos, poderia ser tomado como poético. Para o momento baste esta observação. Voltaremos ao assunto no momento oportuno.

Os livros de Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, e Macabeus I e II, por serem obra de caráter elevado, testemunhos de religiosidade profundíssima e pura, levantam a pergunta espontânea: Por que o judaísmo renunciou a êstes livros? Entre as várias respostas possíveis não se pode esquecer um elemento importante: o hebraico é o idioma sagrado para o povo eleito. Decerto, o idioma grego não era menosprezado pelos doutôres do Talmude. O próprio idioma em que foi redigida a literatura talmúdica contém centenas de palavras gregas e latinas, embora deformadas um tanto pela transcrição. Os judeus daquele tempo, não só os da diáspora helenística, mas também os doutôres palestinos, tiveram o grego em conta de um idioma altamente poético. Nem faltavam mestres insígnies que mandassem



ensinar aos filhos o grego, ao lado do hebraico tardio ou aramaico, sua língua falada. Apesar de tudo isso, — conforme os doutôres — o hebraico, e só o hebraico, foi reservado a exprimir os conceitos relacionados com Deus. Era a língua do culto na Palestina. Só o desconhecimento do hebraico por parte dos judeus helenizados, especialmente em Alexandria, levou as comunidades israelitas helenistas a introduzirem o grego na leitura dos livros sagrados no serviço religioso. Seguiram o critério: antes pouco do que nada. Esta razão por si só já explica por que os judeus baniram do cânon bíblico os livros deuterocanônicos. Mas havia outras considerações, de tempo e lugar, indicadas para determinar a aceitação ou rejeição de um livro para o Cânon. Assim, por exemplo, o livro sapiencial do Siracides, ainda que existente em hebraico, não foi aceito no cânon.

Entra no jôgo das opiniões a complexidade das idéias que o farisaísmo, ou seja, o partido religioso popular, alimentava no tocante à origem do cânon bíblico. Assim, Flávio José em sua obra *Contra Apião* (I, 8), redigida pelo ano 95 d. C., assevera que os judeus, ao formarem o cânon, cuidavam em produzir uma obra harmoniosa, sem contradições de livro para livro. Há, além disso, um período delimitado. Um livro é tido como canônico, se publicado no tempo que medeia entre Moisés e Artaxerxes I (465-424 a. C.). A partir de Artaxerxes, prossegue Flávio José, saíram outras obras, sem que se lhes atribuisse a mesma dignidade dos que foram aceitos anteriormente, porque no século V expirou a continuidade dos profetas e com isso passou o período em que um escrito pudesse ser considerado inspirado por Deus.

O Talmude toma Moisés como autor do Pentateuco bem como do livro de Jó. Basta examinar o conjunto de idéias do livro de Jó, considerado antiquíssimo, para perceber como êste livro, que faz estremecer o coração, anda envolvido no problema da justiça de Deus e da teodicéia, como assoma e se impõe ao pensamento indagador de um inocente que sofre. As desventuras, os padecimentos e as perseguições que acometem um inocente opõem-se ao conceito do pecado

e da punição conseqüente, do mérito e da recompensa. Jó deve ser imaginado como uma ideologia muito antiga, arcaica, e o argumento é real e profundamente humano e bastante antigo. Quem escreveu este livro? Respondem os rabinos: Moisés, com certeza. Segundo o texto do próprio Pentateuco, Moisés é dos homens que conheceram Deus mais de perto que qualquer outro, e por isso, foi ele o mais indicado para desenvolver este argumento.

Josué escreveu o livro que lhe traz o nome, como também Dt 34, 5-12. Este último trecho fala-nos da morte de Moisés, de sua sepultura, do fato que o sítio de seu sepulcro permaneceu desconhecido "até hoje"; fala-nos que Moisés faleceu com 120 anos de idade conservando notável vigor físico; que a sua morte causou profundo pesar e durante 30 dias lamentos amargos da parte do povo; que em Israel jamais surgirá profeta igual a Moisés; que Josué, seu discípulo, era repleto do espírito da Sabedoria porque Moisés lhe impusera as suas mãos. E assim Josué foi obedecido pelo povo.

Quem é o autor da passagem que trata da morte e sepultura de Moisés? Moisés mesmo? Não deixa de ser poética a resposta fornecida pelos doutôres da Palestina: Deixando Moisés as letras esparsas, seu fiel discípulo, entre lágrimas, as recolheu, compondo com elas um texto inteligível. Semelhante explicação impõe-se para sustentar a tese que o Pentateuco inteiro, incluindo o Deuteronômio com o último parágrafo, que fala da morte e sepultura de Moisés, é obra de Moisés. Em face de tais idéias, a que título, um escrito, datado de tempo e redigido em grego, poderia figurar no cânon a cuja testa estava o Pentateuco, este mesmíssimo Pentateuco que contém os dois decálogos que o Senhor entregou a Moisés, lavrados ambos pelo próprio dedo de Deus? Permanece, então, obstruída a possibilidade de se incorporar no cânon bíblico hebraico os escritos que a Igreja chama de deutero-canônicos?

Segundo a mesma fonte talmúdica, Samuel teria redigido o seu livro, o dos Juizes e o de Rute.

É pelo fim do período em que o povo estava sob o governo carismático dos Juizes, que se esboça o início do

regime monárquico em Israel. E foi exatamente Samuel que, por ordem divina, ungiu os reis Saul e Davi. Quem, pois, poderia escrever sobre a época dos Juizes com mais competência que Samuel, o profeta?

O autor dos Salmos, pela tradição, é o rei Davi.

Jeremias elaborou, além do livro que lhe traz o nome, o livro dos Reis e as Lamentações. No período mais trágico da história de Israel, vive o profeta da dor, Jeremias. Não o compreendem, nem os reis daquele tempo, nem os governos, nem o povo. Quem, pois, poderia ter escrito, em espírito de profunda religiosidade, a história dos reis, senão Jeremias?

Ezequias e seus homens redigiram o livro de Isaías, os Provérbios, o Cântico e o Eclesiastes. Os membros da Grande Sinagoga escreveram o livro de Ezequiel, os Doze Profetas Menores, Daniel e Ester.

O cânon é concluído com os livros de Esdras e Neemias e as Crônicas.

Algo semelhante ao que acabamos de evocar, encontra-se no fim do IV livro de Esdras (14,18-48). Diz-se ali: Em 557 a. C., 30 anos depois da queda de Jerusalém, Esdras teve uma visão. Lastima ter sido a Lei destruída pelo fogo, de sorte que ninguém mais poderá saber as obras de Deus no passado, nem os planos do Senhor para o futuro. Ordenou-lhe o Senhor que preparasse grande quantidade de tabuinhas e se provesse de homens capazes de ajudá-lo. A seguir, Esdras, a quem Deus quis conceder um saber maravilhoso, durante 40 dias dita aos seus auxiliares 94 livros. Os primeiros 24 constituem o cânon bíblico do Antigo Testamento e foram oficialmente publicados; os restantes 70 ficaram reservados só aos sábios e por esta razão não foram postos em circulação. Dêste modo, Esdras vem sendo apresentado como aquele que criou novamente o cânon bíblico hebraico.

Já no século passado surgiram dúvidas no tocante à veracidade desta tradição. Atualmente também insignes autores católicos não vêem mais em Esdras o redator de todos os escritos canônicos segundo o conceito hebraico.

Os críticos, hoje em dia, consideram os livros das Crônicas, que fecham o cânon, compostos pelo ano 400 a. C. ou até mais tarde. Ao passo que a antiga tradição pretende que o cânon inteiro tenha sido redigido em 557 a. C., conforme vimos.

Referimos, há pouco, a narração tradicional segundo a qual também o final do Deuteronômio, em que se fala da morte e sepultura de Moisés e onde se lhe enaltecem as sublimes virtudes, de certo modo foi preparado pelo próprio Moisés. Pôsto que alguém não queira dar valor a esta narração de cunho genuinamente poético e piedoso — será impossível descobrir uma explicação de caráter até mesmo literário que justifique a presença desta passagem no fim do Deuteronômio, embora de aspecto menos comovente, menos poético, sim, mas muito mais verossímil do ponto de vista puramente histórico-literário. Tratar-se-ia, a nosso ver, do costume quase constante de concluir um livro exaltando a figura do santo autor.

## O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO NA TRADIÇÃO CRISTÃ ANTIGA

12. - A tradição hebraica, segundo a qual Esdras, em consequência de uma visão, teria sido o redator definitivo do cânon vetero-testamentário, não resiste à crítica.

A versão grega dos Setenta, conforme vimos, contém maior número de livros que o cânon hebraico, e nem todos os entendidos admitem um duplo cânon, ou seja, um palestinese mais conciso, e outro mais helenístico ou alexandrino com mais livros que a Bíblia hebraica. Fato é que a versão grega conta com 46 livros entre os quais, sete que o cânon hebraico exclui: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, I e II Macabeus (as Lamentações fazem parte do livro de Jeremias).

A instrução dos catecúmenos, que geralmente ignoravam o idioma hebraico, segundo a tradição da Igreja, era admi-

nistrada sôbre o texto dos Setenta. O Antigo Testamento, quando citado nos escritos do Novo Testamento, é sempre o dos Setenta. Tudo isso torna evidente que, na opinião dos hagiógrafos do Novo Testamento, os livros deutero-canônicos contidos na versão dos Setenta e que não são encontrados no cânon hebraico, gozavam de prestígio igual ao dos livros canônicos.

A despeito de tudo isso, na história da Igreja do século III, esboça-se uma tendência de seguir a tese dos judeus em relação ao caráter canônico dos livros em particular. Assim, por exemplo, Melitão, bispo de Sardes († antes de 195 d. C.), Orígenes († 253/4), Eusébio de Cesaréia († 339), Cirilo de Jerusalém († 386), tendem a seguir, em matéria de canonicidade, a Bíblia hebraica. Tal atitude, seguida por estes padres, explica-se pelo fato de que os livros, não considerados por eles como revestidos de igual autoridade à dos canônicos, não forneceram material para as polêmicas dogmáticas movidas contra os judeus. Tratava-se, igualmente, de obstruir o caminho contra a aceitação dos livros genuinamente apócrifos. São Jerônimo é o representante mais notável deste comportamento exclusivista. No seu "Prólogo blindado" considera apócrifos os livros da Sabedoria e do Eclesiástico, por maior estima que gozassem na Igreja; ficam excluídos também Judite, Tobias e o Pastor de Hermas. Note-se, contudo, que a atitude de S. Jerônimo, ditada pela prudência, foi mais teórica que prática devido às razões indicadas: polêmicas dogmáticas e perigo dos livros apócrifos propriamente ditos<sup>2</sup>.

Seja como fôr, os livros deutero-canônicos são aceitos por uma longa série de Padres conspícuos. Citamos entre outros, para os séculos III-V: S. Cipriano († 258), Santo Hipólito († entre 258 e 260), S. Luciano († 312), S. Afrates († 356), S. Efrém († em 373), S. Gregório de Nissa

<sup>2</sup> Dos apócrifos nos ocuparemos no capítulo seguinte. Os livros apócrifos do Novo Testamento são acessíveis na boa e fácil tradução do P. Bonsirven (Z.) — Ao leitor brasileiro aconselhamos a edição da B.A.C. N.º 148: "Los Evangelios Apócrifos" (T.).

(† 395), S. Ambrósio († em 396), S. João Crisóstomo († 407), S. Agostinho († 430) e muitos outros.

Dos Padres mencionados, é só S. Agostinho que fornece um catálogo dos Livros sacros.

As hesitações nesta matéria devem-se, parcialmente ao menos, ao fato que os hagiógrafos do Novo Testamento não nos permitem estabelecer com precisão quais os critérios de canonicidade seguidos por eles mesmos. Consta, ao nosso ver, que os hagiógrafos do Novo Testamento tiveram em alta estima os livros deutero-canônicos encerrados na versão dos Setenta, mas os próprios Evangelhos não nos oferecem nada de preciso a esse respeito. As expressões: Lei de Moisés, Profetas e Salmos (Lc 24,44), Lei e Profetas (Mt 6,17), Moisés e Profetas (Lc 16,29) são insuficientes para reconstruirmos as opiniões então vigentes em torno do cânon vetero-testamentário.

## PROFETAS E PROFETISMO

**13** - O significado básico da palavra hebraica *nabbi* (= profeta), parece ser o seguinte: aquele que em estado de transe brada, fala, anuncia, ora, tartamudeando, ora com voz distinta e, às vezes, com voz plangente.

O profeta aparece, ora como orador e defensor do povo, ora como pregador arrebatado. Na sua qualidade de vidente, ele enxerga coisas distantes quer no espaço, quer no tempo. Ele descortina o que é próximo no campo político, bem como os eventos pertencentes ao "fim dos tempos". Tudo isso ele pode ver e anunciar. Ele pôde anunciar a iminência, qual punição divina, de guerras, invasões inimigas, exílio e sofrimento, mas também pode falar do ressurgimento de novos céus e do advento de uma paz venturosa e salutar. O profeta pode ameaçar, mas também consolar; lamentar mas também amenizar a dor alheia com palavras melodiosas como um canto. Considera Israel ora como povo eleito de

Deus, ora o iguala aos negros etíopes, porque Deus, sendo justo, repara nas intenções do coração e não na côr da pele.

Outrora se dizia: "Nossos pais comeram frutos verdes, e os nossos dentes se embotaram. Nossos pais pecaram e nós lhes aturamos as conseqüências, do êrro. Somos destinados a lhes expiar os crimes". Contra semelhante raciocínio, em Israel levanta-se o profeta Ezequiel. Não há culpa coletiva, nem punição coletiva. Deus castiga e recompensa a cada um segundo as suas obras, enquanto realizadas pelo indivíduo num dado momento. O passado (embora tenebroso, não pesa sôbre o homem, nem as boas obras de tempos idos influenciam na justificação.

O homem é julgado dum momento para outro. O homem é julgado por Deus não de acôrdo com os atos de seus pais, nem segundo seus próprios atos passados, mas tão-sòmente de acôrdo com a sua maneira de proceder e viver neste instante.

E os sofrimentos dos inocentes? Eis o problema central do livro de Jó. Deus, sendo todo-poderoso, é duma justiça perfeita. É diferente a interpretação dos sofrimentos do inocente nos Cânticos do Servo de Deus, na segunda parte de Isaías. O sofredor é um homem puro à tôda prova; um homem sempre calado e sempre padecente. Dir-se-ia que o silêncio lhe compromete o pêso das virtudes, consideradas culpas.

O populacho sente a ofensa que lhe é causada pelo brilho daquele que sofre muito. Dir-se-ia que o ressentimento pelos próprios pecados torna-se ressentimento para com aquêle que não tem pecado, na presença daquele que jamais extinguiu uma mecha fumegante, nem quebrantou um caniço fendido. O sofrimento tem um valor expiatório e o mesmo populacho que condenou o grande Sofredor em companhia de seus malfetores, depois de consumado o crime, dá-se conta de que êle sofrera a pena de morte, carregando o pêso dos pecados alheios. Dêste modo o profetismo do Antigo Testamento abre uma fenda de encontro à luz que emanará de Jesus Cristo.

No período culminante do profetismo, o profeta diz

coisas que valem para todos os tempos. Externa verdades eternas. Não é de admirar que os antigos livros históricos da Bíblia são designados proféticos. Nem é de admirar que as coleções dos discursos dos grandes profetas vêm entremeadas de capítulos de autêntica história. Desde a Criação até o tempo de tôdas as gerações que se sucedem sôbre a terra e até o período escatológico, até os tempos apocalípticos, sempre e em tôda a parte revela-se a vontade divina.

A história, longe de ser uma sucessão mecânica e arbitrária, nos faz sentir de perto a passagem de Deus em meio ao borborinho da história. Ela nos lembra, faz-nos ver, prever e compreender. Quem se lembra, vê. Quem se lembra e vê, receberá o dom de prever. O homem, a quem é dado retroceder até às origens da história, o mesmo homem pode entrever o fim e o surgir de novos céus e uma terra nova, de um modo inteiramente renovado. Quem assim vê, já está em vias de ser um profeta de Deus, a menos que arrebatado por seu dom de previsão, se torne um sonhador dos tempos novíssimos, ou seja, um apocalíptico.

Impõe-se um dom particular, uma sensibilidade especial para compreender um profeta, para ouvir a sua mensagem. Entre o profeta e os seus ouvintes medeia um abismo profundo. Trágicas podem ser as conseqüências da incompreensão. Podem até causar o martírio cruento do profeta. Quando êste, em face das desobediências do povo para com a vontade divina, anuncia desgraças de todo o gênero e particularmente no campo político, o povo, ainda em gôzo de bem-estar, ri-se do profeta e de suas cominações. Isaías tem que ouvir: "Oxalá o Santo (Deus) de Israel acelere a sua punição, para que a vejamos! Caso o inimigo invasor, realmente, destruir as nossas casas, nós havemos de reconstruí-las mais belas". Neste caso, o profeta se limita a responder: "A punição não virá já, mas virá, virá com certeza". O povo não lhe dá crédito, porque ainda não vê nada. O profeta, porém, sabendo-se inspirado por Deus, é o porta-voz de uma palavra, não da sua, mas de Deus, e é por isso que êle é o único vidente em meio a tantos cegos.

Sabem os profetas que Deus não faz nada sem antes



revelar os segredos de sua vontade aos seus servos, os profetas. O profeta não duvida. E o povo? Este não crê. O profeta conhece a economia divina, os planos de Deus, Deus cujo querer e poder são uma e a mesma coisa. O povo e o profeta são dois mundos, duas concepções filosóficas e históricas, não apenas diversas, mas também opostas. No palco do momento histórico que se passa, o profeta e o povo lá se acham na qualidade dos dois protagonistas do drama. O profeta pressente de longe a aproximação do inimigo, portador de destruição e desgraça. O povo por enquanto se entrega ao gozo sem limites. O profeta mergulha numa dor infinita, e por cima do estrépito dos cavalos, dos lamentos das guerras e de todo êsse ruído gaiato e dêsse pranto calado, paira o espírito de Deus.

O profeta vive a sua mensagem. Sua alma transborda de santo zelo e de tristeza infinita. Às vézes, êle é descrito na Bíblia com uma terminologia pouco habitual à linguagem hodierna: êle é a "calha". É que de sua alma transbordante de saber divino e de temores pelo futuro do povo, as palavras descem como uma chuva de lágrimas e de sangue.

O profeta Jeremias é um dos expoentes mais conspícuos desta trágica situação. O rei, a côrte e o povo, ansiosos para se sublevarem contra o domínio dos babilônios, confia, embora não completamente, no auxílio egípcio. Bem sabe o profeta que de nada servirão as promessas da potência do Nílo. Êle não ama nem os egípcios, nem os babilônios. O coração se lhe despedaça sob o impacto das visões do horrendo futuro, prestes a tornar-se presente. Mas o povo acusa-o de falta de patriotismo. Arrastam-no de prisão em prisão. Ê imerso em cisternas lamacentas onde vive à espera dum pouco de pão e de água, que mãos apiedadas secretamente lhe oferecem. Entretanto, o Rei, na calada da noite, manda vir à sua presença o profeta infeliz, na esperança de ouvir-lhe palavras mais lisonjeiras. Mas as palavras caem sôbre o coração do rei qual chumbo incandescente. A desgraça! A desgraça e só a desgraça! Enquanto isso, a tragédia avizinha-se a passos troantes. A maior tragédia é o fim de Jeremias: massacraram-no os seus em terra estrangeira.

O verbo hebraico "profetizar" ocorre na forma reflexiva e passiva para indicar, de qualquer modo, como chegar à compreensão da psicologia do profeta: êle sofre alguma coisa, está sob a pressão de qualquer coisa, que lhe penetra no âmago da alma, que toma conta dêle, arraigando-se nêle. No momento em que desperta, faz-se potente a sua voz, violentos os seus gestos. Por isso o povo diz ser um tolo o profeta, um homem transtornado pelo espírito, um homem possuído, de qualquer forma, por um espírito. Não o sabe o povo que o espírito de Deus arrebatou o profeta para dêle fazer o seu arauto, anunciador de sua vontade onipotente.

São Paulo nos assegurará que o Espírito Santo será o nosso dom. Um milênio antes dêle, o rei Davi, pecador e cantor, comovido pela graça divina, roga ao Senhor no "Miserere", um coração puro e um espírito novo, para não ficar despojado no seu íntimo do Espírito Santo.

O pecado afugenta a luz divina dentro do homem; torna o homem surdo à voz divina. Por isso o rei-salmista, na hora da sua dor suprema, depois da morte do inocente Urias, sabe que sua alma é um vaso quebrado, um vaso que não pode mais abrigar a Deus. Por isso Davi solicita de Deus um coração firme e um espírito novo. Não assim o profeta: a êle, Deus lhe concedeu uma alma e um espírito todo particulares. O profeta sabe-se dominado pela vontade divina, indefeso ante o fascínio que promana da santidade e da vontade de Deus. Sente-se "seduzido" qual mulher constrangida a enveredar por certo caminho, incapaz de deixar de percorrê-lo, sabendo embora que a esperam dores infindas, e talvez a morte. "Senhor", exclama Jeremias, "vós me seduzistes, e eu me deixei seduzir". Dor e amor. O profeta é vítima de imenso amor para com Deus e o seu povo. Duas vezes infeliz: infeliz pelas desgraças que o ferirão, e infeliz por ignorar o bem, por desconhecer o seu pai nos céus. Este amor torna-se-lhe uma tempestade de dor, de palavras inflamadas, de ameaças; uma tempestade que o convulsiona, o arrebatou para, enfim, ferir só os seus ouvintes. O profeta acolhe a palavra de Deus qual campo lavrado pela mão de Deus. O fundo de sua alma são torrões escuros despedaçados,

retalhados, revirados. Será que o povo compreende semelhante estado de ânimo, tais sentimentos, tais êxtases? Da gleba lavrada e despedaçada, certo dia, brotará o grão intacto. Do solo arado pela mão poderosa de Deus, banhado pelas lágrimas e pelo sangue do profeta e de seu povo, brotará o que os profetas chamam de "resto de Israel". O tronco de um carvalho imponente — eis a imagem empregada por Isaías — é cortado, tomba a árvore, retalham o tronco; da raiz, porém, brotará um novel rebento, uma semente sagrada, o resto de Israel, aquêles mesmo resto que, ao cabo de tantos desvios, a Deus retornará.

Como é que o povo poderia compreender o profeta? Vive êle no meio do povo, é filho do povo, fala ao povo, chora pelo povo e se eleva acima do povo para estar mais perto de Deus. O profeta está perto de Deus, ligado ao seu povo com tôdas as veras de seu coração, mas a mão de Deus o reserva para si. Vive e sofre com o povo e pelo povo, mas é radicalmente separado do povo. É uma tragédia de alma. Tudo o que para o profeta é sagrado e justo, para o povo tem pouco valor. O povo mata o seu profeta, e depois... depois o chora. Na alma do profeta, renova-se com vigor sempre crescente o apêgo a Deus e uma sêde de santidade sempre maior. Apaga-se tudo que é aparência, mesmo que esta consista na observação do ritual antigo, porque as aparências enganam, e Deus não pode ser enganado. O homem pode iludir a si mesmo durante certo período; Deus, porém, não se ilude nunca. Na alma do profeta brilha um só raio de luz: êle se sabe pôsto ao serviço divino. Sabe que uma nova vida surgirá das ruínas que prevê e anuncia. Uma vida acrisolada pela dor, e mais digna do povo de Deus. Por ora, porém, o povo nada sabe de tudo isso. No profeta só vê o grande sonhador, não dando crédito aos seus sonhos. Sim, o povo prefere ter como sonhos vãos as profecias e não quer compreender o profeta que sonha com um futuro alumado pela fé em Deus e pela caridade divina.

O profeta do Antigo Testamento anda por caminhos de vida difficilima, cercado de incompreensões, animado dum impulso incoercível de anunciar a palavra de Deus. Sabem

os profetas que as suas palavras são palavras de Deus. Limitam-se eles a revestir a vontade divina com a sua palavra sonora, com os seus gestos, com a ação simbólica. Toda a vida do profeta transforma-se em palavra viva de Deus, tomando conta até da vida afetiva: Isaías chama a sua esposa de profetisa, não porque ela o fôsse, mas porque, sendo sua esposa, estava, também ela, a serviço da missão profética. Outro profeta recebe ordem de se juntar a uma prostituta, para destarte pôr em evidência a infidelidade da nação para com o seu Deus.

O profeta vive de sua profecia. Tudo nêle torna-se profecia. Abre-se-lhe o espírito às previsões dum futuro bastante remoto. Isaías, de olhos abertos, vislumbra uma mãe virginal e uma criança prodigiosa sôbre a qual repousarão todos os dons do Espírito divino; um menino sôbre o qual repousará o Espírito da Sabedoria e da Fortaleza; um menino que, conhecido, será juiz em nome de Deus. Esse juiz saberá resgatar a terra contaminada, com a "vara de sua bôca", com a vara de sua palavra, e com seu hálito matará o ímpio e o malvado. O mesmo Isaías teve uma visão clara de Jesus Cristo, embora sem pronunciar-lhe o nome. Por outro lado, ninguém, depois de Isaías, compreendeu êste grande profeta, como Jesus Cristo. Os corifeus, os homens consagrados a Deus, vivem além do tempo, desconhecem os limites do tempo e é assim que Isaías já pôde viver em Jesus e é assim que Isaías pôde ressurgir para reviver em Jesus. Não sem razão muitos dentre o povo disseram de Jesus: "Êle é um dos profetas antigos que ressurgiu". Não se iludiu o povo: foi o espírito dos antigos e maiores profetas em Israel que se ressurgiu e se consumou em Jesus.

Nas alturas luminosas de Deus encontram-se os maiores espíritos da humanidade, para além e acima dos limites do tempo e do espaço.

Isaías opõe-se aos conceitos levíticos e cultuais. A pureza levítica êle opõe, e até contrapõe, a santidade de Deus. É desnecessário um culto suntuoso e ruidoso, bem como um templo rico em mámores e ouro. O Senhor olha

para o seu povo desde que tema a Deus. O verdadeiro santuário de Deus é a alma humana. Virá o dia em que Jesus dirá: "O reino de Deus está dentro de vós". É no coração contrito que resplandece a majestade régia de Deus; no coração de um homem que dócilmente inclina a fronte sob o fardo do sofrimento. Segundo o conceito dos profetas e dos salmistas o santuário de Deus é o coração humano que, humilde e desprezencioso, se abre largamente à imensa luz de Deus.

Quando se afirmava que cada povo devia seguir o seu *deus*, enquanto que Israel devia seguir o seu *Deus*, os profetas iniciaram uma campanha contra o conceito "deus" atribuído a qualquer um que não fôsse Deus. Tudo quanto não é Deus, é coisa vã e nula. O dia virá em que o eminente filósofo Alexandrino Filão, o hebreu, dirá que o politeísmo não passa de ateísmo. Quem não aceitar a Deus de todo o coração, fica sem deus algum.

O profetismo preparou o caminho para o universalismo. Não só Israel, e sim todos os povos são alvos da proteção divina. Nos olhos de um historiógrafo os "abomináveis estrangeiros" são apenas um meio para aumentar o poder dos faraós. Para o profeta bíblico, Israel está a serviço da redenção de todos os povos. Ele quer que Israel seja uma bênção para tôdas as nações da terra. O profeta do povo torna-se profeta dos povos, da humanidade inteira.

Do profetismo resulta uma nova maneira de conceber a história universal: Tudo o que no mundo se afigura como prepotência, seja de um indivíduo, seja de um país, será despedaçado. Os opressores não passam de instrumento na mão poderosa e justa de Deus. Não o sabem os prepotentes. Sabe-o o profeta, compreende-o e o anuncia.

A riqueza é outra forma de potência. Mas também esta potência será quebrada e pulverizada. Deus ama os pobres e os homens de coração aflito. Os balidos dos animais degolados e oferecidos em sacrifício, os cânticos litúrgicos, tudo é considerado culto divino. Elevam-se gritos para o céu. Deus, porém, atende ao gemido silencioso de quem sofre e implora a sua aproximação. Nem se oferecem sacri-

fícios a Deus: o homem deve sacrificar-se a si próprio, o seu coração, a sua vida, o seu procedimento, a sua dor, o seu amor, para assim ficar sempre mais perto de Deus.

O pecado é um afastamento. Ora, um afastamento não pode ser remediado com atos de culto externo. O homem que peca não está mais em plena posse de sua própria personalidade. A penitência é uma auto-reintegração, um aperfeiçoamento e um saneamento de si mesmo. O retôrno a Deus de todo o coração implica um aperfeiçoamento do homem. Retorna-se a Deus, porque houve um afastamento, uma separação dêle. A penitência não deve ser um incômodo doloroso, mas o início de um doce retôrno, duma suave aproximação. Com a volta a Deus esvai-se o passado tenebroso como a neblina sob a ação dos cálidos raios solares. O infeliz recebe dons que também são meios de conversão para Deus: começa a amar o seu irmão necessitado de auxílio, porque o irmão indigente é amado por Deus. Quem acudir ao sofredor, encontra-se com Deus compadecido. Deus e o homem encontram-se num delicado convênio de amor.

O sacrifício ritual pode ser um alibi para quem se oferecer a si mesmo a Deus e ao próximo, tornando-se-lhe sagrada e santificante a dor alheia. A atitude social para com todo homem correto pode tornar-se um santuário em que se serve a Deus. Elias, profeta impetuoso, faz descer do céu um fogo que destrói os pagãos e consome os sacrifícios. O mesmo profeta pode causar uma estiagem, fazendo o povo sofrer, para destarte punir os reis que abandonaram a Deus. No entanto, ao profeta que sabe ressuscitar defuntos o Senhor diz: "O Senhor não está na ventania. O Senhor não está no terremoto. O Senhor não está no fogo. Porém, na brisa suave é que encontrarás o teu Senhor".

A profecia como tal não fica ligada à palavra apenas. Em vez de falar, o profeta pode realizar uma ação. Êle pode tropejar com a palavra contra os prevaricadores da Lei de Deus, mas êle pode também fazer descer sôbre êles um fogo do céu que os devore. Palavra ou ato, ambos representam o poder profético. O que interessa é que o povo tenha a convicção segura de que Deus está em seu meio. Tal con-

ceito domina tóda a literatura bíblica de ambos os Testamentos. A presença do profeta, e do mesmo modo a presença de Jesus, assinalam a presença de Deus entre os fiéis. Os infortúnios de 568 a. C. são fonte de dores de que se faz eco o livro das Lamentações: aí não mais existe ensinamento divino, e os profetas não recebem mais visões da parte do Senhor. Portanto, a presença do profeta significa a proximidade de Deus. No momento em que o profeta não recebe mais visões, sabe-se que Deus se afastou de seu povo.

No período pós-exílico é a palavra escrita, mormente o Pentateuco, que passa a representar a presença de Deus. Ouvir a palavra divina, lida ao povo em voz alta, ouvir esta mesma palavra, traduzida no vernáculo, o aramaico, ouvir os doutôres discutirem profunda e ardentemente tal palavra, saber que o povo executa todos os preceitos, positivos e negativos, preceitos êsses que os doutôres concluem das palavras da Sagrada Escritura, tudo isso, depois do exílio, significa a presença de Deus no meio do povo. E é por isso que a historiografia bíblica, bem como a Sabedoria, constituem um eco da voz divina voltada para seu povo. Aos poucos os doutôres sempre mais crescem no conceito da massa e a interpretação da palavra divina processa-se sempre mais minuciosa e sempre mais aguçada ao tratar-se da parte jurídica; torna-se sempre mais sentida, comovente e insinuante ao tratar-se da parte ética e moralizante.

Agravando-se as condições políticas, as linhas de demarcação entre uma e outra época amiúde consistem em invasões, perseguições, deportações. Mas o povo resiste, porquanto também no exílio e no isolamento encontra, na palavra escrita, a sua pátria, a memória gloriosa dos tempos passados, a convicção da filiação divina e a esperança dum futuro melhor. Um grande poeta<sup>6</sup> de origem judaica teve que dizer, e com razão, que a Tora (a Lei) tornou-se a pátria dos judeus. E os doutôres e o povo defendem com denôdo esta pátria, através duma confiança inabalável na verdade das Sagradas Letras e na observação exata e amorosa de todos os preceitos.

<sup>6</sup> Heinrich Heine (1797 ou 1799-1856) (T.).

## EVOLUÇÃO DO PROFETISMO

### O profeta reza e prega

14. - A literatura do Antigo Testamento permite-nos a reconstrução pelo menos sumária da evolução da figura do profeta e do profetismo. Nas épocas remotas foi o Anjo do Senhor que agiu como encarregado e mensageiro do Senhor. Não difere muito, nestes períodos distantes, a missão do profeta. Assim, por exemplo, o profeta Samuel é chamado "vidente", porque, transpondo o espaço, vê tudo o que ocorre longe dêle, ou melhor, êle percebe com os olhos do espírito o que outro qualquer só veria por meio de seus olhos corporais. Ademais, o mesmo Samuel recebe do Senhor encargos de pêsso enorme. A vida política do antigo Israel baseava-se sôbre o conceito da teocracia, a saber: é Deus quem governa seu povo. Sob a influência da organização política dos povos vizinhos, Israel reclama para si a instituição da monarquia. Samuel sentiu vontade de opor-se a tal inovação. O Senhor, porém, cede aos desejos de seu povo e é o próprio Samuel que unge os reis: Saul primeiro, e depois Davi, destinado a ser um rei insigne na história e nas esperanças messiânicas do povo eleito.

Num passado muito remoto, o patriarca Abraão é designado de "profeta" (*nabi*) e, portanto, idôneo para interceder a favor do rei Abimeleque, que pecou involuntariamente. Arão, destacado para fazer perante o faraó o papel de porta-voz de seu irmão glorioso Moisés, é intitulado de "profeta", ao passo que Moisés, no seu papel de inspirador, é qualificado de "Deus". Esta circunstância projeta uma luz à significação do profetismo: o profeta é um homem que ouve a palavra de quem lhe fôr superior, em particular a palavra de Deus, para transmiti-la aos outros. É bem limitada, portanto, naquelas eras remotas, a sua competência: escutar para depois relatar. Eis a razão pela qual, naqueles tempos ideais, tudo se desenrolava sem atritos. Todos sabiam que o profeta nada disse por conta própria, sendo apenas o porta-voz fiel



o consciencioso de seu Deus. Ouvir e obedecer ao profeta era o mesmo que ouvir e obedecer a Deus. O profeta é o homem a quem Deus confia os seus segredos, tanto assim que, com o tempo, se dirá que o Senhor nada faz sem antes comunicá-lo aos seus ministros, os profetas. Por conseguinte, a palavra do profeta é a palavra de Deus, e por este motivo um orador profético podia dizer: "Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam antes de terem regado a terra concedendo-lhe fertilidade, assim é a minha palavra", diz o Senhor, "não voltará a mim em vão sem ter executado a tarefa que eu affiancei ao meu mensageiro".

Nos primeiros capítulos do Gênesis a palavra de Deus é criadora. Deus disse: "Faça-se a luz" e a luz se fez. Fundem-se, harmonizam-se a palavra divina e a criação que daí resulta. A palavra equivale à obra, ao fato. Daí o crédito de que goza a palavra do profeta; daí a fé nos ensinamentos divinos; daí a fé em Jesus, o Logos, o Verbo de Deus.

As obras prodigiosas do profeta Elias, enquanto taururgo, equivalem à palavra profética. Dá-se o mesmo com o profeta: a sua palavra, conquanto vise o futuro, é por ele mesmo considerada um fato consumado. Daí a fé messiânica, daí a fé escatológica. O profeta fala des preocupadamente do fim dos tempos, do advento de novos mundos, do juízo final, da ressurreição de ossos que se revestem de carne e pele, porque não é palavra do profeta, senão efeito da inspiração. E inspiração é obra divina. Dir-se-á na literatura sapiencial que a Sabedoria emana da boca de Deus, é hálito de Deus. Sempre e em toda parte a palavra inspirada significa a presença de Deus entre os homens. A fórmula habitual nas passagens legais do Pentateuco é: "O Senhor disse a Moisés quanto segue". E os profetas darão início aos seus discursos com a fórmula: "Assim fala o Senhor".

A elevação e o progresso espiritual, religioso e moral são contínuos. O legislador Moisés é profeta, porque Deus promulgou a lei por seu intermédio. No Pentateuco o Se-

nhor se revela a Moisés fazendo-lhe ouvir a sua voz entre as asas dos querubins, postados sôbre a arca da Aliança, no Santíssimo. Tempos depois Deus falará também a um menino que lhe fôra consagrado pela própria mãe, solicitado que foi de Deus antes que nascesse. O menino chamava-se Samuel.

Eis como se deu o chamamento do menino profeta. Esta criança serviu ao Senhor, dentro do Santuário, sob ordens de Heli, um sacerdote idoso. Estamos num período em que é escassa a palavra do Senhor, faltando, outrossim, visões manifestas. Os olhos de Heli estavam turvos, incapazes de ver. Repousava êle no seu lugar costumeiro. Ainda ardia a lâmpada do Senhor. Samuel dormia no interior do Santuário, onde se encontrava a arca de Deus. Foi então que o Senhor o chamou. A criança, inconsciente da gravidade do momento, responde simplesmente: "Eis-me aqui", e, julgando-se chamado por Heli, acorre ao velho sacerdote, que, no entanto, responde: "Eu não te chamei, volta a dormir". O Senhor novamente chama Samuel que pela segunda vez se dirige ao sacerdote. A resposta é a mesma da primeira vez. Samuel ainda ignora o Senhor. Foi quando, pela terceira vez, o Senhor repete o chamado. O menino, acudindo a Heli, diz: "Eis-me aqui, chamaste-me". (Note-se a tríplice pergunta bem como a tríplice resposta do menino. Esta tríplice repetição será característica em tôda a literatura bíblica, do Antigo e do Novo Testamento. Também Jesus glorificado dirigirá três vêzes a mesma pergunta a Pedro: "Amas-me mais que os outros?" E Pedro, como Samuel, não perceberá a enorme importância da tríplice repetição que confere ao episódio força legal e importância histórica).

Aconselhado por Heli, o menino responderá à próxima e derradeira chamada: "Falai, Senhor, que o vosso servo ouve". E, realmente, ao chegar-lhe ao ouvido o chamado, o pequeno Samuel responde conforme lhe ensinara Heli. E veio a profecia: "Eis que farei em Israel uma coisa que aturdirá os ouvidos de quem a ouvir. Naquele dia suscitarei contra Heli tudo quanto falei contra a casa dêle, do começo

até o fim. Eu lhe predisse que havia de castigar a sua casa eternamente por causa da iniquidade. Ele sabia que seus filhos procederam indignamente, e não os corrigiu. Por isso jurei à casa de Heli que não haveria expiação das suas iniquidades, nem com vítimas, nem com oblações”.

Os ritos sacrificais, de que se fala no Pentateuco, visavam, antes de mais nada, o cancelamento dos erros, cometidos na execução do próprio ritual. Mas, tratando-se da profanação do Senhor e de seu Santuário, os ritos sacrificais perdem a sua eficácia. Assim dirão em seguida os grandes profetas, os assim chamados profetas literários. Isaías perguntará: “Para que esta quantidade de sacrifícios? Estou farto de holocaustos. Não desejo como oferta nem sangue, nem gorduras”.

Os sacrifícios não possuem finalidade própria. Em última análise, a Bíblia deve ser tomada, na sua totalidade, como um conjunto de livros inspirados pelo Senhor, sendo os preceitos sacrificais igualmente ordenados em nome do Senhor. Insurge-se contra os ritos sacrificais sempre que estes se sobrepõem aos valores morais e religiosos. Investe-se contra os sacrifícios quando servem apenas de alibi, de pretexto para se cometerem atos nefastos no campo da obediência a Deus ou injustiças pesadas no terreno social e moral. Quem peca, abriga-se debaixo das suas obras de observação ritual. Então aos profetas se impõe a necessidade de diminuir, conscientemente, o valor de tôdas as exterioridades de caráter religioso: o sangue, as gorduras, os jejuns, as cinzas impostas à cabeça, enfim tôdas as manifestações puramente externas.

Tanto o profetismo, como depois o cristianismo, visam radicalmente a interiorização do homem. Critica-se e reprova-se àsperamente qualquer culto executado sem espírito de verdade, isto é, culto que não é a expressão verdadeira do espírito e da vontade divina. De que servem os atos externos de penitência, de preceitos, de sacrifícios, quando se abandona o irmão que sofre? É já na literatura profética que se vislumbra o brilho da palavra evangélica: “Se não amares o teu irmão que te é próximo, como poderás amar

a Deus que está longe?"<sup>1</sup>. "Se vires um que está nu", assim diz Isaías, "veste-o; os errantes, os abandonados, os sem casa, os deslocados, os marginais da sociedade humana, leva-os à tua casa, reparte com eles o teu teto, não consideres tua casa como um bem exclusivamente teu. Como podes descansar sossegadamente, se teu irmão se acha desprotegido em plena noite, fustigado pela tormenta, cercado de trevas, tremendo de frio?"

Os profetas cortam pela raiz a erva má da gula, do amor-próprio, da ganância. Isaías é o primeiro em toda a literatura bíblica a empregar a expressão: "(Re-)partir o pão com alguém". É a expressão *fractio panis* que mais tarde tornar-se-á o termo técnico por excelência do culto eucarístico. Isaías quer que o homem reparta com seu irmão indigente o pão de Deus, e isso não através duma festa da porta entreaberta, mas sim convidando-o à sua mesa. Isso evoca um preceito mosaico pelo qual o pobre devia participar dos banquetes rituais em Jerusalém, onde se consumia o pão de Deus sob os olhares divinos. Eis, em germe, o futuro ágape cristão.

Isaías termina seu discurso dizendo: "Então (depois de cumpridos os deveres para com o próximo) a tua luz despontará como a aurora, e a glória do Senhor resplandecerá sobre ti".

O desequilíbrio econômico manifesta-se em qualquer meio social mais ou menos evoluído. Ora, a legislação do Pentateuco, um elenco impressionante de providências a favor do pobre, proíbe a usura e qualquer abuso da situação precária do próximo. Após o descobrimento de textos antigos junto do Mar Morto, sabemos que o assim chamado Código da Sacralidade ou Santidade (Êxodo, 19-22) é de data remota. A própria paleografia<sup>2</sup> depõe em favor da antiguidade do

<sup>1</sup> A sentença não é evangélica; encontra-se em 1 Jo 4,20 (T.).

<sup>2</sup> Cfr. At 2,42.46; 20,7.11; 1 Cor 10,16; e mais os relatórios da Última Ceia: Mt 26,26; Mc 14,22; Lc 22,19; 1 Cor 11,24 (T.).

<sup>3</sup> O autor parece aludir a uma série de fragmentos pertencentes ao livro do Êxodo, escritos no alfabeto antigo semítico, descobertos na 4ª gruta de Qumran. Cfr. Dix ans de découvertes dans le désert de Juda. J. T. Milik. Paris 1957, Phot. 9 (T.).

texto. O P. De Vaux pretende atribuí-lo ao século IV a. C. Outros pleiteiam para o manuscrito uma data mais recente. Convém não esquecer que se trata apenas de uma cópia, e não do original; e é preciso considerar que as condições da época se opunham a uma multiplicação infinita de cópias. Assim devemos necessariamente "redatar" o original pelo menos por alguns séculos, de sorte que o Código de Santidade do Êxodo torna-se muito antigo. Pois bem, a inobservância dos preceitos concernentes à defesa do pobre, neste texto, é vinculada e equiparada aos pecados mais graves, como a bestialidade ou a idolatria. Colocar a defesa do pobre no mesmo nível que tão graves aberrações e pecados, demonstra com quanto ardor se procurava defender o pobre e com quanto amor se insistia para obter em seu favor o auxílio dos abastados.

A atividade dos profetas não podia permanecer alheia a toda esta luta. Muito antes de Isaías, Amós, um homem rude, criador de bovino e podador de sicômoros, numa linguagem assaz vigorosa, repreende, ao mesmo tempo, tanto a idolatria, como a exploração e a humilhação dos indigentes. Amós sabe dizer, sem rodeios, que pai e filho se encontram no alcance da mesma meretriz. Sabe censurar os ricos que, passeando nas suas viaturas, fazem cair sobre as cabeças dos pobres a poeira levantada pelos seus cavalos. Repreende os que, abusando das solenidades religiosas do novilúnio e do plenilúnio, aumentam o ciclo, isto é, a moeda com que se pagava, e diminuem a medida (do grão) com o fito de se enriquecerem depressa e de maneira a mais abominável. Amós faz saber, gritando nas praças em presença do povo, que há homens que banqueteiavam ante o altar em companhia de mulheres suspeitas, estendidos sobre vestidos empenhados dos pobres. A defesa do culto pátrio e da fé em um Deus único de um lado, e de outro a crítica severa da voracidade e da falta de caridade alimentam no profeta uma indignação sagrada fazendo cair sua palavra como fogo ardente no meio das massas. Tal a obra dum antigo profeta em Israel. A semente lançada por êle, por outros será colhida.

O profetismo não se limita a um só ponto. É antes uma chama viva, que devora e purifica, que se dilata e se expande, convocando a todos, reconduzindo-os ao dever de deixar todos os caminhos que levam ao mal, tôdas as sendas tortuosas e todos os prazeres, a fim de que todos retornem à fonte de tôda justiça e bondade.

Ora são as circunstâncias da vida, ora o meio ambiente que influem nos profetas. Êstes, por sua vez, são entusiasmados, imbuídos e suavemente dominados pela vontade do Senhor. O seu caminho está semeado de espinhos. De Jeremias a Zacarias, de Zacarias ao Servo de Deus (em Isaías), do Servo de Deus a Jesus Cristo, todos êles deixarão nas estradas percorridas as marcas vivas e ardentes de seu sangue. Um profeta jamais temeu, um apóstolo de Cristo jamais se calou, porque nêles ardia a chama do amor de Deus. Os seus sequazes são os mártires, são as testemunhas da verdade divina. Não morreu a sua voz, nem morrerá jamais.

#### A espera do profeta

Para Israel, o profeta por excelência é Moisés, o legislador. Segundo a tradição vigente em todo o Oriente semítico, o legislador, o rei, recebe a lei diretamente das mãos da divindade, de sorte que a lei, cuja observância êle reclama, na realidade é a lei da divindade nacional. Em Israel, Deus era concebido como Deus único, como Deus criador do mundo, do Universo inteiro, portanto o Deus por excelência, o Deus único.

E, que aconteceria depois de Moisés? No ato da promulgação do decálogo no monte Sinai, o povo, oprimido pela majestade poderosa, pelo fogo e pelos trovões que acompanhavam a teofania, volta-se para o profeta Moisés com a súplica: "Fala tu conosco!", para assim evitar de ouvir diretamente a voz de Deus. Moisés foi um homem mortal e grandes eram as preocupações do povo. Por isso se lê no Deuteronômio 18,18: "Disse-me o Senhor: Farei surgir para êles, dentre os seus irmãos, um profeta semelhante a ti; porei as minhas palavras na sua bôca, de modo que êle falará

tudo o que eu mandar. Se alguém recusar ouvir as palavras que êle falará em meu nome, eu farei vingança. Mas o profeta que, cheio de arrogância, quiser falar em meu nome coisas que eu não tiver mandado dizer, ou as falar em nome de deuses estrangeiros, êsse será morto. E se alguém de vós indagar: "Como poderei saber que um determinado discurso não procede do Senhor?" tereis êste sinal: não se realizando o evento que tal profeta anunciou em nome do Senhor, é sinal de que o Senhor não disse nada, mas sim de que aquêle profeta na sua soberba o inventou. Por isso, não temais".

Havia de chegar, portanto, o momento em que a confiança ilimitada na retidão e na veracidade do profeta se enfraqueceria. Prevê-se o caso em que possa haver um profeta fraudulento, um profeta que apregoe as invenções de seu coração transviado como palavra de Deus, não lhe cabendo mais julgar o povo em nome de Deus. Caberá antes ao próprio povo eliminar o profeta em nome de Deus. O profetismo em sua evolução histórica esbarrou num escolho fatal: os falsos profetas comprometeram o prestígio da própria instituição. Eis como a tragédia humana destruiu uma coisa fadada a ser infinitamente grande e eterna, a ser uma luz que, no dizer de S. Jerônimo, não conheceria eclipse.

Os falsos profetas marcando a decadência do profetismo privaram o povo do auxílio que o Senhor ofereceu à sua grei, na sua infinita sabedoria, na sua infinita bondade e com o poder de seu braço.

O profetismo foi destinado à decadência e ao obscurecimento. Há aí ainda outro fato: a fraqueza humana que se sobrepõe à sublimidade da missão profética. Jonas recebe do Senhor a ordem de admoestar os ministros para resguardá-los da punição. O profeta, por sua vez, sente uma certa preocupação: Onde ficará o prestígio divino no caso de os ministros se arrependarem e o castigo divino ameaçado não se verificar? Sim, o homem se antepõe e se sobrepõe a si próprio, à sublimidade de sua missão.

Com efeito, o esplendor do profetismo em Israel tende a escurecer-se aos poucos. Contudo, continua existindo no povo que espera o profeta verdadeiro e o Messias verda-

deiro. O povo presencia, vê, admira, adora Jesus pela sua vida, sua palavra, sua obra redentora, pelo seu poder de taumaturgo, seu espírito de sacrifício. E quando o Mestre interroga seus discípulos qual a opinião corrente a seu respeito dentro das várias camadas do povo, tem de ouvir: "Dizem que sois um dos antigos profetas redívivo". Demonstra o povo rara sensibilidade. Depois de decorridos séculos em que, em Israel não se ouvia mais a voz de um profeta grande e autêntico, o povo de Israel busca e descobre em Jesus o retorno às antigas, gloriosas e brilhantes fontes do profetismo.

### DE EZEQUIEL A ESDRAS

15. - Para o profeta Isaías o sacerdócio era apenas a expressão da santidade ritual e interior; às vêzes, até contrapõe santidade ritual e interior. Para a grande massa, porém, a execução dos ritos penitenciais, as assembléias festivas e o oferecimento das vítimas sôbre os altares constituíam uma espécie de pára-vento, atrás do qual se julgavam autorizados a praticar obras de injustiça social, ou a faltar a outros deveres sociais e morais. Destruído, por Nabucodonosor, o Templo de Jerusalém, em 586 a. C., a sua reconstrução torna-se, para o profeta Ezequiel, descendente de família sacerdotal, o ideal mais elevado, objeto de suas esperanças e visões. Haveria de ressurgir tudo o que fôra morto e destruído.

A sensibilidade do sacerdote fiel a Deus incentiva em Ezequiel o ardor profético. Arrebatado e colocado entre céu e terra, êle enxerga as abominações que se cometem no âmbito do culto, as abominações praticadas, em público, pelo povo, em segredo, pelos anciãos. Todos estão convencidos de que o Senhor abandonou o seu país, ou, pelo menos, que o Senhor não dava mais sinais de sua presença (cap. 8). Como será, pois, tremenda — segundo Ezequiel na primeira



fase de sua atividade — a destruição, e horrenda a desventura, a ponto de os pais devorarem os filhos, alimentando-se os filhos das carnes dos pais (5,10). Ao tamanho dos crimes corresponderá o tamanho aterrador dos castigos. Mas, por fim, o Senhor se apiedará de seu povo. Chegado o dia do perdão definitivo, o próprio Deus aspergirá o povo com água pura, para o purificar e o libertar de tôdas as abominações e impurezas do passado.

Diversamente da purificação ritual ou levítica, o Senhor em pessoa efetuará uma nova *catarse*<sup>10</sup> conferindo ao homem restaurado um coração íntegro, sem impureza. O Senhor concederá aos homens de Israel um espírito novo; o povo, dêste modo, possuirá um coração de carne e não de pedra, um coração que lhe permitirá caminhar na estrada dos preceitos, observando e pondo em prática os mandamentos do Senhor. Cessará a atividade dos profetas mentirosos, que à troca de um pouco de dinheiro, com seus discursos transviaram o povo. Cada um — anciãos, sacerdotes e profetas — adquirirá o senso de responsabilidade por seus próprios atos. Para um povo nestas condições — assim Ezequiel no alto do monte sacrossanto elevar-se-á um santuário novo em que o culto sacrificial andarà a par de obras de piedade e de justiça. Será um culto em espírito e verdade. Purificados, uma vez, os corações, o Senhor tornará a habitar no meio de Israel e em todo coração dos homens de Israel.

Sobrevieram as punições anunciadas. Ezequiel, antes de tudo, é profeta do exílio, vivendo e exercendo seu ministério em terra estrangeira, entre os deportados para Babilônia. A palavra de Ezequiel, qual boa semente, caindo no fundo dos corações, cria raízes. A idolatria é abandonada. A consciência monoteísta em Israel é fortalecida e se torna sobrenaturalmente dominadora — triunfo êsse, moral e sem par — e a expressão mais cabal desta conversão a Deus consistirá no retôrno à Lei e à observação dos preceitos decretados por Deus, por intermédio de Moisés.

Reconstrução do Santuário, penitência, piedade verda-

<sup>10</sup> Do grego "kátharsis", termo técnico da filosofia religiosa que significa purificação (T.).

deira e sentida, leitura pública da Lei, preces ardentes a se elevarem de corações quebrantados pelo infortúnio, — eis a meta a que, num futuro próximo, dirigir-se-á a porção melhor do povo. Sem que se restaurasse o esplendor antigo do culto, ainda assim, quão fulgurantes e cálidas eram as lágrimas que o povo, no tempo dos escribas, derramou nas praças repletas, ouvindo cada um, palpitante de vida e comoção, a palavra de Deus.

À vista do Volume aberto e erguido ao alto diante do povo, as direitas se elevaram num gesto de saudação e, mais ainda, para prestar um juramento perene de fidelidade. É que no Oriente semítico, e mormente em Israel, a mão direita erguida significa juramento de fidelidade.

Os legisladores e os profetas que se sucedem antes de Jesus, e depois o próprio Jesus com os que o seguem, empenham-se na interiorização do homem. O cumprimento de um ato religioso em geral, de um ato cultural em particular, as relações de homem para homem, tudo torna-se homenagem a Deus, tudo transpira fé sincera em Deus, amor sincero para com Deus. Diante de Deus não se pode mentir. O homem vê apenas o exterior de seu companheiro, Deus, porém, vê os corações. São exatamente os profetas que insistem nesta obra de interiorização e, se às vezes assumem uma atitude que poderia parecer contrária à lei formal, não se deve perder de vista o objetivo que determina semelhante atitude. Todos estes homens, gênios no terreno da fé e da palavra, visam a interiorização do homem. As cerimônias do culto, bem como a prática das virtudes sociais, em hipótese alguma, deverão tornar-se qual cédula bancária sem fundo de ouro. Cada obra de culto, o cumprimento de qualquer lei deve encontrar a sua base num ato do coração.

Em vésperas da grande crise política, o profeta Malaquias (2,6 s.) dirige aos sacerdotes o seguinte apêlo, claro e preciso: O sacerdote não deve confundir a sua missão com aquela de um simples cerimoniário. Os seus lábios devem conservar o mais alto saber, ou seja, o conhecimento de Deus. É dêle que se reclama o ensinamento. Ora, a maneira mais eficaz de ensinamento é aquela em que o mestre

torna-se expoente de quanto ensina. O caminho que conduz ao conhecimento do Senhor, segundo o conceito bíblico, não consiste na filosofia, nem na meditação. É preciso abrir os Volumes sagrados, ouvir e tornar a ouvir, avivando a palavra divina, inseri-la na própria vida. Estudam-se, aprofundam-se, executam-se os preceitos da Lei, por mais insignificantes que pareçam. No período rabínico, talvez tenha havido exagêro nesta matéria, mas o ponto de partida desta forma de ensinar e de viver, ficará sempre digno de alta consideração. Na palavra divina, admoestadora ou inspiradora de esperança, deve-se ouvir sempre a voz de Deus.

Logo mais chamaremos a atenção, na medida do possível, ao desenvolvimento do rabinismo. Mas, antes de mais nada, é preciso dizer que nos primórdios dêste programa a Bíblia nos apresenta um homem de nome Esdras, chamado "Esdras, o escriba". Título êsse que talvez aluda a Esdras na qualidade de leitor da Bíblia nas reuniões públicas. Não se trata dum teórico puro, nem dum pietista isolado, senão de um homem de ação enérgica e vigorosa, aspirando a nada menos que a regeneração das instituições culturais. A sua atuação visará a restauração do sentimento de fé em Deus e de amor à Lei, àquela Lei que ocupará o centro de todos os participantes dêste movimento.

Em numerosos meios judaicos, no período seguinte se sentirá uma viva sêde de retôrno a uma vida austera, a uma vida inteiramente dedicada ao amor de Deus e à mais escrupulosa observação da Lei. Hoje em dia, os documentos encontrados junto do Mar Morto nos oferecem uma visão sempre mais clara dêstes agrupamentos conhecidos sob a denominação comum de "seitas". Seria prematuro pretender emitir um juízo definitivo sôbre o valor intrínseco dêste estranho movimento. Consta, porém, que se trata de homens destacados do curso comum da vida para procurar com mais insistência, num ambiente mais cordial e mais íntimo, o caminho de volta ao Senhor. O seu gênero de vida, já extremamente difícil, é considerado ainda mais difícil por todos quantos não o compreendem ou o julgam erradamente. Mas o simples fato de surgirem tais centros espiri-

tuais e religiosos indica que está para vir uma coisa nova, qualquer coisa mais elevada, que se trata de homens completamente unidos em torno dum ideal, e não está errada a opinião que sustenta serem êstes movimentos esporádicos os que prepararam os primeiros adeptos de Jesus.

O movimento, surgido a partir de 460 a. C. aproximadamente, acabará decerto, na observância assim chamada farisaica. Essa observância é um rio veloz, uma enxurrada rápida que leva consigo, no mais das vêzes, grãos de areia, mas, muitas vêzes, também grãos de ouro puro.

Ezequiel, o profeta do exílio babilônico, é ao mesmo tempo o mestre em torno do qual os exilados se reúnem cada sábadado e nos dias festivos, para dêle aprenderem a palavra de Deus, para do coração dêle auferirem esperança. Quem nos oferece, num rasgo genial, um quadro maravilhoso da psicologia do profeta Ezequiel não é o exegeta: é o gênio imortal de Miguel Ângelo que, na Capela Sistina, nos representa Ezequiel de olhar ardente voltado para o futuro.

Miguel Ângelo representa Ezequiel em pleno contraste com Jeremias. Êste, varão que suportou, desmedidamente, fome, prisões, flagelos e incompreensões dolorosas, está assentado de olhos fixos no chão, totalmente desligado do mundo, existindo só para a dor.

O Ezequiel de Miguel Ângelo está voltado só para o futuro. Que é que vêem êstes olhos, tão cheios de energia e de nostalgia e, ao mesmo tempo, tão cheios de vigor e de poder? Ezequiel vislumbra um povo que já abandonou inteiramente os últimos traços da idolatria e do paganismo, que está todo voltado para Deus. Êste povo, na sua totalidade, se converterá a Deus, êste povo tornará a viver no solo nativo e o seu coração palpitará num grandioso templo no alto da colina sacrossanta. Novamente ressoarão os cânticos dos levitas, novamente oferecer-se-ão sacrifícios sôbre o altar do Senhor, e os sacerdotes tornarão a revestir-se, e para sempre, de santidade, de pureza levítica e de justiça.

Isaías, representado por Miguel Ângelo, todo ouvidos, todo atento para ouvir, para colhêr o sussurro divino, para

descortinar os tempos distantes da redenção, da paz e da fé, Isaías vê no futuro tôda a terra cheia de conhecimento de Deus, semelhante a um mar imenso. Mais uma vez, como no Oriente antigo, a água torna-se símbolo de alta sabedoria, símbolo de profundo conhecimento, do conhecimento mais profundo, isto é, o de Deus.

Para Ezequiel, sendo de estirpe sacerdotal, o ideal e a visão do renascimento associam-se a uma visão dum templo novo, situado no alto, qual expressão suprema de santidade. Passarão ainda muitos séculos e Cristo, em Cesaréia de Filipe, estabelecerá o primado de Pedro.

Pedro será o rochedo inexpugnável sôbre o qual Jesus edificará sua Igreja.

O Santuário, objeto de visões e desejos ardentes do profeta Ezequiel, é um santuário nacional, judaico, onde se oferecerão sacrifícios, em Espírito de Verdade, ao Deus de Israel, ao Deus do Universo inteiro. Situada no alto de uma rocha, a Igreja de Cristo resistirá às fôrças do Mal no mundo. A rocha será Pedro, e outros com êle, e outros inúmeros depois dêle. Será um santuário edificado com pedras vivas: Jesus, a pedra angular, e Pedro a rocha e uma das colunas destinadas a sustentar o santuário de tôdas as nações, a Igreja de Jesus Cristo.

## DE MALAQUIAS A ESDRAS

**16.** - Esdras encarna a nova espiritualidade de Israel, que consiste no retôrno à palavra do Pentateuco, no espírito de todos os profetas e, particularmente, no de Ezequiel.

O derradeiro eco do profetismo é-nos fornecido pelas palavras do profeta Malaquias (450-430 a. C. aproximadamente), último na série dos Doze Menores.

Os livros de Esdras, Neemias e das Crônicas fecham o cânon do Antigo Testamento.

Na questão intrincada da cronologia impõe-se a distinção

entre conteúdo e redação de cada um dos livros. Assim, por exemplo, alguns críticos, também católicos, consideram como época da redação dos livros de Esdras e Neemias o ano 300 a. C. Todos<sup>1</sup>, porém, aceitam o ano 458 (ou 460) a. C. como aquêle em que Esdras, da estirpe sacerdotal dos sadocitas, tomou a decisão de voltar à Palestina com a intenção de levar a térmo a obra da restauração cultural, espiritual e moral.

O profeta que na Bíblia nos é apresentado sob o nome um tanto obscuro de Malaquias, esboça-nos um quadro da vida do povo do seu tempo, vida essa que êle submete a uma crítica austera, servindo-se duma espécie de diálogo.

Um ligeiro exame das idéias contidas no livro de Malaquias, facilitará notavelmente a compreensão da crise que se alastrou no período que, de resto, é assinalado de muitos fatos importantes, do ponto de vista tanto histórico como literário, ou seja, o fim do profetismo bíblico e o fim da literatura profética do Antigo Testamento. No princípio do livro de Malaquias o povo interroga uma coisa que pode ser resumida da maneira seguinte: "Como, em concreto, se manifesta a eficácia do pacto entre Deus e Israel, como se manifesta a obra protetora e caridosa do Senhor?"

Semelhante pergunta — ainda que formulada em termos menos concisos que os que acabamos de empregar — difficilmente será encontrada nos hinos e nas preces bíblicas, inseridas nos livros proféticos e históricos da Bíblia. Semelhante indagação não é necessariamente sinal de irreligiosidade, de falta de fé, pela mesma razão por que nem os diálogos de Jó — que reclama uma arbitragem entre si e Deus para atinar com o motivo de seu sofrimento — são falta de fé, senão, pelo contrário, um vivo desejo de, embora sofrendo, chegar à aceitação livre do veredicto divino.

A pergunta das massas que, no tempo de Malaquias, querem saber em que consiste a eleição do povo de Israel da parte do Senhor, é bem diferente das perguntas postas em outras partes da Bíblia e que, realmente, têm um tom

<sup>1</sup> Não é exato que *todos* são unânimes em aceitar esta data. Alguns colocam Esdras depois de Neemias (T.).

de ironia amarga e sacrílega. Malaquias responde ao povo no teor seguinte: Não é, acaso, desolado e sem futuro o território de Edom, vosso inimigo secular? Aquêles Edom (Esau) a quem o Senhor odeia, ao passo que a vós tem demonstrado tantas provas de amor paterno? Vós tendes um futuro à vossa frente, contanto que torneis a praticar o culto sacrificial com intenção de assim agradar o Senhor. No presente vós desonrais a mesa, o altar do Senhor, ofertando-lhe animais defeituosos que certamente não ousaríeis oferecer a um alto funcionário do govêrno. Os vossos sacerdotes e levitas oferecem animais viciados; assim profanais o pacto dos vossos pais! Porventura não vos divorciais das espôsas israelitas, vossas companheiras da juventude? Porventura não despojais do salário o lavrador modesto? Não jurais falso, não oprimis viúvas e órfãos? Será que vossos crimes pesam menos que os vossos sofrimentos? Caso vos converterdes ao Senhor, será grande o vosso futuro.

“Retornar ao Senhor” é uma locução constante na literatura bíblica e pós-bíblica. O seu significado não é o de um novo arrependimento, senão um ato de vontade em virtude do qual aquêles que se afastou do Senhor interrompe o caminho e volta sôbre seus passos, para escolher outra via, isto é, a via que reconduz ao Senhor.

Esta volta, às vêzes, é formulada assim: “Trazei e pagai os dízimos, para a casa do Senhor não ficar desamparada. Não digais ser coisa vã servir ao Senhor”.

“Culto”, praticamente, não é outra coisa senão cultivação. Culto significa amansar o terreno da alma para torná-lo apto ao cultivo da semente viva da palavra de Deus. “Liturgia” é o que o povo faz em honra do Senhor. A volta ao culto, portanto, é a liturgia posta ao serviço da honra e do amor divinos. Convertei-vos ao Senhor, e cessará o flagelo da sêca, apartar-se-á o espetro da fome, os céus se abrirão, descerá a abundância ilimitada e grande será o vosso bem-estar. Lembrai-vos da Lei de meu servo Moisés.

O motivo predominante no profetismo é a conversão ao Senhor. Como é que se processa a conversão? Observando digna e meticulosamente os preceitos concernentes ao culto

e às obras da justiça social. O culto, bem entendido, em primeiro lugar.

Amós teria pôsto a justiça social em primeiro lugar. O retôrno à observância das Leis do Pentateuco identifica-se com a volta à primavera da história do povo eleito. Malaquias experimenta o estado de abandono, de descuido e negligência em que se acha a prática do culto, expressão eloqüente de uma fé lânguida e agonizante. Daí a necessidade de se voltar à Lei.

Ezequiel vê profeticamente na restauração do Templo e do culto a grande esperança de Israel. Esdras e Neemias são os grandes artífices do retôrno ao estudo, ao conhecimento e à observância da Lei. Quem deve voltar, precisa de um caminho, de uma vida nova, de uma luz nova. Ora, no movimento religioso de que estamos tratando, a Lei responde a tudo isso.

Jeremias insiste no dever da observância do ano sabático, até no meio da vida tempestuosa e trágica de seu povo.

O profeta Sofonias<sup>12</sup> vê no pouco zêlo na obra da reconstrução do Templo, iniciada por Esdras e Neemias, a causa da carestia e de tantas outras desgraças. Ele também se queixa da má observância das leis atinentes à pureza levítica, da persistência de restos do culto do deus fenício Baal. Por isso prediz o dia da ira do Senhor, o dia que passará qual rôlo compressor por sôbre as cabeças de quantos, transviados, praticaram obras de apostasia. A punição virá sôbre todos aquêles que das riquezas fizeram seu ídolo, ao qual sacrificaram o culto do Deus eterno, do Deus verdadeiro. A semelhança de Israel, os demais povos também serão punidos por suas obras. Para Israel existe um só caminho de conversão ao Senhor: o caminho da vida e da luz.

O lugar que Jesus ocupará na história primitiva do cristianismo corresponde à posição da Lei dentro do ensino que por seus grandes foi ministrado a Israel no período que precede a Jesus.

<sup>12</sup> Deve ser Ageu; logo depois é Sofonias (T.).



Chegará o dia em que Jesus dirá: "Eu sou o caminho, a verdade, a vida, a luz: segui-me para que a luz vos alumie" (Jo, 8,12).

## AS VERSÕES DO ANTIGO TESTAMENTO

### As versões gregas

17. - Mesmo um crítico moderado se convence facilmente de que o texto hebraico original sofreu aqui e acolá umas leves alterações, e isso por razões óbvias: às vezes podia ser que a incompreensão dum copista provocasse uma alteração. Ou então, fatores de outra espécie podiam causar ligeiras modificações na forma do texto. Eis por que as antigas versões — sendo as gregas as mais importantes — tornam-se, às vezes, um meio que nos permite reconstruir, ao menos hipoteticamente, o texto original. De interesse particular reveste-se a versão chamada dos Setenta.

Sobre a origem desta versão trata, pelo fim do sec. II, o autor da "Carta de Aristeas". Eis os pontos principais: Ptolomeu II Filadelfo (285-247) recebe do prefeito da biblioteca a sugestão de mandar preparar uma tradução da Lei judaica para enriquecer a biblioteca com esta obra importante. O rei ter-se-ia dirigido a Jerusalém, ao Sumo Sacerdote Eleazar, e este teria enviado setenta e dois homens, doze de cada tribo. Estes teriam levado consigo de Jerusalém um Volume da Lei. Cada um deles teria completado a versão deste texto em setenta e dois dias. Por isso, a versão recebeu, em forma abreviada, o nome de Setenta. Esta história foi recebida pelos Padres da Igreja com a variante que os Setenta teriam traduzido não só o Pentateuco, mas logo todo o Antigo Testamento. O trabalho ter-se-ia processado em absoluta reclusão, cada qual teria trabalhado independentemente do outro, o resultado teria sido o mesmo, fato esse que veio a ser explicado como sinal de inspiração, enaltecendo-se assim a dignidade da tradução tão cara aos estudiosos cristãos.

Tudo isso não passa de uma lenda. Històricamente falando, trata-se da versão do Pentateuco completada pela metade do século III a. C. A lenda parece confirmar que a pátria da versão foi a Alexandria no Egito. A tradução, porém, foi executada sem o aparato teatral preconizado acima. Antes, os judeus helenistas da diáspora não entenderam mais o texto hebraico, derivando daí a necessidade de se ler nas sinagogas da diáspora o Pentateuco em grego. É possível que já antes existissem transcrições do texto hebraico em letras gregas. Não é provável, entretanto, que a versão dos Setenta tenha sido feita na base dum texto transcrito em grego, mas antes sôbre um texto genuíno.

Depois do Pentateuco surgiram, ao que parece, versões sucessivamente dos outros livros do Antigo Testamento por meio de outros tradutores. O neto de Jesus Sirac conhece, em 117 a. C., versões gregas do Pentateuco, dos Profetas e dos demais livros. A existência de vários tradutores pertencentes a épocas diferentes deriva-se também da variedade dos métodos. Assim, p. ex., a versão do Pentateuco é bastante exata, valendo o mesmo de outros livros; a versão de Isaías, dos Salmos e a de Daniel é mais livre.

Os Setenta, portanto, são uma coleção de traduções dos escritos do Antigo Testamento, executadas já não por judeus palestinos, e sim por judeus da diáspora e precisamente pertencentes ao judaísmo helenista.

A tradução do Setenta franqueou ao judaísmo da dispersão o caminho para o trabalho missionário, movimento pouco aceito em épocas posteriores, quando os Setenta se tornaram instrumento de apostolado nas mãos de missionários cristãos. Outra razão pela qual a versão dos Setenta não gozava de muita estima nos meios judaicos era o fato de nem sempre ser literal. Para contornar este último inconveniente devia servir a versão grega de Áquila, um grego convertido ao judaísmo. Desta versão, surgida pelo ano de 130 d. C., conservam-se apenas alguns fragmentos. A tradução de Áquila, por ser mecânica, afasta-se bastante do espírito do idioma grego.

Verifica-se um estilo grego melhor na tradução de Teo-

docião, contemporâneo de Áquila. Trata-se, desta vez, duma correção dos Setenta na base do texto original hebraico. A tradução do livro de Daniel, feita por Teodocião, sob a influência provável de Orígenes, chegou a substituir a vetusta versão dos Setenta.

Em princípios do séc. III surgiu uma terceira tradução grega, a de Símaco, executada e redigida num grego correto. Da tradução de Teodocião e de Símaco conservam-se apenas fragmentos. Havia ainda outras versões gregas das quais pouco sabemos.

Em tôdas estas traduções, particularmente na dos Setenta, percebem-se divergências com o texto hebraico. Coube a Orígenes (185-254 d. C.) compilar uma obra enorme, chamada "Héxapla", ou seja, Séxtupla. Além de conhecer os métodos filológicos, em voga em Alexandria, dispunha também de certos conhecimentos da língua hebraica. Teve à sua disposição a grande biblioteca de Cesaréia da Palestina. Da sua grande obra restaram apenas fragmentos e glosas conservados em alguns manuscritos. A Héxapla fornece em seis colunas paralelas, o texto hebraico em letras hebraicas, o mesmo texto em letras gregas, a tradução de Áquila, de Símaco, dos Setenta e de Teodocião. No texto dos Setenta (5ª coluna) por meio de sinais especiais, evidenciou as divergências vigentes entre os textos grego e hebraico. O desejo de garantir o texto autêntico pelo confronto com várias versões contribuiu para causar certa desconfiança, nem sempre isenta de más intenções.

O texto dos Setenta, corrigido por Orígenes, com efeito, não conseguiu eliminar as outras formas dêste texto. Entre várias recensões, chegou a ter certa importância a de Luciano, presbítero de Antioquia († 311). No Egito surgiu e se divulgou outra recensão dos Setenta, a de Hesíquio.

Para a reconstituição do antigo texto dos Setenta são de grande utilidade os papiros de Chester Beatty, recém-descobertos, datados do século III d. C..

Os manuscritos dos Setenta ora são "Maiúsculos", isto é, exarados em letras gregas maiúsculas, pertencentes aos séculos IV-X, ora "Minúsculos", redigidos em escrita

grega corrente, pertencentes aos séculos IX-XVI. Ao grupo dos Maiúsculos, que contém o Antigo e Novo Testamento, pertence o Códice Vaticano do século IV, guardado na biblioteca Vaticana. Outro códice notável é o Sináítico, pertencente também ao século IV, guardado primeiro em Leningrado e agora no Museu Britânico de Londres. Chama-se Sináítico, porque foi encontrado no Convento de Santa Catarina, ao pé do monte Sinai. Existe ainda o Códice Alexandrino do século V, conservado também êle em Londres.

#### As versões aramaicas

Nos últimos séculos antes de Cristo, o aramaico, desde sua origem remota ligada ao idioma hebraico, tornou-se idioma largamente usado pela massa do povo; daí a necessidade de traduzir, durante as funções públicas, os textos hebraicos para o aramaico. Semelhante tradução, o *targúm*, feita por tradutores oficiais, os *meturgemánin* forçosamente, assumiu caráter de paráfrase, mais ou menos livre. Ao lado destas versões orais e parafraseadas, já em época pré-cristã, apareceram versões aramaicas escritas. Tais traduções surgiram sucessivamente, abarcando tôda a literatura vetero-testamentária, com exceção dos livros de Daniel e Esdras-Neemias.

Entre os *targúms* mais importantes contam-se:

1) O *targúm* do Pentateuco, de Onqelós, um prosélito que, segundo a tradição, teria redigido a sua obra no século II d. C.

2) O *targúm* dos Profetas, obra de Jonatan, filho de Uzziel, editado, como o de Onqelós, na Palestina. Ambas as obras foram retocadas no século V, na Babilônia.

3) Uma segunda tradução completa do Pentateuco recebeu o nome de Targúm Jerushalmi (de Jerusalém) que por um êrro muito divulgado devido à abreviatura T. J. foi designado Targúm Pseudo-Jonatan.

Conhecem-se ainda fragmentos de um *targúm* que se refere a alguns versículos isolados ou partes dêles; êste *targúm* traz o nome de Jerushalmi II.

### Peshittá, versão antiga siríaca

*Peshittá*, em siríaco, significa: simples (tradução). Trata-se duma versão siríaca do Antigo e Novo Testamento, redigida em meados do século II d. C. Sua origem deve-se à iniciativa da Igreja siro-edessiana. A seguir ficou influenciada pela versão dos Setenta. Como em casos congêneres, encontramos ali alguns livros redigidos de maneira livre, em bom siríaco, outros são decalcados sobre o grego. O livro de Jó, por exemplo, depende exclusivamente do texto hebraico, ao passo que os Salmos foram largamente influenciados pelos Setenta. Eis por que, em questões de crítica textual, não se deve atribuir valor demasiado à *Peshittá*.

### As antigas versões latinas

Na Igreja antiga estavam em curso duas versões latinas: uma na África proconsular pelo ano 150 d. C. e outra, num lugar ignorado da Europa Ocidental, pelo fim do século II ou princípio do século III.

As fontes de que se serviram os tradutores para o Antigo Testamento eram os Setenta, uma forma anterior textual à Hécapla de Orígenes. Quanto à língua, esta versão é vulgar; de resto, se atém fielmente ao texto. Na vulgata, versão latina atual e oficial, conservam-se livros inteiros das versões antigas, a saber: Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, I e II dos Macabeus, bem como, na sua substância, os Salmos.

### A Itala

S. Agostinho fala casualmente e, só uma vez, duma versão latina, chamada "Ítala". Agostinho aprecia-a por ser fiel na reprodução do texto e clara na expressão. O termo "Ítala" não é claro. As várias propostas e sugestões não conseguiram vencer as dificuldades. Trata-se, talvez, duma versão difundida na Itália no século IV, que S. Agostinho teria conhecido lá mesmo<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Atualmente, tôdas as versões latinas, exaradas antes de S. Jerônimo, receberam a denominação coletiva de "Vetus Latina" (T.).

### A Vulgata

É a tradução latina da Bíblia, em uso na Igreja latina e que, em grande parte, é obra de S. Jerônimo. O trabalho de S. Jerônimo em torno do texto bíblico, inaugurado em 383 (Roma) e terminado em 405/6 (Belém), abrange duas partes: revisão e tradução. Em Roma, por ordem do papa Dâmaso, S. Jerônimo corrigiu os quatro Evangelhos na base de bons códices gregos. As suas correções recaíram nos pontos onde o texto latino alterava o sentido. Menos esmerada é a revisão dos restantes livros do Novo Testamento. Em 384, trabalhando ainda no Novo Testamento, S. Jerônimo reviu também o Saltério baseado no texto dos Setenta, e precisamente no códice da Héxapla. Tratar-se-ia do "Saltério Romano".

Entre os anos 386 a 390, já em Belém, ele emendou segundo o texto hexaplar de Orígenes, todos os livros proto-canônicos do Antigo Testamento, que constam na *Vetus Latina*.

Dêste trabalho chegaram até nós só o assim chamado Saltério Galicano, o livro de Jó e alguns fragmentos de outros livros.

Com a primeira tradução da Bíblia do hebraico para o latim, S. Jerônimo teve em mira fins apologéticos, isto é, de colocar nas mãos dos cristãos um texto seguro e fiel ao original que servisse nas controvérsias com os judeus. Traduziu, antes de tudo, os livros contidos na Bíblia hebraica, e além disso, a pedido de amigos, Tobias e Judite: o primeiro no espaço de um dia, o segundo durante uma noite. Na seqüência dos livros a traduzir, S. Jerônimo deu a precedência àqueles que lhe foram solicitados. Neste labor ele empregou 15 anos (390-405/6). A versão de S. Jerônimo distingue-se pela fidelidade e por certa elegância de forma. Recorreu ele tanto às versões gregas, como aos conselhos de rabinos eruditos.

Vencidos os obstáculos iniciais, a obra divulgou-se rapidamente, como o indica o seu nome "Vulgata"<sup>14</sup>. Infeliz-

<sup>14</sup> Vulgata = a Divulgada. Para todo este trecho ver também: N. T. cap. 8, onde Zolli repete muitas coisas (T.).

mente, os copistas permitiram-se muitas liberdades. Eis por que, em virtude das decisões do Concílio Tridentino, em 1590 por ordem do papa Sisto V, foi publicada uma nova edição, chamada "Sistina". O papa Clemente VIII retirou-a da circulação substituindo-a por outra edição, a "Clementina", que é considerada a Bíblia autêntica da Igreja Católica<sup>15</sup>.

A tarefa de uma edição crítica da Vulgata foi confiada ao Instituto de Jerônimo em Roma.

## OS LIVROS DO ANTIGO TESTAMENTO

### 1 - O PENTATEUCO

18. - Os cinco livros de Moisés constituem a parte mais importante do cânon bíblico hebraico. Israel atribuía um valor imenso às leis e aos preceitos dados pelo Senhor a Moisés, e por isso o Pentateuco, embora contenha muitos elementos estranhos, foi sempre denominado o "Livro da Lei" (= Doutrina), "a Lei de Moisés", "o livro de Moisés", e assim por diante.

O nome "Pentateuco" já era conhecido na época dos Setenta, sendo que já naquele tempo a Tora estava dividida em cinco livros.

a) O *Gênesis*, o livro primeiro, nos capítulos 1-11 versa sobre a história primordial. Nos capítulos 12-50 sobre a história dos Patriarcas; Abraão (12-25), Isaac (25-26), Jacó (25-36), José (37-50).

b) *Êxodo* — Capítulo 1-19: opressão de Israel e êxodo do Egito até o monte Sinai. 20-24: O Decálogo, o Livro da Aliança e a celebração da mesma. 25-31: As leis concernentes ao Tabernáculo e o sacerdócio dos filhos de Arão.

<sup>15</sup> A Vulgata é o texto oficial da Igreja católica latina e só nos casos em que, oficialmente, se usa um texto latino da Bíblia. Já se pensa seriamente na edição duma nova versão latina da Bíblia inteira; certo começo foi feito com a tradução do Salterio (T.).

32-34: Rompimento do pacto e nova legislação. 35-40: Execução das leis do Tabernáculo.

c) *Levítico* — Capítulo 1-7: Ritos sacrificais. 8-10: Consagração dos Sacerdotes; primeiros sacrifícios. 11-15: Lei da pureza levítica. 16: O Dia da Expição. 17-26: Código da Santidade. 27: Votos e dízimos.

d) *Números*: Capítulo 1-9: Estatísticas e leis. 10-20: Viagem do Sinai a Cadesh. 20-36: Itinerário até Moab.

e) *Deuteronômio* — Capítulo 1-4: Primeiro discurso de Moisés; evocação do período do deserto. 5-11: Segundo discurso; introdução parenética. 12-26: Estatutos, direitos e leis. 27-30: Maldição e bênçãos. 31-34: Parte final; Moisés passa o governo a Josué; Cântico de Moisés; bênçãos de Moisés; Morte de Moisés.

Gênesis e Deuteronômio possuem características particulares. Várias vezes, as partes narrativas do Pentateuco são interrompidas por textos legais e vários preceitos.

Livro nenhum da literatura mundial atingiu maior importância e exerceu influência mais profunda que o Pentateuco.

### A CRÍTICA TEXTUAL DO PENTATEUCO

19. - Um grande erudito, J. H. Weiss, chamou a atenção para a existência de práticas religiosas tradicionais de caráter popular, que o Pentateuco, na sua parte legal, pressupõe como já existente, de sorte que teríamos uma tradição de vida e prática religiosa anterior ao Pentateuco. Estas leis populares permanecendo por longo tempo flutuantes e sem formulação determinada, deixaram vestígios na redação do Pentateuco. Não é preciso dizer que no afã de discernir os diversos fios de água que confluem para formar o rio que hoje vemos, existem suposições e pontos de vista dos mais variados — *tot capita tot sententiae*. Já o próprio trabalho de seleção reveste-se de caráter hipotético e as diferentes hipóteses,



forçosamente, acabam por entrecrocarse uma contra a outra, por suceder-se, influenciar-se e transformar-se mutuamente. Tôda esta evolução, todo êste processo histórico é objeto da história crítica do Pentateuco. Essa história, assaz intrincada, é de sumo interêsse para quantos se dedicam a estudá-la profundamente e a criticá-la. É, contudo, necessariamente nebulosa para o leitor que pretende ter uma idéia da Bíblia sem se familiarizar com estas teorias tão contraditórias entre si. Eis por que nos poupamos o incômodo de expor tudo isso no presente opúsculo. Nem nos parece prejudicial à obra, visto que a história da crítica textual vem sendo tratada em qualquer introdução ao Antigo Testamento.

Sirva de exemplo a distinção de fontes na base da veracidade da aplicação do nome divino. Fala-se de documentos elohísticos, isto é, de trechos do Pentateuco e do Saltério em que se emprega sempre o nome divino *Elohim*, ao lado de outros textos em que ocorre o nome divino: J H W H. Há outros textos em que ambos os nomes figuram reunidos. Ora, êste fenômeno fêz surgir a teoria das fontes, segundo a qual, em coleções de maior extensão teriam sido inseridos textos mais antigos ou mais recentes que justamente traziam ora um, ora outro nome divino, ou também a combinação de ambos. O fato, por certo, não deve ser negligenciado. Note-se, porém, que o nome divino *Elohim* ocorre amiúde lá onde se fala de Deus relacionado com a natureza, enquanto que o nome de JHWH foi pôsto para indicar o Deus nacional dos hebreus, ou também o Deus universal. É por êsse motivo que o Pentateuco começa: "No princípio *Elohim* (Deus) criou o céu e a terra". Pois bem, se quiséssemos fazer a experiência e pôr JHWH em lugar de *Elohim*, o leitor (judaico, N. do T.) se revoltaria profundamente, visto que o Deus Criador traz à mente o nome divino *Elohim* e não o do tetragrâmaton. Em nome da verdade, todavia, é preciso reconhecer que a razão invocada do Deus relacionado com a Criação nem sempre justifica a presença do nome divino *Elohim* num texto determinado. Em colóquios entre judeus e pagãos, por exemplo, na bôca dos pagãos é pôsto o nome divino *Elohim*, ao passo que as personagens judaicas usam

a denominação do tetragrâmaton, ou seja, as quatro consoantes que compõem a palavra *Javé* (JaHWeH). Assim no livro do profeta Jonas.

Atingiram dimensões enormes os trabalhos da crítica textual. Acontece que hipóteses, mais ou menos acertadas, são tomadas como reais, dando lugar a deduções de novas hipóteses. Tudo isso nos causa a impressão de que não se chegou ainda a uma clareza suficiente, que se trata de matéria em efervescência, em estado de evolução. Com outras palavras, os resultados elaborados até o momento presente não nos dão a sensação de segurança. É inegável que dentro do Pentateuco e fora dêle existem compilações de textos de origem diversa, como características mais ou menos bem marcadas, mais ou menos bem definidas. Eis por que, num livro como êste, destinado a esboçar o quadro geral da Bíblia hebraica, seria desvantajoso querer desenvolver largamente o surgir e o crescer de teorias da crítica textual que, por sua vez, vêm a ser corrigidas ou suplantadas por outras teorias.

Constitui um problema à parte, o Deuteronomio. É certo que neste livro se acha um libelo de vida religiosa e de conceitos religiosos e morais muitas vezes superiores aos conceitos do mesmo gênero indicados ou tratados nos primeiros quatro livros do Pentateuco. É verdade, tanto assim, que se pretendeu definir o Deuteronomio como "Evangelho" do Pentateuco. Muitos entendidos, inclusive católicos, reconhecem no Deuteronomio a influência da pregação profética. Apresenta-se então a questão: O Deuteronomio é ou não é de Moisés? A solução, recentemente proposta por insigne autor católico, consiste em considerar o Deuteronomio como um eco longínquo dos ensinamentos do próprio Moisés com largas contribuições proféticas. Em substância, portanto, também o Deuteronomio seria a doutrina de Moisés, transmitida oralmente, através dum certo período, recebendo, depois, no ato da redação, vestígios de ensinamentos proféticos.

## O LIVRO DE JOSUÉ

**20.** - O livro de Josué traz o nome do herói principal do mesmo. O autor, segundo a tradição talmúdica (Baba Batra 14 B), seria o próprio Josué.

No tocante ao conteúdo, prossegue a narração do Pentateuco. Descreve-se nêle a tomada de posse das províncias situadas a oeste do Jordão, no período que vai da morte de Moisés até Josué. No capítulo 5,10-11 fala-se da Páscoa. A seguir trata da conquista de toda a terra de Canaã pelos israelitas, sob a chefia de Josué, resultando na divisão do país. O capítulo 23 traz o discurso de despedida de Josué. Pelo fim do capítulo 24 narra-se a morte de Josué.

A idéia básica do livro é a prova da fidelidade com que Deus cumpre as suas promessas (cfr. 1,2-9 e 21, 43).

## O LIVRO DOS JUÍZES

**21.** - Versa sobre a história de Israel, desde a morte de Josué até os prenúncios da monarquia. Os juizes são chefes militares carismáticos. Podem ser definidos como salvadores de Israel, assaltado e oprimido por povos vizinhos. O conceito dominante é que a sorte de Israel depende de sua conduta para com o Senhor e sua Lei. A volta a Deus determina o melhoramento da situação política. Contém o livro a história de seis grandes juizes. Destacam-se os capítulos que falam de Débora que, por sua vez, encoraja o capitão Barac a encabeçar a campanha militar contra o cananeu Sísera. A mulher quenita Jael mata Sísera. Os capítulos 4 e 5 conservam o cântico de vitória, entoado por Débora.

De grande interesse literário reveste-se a luta de Sansão contra os filisteus. Estas lutas constituem a transição para a história do velho sacerdote Heli e de seus filhos, para finalmente nos apresentar o menino Samuel que, dentro do

Santuário, é chamado pelo próprio Senhor a anunciar ao profeta Heli os trágicos eventos a sobrevir.

Parece que o período dos Juizes durou cêrca de 350 anos. Esta indicação, porém, não é de todo segura <sup>6</sup>.

Tanto a tradição hebraica, como a da Igreja <sup>7</sup>, tomam Samuel como autor do livro.

O voto do juiz Jefté (cap. 11), segundo alguns autores, encerra um verdadeiro sacrificio humano.

## R U T E

22. - É a história duma familia no tempo dos juizes. Numa época de fome, um tal Elimeleque, em companhia de sua espôsa Noemi e seus dois filhos, dirige-se ao território de Moab. Ali os dois filhos casam-se com duas moabitas. Morrem os três homens. Deixadas viúvas, uma das jovens contrai novas núpcias, a outra sente-se incapaz de permitir que a mãe de seu marido, velha e alquebrada, volte sòzinha para seu país nativo. Moviada por profunda piedade, ela pede a Noemi que não a considere mais moabita, já que ela própria de ora em diante se considera filha de Israel, pronta a adorar o Deus de Israel. Ambas dirigem-se para Belém. Ali um rico parente casa-se com Rute que, por sua vez, torna-se ancestral de Davi.

Quer o livro fornecer uma contribuição à genealogia de Davi ou será que nos quer mostrar o ideal de um amor bem elevado? Provavelmente o autor teve em mira fundir ambas as idéias numa só narração. Ignora-se o autor. Os rabinos antigos atribuem o livrinho a Samuel.

<sup>6</sup> O período dos Juizes durou, no máximo, 200 anos (T.).

<sup>7</sup> Os exegetas católicos modernos adotam opiniões bem diferentes da *tradição* invocada pelo ilustre autor. — Esta observação vale para todos os casos onde Zolli aborda a questão de autores, datas e gêneros literários de livros bíblicos (T.).

## OS LIVROS DE SAMUEL E DOS REIS

**23.** - O texto massorético destes livros sofreu muito, e em muitos casos afasta-se dos Setenta. A denominação "Livros de Samuel" explica-se pelo fato que no começo da narração Samuel figura como personagem principal. É ele quem unge os reis: primeiro Saul e depois Davi.

O livro estende-se sobre o período que vai do nascimento de Samuel até a parte da morte de Davi, ou seja, de 1075 a 975 a. C. aproximadamente.

O acontecimento central é a instituição da monarquia em Israel.

O conteúdo do livro: Heli e seus dois filhos, com sua conduta, profanam o Santuário. A história de Saul. História de Davi: seu reinado, seu pecado e a punição. O Senhor não quer que o rei Davi, o guerreiro manchado de sangue, construa o seu Templo. Tal tarefa ficará reservada a seu filho, o rei Salomão.

O período histórico, coberto pelos livros de Samuel, abrange cerca de 100 a 120 anos. A composição do livro remonta a uma época entre 850 a 750 a. C. Na tradição judaica, o autor do livro é Samuel.

Os livros dos Reis são independentes dos de Samuel. A versão dos Setenta presta serviços à reconstituição do texto, avariado aqui e acolá. Os livros de Davi e da entronização de Salomão até 561 a. C. Neste período encerra-se a atividade dos profetas taumaturgos Elias e Eliseu, as atas do rei Davi e dos seus sucessores até o exílio babilônico.

A idéia mestra é, também aqui, que afastar-se de Deus e desobedecer à palavra dos profetas repercute dolorosamente sobre os eventos políticos.

Nota-se que nos livros dos Reis não se faz menção do profeta Jeremias. Fato que, segundo alguns, explica que os livros dos Reis foram escritos numa época não distante, e talvez vizinha, da catástrofe nacional prevista e predita pelo profeta Jeremias.

## AS CRÔNICAS

24. - Já o título indica que se trata, também desta vez, de um livro de conteúdo histórico. O fato de este livro ocupar, dentro do cânon do Antigo Testamento, o último lugar, e não estar ao lado dos Reis, alude à sua redação tardia. Pelo conteúdo, os livros das Crônicas vão de Adão até o edito de liberação do rei Ciro (538 a. C.).

I Crônicas 1-9 contém registros genealógicos. No livro encontram-se, além disso, documentos e decretos. A narração restringe-se ao reino meridional e à dinastia de Davi. Focaliza também a unificação e a centralização do culto em Jerusalém. A tendência geral do autor é escrever antes uma história religiosa que política do reino de Judá. Na redação recorreu certamente a escritos fundamentais já existentes. Amiúde mencionam-se vários profetas. A obra foi editada após o exílio babilônico.

Pela tendência geral, as Crônicas distinguem-se notavelmente dos livros dos Reis. Nas Crônicas percebe-se já uma certa distância entre o autor e os fatos descritos, à diferença dos livros dos Reis onde o interesse é mais vivo.

## ESDRAS E NEEMIAS

25. - Inicialmente eram dois livros separados. É aos Setenta que se deve a divisão. O texto dos Livros é defeituoso. A despeito das divergências existentes entre Esdras-Neemias e as Crônicas, não é impossível que antigamente tenha havido um nexos mais acentuado entre estes livros.

Esdras fala do regresso duma parte dos judeus e do propósito da reconstrução do Templo; do decreto benévolo de Ciro em 538 a. C.; dos personagens principais da vida bíblica de então; das dificuldades da reconstrução. Estamos em frente a uma população repatriada que, por mais debilitada

que seja, pretende restaurar o Templo e o culto. Estamos no tempo do rei Artaxerxes<sup>18</sup>. A obra da reconstrução é impedida por vários fatores. Tanto mais viva e intensa é a reforma religiosa realizada por Esdras e Neemias. As forças ocultas que animam o movimento da reconstrução são mais de caráter religioso que nacional. A posição dos personagens em particular varia de acôrdo com os textos: não é, portanto, impossível tratar-se, em Esdras e Neemias, duma obra de compilação.

Ignoramos o autor. Quanto à época, chegamos ao ano 300 a. C. Os escritos dos profetas Ageu, Zacarias e Malaquias confirmam o caráter canônico de Esdras e Neemias.

## T O B I A S

**26.** - Conta-nos êste livro as peripécias de Tobias, pai e filho. Ambos aturam provações para, depois, receberem a mais abundante bênção do Senhor.

Perdeu-se o texto original hebraico ou aramaico. O livro é conservado numa versão grega que remonta a um original semítico<sup>19</sup>. O texto aramaico, descoberto em 1878, não representa o original, mas uma tradução do grego. Outros textos hebraicos pertencem a épocas posteriores.

A tendência do livro lembra Judite e Ester, isto é: a providência divina revela-se através da história duma família.

Será Tobias uma obra histórica ou didática? As respostas variam de autor para autor. Trata-se, segundo alguns, duma reedição de qualquer antiga tradição, pertencente ao período do exílio com o fim de dramatizar e concretizar, de certa maneira, os atos da providência divina.

É impossível determinar a época da composição e definir a pessoa do autor.

<sup>18</sup> Zolli pensa em Artaxerxes I (465-424). Os autores modernos contam com a possibilidade de se tratar de um dos dois seguintes: Artaxerxes II (404-359) ou Artaxerxes III (359-337); daí as divergências e obscuridades na cronologia destes livros (T.).

<sup>19</sup> S. Jerônimo serviu-se dum texto aramaico (T.).

## J U D I T E

27. - O livro de Judite fala da libertação da cidade de Betúlia por um ato corajoso duma mulher temente a Deus. Ela frustra os propósitos dos assírios de atacar a cidade. Descreve-se os transe da invasão. Holofernes, general do exército de Nabucodonosor, chega à fronteira setentrional da Palestina, ameaçando seriamente Jerusalém e o Templo. Eliaquim, o sumo sacerdote, prepara a defesa. Certo príncipe amonita declara a Holofernes que Israel seria invencível desde que permanecesse fiel a seu Deus. Este mesmo príncipe recebe asilo na fortaleza de Betúlia. Realiza-se o assédio. A menos que no prazo de cinco dias viesse auxílio de qualquer parte, o comandante estava resolvido a entregar a praça forte.

A segunda parte do livro evoca a atuação heróica da viúva Judite. Ela encoraja a população e, ricamente enfeitada, dirige-se ao acampamento dos assírios. Quatro dias depois de sua chegada, tem lugar um banquete. Judite mata Holofernes e, com a cabeça do inimigo decepada, volta a Betúlia. Os assediados arriscam-se a uma saída. Debanda o exército assírio, perseguido até os confins setentrionais. Judite entoia um cântico de louvor ao Senhor e com uma festa especial celebra-se a vitória.

Não nos chegou o texto original do livro que podia ser hebraico ou aramaico. Dispomos apenas do texto grego dos Setenta e da versão de S. Jerônimo do aramaico, mais breve que o texto grego.

Difícil é o problema histórico. Trata-se de um fato histórico, ou apenas um poema religioso que, por meio dum fato fictício, exalta a fé em Deus? No caso de se tratar dum fato histórico, pertence êste ao período anterior ou posterior ao exílio? Segundo os Padres da Igreja trata-se dum fato histórico de valor histórico, partilhando esta opinião um ou outro autor católico. Pouca aceitação receberam as tentativas duma interpretação alegórica.



São consideráveis os argumentos contra a historicidade. Desconhece-se totalmente um rei assírio de nome Nabucodonosor. Tratar-se-ia de outro rei assírio? Mas qual? Os fatos históricos que possam ser evocados são tão numerosos que nos falta o critério da escolha e da identificação. Com isso a "datação" histórica torna-se difícil, para não dizer impossível. Estamos em 600 ou 500 a. C.? Autor e época permanecem incógnitos. Flávio José, com efeito, não menciona os acontecimentos narrados no livro de Judite. Entre os judeus, até o século I d. C., a narração de Judite gozava de grande prestígio, para depois cair em esquecimento.

## ESTER

28. - Desta vez a heroína do canto é uma donzela que salva Israel da destruição. O livrinho quer explicar as origens da festa das Sortes, *Purim*, que cai nos dias 14 e 15 do mês de Adar (fevereiro/março).

O conteúdo: Um banquete organizado pelo rei Assuero no terceiro ano de seu reinado. A rainha Vasti, por falta de respeito ao rei, é rejeitada. Seu lugar é ocupado por Ester, donzela judaica, sobrinha do justo Mardoqueu. Ester oculta sua nacionalidade. Enquanto isso, Mardoqueu descobre uma conjuração de palacianos que põe em perigo o rei. O grão-vizir do reino, Amã, aspira honras religiosas e genuflexões. Mardoqueu não se lhe submete. Eis a causa do plano de Amã para eliminar todos os judeus. Apellando Mardoqueu para os préstimos da sobrinha, esta dirige-se à presença do monarca, convidando-o e ao grão-vizir, a uma refeição. Passando a noite insone o rei manda que lhe leiam os anais da côrte. Fica sabendo que Mardoqueu lhe salvara a vida sem ter recebido recompensa alguma. Durante a refeição a rainha Ester intercede a favor dos judeus, denunciando Amã com seus cruéis projetos. É nesta ocasião que Ester revela a sua nacionalidade. Revoga-se o decreto de

eliminação dos judeus na Pérsia, embora Amã já possuísse o consentimento do soberano. Mardoqueu recebe grandes honrarias. Amã e os seus são condenados à fôrça<sup>29</sup>.

O texto hebraico é mais reduzido que o texto grego. Faltam naqueles documentos históricos genuínos ou pelo menos aparentemente verdadeiros. O texto grego tem um cunho mais religioso.

S. Jerônimo traduzindo o livro do texto hebraico, acrescentou no fim as passagens que só se acham no texto grego, ou seja, os capítulos considerados deutero-canônicos. Flávio José e Orígenes conheceram êstes acréscimos. Até hoje não foi esclarecido se os originais dêsses documentos eram hebraicos ou gregos.

Um exame mais profundo nos faz pensar que se trata de algo mais que dum conto destinado a justificar a Festa dos Purim; mas qual é, precisamente, essa coisa? Pode-se afirmar, no entanto, que a maior parte dos autores católicos admitem a historicidade do livro.

O autor do livro, conhecendo a fundo os costumes persas, não faz a mínima menção nem da Palestina, nem de Jerusalém, nem do Templo.

Não é impossível que o livro tenha sido composto pelo ano de 50 a. C. O autor seria um judeu, radicado na Pérsia. Assuero seria o rei Xerxes (486-465 a. C.).

Até o século I d. C. os judeus consideravam o livro de Ester como canônico; mas o Sínodo de Jâmnia, cêrca de 100 d. C., pôs em dúvida a sua canonicidade, visto tratar-se dum livro escrito fora da Palestina. A Igreja reconhece Ester como livro canônico.

## OS LIVROS DOS MACABEUS

**29.** - Nos manuscritos gregos da Bíblia, quatro livros são intitulados de "macabeus". Dêles, só dois têm caráter rigoro-

<sup>29</sup> Pelo teor do livro de Ester (7,10) só Amã (ou melhor: Hamã) foi executado (T.).

samente histórico, ao passo que o terceiro possui traços lendários e o quarto, cunho filosófico. A Igreja considera os dois primeiros como livros canônicos.

É duvidoso se o termo "macabeu" provém do hebraico *maqgab* = martelo.

Os livros dos Macabeus contam o drama dos judeus palestinos desde o início do governo de Antíoco IV Epifanes (175) até a morte do Sumo Pontífice Simão (135). Fala-se das lutas do povo judaico em defesa de sua liberdade religiosa e da transição da dignidade do Sumo Sacerdote da família de Matatias, pai dos heróicos defensores, à família dos asmoneus.

O primeiro livro (175-135) descreve a situação política do Oriente, conseqüência das conquistas de Alexandre Magno. Desde 198 a Palestina acha-se sob os selêucidas. Antíoco Epifanes (176-164) deseja helenizar Jerusalém e o povo judeu. Contra estas tentativas se levantam o sacerdote Matatias e seus cinco filhos. Judas Macabeu derrota os generais do rei Antíoco. O Templo é restaurado aos 25 do mês de Cisleo do ano de 165. Um judeu, Alcimo, líder do partido helenista, obtém do rei Demétrio I Soter a dignidade de Sumo Sacerdote, mas Nicanor, general de Demétrio, é derrotado por Judas Macabeu. Os Macabeus celebram um contrato com Roma. Em 161, Judas Macabeu morre numa batalha contra os sírios. Seu irmão Jônatas faz as pazes. Demétrio II Nicanor (145-138) concede numerosas honrarias a Jônatas. Este, porém, comete o gravíssimo erro de se intrometer nas lutas dinásticas. Jerusalém é assediada novamente. Renova-se a aliança com os romanos, mas pouco depois (145) Jônatas cai prisioneiro e morre assassinado.

Simão pela terceira vez renova a aliança com os romanos, enquanto o rei Demétrio concede aos judeus plena liberdade religiosa e política (141). Simão torna-se Sumo Sacerdote, general dos exércitos e príncipe. Tais dignidades tornam-se hereditárias. Antíoco VII Sidetes, embora confirmando as liberdades concedidas aos judeus, exige a devolução das cidades de Jafa e Gádara. Simão é assassinado

por seu genro sucedendo-lhe João Hircano como Sumo Sacerdote e príncipe (135).

O segundo livro dos Macabeus (176-161) narra eventos históricos antecedentes aos narrados no primeiro livro dos Macabeus e termina com a vitória de Judas sobre Nicanor (161).

No começo do livro dos Macabeus transcrevem-se duas missivas da comunidade judaica de Jerusalém endereçadas à do Egito. Os judeus egípcios são convidados a se associarem à Solenidade da Dedicção do Templo e da Renovação do Fogo Sagrado.

O primeiro livro oferece uma descrição sóbria e objetiva dos fatos na base de fontes escritas, documentos e tradições orais. Não se reveste de caráter propriamente religioso, nem ocorre nêle o nome divino (IHWI = Senhor).

No segundo livro prevalece o momento religioso-didático. O estilo é retórico, realça-se o subjetivismo do autor, não faltam alusões a fatos prodigiosos, depara-se repetidas vezes com o nome divino.

Ambos os livros supõem a era dos selêucidas.

O original do primeiro livro era hebraico. Perdido o texto original foi substituído pela versão grega dos Setenta. O autor, desconhecido, era de origem palestinese. O segundo livro foi composto em grego. Atribuiu-se maior valor histórico ao primeiro que ao segundo.

Flávio José serviu-se de I Macabeus 1-13,2, mas jamais se referiu ao segundo livro que, no entanto, é mencionado por Filão e na Carta aos Hebreus (11,35).

Tanto a antiga versão latina como muitas outras referências, encontradas nos Padres da Igreja, garantem o caráter canônico de ambos os livros dos Macabeus.

Do ponto de vista dogmático note-se que II Macabeus alude à fé na ressurreição (7,9 e 11; 12,43; 14,46) e à intercessão dos Santos (15,12-16)<sup>21</sup>.

<sup>21</sup> Acrescentamos a oração pelos defuntos: 12,43-46, base da doutrina sobre o Purgatório (T.).

## A POESIA VETERO-TESTAMENTÁRIA

**30.** - O povo judaico, como todos os povos, teve sua poesia profana, a saber, poesia épica, canções que acompanhavam os banquetes etc. Mas, dêste gênero de poesia não se fala na Bíblia, senão ocasionalmente.

A poesia do Antigo Testamento conhece canções, cânticos de ação de graças, preces, lamentações e cantos líricos e poemas didáticos. Este último gênero abrange provérbios, comparações e parábolas. O livro de Jó contém qualquer coisa de profundamente dramático, embora se trate, antes de tudo, dum drama interior.

O estilo da poesia bíblica é caracterizado pelo paralelismo das partes integrantes do verso. O segundo hemistíquio, às vêzes, é uma paráfrase, uma ampliação ou uma explanação do primeiro. Daí falamos ora em paralelismo, ora em antítese. Amiúde deparamos com o acróstico alfabético, isto é, poemas em que cada versículo começa com a letra seguinte do alfabeto. No Salmo 118 (119) cada letra constitui oito versículos sucessivos. Não se trata, neste caso, necessariamente dum artifício: é arte genuína e produto de talento espontâneo. Discute-se ainda a questão das sílabas breves e longas, tônicas e átonas, em suma, da métrica e do ritmo na poesia bíblica.

## OS SALMOS

**31.** - São 150 cânticos religiosos. Em hebraico a coleção é intitulada "Livro dos Louvores" ou simplesmente "Louvores" (*tehilim*).

O próprio Saltério, através de seus títulos, estabelece uma espécie de tipologia destes cânticos. Uns são composições de caráter de hino, outros são preces, outros didáticos. Há um cântico em que o homem invoca Deus "das profundezas",

(*De profundis*); o homem sentindo-se imerso na profundidade de sua perdição, ainda tem fé no perdão divino, e é este perdão que lhe desperta na mente o temor de Deus. Se o Senhor não perdoasse, o homem aceitaria a punição, porque, passado o momento do castigo, êle se sentiria novamente digno de se acercar do trono de Deus. Entretanto, como é difícil ao pecador a quem Deus perdoou, suportar o peso de tamanha generosidade, de tamanha grandeza, de tamanha majestade de amor! E assim o homem teme a Deus que perdoa, pois êsse perdão lhe desperta os sentidos que percebem a infinita grandeza de Deus em oposição à própria pequenez. O pecador que invoca o perdão divino espera em Deus. Sua alma está voltada para Deus com ânsia maior que a dos guardas noturnos que anseiam pela aurora. Finalmente o poeta encoraja todos a esperarem no Senhor, porque o Senhor é a caridade e êle redimirá Israel de tôdas as suas culpas. O homem, escravo do pecado, pode elevar-se à mais alta liberdade graças à caridade divina, porque, não há homem mais livre do que aquêle a quem o Senhor libertou do peso de seu pecado.

Salmos há que nos fazem apalpar com a mão a nostalgia de Deus, a sede de Deus, apanágio de tantos devotos. "Como o veado sequioso das torrentes de água, assim a minha alma tem sede de Deus". "Quando virei a contemplar a face de Deus?"

O poeta arde de sede de Deus, e é só Deus, fonte de tôda grandeza e caridade, que poderia satisfazer a esta sede.

Sofre o poeta quando os que ignoram Deus lhe indagam: Onde está teu Deus?

Como em nenhuma outra obra da literatura mundial, encontram-se nos salmos expressões tão delicadas, tão profundas, e ao mesmo tempo, tão vigorosas para manifestar a sede de Deus.

Um salmista diz submissamente: "A minha alma, qual terra árida, volta-se para ti". Em certas épocas do ano a terra requeimada exala um odor todo particular, notório aos poetas e a quantos sentem as "lágrimas das coisas". O salmista sente a sua alma semelhante a uma destas terras

abrasadas que trescalam, como se gemessem, um perfume singular almejando as chuvas. Assim o poeta do fundo da alma exausta invoca a graça de Deus.

Dada a sua índole, o saltério era destinado a tornar-se o livro de orações e documentos da vida de todos os homens de todos os tempos. São numerosos os cânticos que refletem o estado espiritual de homens individuais em circunstâncias determinadas. É de maior importância compreender estes dados psicológicos do que querer determinar o período exato da composição deste e daquele salmo. Muitos destes salmos, entretanto, nasceram sob a influência do sopro quente da vida. Assim, por exemplo, temos uma série de salmos que constituem um problema para aquele que os recita e também para qualquer leitor desprevenido de hoje. Que pensar duma composição de caráter religioso em que se invoca a vingança divina sobre certos inimigos pessoais, em que se deseja que a esposa do inimigo fique viúva e órfãos os seus filhos?

Surge, espontaneamente, a pergunta: Esta será a oração dum justo? De que maneira descobrir aqui a lei do perdão, a lei do amor para com o inimigo e o opressor? A resposta é encontrada nas condições daqueles tempos. O latifúndio é uma chaga perniciosa que se verifica já no mundo antigo. Até a parábola evangélica dos maus viticultores que matam os emissários do patrão e o próprio filho, hoje é explicada, por eminentes exegetas ingleses, recorrendo às condições sociais de outrora e particularmente em certas províncias da Palestina: a chaga do latifúndio.

Já os grandes profetas disseram: "Ai daqueles que açambarcam casas e lavouras; será que pretendeis habitar só vós em todo o país?" Um modesto empréstimo concedido pelo rico ao pobre vizinho, num ano de carestia, muitas vezes, era o prelúdio da completa liquidação do pobre, liquidação a mais cruel e completa, porquanto significava o seqüestro da casa, da lavoura e às vezes, até da venda dos filhos. E, quem cometia tais crimes, era aquele que, ao menos formalmente, acreditava no Deus de Israel! Eis, portanto, dois filhos

do mesmo Pai Celeste, empenhados numa luta desigual, que acaba com a destruição do mais fraco.

Mas como se podia chegar a tanto? Pelo Antigo Testamento Deus, antes de tudo e sobretudo, é um juiz justo. Como é que se patenteia a justiça do juiz supremo? A fé profunda na justiça punitiva de Deus (no Novo Testamento realça-se mais o caráter caritativo da justiça divina, ao passo que no momento, estamos no âmbito da justiça punitiva) mescla-se com a imensa dor que prorrompe do coração do homem inocente reduzido a tamanha desgraça.

Os vinhateiros da parábola supramencionada sabem que o proprietário passa uma vida folgada longe do país e que se lembra dos seus pobres arrendatários só para exigir, e jamais para ajudar. E tudo isso poderá ser considerado como expressão da vontade divina? A fé, na Palestina, se faz acompanhar dum senso de segurança. Falava-se com Deus de igual para igual; queixam-se com ele como um filho maltratado se queixa com o próprio pai ou com a própria mãe. Invoca-se, portanto, com palavras incandescentes, a intervenção vingadora de Deus para restaurar o equilíbrio social desajustado, a justiça social triturada. Partindo deste ponto de vista, começa-se a compreender o estado de alma do salmista, ainda que não nos queiramos associar à sua prece. O tamanho da fé mistura-se com o ímpeto incoercível do despeito, com a invocação violenta da justiça divina, a única capaz de conter os vagalhões da injustiça. A mentalidade do poeta nos salmos imprecatórios relembra a do profeta que se insurge contra a injustiça, com a diferença, porém, que o profeta se dirige ao povo, o salmista a Deus.

Não se esqueça, outrossim, a vivacidade das expressões, próprias dos orientais. As palavras, não raras vêzes, ultrapassam as intenções e um desfôgo de palavras e prantos na presença de Deus trazem paz à alma, abrandam a tempestade e acendem um raio de luz e de esperança na bondade divina. É preciso avisar a Deus o que está acontecendo, e como fazê-lo melhor que por meio duma prece em que se diz tudo a Deus?

Certos Salmos encerram todo um drama interior. Por



exemplo o Salmo *Miserere* (50/51). Davi é tipicamente o soberano oriental impetuoso. Grande nos seus arroubos de piedade, grande nas demonstrações de afeto para com seus camaradas de armas, dos quais aprecia todo sacrifício e toda coragem; mas é igualmente grande nos defeitos que caracterizam o soberano oriental, que considera os concidadãos e os governadores como outros tantos "súditos". Se, pois, a formosa Betsabéia achou graça aos olhos do soberano, é preciso eliminar o marido, um oficial tão ufano quanto justo. As ações do monarca, todavia, são vigiadas atentamente pelos filhos de Natan, profeta de Deus. Este, em audiência, conta-lhe a história daquele rico que possuindo embora tantas ovelhas acaba roubando o único cordeiro do pobre. "Este homem merece a morte!" exclama o rei. E o profeta: "Tu és este homem". Retira-se o profeta. Davi, no fundo é um homem de sincera piedade religiosa e, a seu modo, não é isento de sensibilidade humana. Vem a consternação. E das profundezas do arrependimento jorra o *Miserere*, um dos cânticos religiosos mais maravilhosos. O soberano, que agira como que hipnotizado, acorda e dá-se conta da realidade terrível do ato cometido. Sente-se agora pecador por nascimento. Está convencido de ter sido pecador já nas entranhas maternas; não lhe ocorre outro remédio senão um coração puro, um espírito renovado, porque o que ora possui é corrompido, profundamente corrompido. Que tragédia tremenda, contida num só cântico! Eis o poder dos Salmos.

Bem diferente é o Salmo 22 (23). É o salmo do Bom Pastor, Deus. O salmista não sente nenhuma preocupação, porque se sabe ovelha de Deus; Deus o leva a apascentar-se nos prados verdejantes, regados por águas tranqüilas. E na hora da morte? Oh! mesmo se eu devesse passar pelo vale tenebroso, não temeria mal algum, porque vós, doce Pastor, estais comigo. Sereis o meu arrimo, mesmo no meio das trevas que me circundarão. Vós me preparastes uma mesa, vós ungireis minha cabeça com óleo perfumado, encheis com vinho generoso a minha taça (trata-se do banquete à espera dos justos depois da morte ao qual Deus não deixou

de aludir nos Evangelhos). Aqui na terra tem um só desejo: morar longamente no Templo de Deus. É a mais alta delícia da vida e não há vida bela e vida aprazível afora a vida passada no Santuário do Senhor.

O mais belo comentário do Salmo 150 jamais escrito, encontra-se nas telas do Beato Angélico. "Louvai ao Senhor! Louvai a Deus no seu Santuário, louvai-o no seu firmamento, louvai-o por suas obras portentosas, louvai-o pela sua graça infinita, louvai-o ao som da trombeta, louvai-o com címbalos e harpas; todo ser vivo louve o Senhor. Aleluia". Com espontaneidade apresentam-se aos olhos do leitor as criações do Beato Angélico: sôbre um fundo de ouro puro, figuras delicadas, revestidas de trajes muito leves como um sôpro que as tornam ainda mais espirituais. Cada figura apóia nos lábios róseos um instrumento erguido para o alto, que enche o ar com os sons maravilhosos dos louvores do Senhor.

Em face da grande variedade de côres, sons e estados de alma em cada um dos salmos, o seu conjunto se afigura ao leitor como uma galeria de pinturas, onde cada um se encontra a si mesmo. Quem espera e desespera, quem invoca auxílio e quem agradece o auxílio recebido, quem está cheio de indignação e quem goza de serena paz e de esperança; no saltério todos se encontram a si mesmos. Destarte, o saltério torna-se o cântico eterno da vida de todos os tempos e de todos os homens.

## A LITERATURA SAPIENCIAL

**32.** - O próprio gênero convidava o hagiógrafo a ultrapassar os limites, já que se tratava da Sabedoria, a qual, transpondo as fronteiras, foi bem aceita em todos os países. Nos Provérbios de Salomão fala-se repetidas vêzes, da Sabedoria personificada. A sabedoria é a grande dama que convida todos a participarem do banquete que ela aprontou. A Sabedoria é considerada existente antes do mundo. Ela

goza do favor do Senhor, pelo fato de ser o Senhor a expressão suprema da Sabedoria que, por sua vez, é identificada amiúde com a Lei de Deus. Não se diz, em parte alguma, que se deva conjugar este conceito ao de Logos, ou seja, à palavra sábia e criadora de Deus. Certo é, no entanto, que já nos capítulos do Gênesis, em que se fala da criação, a palavra divina de per si é suficiente para a obra da criação. Sabedoria, na literatura bíblica, é sinônimo de temor de Deus e de virtude, fato que não impede venha ela a ser considerada como garantia de vida longa, de riquezas e de honras.

### O LIVRO DE JÓ

33. - O argumento do livro, que se apresenta em forma de diálogo, é a teodicéia, isto é, problema da justiça divina, argumento tratado também em alguns salmos e em outras partes.

No conceito dos antigos, Deus era o juiz justo que atribui a cada um o seu destino segundo a justiça. Na sua defesa da Pentápole indaga o Patriarca Abraão: "Poderá o juiz de tôda terra deixar de fazer justiça, deixar de agir segundo o direito?"

A vida com suas peripécias, nem sempre confirma tal concepção. Conhecem-se ímpios que levam a mais feliz das vidas. Suas riquezas, embora adquiridas com opressão e injustiça, aumentam sem parar, ao passo que não é raro o homem profundamente religioso e honesto andar vergado sob o pêso de desventuras e sofrimentos de tôda espécie. Onde está, pois, a norma justa, a medida da justiça divina?

Jó é um homem sobremodo virtuoso e beneficente. Na presença de Satanás, em nosso caso um de seus funcionários, Deus exalta a virtude dêste seu servo fiel. Satanás se aproveita da oportunidade: Jó, possuindo em abundância todos os bens que o coração humano pode desejar, não deveria temer a Deus, ser virtuoso e generoso? Que seja pôsto à

prova, que o façam sofrer! Começam as desgraças de Jó que nada sabe dos antecedentes que tiveram lugar no céu, do diálogo entre Deus e Satanás. Sofrimentos sem conta assaltam Jó. Tendo perdido tudo, inclusive filhos e filhas, Jó é ferido com uma moléstia, que o tortura dia e noite. Os três amigos que vieram para o consolar, nada mais fazem senão acrescentar novos sofrimentos, visto que repetem a máxima repisada: Deus é justo: faz sofrer o pecador e concede todo o bem ao virtuoso. Jó, sofrendo, evidentemente pecou. Jó, por sua vez, sabe-se isento de qualquer pecado. Contudo, êle não reclama de Deus que cessem os sofrimentos, senão que seja demonstrada sua própria culpa. Como resolver êste problema? Os amigos são incapazes de apresentar uma prova real. Jó, embora confiando em Deus, pede-lhe o auxílio necessário para poder crer na sua justiça. Desejaria êle que Deus trouxesse provas das culpas e que tivesse lugar uma arbitragem entre si e entre Deus. Desta maneira o conflito das idéias chega a extremos. Para resolver a questão não resta outro recurso senão a intervenção do próprio Deus. Deus, no entanto, se recusa a provar-lhe a peccaminosidade. Em vez disso, fala-lhe, em termos impressionantes e artisticamente perfeitos, da sua infinita onipotência. Êle criou tudo, deu vida a tudo, governa e dirige tudo. Sendo assim, como poderia êle ser injusto? Acontece uma coisa inesperada e sumamente dramática: Deus, rejeitando os amigos de Jó, toma o partido do próprio Jó.

A insistência com que Jó reclama prova da justiça divina mostra a grandeza de sua fé. Jó não pretende derrotar a Deus no campo da Justiça; é êle quem quer ser vencido por Deus. Jó luta para, através da tragédia de sua vida, sair vencedora a tese da justiça divina. E Deus, por sua vez, faz o que só êle pode fazer: restitui-lhe a saúde, renova-lhe o vigor da mocidade e cerca-o novamente de honra e esplendor.

Chegado ao fim do livro, fascinante sob todos os aspectos, o leitor se pergunta: será que no livro de Jó a justiça divina celebrou seu mais elevado triunfo? Jó sofreu como ninguém mais. As origens dos padecimentos acham-se no

diálogo entre Deus e Satanás. Com seu espírito de submissão e principalmente com sua fé na justiça divina, Jó alcançou vida nova, saúde e bem-estar. Pode-se dizer que Jó resistiu a tôdas as provações, suportou tudo e a despeito de tudo e antes de tudo ficou fiel à sua confiança em Deus. Ele passou na prova e Deus recompensou seu servo fiel. Mas pode-se afirmar que a justiça divina, no livro de Jó, celebrou seu mais elevado triunfo? Jó sofreu sem ter cometido pecado. Os amigos de Jó, representantes de uma justiça um tanto mecânica, certamente não saíram derrotados. A espôsa de Jó é uma mulher lastimável; o único conselho que sabe dar a seu consorte é: "Ofende a Deus que ele te matará". Com este conselho ela quer salvá-lo dos sofrimentos; Jó, porém, heróico e grande, prefere ser vítima do problema que deseja resolver. Nem mesmo implora, para escapar dos sofrimentos, que lhe venha a morte, porquanto tem em mira uma coisa mais alta: recorrer a Deus para poder conservar, em meio a tanta tragédia, a sua confiança na justiça divina. Deus é sempre justo. A dor do inocente não incorre contra esta verdade. Deus faz sofrer o inocente para livrá-lo das provações e premiar a quem lhe tinha fé até em meio ao tormento.

Todavia, o grandioso livro de Jó não oferece à humanidade uma resposta adequada a tamanho problema. Bem mais elevado é o conceito da dor, do sofrimento e da morte ignominiosa que o Servo de Deus, o Sofredor e o Silencioso, oferecerá nos cânticos do Servo de Deus, na segunda parte de Isaías. Sobre seus débeis ombros, o Servo de Deus, o homem de aparência miserável, suportou o fardo dos erros da humanidade inteira, de todos os tempos, sob todos os céus. Com sua dor aturou o pêso dos pecados alheios. Será no Novo Testamento, na vida de Jesus Cristo, que esta tese celebrará seu supremo triunfo.

No entanto, nem Jó, nem o Servo de Deus em Isaías, tomados isoladamente, resolveram o problema da justiça divina perante o homem que sofre. Já no próprio Jó, a dor, consequência do pecado, é objeto de uma observação "crítica", como hoje diríamos: "Pôsto que eu tenha cometido um

pecado, que dano resulta daí para Vós, ó Criador do homem?" Ademais, considerando-se a dor, não só do homem culpado, mas especialmente do inocente, e o sofrimento como necessários para expiar os erros próprios e alheios, apresenta-se o problema: O *inocente* sofre para expiar as culpas de *outros*. Eis o que dói ao homem moderno, principalmente quando dotado de mentalidade justiceira. Será justo que sofra um inocente unicamente para expiar as culpas dos outros?

Entretanto, o problema do homem sofredor deve ser colocado em plano diferente, que não tenha caráter jurídico. Este problema evoca uma idéia, fundamental no pensamento cristão, a saber, a conformidade da vontade humana com a divina. Destarte, o sofredor, pecador ou não, aceita a dor que lhe é imposta pela vontade divina, não mais considerando tal vontade oposta à sua, e sim identificada com a de Deus. Jesus nos ensina a rezar: "Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu". Se o homem sofre se deve ao fato de que no sofrimento se manifesta a vontade de Deus. O cristão aniquila a própria vontade para aceitar de coração magnânimo a de Deus, de sorte que acaba sofrendo *por querer* sofrer, sendo esta a sua vontade, porque, evidentemente, a vontade divina. Quem no-lo ensina é Jesus Cristo, o qual, dirigindo-se ao Pai, suplica: "Apartai de mim êste cálice, isto é, êste destino doloroso, contudo faça-se a vossa vontade e não a minha".

Jesus teve seus adeptos, através dos séculos, até os nossos dias. Nas crônicas antigas fala-se dos mártires, e também de mártires judeus, que subiram nas fogueiras e se submeteram a tôda sorte de tormentos, invocando alegremente o nome de Deus, cantando-lhe louvores. Testemunhas oculares nos asseguram que os tais mártires se mostraram insensíveis às torturas de sua carne e houve um médico insigne que confirmou semelhante fenômeno do ponto de vista de sua ciência.

Santo Inácio de Antioquia percorreu infatigavelmente muitas milhas para chegar a Roma e ser triturado na arena pelos animais ferozes. Na sua célebre missiva dirige aos irmãos a calorosa súplica para que não o dissuadam, de aca-

riciar as feras que o triturariam, para assim se tornar frumento de Jesus.

Tudo isso demonstra que a aceitação da dor por um filho do Pai Celestial se reveste de uma lógica, posta fora e acima de qualquer indagação de caráter jurídico.

Foi o próprio Jó que, voltando-se para a espôsa, pergunta: "Como! O bem havemos de aceitar das mãos de Deus, e o mal não?"

Esta réplica que Jó, imbuído do conhecimento de Deus, dirige à espôsa, encerra o cerne de todo o problema. Perguntará alguém: "E a paciência de Jó? Ele apela para uma arbitragem entre si e Deus!" Eis que nos encontramos em face duma pergunta nascida da incompreensão. Jó não pretende instituir um processo contra Deus, pondo-lhe em dúvida o trono, a majestade e os seus decretos. Não, Jó é um filho devoto de seu Pai nos Céus. Se não quisesse sofrer, teria seguido o conselho de sua mulher, proferindo ofensas a Deus, para desta forma procurar a morte. Jó, porém, não quis morrer, nem desejou que acabassem os sofrimentos. Creu e quis que o Senhor, soerguendo-lhe a fé, dissesse: "Pecaste, e é por isso que estás sofrendo". Seria êsse um modo para salvaguardar a justiça divina, e Jó quer que justo seja Deus e não êle. Mas Jó é verdadeiramente inocente. Por isso, o Senhor estende perante seus olhos um quadro grandioso e majestoso do seu próprio poder. Jó, inclinando a fronte ante a majestade divina, aceita tôda dor. Então, o Senhor o liberta do seu sofrimento. Jó abraçando a verdade divina, numa prece antecedente, pede auxílio para sofrer ainda mais, para não morrer antes de ter atingido o limite extremo do sofredor. Jesus eleva-se ainda mais porque pede sòmente: "Seja feita a vossa vontade". Jesus oferece-nos uma solução perfeita, extrajurídica, do problema da justiça de Deus em face do homem sofredor. É o homem que se entrega a si próprio à dor, à tortura, ao martírio, sendo-lhe doce qualquer padecimento, porquanto deseja que se faça a vontade de Deus. O homem que sofre *abisma-se* na vontade de Deus, a acolhe e torna-a tôda sua. Deus é justo

para aquêles que, depois de ter afastado de si a vontade própria, quer só aquilo que Deus quer.

O problema da teodiceia encontra na Bíblia a sua solução, se não no campo jurídico, pelo menos no afetivo. O homem, levado pelo puro amor, aceita a vontade divina e, ainda que esta vontade signifique para êle sofrimento, êle a abraça com tôda a devoção e infinito amor.

### OS PROVÉRBIOS

34. - Uma coleção de sabedoria popular, comum no oriente antigo e, muitas vêzes, bem diferente da sabedoria tipicamente bíblica. Verifica-se aqui facilmente a influência do pensamento egípcio, daquele pensamento egípcio graças ao qual o mestre procura incentivar o discípulo a aprender a arte difficilima de ler e escrever os hieróglifos. Isto era vantajoso, porquanto franqueou o caminho para o emprêgo público, e observou-se que no antigo Egito tais empregos eram rendosos.

Nos Provérbios, atribuídos a Salomão, — pois Salomão gozava do renome de rei muito sábio — fala-se da Sabedoria que governa com a mão direita entregando aos seus fiéis a longevidade e com a esquerda oferece riquezas e honrarias. Eis uma coisa que, para quem tiver uma noção prática da Bíblia, afigura-se como pensamento exótico e alheio a todos os conceitos bíblicos.

O aviso constante de manter-se afastado das mulheres estrangeiras, porque portadoras de corrupção e prejuízo, origina-se mais do Egito que da terra de Israel.

O sábio chama de filhos os seus leitores e discípulos. Como destoa tudo isso do estilo e do sentimento vetero-testamentário onde se diz: filhos sois vós do Senhor, vosso Deus. E como é diferente tudo isso da doçura com que S. Paulo fala dum jovem, convertido por êle, como dum filho predileto, como dum filho do seu coração!



A Sabedoria é considerada preexistente (8,22 s.). Ela precede a criação do mundo, uma particularidade que em certo modo antecipa o conceito do Logos, do Verbo de Deus, que também é preexistente.

Coadjuvados pela Sabedoria governam os reis e os príncipes baixam decretos justos. A Sabedoria é a base de toda a justiça. O banquete a que ela convida os homens tem lugar num palácio maravilhoso de sete colunas. Aí a Sabedoria oferece seu pão e seu vinho. O primeiro passo rumo à Sabedoria é o temor do Senhor.

Ao lado destes quadros poéticos, uns conselhos práticos: Falar pouco. O temor de Deus prolonga a vida, breves são os anos do ímpio. A Sabedoria, amiúde, torna-se sinônimo de piedade religiosa. Muitas vezes ela se identifica com a Lei de Deus.

A pedagogia do Oriente antigo não dispensa o castigo corporal. Se esta praxe ajuda na educação e no encaminhamento para a Sabedoria, por que dispensá-lo?

A Sabedoria, sinônimo de Lei de Deus, é também o mesmo que Verdade.

É preferível não se exceder: a cólera é dos tolos, o sábio é longânimo e paciente.

Um jovem sábio é fonte de alegria para seu pai, o tolo envergonha a mãe.

Convém não aceitar suborno dos outros. O homem facilmente acha sua conduta justificada, ou pelo menos, justificável, para poder embalar-se na convicção de parecer justo perante Deus; mas não é bem assim, porque Deus conhece os segredos do coração. Semelhantes pensamentos ocorrem na teologia paulina.

Abstenha-se o homem de conquistar as comodidades da vida, antes procure obter a vida cheia de paz serena.

Prefira o homem uma refeição constituída de pão seco ao banquete numa mesa de gala em torno da qual se reúnem rancores e lições. E qual dos litigantes tem razão? Quem pode dizer que conhece a fundo a si mesmo e os outros? Só um: Deus, que sonda os corações. Eis por que o homem deve andar em busca da paz.

Não zombe o homem do pobre, porquanto quem ofende o pobre, a Deus ofende.

No tocante à moralidade social: O homem antes de tudo, deve ser justo, porque quem retribui o bem pelo mal, terá sempre o mal na sua própria casa.

Evita o início da briga; quem começa, dá livre curso à água contida num tonel: não se fechará mais.

O nome do Senhor é uma torre de proteção, é o refúgio do justo.

O sábio não é orgulhoso, porque o orgulho manifestado hoje é o prenúncio da desgraça que sobrevirá amanhã.

Quem torcer as próprias palavras julgando-se sábio, sendo tolo, é preterido ante o pobre que anda no caminho da honestidade perfeita e cuja conduta é humilde e íntegra.

O falso testemunho não fugirá à justa punição: esta poderá demorar, mas, jamais será evitada.

O homem não se fie em demasia na própria sagacidade, na sagacidade de seu pensamento. São numerosos os pensamentos que se alojam no coração humano, mas só a vontade de Deus persistirá.

Quem empresta ao pobre, empresta ao Senhor, e o Senhor recompensar-lhe-á o ato.

Felizes os filhos dum homem íntegro e justo. O homem se dá conta das próprias ações e das próprias intenções. E quem ousará dizer: "Eu conservei puro o meu coração, sou limpo de qualquer pecado?"

Pesos falsos e medidas falsas são abominações aos olhos do Senhor.

A atenção do Senhor está sempre alerta: aumenta as tuas posses banindo para longe a preguiça.

É o Senhor que determina os passos que o homem deve fazer na sua vida; o homem a percorre sem compreender a si próprio.

A alma humana é uma luz divina que alumia e torna visível tudo que é secreto e oculto no coração do homem.

Também o coração do rei é como uma correnteza de água, para a qual o Senhor traçou o curso.

Praticar a justiça é obra de retidão e preferível, aos olhos do Senhor, à oferta de sacrifícios.

É melhor morar numa terra deserta que ao lado duma mulher briguenta que se torna causa de iras.

Não pense o ímpio em oferecer sacrifícios, porque êstes são abomináveis aos olhos do Senhor.

O rico injusto e o pobre inocente um dia se encontrarão, porque Deus os criou a ambos.

Não despojes o pobre aproveitando-se de sua miséria.

Não oprimas o humilde à porta da cidade (que é sede do tribunal) porque o Senhor combaterá ao lado do pobre.

Não te faças fiador de ninguém, porque não estando em condições de pagar, os outros te despojarão até de teu colchão.

Escuta a teu pai que te gerou, e não menosprezes tua mãe quando idosa. Não te gabes do dia de amanhã, porquanto ignoras o que o futuro te trará.

Não sejas vaidoso, deixa que os outros te elogiem; tu, porém, não te elogies, não te vanglories.

O homem malvado não sabe o que é justo, mas os que buscam o Senhor compreendem tudo.

O livro dos Provérbios encerra várias coleções de sentenças sapienciais, patrimônio comum de tantos povos.

O livro termina com um elogio, tão maravilhoso quanto sóbrio, da mulher, mãe de família virtuosa, laboriosa, beneficiente, recolhida e pacífica, que com um sorriso nos lábios, enfrenta o derradeiro dia. Naquele dia os seus filhos a felicitarão, o seu marido a louvará. Coisa vã é a formosura, coisa vã o brilho que acompanha a mocidade. Só a mulher que teme a Deus será digna de louvores.

## O ECLESIASTES

35. - O pequeno livro, com apenas 12 capítulos, representa, também êle, uma contribuição à literatura sapiencial bíblica. Êste livro é atribuído ao filho de Davi que foi rei em Jerusalém, a Salomão, portanto.

O pensamento sapiencial, contido no Eclesiastes, é bem diferente daquele contido nos Provérbios de Salomão. De resto, também o gracioso Cântico dos Cânticos que lhe segue é atribuído ao rei Salomão, ou como alguns modernos querem, dedicado ao sábio monarca.

O autor do Eclesiastes conhece tôdas as correntes de pensamento de outrora, surgidas e desenvolvidas em vários ambientes culturais vizinhos, e se utiliza delas com liberdade. No entanto, não tenciona familiarizar-nos com o pensamento filosófico existente na Síria, na Fenícia ou em qualquer outro país. Ele possui um ponto de vista todo seu e uma tese filosófica tôda sua.

O autor se detém para meditar sôbre o curso dos acontecimentos da vida, no sentido mais amplo da palavra. Ele encara a vida sob o ângulo de vista já não desta ou daquela nação, senão sob o ângulo de vista humano. Que é que ele vê? Uma geração vem, outra vai, enquanto que a terra assiste impassível à passagem delas. Surge a vida, perfaz o seu curso que, muitas vêzes, senão sempre, é a réplica de quanto já existiu e de quanto já passou. O olvido cobre todos e tudo. O mesmo esquecimento cobrirá tudo o que cai sob as nossas vistas. Nós também seremos tragados pelo eterno fluxo dos tempos, também seremos sepultados nas suas ondas. Tôda obra humana é coisa vã: A Sabedoria dos sábios, bem como a tolice dos tolos passarão como um sôpro do vento. E os prazeres da vida? O amor e o vinho? Passarão sem deixar vestígios. Tombarão também os parques deslumbrantes e os paços soberbos que os reis edificam, ficando sepultados sob suas ruínas os nomes dos que os projetaram e dos que os construíram. Tudo se destina ao esquecimento. Então, não seria melhor pensar só em consumir bons pratos e vinhos escolhidos?

Os tempos mudam e se alteram as estações, tendo cada qual o seu próprio colorido; desaparecem, porém, na eterna sucessão dos tempos e das estações.

Quanto de comum entre a existência do homem e a dos animais! E se eu dissesse: "A alma do animal desce à terra, ao passo que o espírito do homem sobe aos céus",

se eu quisesse falar assim, porventura não me poderiam objetar: "Tens certeza disto?"

À vista das opressões que praticam os poderosos em prejuízo dos oprimidos, o autor se pergunta se não vão melhor os defuntos que desde muito tempo dormem no pó.

Êstes intermináveis crimes de um contra outro, da parte dos que não possuem contra os que possuem demais, não serão uma vaidade? Há porventura consistência, será que não passa por cima de todos, qual cilindro compressor, a mão potente do tempo?

É coisa boa se durante o percurso no caminho áspero da vida um estende a mão ao outro, para assim auxiliar-se mutuamente.

Deus está nos céus, tu estás sôbre a terra, seja portanto, parcimonioso nas palavras, nem faças votos levemente: é melhor não fazer voto nenhum do que fazê-lo e não o cumprir.

As jerarquias da vida social consistem na sobreposição de uns sôbre outros; contudo, quem considera que acima de todos resplandece o olhar do Senhor?

O trabalho traz um doce sono, ao passo que o ventre empanturrado do ricoço não lhe permite conciliar o sono.

Acumular riquezas — quanta vaidade! Transcorrido num átimo o tempo, as tuas posses passarão às mãos de desconhecidos que não se recordarão de ti.

Procura viver em perfeita paz o dia que não te traz transtôrno algum, nenhum mal.

Quem negará que a sorte do sábio e a do tolo são assaz semelhantes uma à outra? Ambos baixam ao túmulo, e ninguém se lembra dêles.

Há quem queira sustentar que ao justo sorri a fortuna, e o infortúnio persegue o mau. Mas, quantas vêzes não acontece exatamente o contrário?

Amor, ódio, ciúmes — fogos fátuos que se apagam e acabam em nada.

Se o destino te concedeu uma boa consorte, vive tranqüilo ao lado dela.

Vivem os homens emaranhados no tempo, como os peixes ou os pássaros na rêde: êles ignoram quando lhes sobrevirá a hora da desgraça.

A sabedoria vale mais que o poder, todavia, a sabedoria do pobre não goza de prestígio; ninguém presta atenção às suas palavras.

Lança o teu pão sôbre a superfície da água da vida. O dia virá em que o encontrarás e dêle te regozijarás.

Conheces, por acaso, o roteiro do vento? Da mesma forma não conheces a obra de Deus que em tôda parte se consuma.

Vive alegre os tempos da tua mocidade lembrando-te do teu Criador enquanto és jovem, porque passo a passo, sem o perceberes, avizinha-se a velhice e com ela a decadência do teu corpo. Apagar-se-á uma luz após outra, as trevas tomarão conta de ti. Embora te dediques ao saber, à doutrina, de que te servirá tudo isso, quando a vida lentamente se afastar de ti, deixando-te só, sempre mais solitário, a sós com a morte?

Pois então, qual é o significado da vida, que deve ser nosso pensamento-mestre como resumir e concretizar o valor da nossa existência terrestre?

Ao cabo de tantas meditações, após pensamentos tristonhos, eis a essência do pensamento do próprio autor: Teme a Deus e observa-lhe os mandamentos, porque nisso se revela todo o humano no homem.

O homem tem muita coisa comum com os animais: o nascimento e a morte, a fome e a sêde, o amor e a dor; há porém, uma coisa, um só bem que eleva a vida do homem acima de todos os seres vivos: o homem percebe claramente que acima da eterna sucessão de nascimentos e de mortes, de infortúnios transitórios e de desgraças dolorosas, acima dêste contínuo acender e extinguir de luzes, acima de tudo isso, êle está na terra em posse de um bem imperecível: a consciência de Deus e a observância dos deveres religiosos.

Acima do contínuo flutuar e repetir-se dos tempos e dos eventos, — no alto resplandece uma luz indelével: a luz de Deus.

## O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

**36.** - O título geralmente é interpretado como o cântico mais elevado, um cântico, portanto, que supera todos os outros pela sua formosura.

Antigamente, Salomão era considerado autor do poema. Os escribas do tempo de Jesus, época em que se discutia também o caráter sacro do livro, propuseram esta questão: Será que Salomão compôs o Cântico dos Cânticos, os Provérbios e o Eclesiastes? O primeiro é, todo êle, um hino de amor, um cântico das belezas da natureza, dos jovens e das jovens. Tudo nêle recende primavera. Nos Provérbios trata-se mais de sabedoria prática e humana, de conselhos que um mestre sábio propõe a seus discípulos a quem êle chama de "filhos"; repete-se a admoestação contra as relações com mulheres suspeitas e estrangeiras; o livro termina com um hino às virtudes de uma boa mãe de família. A que ponto chegou o espírito que animava o Cântico dos Cânticos?

O terceiro livro, o Eclesiastes, é de teor um tanto melancólico. Qual é o valor essencial da vida? Tudo passa, tudo é vaidade. Será possível que Salomão seja o autor dessas três composições literárias? Crescem as dúvidas quando consta que o livro dos Provérbios é uma fusão de vários componentes cujo conteúdo é filosófico. Respondem os rabinos: O autor é sempre o rei Salomão. Quando jovem cantava louvores às garôtas. Homem maduro dava conselhos sapienciais de valor prático. Na velhice, triste e decepcionado com as ilusões da vida, deu-se conta de que o valor essencial da vida seria o temor de Deus e a observância dos seus preceitos.

Bastava esta solução àqueles tempos. E hoje? Hoje em dia, os críticos reconhecem que não se trata de composições literárias de Salomão, e sim de obras dedicadas a êle. Cada um dos três livros é um problema à parte. Perguntamos: Se ao cabo de amplos debates e pareceres desen-

contrados, os três escritos foram recebidos no cânon, resta ainda a possibilidade de inquirir se não há qualquer nexos íntimo entre as três composições tão diversas entre si, sob todos os aspectos. Note-se ainda que desde tempos remotos é encarada a hipótese de que o Cântico seja uma coleção de canções de amor e precisamente, de amor no sentido corriqueiro do termo. Mas será possível que um livro dê este caráter tenha sido aceito dentro do cânon? Trata-se ao que parece de alegorias: amor, sim; mas amor-de Deus para com a nação eleita, ou então o amor de Jesus pela alma do fiel. E as imagens fortemente amorosas? São o revestimento que pretende expressar quanto amor humano o homem sente para com Deus.

Não faltam autores que consideram o amor ao Cântico como o desejo amoroso e próprio, ou seja, a atração que a formosura corporal exerce sobre dois seres de sexo diferente. Outros afirmam que se trata de uma réplica do amor alegórico dos livros proféticos. A Páscoa, que lembra o êxodo dos hebreus do Egito, não será uma festa primaveril? E não foi este o período em que a nação seguia o Senhor no deserto por puro amor? E o próprio Senhor, na literatura profética, não é apresentado como o grande protetor da jovem abandonada, beneficiada por ele diariamente, a cada instante e que não obstante se lhe torna infiel, entregando-se ao culto de divindades pagãs? Outros ainda dizem: O Cântico dos Cânticos é uma exaltação do vínculo e da fidelidade conjugais. Entretanto, segundo nosso parecer, os desejos de caráter erótico não aparecem no texto do Cântico. E mais! Nem um vestígio de celebração de matrimônio e consequentemente, de fidelidade conjugal. Que se conclui? O Cântico dos Cânticos é uma coleção de várias canções amorosas que visam fazer-nos conhecer os primeiros sonhos de amor das jovens; "sonhos", talvez no sentido literal da palavra, isto é, não fatos reais, mas fatos de uma vida interior para a qual, na vida cotidiana, faltam as expressões adequadas.

Há ali canções em que os dois jovens, ambos de beleza excepcional, se decantam mutuamente, com expressões tanto



poéticas como, às vèzes, realistas. Jamais se fala em matrimônio, nem em consentimento dos pais; nenhuma palavra sôbre a prole. Perguntamos, se num ambiente como a Palestina — embora algumas das canções poderiam ter provindo de países vizinhos — existia um vínculo matrimonial sem desejo de prole?

Segundo nossa opinião, os Cânticos são uma pura exaltação da beleza e do amor como tais; do amor como fenômeno da vida. O autor não toma posição frente ao problema da concretização do amor dentro de um vínculo de caráter íntimo, quer conjugal, quer extraconjugal. O centro desta maravilhosa e incomparável coleção de canções amorosas é ocupado por um problema de ordem filosófica: que é o amor? Conhece o autor canções congêneres do Oriente vizinho, da Palestina e dos países limítrofes. Ele, porém, nos brinda com algo mais que uma mera antologia. Oferece-nos êle uma sensibilidade, uma riqueza de pensamentos e sentimentos que são raros na literatura mundial. A beleza encerrada na mais singela das imagens representa muito mais do que as palavras exprimem. Como é admirável o itinerário fantástico do jovem! Êle põe ante a mente da jovem o caminho que ambos deverão seguir para alcançar o cume do mais alto dos montes. Lá êles serão dois sêres solitários em meio a paisagens solitárias. Cimos cobertos de neve, silêncio infinito, não longe dos grotões que abrigam feras. Lá, num sítio solitário, haverá só dois entes: êle e ela. Lá, submersos no silêncio, celebrarão o seu amor. Lá em cima, entre céu e terra, haverá só êles dois.

E quantas vèzes, os dois jovens não se acham no meio de prados verdejantes, num mar de flôres, cantando o seu amor! Passam as horas e de longe ouve-se o tilintar das campainhas argêntneas a interromper a calmaria da noite; avizinhandose a aurora, a jovem renova ao seu amado o convite de se afastar e atingir os cumes dos montes onde êle vive no meio dos lírios. Tôda a existência é transformada em formosura.

Sempre que o canto atinge o auge, o poeta encontra a maneira de interrompê-lo suavemente, por meio de um fato

externo. Quando, depois dum cantarolar longo e delicioso, se chega a uma tonalidade assaz delicada, eis que se percebe o rumor longínquo dum grupo de moços caçando raposas que lhes destroem as vinhas. É o sinal de parada. Os dois jovens se despedem, separam-se, não sem que o olhar como-vido da jovem siga cada passo de seu amado que dela se aparta para chegar aos cumes floridos dos montes e das colinas. Nada além do amor mais puro possível.

Pelo fim do *Eclesiastes* acha-se a solução do problema: que é a vida? Depois de ter falado tanto das vaidades da vida e dos eventos que nela se verificam, chega-se à conclusão: O que distingue a vida humana da dos outros seres vivos e o que a valoriza é o temor de Deus ou, em outros termos, a consciência religiosa, a convicção de que o princípio da nossa existência é ligado ao princípio da vida de Deus, ao princípio da vida eterna. E, que vem a ser o amor? A solução do problema acha-se, também desta vez, pelo fim da obra: o amor como tal — qualquer que seja o seu escopo na nossa vida dentro da economia cósmica — é uma fagulha que Deus acendeu na alma humana. Como toda a vida, assim o grande fator da vida, o amor, é uma chama vivificadora que traz a sua origem de uma fagulha que promana da grande luz divina. O livro, portanto, que se esgota em cantar os amôres entre jovens, homens e mulheres, pelo seu fim responde à pergunta: que vem a ser o amor? É a beleza, é a mocidade posta a serviço duma grande idéia; é atizar a centelha de luz que Deus depositou no coração humano.

## O LIVRO DA SABEDORIA

37. - O autor recomenda a procura da sabedoria que êle proclama. O texto em que nos foi conservada a obra é o grego<sup>22</sup>; pressupõe contudo leitores judaicos. Tenciona o

<sup>22</sup> Zolli não se exprime com clareza: O livro da Sab. foi composto em grego; não é de admirar, portanto, que o "texto conservado" seja o grego (T.).

autor recordar aos seus leitores o fato miraculoso da saída dos judeus do Egito. É nesta história que se manifesta o Deus único e verdadeiro de Israel.

O livro, outrossim, quer desvalorizar aos olhos do leitor, a filosofia pagã, bem como franquear aos pagãos o caminho da compreensão do monoteísmo hebraico.

Já nos primeiros séculos os escritores eclesiásticos puseram em dúvida a autoria de Salomão. S. Jerônimo não hesita em designar o livro de pseudo-epígrafe. E não se enganou: o conjunto do livro assenta sobre o Antigo Testamento; as noções da filosofia grega, embora superficiais, e numerosos termos que ocorrem na obra, indicam claramente que Salomão não podia ser o autor. Conclui-se com acerto que o autor conheceu bem a vida grega! Trata-se dum escrito de um judeu helenista desconhecido, provavelmente de procedência egípcia. O livro foi composto, ao que parece, entre 88 e 30 a. C.

A obra influenciou a terminologia do Evangelho de S. João. Desde épocas remotas a Igreja reconheceu nêle o caráter canônico.

Deparam-se algumas afinidades com idéias desenvolvidas no Novo Testamento. Por exemplo, o conhecimento de Deus pela natureza visível (Sab 13,4-9 e Rom 1,20); a corrupção moral do paganismo (Sab 14,22-31 e Rom 1,22-32).

## O ECLESIASTICO

**38.** - O livro contém máximas de caráter filosófico e didático. No texto grego o título é: Sabedoria de Jesus, filho de Sirac, ou seja, Sabedoria de Sirácides. Os judeus chamavam-no de Provérbios, Sabedoria ou Integridade. O título latino explica-se pelo fato de o livro ter servido como texto na doutrinação dos catecúmenos.

O original do livro era hebraico. S. Jerônimo conheceu ainda o texto hebraico, que depois se perdeu. Nos anos

1896-1900, Salomão Schechter e outros estudiosos descobriram no depósito da Sinagoga do Cairo, partes do original hebraico do Eclesiástico.

O escopo do autor é de resguardar os leitores da diáspora das infidelidades contra a Lei.

Muitos dos ensinamentos tendem a exaltar a virtude e o cumprimento dos deveres, bem como admoestam contra os pecados e os vícios. A verdadeira sabedoria é o temor de Deus. Inseridos no texto acham-se preces e preceitos de boas maneiras. O livro termina com um hino à graça divina, refletida na criação.

O autor, o Sirácides, viveu em Jerusalém. O livro saiu cerca de 180 a 170 a. C. Foi o neto do autor quem o traduziu para o grego.

É digno de nota o cunho antimundano da Sabedoria. A Sabedoria saiu da boca de Deus. Concernente à ideologia o livro prepara a doutrina do Logos.

Entre os doutôres judaicos o livro do Sirácides desfrutava grande autoridade.

## OS LIVROS PROFÉTICOS

**39.** - Ao termo bíblico *nabi*, traduzido nos Setenta e na Vulgata por *profeta*, antigamente, isto é, antes do papel de âmbito nacional do profeta, correspondia a palavra *vidente*. Saul, o futuro rei de Israel, dirige-se ao vidente Samuel para saber onde paravam os jumentos de seu pai que tinham desaparecido. Samuel, evidentemente, era conhecido pela sua capacidade de ver coisas ocultas. Ele transpunha o espaço e, graças a uma faculdade excepcional, distinguia pessoas e objetos a grande distância.

Em outros casos o termo *nabi* é substituído por uma palavra que significa *visionário*. Neste caso a faculdade visiva transpõe não somente o espaço topográfico, mas chega a ter uma visão das coisas através do tempo.

No rigor do termo, a palavra *nabi* assinala um homem que anuncia uma verdade em alta voz e isso, na qualidade de mensageiro de Deus, porquanto o *nabi* não fala nada em seu próprio nome, mas sim em nome daquele que o enviou. Donde o profeta genuíno ser definido, ora como "homem de espírito", ora como "homem de Deus", ora como "anjo", isto é, mensageiro de Deus.

De resto, a evolução do conceito é muito natural. A tarefa do profeta limita-se à esfera religiosa e social. Ele é mestre do povo, chamado para este cargo pelo próprio Deus.

Em virtude de sua missão, os profetas são defensores da teocracia. A monarquia, aos olhos destes, é uma importação da vida e dos costumes dos povos vizinhos. O objetivo do profeta bíblico é combater o politeísmo e tôdas as formas do sincretismo religioso. Daí a necessidade de convidar à penitência, termo esse que na linguagem bíblica significa simplesmente "retôrno" (a Deus) sem que se ligue demasiada importância às formas exteriores da penitência, nem das manifestações públicas da dor, nem mesmo da observância do rito sacrificial.

O profeta, quer se trate de profeta da côrte quer do profeta ligado ao ambiente cultural, sente sempre nos sucessos históricos a interferência e a revelação da vontade divina. Daí os conflitos que amiúde se delineiam entre os profetas de Deus (à diferença dos assalariados) e a política dos governos coetâneos. A política da côrte procurava constantemente um apoio junto de um dos poderosos vizinhos (p. ex. o Egito) para assegurar a defesa contra outro poderoso (p. ex. as potências mesopotâmicas); ora, o profeta estava convencido de que esta política de boa vizinhança com este contra aquêle representava um perigo, e isso por duas razões: 1) implantava no coração do povo e dos seus regentes a confiança na sabedoria humana e a sua eficácia no desenvolver dos eventos históricos, ao passo que para êle, o profeta, os destinos das nações estão nas mãos de Deus, perante quem as tramas e as intrigas da política humana nada valem. 2) Os responsáveis desta política não sabiam conservar o

equilíbrio entre as duas potências que tendiam a expandir o seu domínio. Também sob este ponto de vista, o profeta enxerga mais longe, porquanto isento da influência das intrigas palacianas, prevê a vitória daquele poderoso de cujas garras o govêrno esperava escapar.

Tudo o que S. Paulo, tempos depois, dirá sôbre o martírio, a prisão e os sofrimentos dos Apóstolos, já foi preludiado, séculos antes, na sorte dos profetas em Israel.

Os profetas, como enviados de Deus, bem como os Apóstolos, os enviados de Cristo, têm um inimigo comum: a incompreensão. Jeremias no século VI a. C. e Jesus Cristo encontram-se na mesmíssima situação. Jeremias teria preferido uma política neutra para não indispor os babilônios e para não confiar em demasia no Egito; a via média sem oscilações. Jesus Cristo aconselhará uma atitude serena, ou, por assim dizer, apolítica, frente aos romanos, donos incontestáveis da Palestina daquela época. Tanto Jeremias, como Jesus, não só são incompreendidos, mas também, graças a uma lei da história e da psicologia das nações, devem ser combatidos impiedosamente. Em ambos os casos, o povo segue o princípio pelo qual êles, Jeremias e Jesus, são taxados de inimigos no campo político, porque sua atitude de neutralidade e de serena confiança em Deus é interpretada como um ato de simpatia para com o inimigo poderoso; ora, simpatizar com um inimigo, significa ser inimigo.

Se Jeremias tivesse concordado com a política pró-egípcios e Jesus com a hostilidade contra os romanos, o povo teria d'to: Os amigos de nossos amigos são nossos amigos. Em vez disso, Jeremias e Jesus são os inimigos declarados do povo de Israel, amado por êles com todos os afetos do coração, e por cuja salvação de boa vontade teriam dado tôda a sua vida e tôdas as suas obras. Com efeito, que tragédia não paira sôbre o profetismo de todos os tempos!

O profetismo, como qualquer outro idealismo, tem os seus parasitas e aproveitadores que, por sua vez, são as meninas dos olhos do povo. Êste acredita nêles por não saber crer na verdade, por não saber amar a verdade, de maneira

que para tôdas as gerações de tôda a história, vale a prece grandiosa, pronunciada por Jesus crucificado: "Pai, perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem".

## ISAÍAS

40. - A data aproximativa da atividade do maior dos profetas é 737-693 a. C. O livro que mais tarde foi dividido em 66 capítulos, não é obra homogênea; é antes uma compilação de escritos, ordenados ora segundo um critério cronológico, ora segundo o argumento.

O texto massorético muitas vêzes difere da versão dos Setenta.

A sensibilidade messiânica de Isaías e a riqueza de suas idéias a êste respeito são tão grandes que S. Jerônimo não hesitou em classificá-lo não só como profeta, mas também como evangelista do Antigo Testamento. Efetivamente, os seus vaticínios concernentes ao Infante messiânico, o quadro grandioso da era messiânica e da paz universal decorrente, os cânticos do Servo de Deus, em particular — constantes na segunda metade do livro — são tão ricos de significação que tornam pensativo qualquer leitor atento.

Pois bem, os cânticos do Servo de Deus, do grande e calado sofredor, do homem de uma integridade descomunal, em tôda a história não encontram senão uma só interpretação: Jesus Cristo. O Servo de Deus emerge do anonimato; nada se sabe do seu passado, nada do seu presente. É o homem que tudo sofre, tudo suporta e jamais se queixa. Dêle o texto declara que jamais quebrou um caniço estalado, que jamais extinguiu um pavio fumegante. Êle é evidentemente o homem que sente as lágrimas não só dos homens, mas de tôdas as criaturas, também das inanimadas. Um caniço estalado deixou de viver, um pavio fumegante é um ser vivo a lutar pela sua existência, e o servo de Deus não estende a mão para aumentar a dor, ou para apressar a

morte definitiva daquele que está ferido e sofre. O Servo de Deus vive cercado de ódio. Por quê? Ninguém o sabe, nem mesmo a massa que o acomete e o faz morrer entre malfeitores. O móvel íntimo que empurra a massa ignorante talvez seja a reação inconsciente daquele que é inferior perante quem espiritual e moralmente atingiu os cumes mais altos.

De miserando aspecto, o Servo de Deus passa como um mistério ao cenário da história. Ele não tem nome (se, às vezes, ocorre um nome, êsse exprime antes uma qualidade e não o nome próprio), é desconhecido de todos e será reconhecido por todos só depois de sua morte. Rasgando-se súbitamente o véu, aquêles que o trucidaram elevam clamores doridos: "Ele morreu por nossos pecados".

O conceito da justiça divina na maior parte do Antigo Testamento supõe que o que sofre e morre, evidentemente sofreu e morreu para expiar os próprios pecados. Desta vez, porém, o povo sabe, sente e compreende que aquêles que foi entregue à morte não conheceu pecado. E então pergunta: "Será que esta morte e êste sofrimento ficam destituídos de valor expiatório?" E respondem a esta pergunta: "Ele morreu por causa dos nossos pecados".

Em tôda a história não há quem possa interpretar êste episódio à exceção de Jesus Cristo.

A primeira prova de compreensão do sofrimento nos é oferecida pelo profeta, quando censura as cerimônias penitenciais exteriores e o derramamento superabundante de sangue das vítimas. Ao Senhor não agrada esta multidão de sacrifícios cruentos; o incenso que lhe é queimado no Templo de Jerusalém é coisa abominável aos seus olhos; a pompa cerimonial tôda inteira não lhe merece um olhar sequer. O olhar do Senhor volta-se para o humilde, pobre e arrependido. Concepção igual ressoará em outro salmo: "Se vires um nu, cobre-o. Reparte com o faminto o teu pão". Note-se que aqui ocorre o termo "fractio panis" (partição do pão)<sup>23</sup>,

<sup>23</sup> Veja-se a nota 7 (T.).



reservado, séculos depois, na literatura neotestamentária, à Ceia Eucarística: Cristo se fará pão, pão celeste, para ser alimento de quantos têm fome de justiça e sede de Deus. Um tênue raio dourado une o coração do evangelista vetero-testamentário, Isaías, ao mistério eucarístico, instituído por Jesus. O conceito "Salvador" é comum aos nomes de Isaías e Jesus<sup>21</sup>.

"Se o teu olhar", diz Isaías, "como o do Senhor, se voltar àquele que, abandonado e esquecido de todos, sofre, então, e só então, prorromperá a tua luz qual aurora e a glória do Senhor resplandecerá sobre ti".

Isaías faz compreender ao povo a idéia da eleição<sup>22</sup>; é que a eleição do povo não é um título estável e eterno a não ser que o próprio povo se torne digno de tal eleição. A alegoria da vinha (cap. 5) é a mais significativa que nos oferece o Antigo Testamento. "O meu amigo", assim fala o profeta, "possuía uma vinha, plantada num outeiro fertilíssimo. Quanto não fez por esta vinha, para assegurar-se abundante colheita! E no entanto, a vinha não deu a seu dono senão uvas bravas". E as parreiras nobres, plantadas pela mão do amigo? Pereceram tôdas. Na hora da vindima não havia senão uvas bravas". Nesta altura interrompe-se o fio tão artístico da alegoria: o tamanho da dor supera a arte e prorrompe na pergunta: "Habitantes de Jerusalém, varões de Judá, julgai entre mim e a minha vinha! Vós mesmos fazei-vos juizes! Que poderia ter feito para a minha vinha, que não fiz?" Aqui se tem a impressão dum silêncio sepulcral, soturno, desesperado. Os habitantes de Jerusalém e os varões de Judá que, portanto, representam a vinha — não sabem o que responder. O silêncio profundo equivale à condenação de si próprios. E então? A vinha será queimada pelo fogo.

Segue uma querela contra os latifundiários: Ai daqueles

<sup>21</sup> Com efeito, ambos os nomes derivam do verbo *Jasha* = salvar. Isaías = *Yeshayahu* = Javé salvou; Jesus = *Yeshua* = Salvador (T.).

<sup>22</sup> "Eleição" é o fato de ser Israel o povo eleito. O problema da eleição, isto é, o problema do verdadeiro povo eleito, é amplamente discutido nos livros do N. T. (T.).

que amontoam as casas, avizinham os campos uns dos outros de sorte que não sobre mais lugar para ninguém! Ai de vós que pretendeis ser os únicos moradores do país! Isaías reassume o grave problema da justiça social, ventilado já por Amós, como veremos em seguida. A sêde das riquezas corrompe e destrói a parcela divina dentro do homem, barrendo-lhe o caminho que reconduz ao Pai nos céus.

Ai dos que desde o levantar se entregam à busca louca de bebidas inebriantes, ardendo nêles o vinho até alta noite! Só banquetes alegres, sons de flautas e de tímpanos, libações de vinho... e ninguém repara nas obras do Senhor; mas a mão punidora do Senhor já está estendida.

Ai dos que zombam da palavra admoestadora que o profeta pronuncia em nome do Senhor! Ai do que hoje, com sorriso zombeteiro, exclama: Oxalá o Senhor acelere a sua obra de punição! Assim nos será dado vê-la, assistir a ela... Estes não suspeitam serem palha, estôpa enxuta, destinada a ser destruída pelo fogo ardente da ira de Deus.

Quantos profetas do Antigo Testamento se dão conta do pêso que lhes é colocado sôbre os ombros com a aceitação da missão profética! O profeta de Deus, desde que o seja em espírito e verdade, já é, em certo grau, o pensamento divino e a vontade divina no meio dos homens, que estão privados do senso de Deus. Porta-voz de Deus vivo e verdadeiro, o profeta não pode senão ser escarnecido pelas massas que nadam na abundância de bens terrestres, que são arrasados pela fome do ouro e das riquezas. O profeta é aquêle que em alta voz convida à penitência, para salvar o povo da cólera divina. O profeta se exalta, fica fogo vivo; a sua palavra convulsiona as massas, sacode os seus palácios suntuosos. O profeta se enfurece porque o seu coração é dilacerado por um duplo amor: o amor de Deus e o amor por seus irmãos transviados, esquecidos da virtude dos pais e nada sabendo das desgraças vindouras. De bom grado o profeta faria a obra da salvação. Ele desespera e se agasta. E a grande massa? Tolo é o profeta, tresloucado é o homem de espírito. — Dir-se-ia que hoje vivemos o prólogo da tragédia de amanhã. Nos prenúncios da catástrofe sente-se já

a própria catástrofe. Mas a turma dos ricos está ébria de vinho, de prazeres, e nos ares ressoa não o eco das palavras do profeta de Deus, e sim o eco das melodias ruidosas e das canções altivas. Mas, também esta música e estas canções soam trágicamente.

Uma das páginas mais comoventes é o capítulo 6: a vocação do profeta. Isaías sente-se transportado para o céu. Ele que se ressentia dos seus lábios impuros e que reside num país cujo povo tem os lábios impuros, agora enxerga o Senhor cercado dos seus anjos. E o Senhor está profundamente triste. A quem — indaga o Senhor — hei de mandar para anunciar as desgraças iminentes? Os profetas e mensageiros do Senhor, na Bíblia, no ato de receber a missão, procuram retrair-se, convencidos da gravidade da tarefa. Este alega não ser eloquente, aquêle se julga por demais jovem. Não assim Isaías. Com a voz trêmula de temor e de grande pena para com seu povo, Isaías, dirigindo-se ao Senhor, diz: “Eis-me aqui, manda-me!”

O monarca, a côrte, o povo, todos a uma sentem a vontade de se precipitar no mar turvo das intrigas políticas. Isaías gostaria que seu povo vivesse recolhido, tranqüilo e confiante no Senhor. Embora no meio da vida tumultuosa, embora no meio dos colóquios com o rei, embora em meio aos discursos com que se esforça por frear a nação, êle, o profeta, vive uma vida distante de tudo, longe daquela realidade de atos escusos, de ações irrefletidas. Vê o profeta uma donzela que em breve será mãe (cap. 7): eis o ponto de partida para traçar, perante seu auditório, um quadro pleno de beleza messiânica. No entanto, quem o compreende?

Outras vêzes o profeta recebe a clara visão duma tempestade vaporosa que desaba sôbre o mundo, arrastando consigo as árvores altaneiras do cimo dos mais elevados montes: tudo se transforma em espantosa confusão de ruínas. Contudo... longe, longe, num ponto que parece um oásis de paz desconhecida, desponta silencioso um rebento da estirpe de Jessé, e sôbre êste ágil brôto da estirpe de Davi descirão tôdas as bênçãos do espírito de Deus: é o menino messiânico (cap. 11). Virá o dia quando êste menino, já adulto, será

convocado a ser o juiz e defensor dos pobres, dos humildes do país. Cingido de justiça ele julgará não só consoante ao que vêem os seus olhos e ouvem os seus ouvidos, mas sim, segundo o impulso maravilhoso da justiça. Ele salvará os oprimidos da terra e trará a paz ao mundo. Mercê de sua atividade retornará a divina paz do primeiro dia da criação. Crianças ao lado de feras; animais inofensivos juntos de béstas ferozes. Ninguém fará o mal sobre a terra. Extirpado o mal, a paz de Deus baixará qual rocio fulgurante repousando sobre todos e sobre tudo. Eis o sonho messiânico mais impressionante que jorrou da alma do profeta Isaías.

Ainda que esteja em contato com tantos erros e horrores, o profeta sabe sobrepor-se ao instante que corre, para cantar as belezas divinas dum dia ainda longínquo, dum dia de paz a vir após tantas tempestades, dum dia de regozijo divinamente puro e luminoso, depois de tantas lágrimas e tanto sangue, tantos sofrimentos e tantas dores. Fala-nos o profeta do dia em que o povo abençoará os padecimentos passados, bendirá o dia da ira do Senhor, porquanto ter-se-á soerguido para uma pureza de coração e de mente: jamais sonhada. Os filhos, por tanto tempo longe de seu Pai, agora de volta e livres das dores, abençoarão estas mesmas dores.

O povo entoará este hino: "Eu vos dou graças, Senhor, porque vos irastes contra nós. Eis que agora Deus é a minha salvação". (Aqui deparamos com um conceito que depois, em o Novo Testamento, constituirá a idéia dominante: a *soteria*, a salvação, o resgate da alma). "Eu confio e não temo mais, porquanto o Senhor é meu potente protetor. Ele me trouxe a salvação. E vós, prossegue o profeta, tirareis água com alegria das fontes da salvação" (retornamos necessariamente ao pensamento de S. Jerônimo que diz ser Isaías o Evangelista do Antigo Testamento). Naquele dia louvai ao Senhor, invocai o seu nome, publicai entre as nações as obras d'ele; proclamai-o, porque excelso é seu nome!"

Destaca-se claramente no livro de Isaías o universalismo. Há nêle vaticínios não só para Israel, mas também para tantos outros povos. Israel não se deixe iludir por esperanças vãs, que o Egito não será a sua salvação. A salvação está

naquele que é a salvação do mundo inteiro e da alma; naquele que é o pacificador de Israel, de tôdas as nações, do Universo e de tôda a criação.

Ainda está longe êste dia. Nós sentimos o eco dêstes sublimes pensamentos de Isaías no Apóstolo das gentes, em S. Paulo. Não se realizou ainda o sonho de Isaías, e Paulo de Tarso percebe os suspiros da natureza decaída em virtude da corrupção dos homens. Trata-se dum conceito radicado na literatura biblica, segundo o qual cada danificação do próximo, cada gota de sangue humano derramado, possui uma voz que brada ao céu. A terra contaminada sofre e aspira ao retôrno daquela pureza que Deus lhe outorgara no dia da Criação.

Nesta altura, o pensamento volta-se ao Servo de Deus que aparentemente recusa o martírio, depois de ter reunido e acolhido no seu coração a dor de todos, de todos os seres vivos e inanimados e que não obstante ficaram feridos. Dir-se-ia que tôda ferida de qualquer criatura debaixo do céu deve cicatrizar, devendo retornar tudo ao estado primordial para luzir de regozijo ou pelo menos, respirar a paz como no dia em que foi criado pelo Senhor. Não deverá ficar uma só lágrima no ôlho de quem sofre. O próprio Senhor, diz o profeta, enxugará tôda a lágrima de tôda a face, e uma luz, vindo das alturas, se derramará; e em tôda parte reinará alegria e salvação.

Que conceito falso da história se impuseram os homens! Cada um anda convencido de que a *história* é a de seu povo. A palavra majestosa de Isaías arrasa tal pobreza espiritual. Ele esclarece tudo, eleva tudo e ensina aos homens de todos os tempos e países, de todos os credos políticos e religiosos, a elevarem o olhar para o céu, a ultrapassarem as barreiras estreitas de sua época, para subirem em demanda da eternidade.

Semelhante conceito da vida e da história humana, Isaías pôde formá-lo graças ao conceito do Deus da História e dentro da História. Com efeito, Deus, o Criador de tudo e de todos em todos os momentos, nunca poderá abandonar as obras das suas mãos. "Eu sou o primeiro e eu sou o último, afóra

de mim não há Deus" (Is 44). Os tempos anteriores à existência do mundo, o passado mais remoto, bem como o futuro mais distante, para o Senhor são um eterno presente. Eis por que o profeta de Deus pode evocar as épocas remotas e predizer o fim dos dias. Felizes os que os atendem, os escutam e lhes lêem as palavras sabendo fazê-las, pela meditação, alimento de seu espírito.

Como ninguém antes de Cristo, Isaías ensinou os homens a se elevarem acima de si mesmos para contemplar o Eterno no mistério de sua formosura.

#### JEREMIAS (628-586 a. C.)

41. - A imagem do Servo de Deus a cada passo surge na autobiografia de Jeremias, eminente profeta da dor e da catástrofe nacional, no tempo de Nabucodonosor, rei de Babel.

Capítulo 11,18 ss.: Eu sou qual cordeiro manso que é levado à degolação sem saber que tramaram a morte contra mim. Senhor dos Exércitos, Juiz justo, vós que sondais os rins e os corações, vingai-me porque é a vós que confiei a minha causa.

Capítulo 12,1 ss.: Jeremias alude ao problema angustiante que será objeto próprio de alguns salmos, e especialmente do livro de Jó: Por que será que o sol da prosperidade sorri aos ímpios? Trazem-vos, ó Senhor, sempre nos lábios, mas estais tão longe dos seus corações!

Capítulo 15,10 ss.: Ai de mim, que minha mãe me deu à luz para ser um homem de contradição e de litígio no país, alvo de tantas maldições!

A vida de Jeremias constitui uma tragédia à parte, dentro da tragédia incomensurável de sua nação. O rei, a corte e o povo em geral voltam os seus pensamentos ao falaz Egito, na esperança de se verem livres do domínio babilônico. Sabe Jeremias que apoiar-se no Egito é apoiar-se num caniço

que, ao despedaçar-se, fere aquêle que nêle se apoiou. Uma parte do povo refugia-se junto dos babilônicos. Embora o rei e um ou outro cortesão enxerguem claramente que Jeremias tenha razão, mesmo assim sacrificam às falazes aparências do momento a verdade e aquêle que a preconiza em alta voz: Jeremias. A êste, nada resta senão prisões em cisternas lodosas, fome, sede, ódio e desprezo, sendo taxado amigo dos babilônios. Jeremias é um rochedo firme situado à beira dum mar revólto, dum mar de descontentes, inquietos e agressivos. A rocha tudo suporta, não cede, não quebra, porque é forte como a morte e inabalável como a verdade de Deus. Os sucessos históricos confirmam dolorosamente as previsões de Jeremias. Êle mesmo é esmagado, êle mesmo se curva sob o pêso da catástrofe de sua nação. Êle mesmo queixa-se amiúde ante o Senhor invocando um ato de justiça contra os seus inimigos. A sua dor é a de um pai que ama os filhos que o ofendem.

Passada a hora da cólera, Jeremias torna a amar o seu povo, lamentando a desgraça dêste povo com transe de dor incomparável. A tradição o considera autor das Lamentações.

Jeremias, na sua dor, assume, às vêzes, o papel de uma mulher iludida. Sentindo-se súbitamente como que fascinado pela vontade e palavra divinas, sucumbe, não obstante, sob o pêso das desventuras que acometem e esmagam a nação. Embora destinado a vencedor no campo político por suas opiniões e presságios, Jeremias sai muitas vêzes vencido pela dor alheia e pela amargura das próprias provações.

Quão numerosos não eram os aproveitadores que se ufanavam porta-vozes do Senhor só para consumir a perdição do povo infeliz! Sob as vistas de Jeremias sucediam as desventuras que investiram sôbre o país e seus habitantes: êle vê cadáveres aos montões que ninguém sepulta; presencia a fome que leva as mães a devorarem as carnes de seus filhos. E Jeremias curva-se sob o pêso dos sofrimentos indizíveis, fadados a se tornarem terrível realidade dentro em breve, dentro de muito pouco tempo. Como Jó, Jeremias amaldiçoa o dia em que nasceu (20,14). Maldiz ao varão

que anunciou a seu pai: "Nasceu-te um filho". Jeremias lamenta que o ventre de sua mãe não se lhe tenha tornado sepulcro antes que viesse a ver a luz do dia.

Onde tantos profetas anunciaram ao povo os seus sonhos mentirosos, Jeremias vê frustrado o seu esforço sôbre-humano envidado para reconduzir o rebanho do Senhor ao conhecimento da verdade. Jeremias que ama a todos, que sofre tudo, que por todos se sacrifica, é odiado por todos sem piedade.

Consumado o horrendo desastre, êle reúne um resto insignificante do povo que conseguiu permanecer no solo pátrio depois da deportação de tantos outros para a terra inimiga. E nem êste grupo reduzido, nem êste resto insignificante sabe obedecer ao profeta Jeremias. Vendo-se obrigado a fugir, Jeremias não os desampara. Desloca-se com êles para o Egito, àquele Egito em cujo auxílio êle jamais confiou, e onde êle, por vontade de Deus e por amor ao seu povo, tinha semeado tanto ódio contra si mesmo. Jeremias, enfim, em vez de levar uma vida tranqüila e sossegada à sombra do vencedor babilônico, morre pelas mãos dos seus em terra estrangeira, no Egito.

## O LIVRO DE BARUC

42. - Baruc era amigo dedicado de Jeremias. Registrou por escrito os discursos do grande profeta e, na hora mais trágica da história de Israel, acompanhou-o para o Egito. Em 582, Baruc encontra-se entre os exilados na Babilônia, participando numa campanha que visava o levantamento de recursos para a restauração da comunidade judaica em Jerusalém. Entre outras coisas, conseguiu recuperar objetos sacros tirados do Templo de Jerusalém. Parece, portanto, que Baruc e os seus companheiros tinham licença de rezar em Jerusalém pelos benfeitores e pelo rei Nabucodonosor.

O livro de Baruc chegou-nos só no texto grego, o qual, entretanto, remonta a um original hebraico conforme é per-



mitido concluir dos numerosos hebraísmos dentro do texto grego.

No mundo cristão, já entre os Padres antigos da Igreja, o livro é revestido de importância canônica. Alguns trechos passaram a fazer parte da Liturgia. Entre os judeus o livro foi lido ainda no século III d. C.

*A carta de Jeremias* \*. No texto da Vulgata no livro de Baruc acrescenta-se, como capítulo VI, uma carta de Jeremias endereçada aos exilados na Babilônia. Também neste caso foi nos conservado apenas o texto grego, oriundo dum original hebraico, consoante o que atestam os numerosos hebraísmos e a afinidade do conteúdo com várias passagens do livro de Jeremias. A tradição constante atribui esta carta, em que se polemiza o culto pagão dos babilônios, ao profeta Jeremias.

#### EZEQUIEL (593-570 a. C.)

43. - Oriundo da estirpe sacerdotal foi levado prisioneiro para a Babilônia, à localidade de Tel-Abib †. Possuía lá uma casa que em breve tempo se transformou em centro espiritual dos exilados. A vocação de Ezequiel deu-se por intermédio duma sublime visão. Durou vinte e dois anos a sua atividade profética. Desfrutando grande prestígio entre seus patricios, nem por isso faltavam a Ezequiel muitos adversários, porquanto ocasionalmente censurou os defeitos morais dos exilados. Quer a lenda que êle, como Isaías e Jeremias, tenha sido matado.

O argumento precípua do livro resume-se nos avisos contra a confiança nos auxílios de potências estrangeiras. A queda de Jerusalém é coisa decidida por Deus. Só no período messiânico o estado judaico ressurgirá, cercado de novo esplendor.

Do ponto de vista formal, o livro se caracteriza pelos

\* Na Bíblia grega, esta carta forma um livro à parte (T.)

† Tel-Abib (Tel-Aviv) significa: Colina da Primavera (T.).

quadros fantásticos, pelas visões e ações simbólicas, explicando-se daí a sua influência decisiva sobre o Apocalipse. O estilo, geralmente, é simples, embora não faltem passagens de elevação poética. Encontram-se, ademais, neologismos e certas fórmulas constantes, tais como: “pela minha vida” ou: “Enquanto Eu vivo, diz o Senhor”.

Outra característica digna de nota é que o Senhor numa centena de vezes dirige-se ao profeta chamando-o de “Filho do homem”, expressão essa notoriamente usada por Jesus para designar a si mesmo.

Sendo de estirpe sacerdotal, Ezequiel mostra-se muito interessado em questões de culto, muito embora os seus discursos, a despeito das aparências, não preconizem uma mera restauração do cerimonial contido no Levítico. E foi provavelmente esta particularidade que fez surgir dúvidas quanto ao caráter canônico do livro. Para êle, os deveres da pureza levítica dizem respeito tão-somente aos sacerdotes, embora de acôrdo com o código sacerdotal antigo são visados todos os israelitas. Outro fato capaz de chamar a atenção é o seguinte: No Levítico cabe ao sacerdote de aspergir o impuro com a água da purificação para torná-lo puro. Ezequiel, sonhando com um culto novo e elevado, faz dizer ao próprio Senhor: “Eu derramarei sobre vós a água da purificação, e sereis purificados; de tôdas as vossas abominações eu vos purificarei, diz o Senhor”.

Pelo que o profeta nos faz compreender tácitamente, no futuro distante em que a restauração será feita, o rito da purificação será cumprido não mais por um simples filho de Levi, mas pelo próprio Senhor. Destarte, o rito purificador de caráter sacerdotal eleva-se a uma altura que ninguém teria imaginado. Naquele dia remoto o próprio Senhor purificará Israel sendo óbvio que a purificação administrada pelo Senhor em pessoa tornará o povo puro e santo para sempre.

## DANIEL

44. - Não é fácil indicar, conquanto só em termos gerais, o período a que pertence o livro.

Os primeiros capítulos falam-nos da educação de Daniel na côrte babilônica. O rei Nabucodonosor sonha com uma estátua cujos pés são de argila. Daniel, sábio e intérprete feliz dos sonhos, descortina quatro reinos universais, fadados ao desenvolvimento sucessivo antes do advento do reino de Deus. Daniel e os seus três companheiros se recusam a prestar honras divinas à estátua de ouro erguida pelo rei, sendo, por isso, lançados numa fornalha. Segue outro sonho do monarca e outra interpretação: o rei será vítima de loucura transitória. Quando durante um festim uma mão invisível escreveu palavras misteriosas, é Daniel quem as explica.

Dario, rei dos medos, conquista a Babilônia. Daniel recusando-se a seguir a religião oficial é arremessado na cova dos leões, permanecendo ileso, por vontade de Deus.

A própria história com seus eventos torna-se objeto das visões proféticas de Daniel. Através das visões de Daniel, mudam-se os tempos e uma nova cronologia é criada. As visões atingem o futuro reinado de Antíoco IV Epifanes, da dinastia dos selêucidas.

Acréscimos deuterocanônicos: O cântico dos três jovens na fornalha ardente. Na Babilônia a judia Susana, mulher temente a Deus, é acusada de adultério, salvando-a Daniel da condenação injusta. Os episódios em torno de Baal e do Dragão. Daniel, na cova dos leões, é sustentado pelo profeta Habacuc e libertado incólume no sétimo dia.

Objeto de muita controvérsia da crítica é a cronologia do livro e o lugar de origem. Será mesmo de Daniel? Refere-se realmente ao tempo de Nabucodonosor e de Ciro? Não será melhor afirmar que as alusões e referências ao mesmo tempo de Antíoco IV Epifanes (175-164 a. C.) apontam uma tradição religiosa e piedosa, surgida nos tempos helenísticos e projetada sobre a tela dum passado remoto? A forma atual

do livro não indicará o tempo dos Macabeus? Será que não se trata duma reedição, efetuada pelo ano de 300 a. C., de fontes antigas e de recordações de fatos antigos? E como explicar o idioma aramaico em que são escritos os capítulos 2-7, ao passo que os capítulos restantes são redigidos em hebraico? Complicam-se ainda mais as hipóteses pelo fato de as partes deutero-canônicas terem sido conservadas só em grego. Certos críticos opinam que êsses textos foram redigidos em grego. Outros sustentam que são versões de originais hebraicos perdidos. Seja como fôr, o livro de Daniel é canônico, e os seus vaticínios messiânicos sempre gozaram de grande reputação.

## OS DOZE PROFETAS MENORES

**45.** - A ordem em que se sucedem os livros dos doze profetas Menores na Bíblia hebraica e latina (Vulgata) é diversa da que consta na Bíblia grega. Estas variações explicam-se pelas diferentes épocas a que são atribuídos os livros.

### OSÉIAS (750-722 a. C.)

**46.** - Pertence ao reino setentrional (Israel). Pouco sabemos de sua vida. Nos seus discursos flagela principalmente a idolatria, as imoralidades e as injustiças sociais. Do ponto de vista político Oséias é adversário da aliança com os assírios.

Nos primeiros capítulos o profeta se esforça por evidenciar a infidelidade de Israel para com seu Deus. Ordena-lhe o Senhor esposar uma meretriz e gerar filhos ilegítimos, para assim representar — realidade ou símbolo? — a infidelidade do povo para com o Senhor. Os nomes impostos aos filhos simbolizam a idéia da infidelidade.

A segunda parte do livro (cap. 4-14) repreende a conduta dos sacerdotes e príncipes, bem como a idolatria e a aliança com a Assíria. Tudo isso atrairá a vingança da parte do Senhor. Se a nação se convertesse, refloresceria qual lírio, resplandeceria qual azeitona polposa.

Prevalece no livro o estilo poético. A linguagem é rica em sentenças, imagens e pensamentos originais, voltando sempre à tona os motivos principais da obra.

Parece que o livro foi composto pelo ano de 733.

### JOEL (836-797, ou depois de 538 a. C.)

47. - Joel poderia ser de estirpe sacerdotal. Das freqüentes menções de Jerusalém e Sião se conclui ter o profeta exercido sua atividade em Judá.

O livro, que consta só de três capítulos, na primeira parte trata da praga dos gafanhotos considerada como prenúncio dum próximo castigo divino (cap. 1-2,17). Na segunda parte (2,18-4,21) há oráculos sôbre o futuro, próximo e remoto. Vencida a praga dos gafanhotos, uma chuva abundante refrescará o país devolvendo-lhe a fertilidade. Então o Senhor derramará do alto o seu espírito sôbre tôda a carne, julgará os pagãos e reconstruirá o reino de Sião.

Faltam indícios para determinar o tempo a que o livro pertence. O texto é bem conservado. Quer o profeta que se toque a trombeta em Sião, que ressoe alto o seu som para despertar do sono todos os habitantes do país e a guerra do extermínio terá aspectos cósmicos. Eis por que é preciso promulgar luto público e penitência, rasgar os corações, e não as vestimentas, retornando ao Senhor que é clemente e misericordioso. Eis como os sacerdotes choram e rezam: oxalá o Senhor não faça com que o Santuário e o país venham a ser prêsa dos bárbaros! O Senhor se comoverá. Voltarão a cair as chuvas da primavera e do outono ficando o povo sabedor de que o Senhor está no meio de Israel. Um espírito

do alto será derramado sobre toda e qualquer criatura, e quem quer que invoque o nome do Senhor será salvo. Exterminadas as nações inimigas, advirá um período de paz; os instrumentos de guerra serão mudados em instrumentos de lavoura; iniciado o período das bênçãos do Senhor, em toda parte transbordará leite e mosto, oferecendo as nascentes águas límpidas e doces. Enquanto o Egito será destruído e a Iduméia desolada, o Senhor protegerá o povo e a sua bênção se expandirá sobre o país do povo eleito.

#### AMOS (760-750).

48. - Amós é homem tipicamente do povo: criador de bovinos e cultivador de sicômoros. Oriundo de Judá o Senhor o requisitou enquanto seguia o rebanho, para o lançar, qual facho ardente, contra Betel, cidade do Norte, centro de luxo, luxúria e idolatria. O conteúdo de sua mensagem é este: O juízo de Deus está próximo, será restabelecido o governo da casa davidica. A ira divina será derramada sobre os povos vizinhos de Damasco, dos filisteus, de Tiro, Edom, Amon e Moab. Seguem discursos cominatórios contra o reino setentrional. Além disso, êle convida o auditor a ouvir a palavra que êle recebera de Deus. Os flagelos iminentes são de gêneros diversos. Contudo, após tamanha desgraça voltará o tempo da misericórdia divina, será iniciado um tempo feliz. A dicção é clara e vigorosa. As expressões com que descreve a destruição dos inimigos vizinhos é marcante e eficaz.

Nos pronunciamentos contra o reino do Norte, se encontram quadros que impressionam qualquer leitor de todos os tempos. Eis a gente abastecida e cruel que vende um inocente por um punhado de prata, um miserável por um par de sapatos. Ao passarem, levantam o pó, que cobre o manto dos pobres e humildes. Por cima dos vestidos penhorados pelos pobres estendem-se junto ao altar. Assim age o povo que eu, o Senhor, tirei do Egito, que tive aos meus cuidados

durante os quarenta anos de peregrinação pelo deserto. Eu fiz surgir dentro d'êste povo nazireus, homens que se abstinham do uso do vinho e do corte dos cabelos como oferta sagrada ao Senhor. Do teu meio, ó Israel, eu suscitei profetas. E vós? Vós oferecestes vinho aos nazireus, e aos profetas dissestes: "Não vaticineis!" E sem embargo, o Senhor continua a revelar aos profetas os seus segredos. Eu, com efeito, calar-me-ia, mas quem poderá deixar de profetizar quando o Senhor lhe tiver falado? Serão destruídos os vossos altares, dedicados ao culto impuro, serão reduzidos a escombros os vossos palácios. As vossas espôsas e crianças serão deportadas como prêsa de guerra. Haveis de passar fome, faltar-vos-á a chuva, a vossa mocidade será eliminada a fio de espada; sereis extirpados como Sodoma e Gomorra. O profeta, prevendo em espírito esta destruição inexorável entrega-se a lamentações. A menos que se converta, ninguém será salvo. Quem conseguir escapar ileso de um perigo, cairá em outro. Terminarão os dias em que, estendidos sôbre sofás de marfim, consumistes carnes de animais escolhidos; os dias em que tivestes à vossa frente taças transbordantes de vinho generoso. Reinará soberano o flagelo da morte. Avizinha-se o fim. Está para vir o extermínio que farei descer dos cumes dos outeiros para aniquilar-vos um por um. Só depois desta punição completa é que se inaugurará o período da paz, da restauração e da bênção.

### ABDIAS

49. - Também aqui os dados cronológicos são muito incertos: 850 ou 540 a. C.?

Em Abdias verificam-se contatos literários com Joel. Numerosas são as hipóteses e reduzido é o grau de certeza. É o único livro de um só capítulo. Começa com um discurso dirigido contra a província de Edom: "Eu", assim diz o profeta em nome do Senhor, "te fiz um povo pequeno, mas,

situado que estás sôbre a montanha, tu te dizes a ti mesmo: quem me arrancará da minha altura? E se tu te elevasses qual águia, se pudesses colocar o teu assento entre as estrêlas, eu te faria descer. Já te vejo destruída e despojada de guerreiros e isso, porque foste cruel e violenta, ó Edom, para com Jacó (segundo a tradição os edomitas descendem de Esaú, irmão de Jacó, patriarca de Israel). Tu, ó Edom, te atreveste a assaltar os fugitivos de Israel numa hora de desventura e de derrota, por isso te será pago na medida adequada do mal que causaste, quando surgirem salvadores sôbre o monte de Sião para julgar os montes soberbos de Esaú (Edom). O reino não será teu, e sim do Senhor”.

### JONAS (Cêrca de 760 a. C.?)

50. - O pequeno livro que consta só de quatro capítulos é mais um conto que uma profecia. Defende o livro o conceito da vontade “salvífica” mais universal de Deus, que a estende a todos os povos, quer pagãos, quer judeus. Cristo (Mt 12,40 e Lc 11,30) considera o episódio referido no livro de Jonas como um fato real<sup>28</sup>, ao passo que outros o têm em conta de mera ficção literária posta a serviço de uma idéia.

Jonas recebe do Senhor a ordem de admoestar os habitantes de Nínive fazendo-lhes ver que seus crimes chegaram à presença de Deus. Para esquivar-se de tal missão, Jonas embarca num navio que devia levá-lo, em vez de Nínive, a Tarsis, ou seja, à Espanha. desencadeando uma grande tempestade durante o trajeto marítimo, todos indagam: “De quem é a culpa?” O profeta dorme sem se dar conta do que estava acontecendo. Lançadas as sortes, descobre-se que a culpa pela tempestade cabe a êsse passageiro desconhecido. Inquirindo-lhe os dados pessoais, êle revela ser judeu e adorador de Javé, Deus do Céu e Criador de tôdas as coisas. A

<sup>28</sup> Nos lugares aludidos Cristo cita simplesmente o livro de Jonas, sem ventilar ou decidir a questão da historicidade (T.).



pergunta: que deveriam fazer para acalmar o mar, Jonas responde honestamente: "Lançai-me ao mar". Eles obedecem e o mar se acalma. Uma baleia engole o profeta. De dentro do ventre do cetáceo Jonas eleva a prece ao Senhor que o atende, de sorte que a baleia o vomita à terra firme. Desta vez Jonas se dirige à Nínive, pronuncia seu discurso de advertência. O povo faz penitência rigorosa, e o Senhor perdoa-lhes todos os pecados. Nesta altura o profeta Jonas reza ao Senhor dizendo: "A minha fé na vossa misericórdia me fez pecar e me levou a buscar refúgio num país longínquo. Eu sei, Senhor, que vós perdoais a quantos se arrependem do mal cometido. Anunciando o vosso castigo, eu sabia que, se eles se arrependessem, vós haveríeis de perdoar-lhes".

Na sua mesquinhez, Jonas teria preferido anunciar um castigo que realmente tivesse sobrevivendo; pois que espécie de profeta é esse cujas ameaças não se realizam? E o fato de ser dirigida a advertência a pagãos não "agravaria" a situação?

A seguir murcha e morre a planta sob cuja sombra Jonas busca refúgio e frescura. Agastado com isso Jonas recebe a palavra do Senhor que lhe diz: "Tu choras a sorte dum planta insignificante, e eu não deveria apiedar-me dum povo inteiro e através de tua palavra, não efetuar obra de salvação e de penitência a favor de tantos?"

### MIQUÉIAS (735-690 a. C.)

51. - Natural de Judá exerceu sua atividade profética sob o governo do rei Ezequias. Nas suas profecias visa ambos os reinos, Israel no Norte, e Judá no Sul, com Jerusalém e o Templo. O livro termina com a expectativa do reino messiânico.

Os primeiros discursos, cominatórios, são endereçados a Samaria, capital do Norte, e a Jerusalém, capital de Judá.

Nos capítulos 3-5 dirige-se aos chefes do povo, destinado a receber um governo comum sobre os dois reinos.

Nos capítulos 6 e 7 repreende certas condições sociais e morais detestáveis. Por mais que o povo seja infiel, o Senhor espera por sua conversão, disposto a perdoar.

Parece que o livro é composto de discursos diferentes, pronunciados em tempos e circunstâncias diferentes.

A teofania, na qual Deus desce do Céu sobranceiro para cumprir a obra de rigorosa justiça, faz-nos ver um universo esmagado de temor ante o advento ameaçador do Senhor. Em toda a parte ecoam gritos de lamentos. Como em Amós, os gozadores despertam apavorados. O castigo é tremendo e exemplar. Todos o vêem e todos estremecem ante a cólera do Senhor. E não é para menos, visto tratar-se de gente que odeia o bem e ama o mal, que, como lobos rapaces, devoram os humildes, os deserdados, os sofredores. Como poderiam ficar isentos de punição do Senhor os profetas que, pagos com moedas tinintes, anunciavam um período de bem-estar geral? Como poderia o Senhor não castigar uma classe de chefes e príncipes que nos tribunais pronunciavam sentenças favoráveis aos que pagavam e os subornavam com presentes de corrupção? A infidelidade é de todos e contra todos. Nem respeitam os próprios pais. Reina o ódio no seio das próprias famílias. Por isso, de nada servirão os carros de guerra; as praças fortes, bem como as árvores sagradas serão destruídas. No fim de tudo, porém, soará a hora da vingança contra as nações inimigas e contra os cruéis destruidores.

Isto no futuro próximo. Depois disto, a distância bem remota, advirá o período messiânico. Então serão cumpridas as promessas feitas pelo Senhor aos patriarcas, pelas quais aos seus descendentes concederia perdão, paz e vida tranqüila.

#### NAUM (620-612 a. C.)

**52.** - Ante a cólera do Senhor, o terror reina em todo o Universo. Mas o mesmo Senhor é caridoso e bom para quem nêle se refugiar. Ele mesmo restaurará a Terra Santa. Na terra de Israel reinarão prosperidade, bem-estar e retidão.

### HABACUC (605-600 a. C.)

**53.** - Parece que o nome coincide com um termo assírio que indica uma planta. Nada de preciso se sabe a respeito da pessoa do autor do livro. Entre os manuscritos descobertos recentemente veio à luz também um comentário aos primeiros dois capítulos do livro. No entanto, longe de oferecer uma exegese exata, apresenta antes as idéias fundamentais duma seita judaica de outrora, cujo chefe foi assassinado por reacionários.

Prediz o profeta a invasão do país pelos caldeus. Aprofeta, ademais, aqueles que com meios injustos e com capacidade descomunal acumulam riquezas em detrimento dos indefesos. São sem fim as injustiças sociais. Esta imoralidade dos costumes e estas rapinas são conseqüências duma corrupção religiosa que as precedeu. Os ricos caem no paganismo, já que só no paganismo se conciliam vida social e depravação de costumes.

No terceiro e último capítulo descreve uma teofonia, ou seja, uma aparição do Senhor, abundante em pormenores. O Senhor, o justo juiz, aparece para cumprir uma obra de justiça rigorosa.

### SOFONIAS (Cêrca de 630 a. C.)

**54.** - O pequeno livro composto de três capítulos contém discursos de exortação contra Judá, Jerusalém e os povos vizinhos.

Não se pode precisar a época em que Sofonias exerceu o seu ministério.

É de interêsse a menção de alguns homens de Jerusalém que dizem no seu coração: "O Senhor não pode fazer nem bem nem mal. Mas o dia do Senhor se avizinha, o dia da punição em que o sangue dos pecadores será derramado como

pó, não lhes valendo as riquezas para salvá-los da ira do Senhor”.

O mesmo profeta anuncia castigos para nações vizinhas. No fim, porém, virá o dia em que todos os povos invocarão o Senhor, mesmo aqueles das regiões mais distantes. De Israel, quem restar não cometerá nenhuma obra iníqua, nem pronunciará palavra mentirosa. Naquele dia, o Senhor estará no meio de Jerusalém qual herói salvador. E o nome de Israel será glorificado entre todas as nações da terra.

#### AGEU (Cêrca de 520 a. C.)

55. - Os dados pessoais dêste profeta são desconhecidos. O estilo do livro, que abrange dois capítulos, é aramaizante. O livro evoca o período do rei persa Dario I. Em virtude da conduta do povo reina calamidade e carestia.

Como personalidades centrais figura Jerobabel, príncipe de Judá, e Josué, sumo Sacerdote.

O profeta prediz um terremoto próximo e também a reconstrução do Templo.

#### ZACARIAS (Cêrca de 520 a. C.)

56. - A primeira parte do livro (cap. 1-6) é de fácil interpretação, enquanto que a segunda (cap. 7-13) oferece inúmeras dificuldades.

Através de oito visões noturnas o profeta nos acena a consumação do reino messiânico. No fim acha-se uma visão simbólica.

Eis as visões: Um cavaleiro num vale coberto de murtas. Quatro chifres e quatro ferreiros. O anjo com a corda de medir. O candelabro de ouro entre os dois ramos de oliveira (imagem que ocorre em Apocalipse, 11). O rôlo

volante contendo maldições. A mulher dentro da ânfora. Enfim, quatro carros entre dois montes de bronze. Na ação simbólica vemos o sumo sacerdote Josué com coroas de ouro e prata simbolizando a glória do futuro rebento messiânico, destinado a reconstruir o Templo do Senhor.

Os capítulos 7 e 8 tratam dos dias de jejum no quarto, quinto e sexto mês. Se êstes meses recordam a queda de Jerusalém, será que o jejum deve ser observado também no tempo messiânico? Digno de nota é 7,9: "Disse o Senhor dos Exércitos: Praticai a justiça segundo a verdade, fazei misericórdia e tende caridade uns para com os outros".

Importantes são os textos messiânicos em 9,9: "Exulta grandemente, filha de Sião, rejubila-te, filha de Jerusalém. Eis que vem o teu Reino, justo e salvador. Êle é pobre e monta numa jumenta acompanhado de seu jumentinho".

#### MALAQUIAS (Cêrca de 450-530 a. C.)

**57.** - O livro compõe-se de quatro capítulos. Fala-se da eleição de Jacó (Israel) em oposição a Esaú rejeitado. Seguem advertências severas contra os sacerdotes transgressores dos mandamentos. Em tôda a parte será ofertado ao Senhor um sacrifício puro. Opõe-se o profeta aos matrimônios mistos e aos divórcios.

Virá o dia do juízo do Senhor em que muitas impiedades desaparecerão ante a passagem do Senhor.

Pelo fim inculca-se a observância da lei dos dízimos e se anuncia a vinda do profeta Elias.

Nada se sabe com segurança da pessoa do profeta. O seu nome poderia ser uma abreviatura do termo: "Anjo do Senhor" (mensageiro do Senhor).

## OS APÓCRIFOS PRECÍPUOS DO ANTIGO TESTAMENTO

58. - O termo *apócrifos*, de origem grega, significa: "ocultos" e indica um determinado número de livros de caráter bíblico. O termo já foi considerado equivalente do verbo hebraico *ganaz*, se bem que a semântica deste verbo hebraico seja antiga e incerta. Indica livros de certo caráter sacro e que, apesar disso, não foram divulgados. Significa ademais livros sacros postos fora de uso devido ao seu estado deteriorado e para os quais se escolhe um esconderijo. Nos primeiros escritores da Igreja "apócrifos" assinalavam simplesmente "livros secretos". Orígenes entende com esta palavra livros excluídos da leitura durante funções religiosas de caráter público. Para S. Jerônimo, "apócrifos" são todos os escritos que não constam no cânon hebraico, bem como os pseudo-epígrafos, os livros heréticos e os livros cujo autor ou origem se ignoram. Nos meios católicos modernos entende-se por livros apócrifos todos os escritos que por causa de seu conteúdo e dos seus autores pressupostos não são considerados canônicos.

O termo hebraico "livro de fora" serviu também para indicar livros secretos cuja divulgação era indesejável. Tal termo nem sempre indica, como se queria afirmar ainda nestes últimos tempos, livros proibidos aos judeus em consideração de sua fé religiosa, como o seriam, por exemplo, os Evangelhos. Não é assim, porque, neste caso, era empregada uma terminologia mais explícita, como "livros dos Mineus" (às vezes em forma disfarçada: "livros dos Sadocitas"). Os judeus ao se referirem aos ditos livros como não recomendáveis para a leitura pensavam, ao que parece, em livros não admitidos em leituras de caráter litúrgico. Basta considerar que os hagiógrafos, via de regra, não foram lidos nas reuniões de cunho sacro e litúrgico. Eis por que é coisa muito insegura querer cotejar o termo "apócrifo" com um dos termos hebraicos mencionados.

Hoje, mais do que nunca, é preciso se não afirmar, pelo

menos perguntar se o livro cuja divulgação os rabinos proibiram não eram escritos sectários. Os documentos em torno da "Aliança de Damasco", encontrados e publicados há algumas dezenas de anos, bem como os documentos que se vêm descobrindo a partir de 1947 nas grutas vizinhas do Mar Morto, contêm muitas obras pertencentes a seitas judaicas existentes antes e depois da fundação do cristianismo.

Foi com maus olhos que os rabinos encararam o sectarismo. E por isso se deve levar em consideração a possibilidade de que os termos "livros de fora", "livros ocultos", ou melhor "livros a serem ocultados", possam ter servido, às vezes, para indicar justamente os livros dos sectários.

No tocante aos livros apócrifos do Antigo Testamento, abstração feita do significado do termo que não é bastante claro, será útil salientar o gênero literário dos mesmos. Podemos falar, por exemplo, dum grupo de livros de cunho histórico, narrativo e lendário: alguns livros que se apresentam como dos macabeus, o sonho de Mardoqueu e a descoberta da conspiração, o edito do ministro Amã, a prece de Ester, a interpretação do sonho e a instituição da solenidade, os acréscimos do livro de Daniel, a história de Susana, de Bel, do Dragão, o livro de Adão, o martírio de Isaías, etc. Ao gênero poético e apocalíptico pertenceriam o livro de Henoc, etíope e eslavo, o Apocalipse de Abraão, a Assunção de Moisés, o Apocalipse grego de Baruc, etc. De gênero lírico seriam os Salmos de Salomão, a Oração de Manassés e mais quatro salmos conservados só em siríaco. Certa classe de livros traz a forma de testamento: O Testamento de Abraão, de Isaac, de Jacó, e os Testamentos dos doze Patriarcas. Discute-se a procedência judaica dos Testamentos de Salomão e de Jó.

De numerosos apócrifos não se conservou nada senão o título, recordado aqui e acolá nos escritores eclesiásticos, de sorte que não se pode asseverar a sua origem judaica.

Alguns destes livros são mencionados ocasionalmente na literatura narrativa do Talmude. Da grande maioria dos ou-

tros, perdeu-se o original hebraico. Muitos apócrifos foram “retraduzidos” para o hebraico.

De alguns produtos literários, portanto, é difícil determinar se pertencem aos apócrifos do Antigo Testamento, ou à literatura judaica apocalíptica.

## A LITERATURA APOCALÍPTICA

59. - Não acrescentamos ao título “no Antigo Testamento”, porque a conexão entre esta literatura e os livros vetero-testamentários nem sempre é bem definível.

O termo *apocalipse* denota uma revelação pós-profética que visa os mistérios do mundo invisível. Há uma apocalíptica profética, ou seja, aquela que prediz, e outra puramente descritiva. Pode-se tratar, às vezes, dentro do gênero profético, duma referência à história, projetada sobre uma tela escatológica, isto é, sobre os derradeiros tempos do futuro histórico, ou também de uma projeção de sucessos históricos próximos ou remotos sobre um fundo assaz distante no futuro. Desta forma os fatos assumem um caráter altamente religioso. O gênero apocalíptico torna-se um descobrimento, uma revelação dos mistérios do futuro.

Com o profeta Malaquias, assim se dizia, cessou da parte de Deus a inspiração profética. Embora Deus não ofereça mais aos profetas as suas revelações e inspirações, pode haver homens agraciados com visões a desvendarem o futuro distante, que, em virtude de valor intrínseco, se aproximam às visões e inspirações proféticas do período precedente.

A literatura profética não é divinatória. Os profetas, amiúde, falam em imagens, como também Jesus se expressava em parábolas, método esse didático em voga entre os doutores palestinos de então. Pois bem, a parábola, em si mesma atraente e fácil, não exclui que possa conter um sentido muito mais profundo e não estar ao alcance de todos. Lá onde o profeta fala de tempos novíssimos, ou seja, onde ele im-



prime aos seus discursos um cunho apocalíptico, aí necessariamente deve ser acrescentado o estado de tensão espiritual do que lê e do que ouve. Quando, a partir de Amós, o profeta repreende ao povo as discriminações e as injustiças no campo econômico, em que um pobre vale um par de sapatos, a coisa é de fácil compreensão; mas, quando um profeta exclama: "Acordai, proferi gritos de júbilo, vós que habitais no pó!" Quando o mesmo profeta alude a um orvalho fulgente que desce de cima, pelo qual a terra regenera os mortos, a coisa torna-se de compreensão difícil.

No período que segue ao exílio babilônico dos judeus o caráter apocalíptico começa a prevalecer nas profecias. Quando Jeremias prediz que o Egito no campo político promete muito ao povo judaico sem cumprir nada, ou quando anuncia a vitória dos babilônios e a queda do estado judeu, torna-se compreensível, ainda que recebido com hostilidade. Aprisionam o profeta, mas na calada da noite o próprio rei quer ouvir, às escondidas, a opinião do profeta sobre a desgraça e o sofrimento. Não assim as visões apocalípticas. A visão do profeta é a realidade de amanhã que facilmente pode ser conjeturada dos eventos semelhantes do passado. Mas, que passado permitiria conjeturar a visão escatológica duma revelação apocalíptica? Na visão apocalíptica o símbolo sobrepõe-se à realidade, ao passo que na literatura profética a realidade se sobrepõe ao símbolo, sendo o próprio símbolo a realidade revestida de formas visíveis; mas é sempre uma realidade compreensível, uma realidade que se liga a experiências análogas do passado. Em que realidade se poderia pensar ao ouvir ou ao ler a palavra dum apocalíptico?

Os profetas se responsabilizam pelo que anunciam tanto assim que atraem sobre si ódios e, às vezes, até o martírio. Também o escritor apocalíptico pode falar de visões calamitosas; mas é obrigado a apelar por uma fé que facilmente pode ser prestada a um profeta, mas dificilmente a êle.

Na literatura bíblica, do Pentateuco até os Profetas, os anjos são os mensageiros e os porta-vozes do Senhor, que executam as ordens do Senhor.

O Salmista poderá dizer que os ventos são os mensageiros

ou os ministros do Senhor; que os fogos chamejantes, ou seja, os anjos e até Satanás são destacados para executar determinada obra (um anjo assistido pelo próprio Deus extermina os primogênitos do Egito). Enquanto na literatura apocalíptica os anjos, muitas vezes, são representados como astros ou como espíritos que moram nos astros. Na literatura apocalíptica ocorrem numerosos anjos, que recebem nomes próprios, e descreve-se minuciosamente a côrte celeste. As desgraças humanas são atribuídas aos demônios, sendo os espíritos malignos descendentes dos anjos caídos. Há uma jerarquia inteira na esfera dos demônios; êstes fazem pecar e adoecer; fala-se já em exorcismos. Mas, no fim dos dias os demônios e os gênios do mal serão exterminados definitivamente, isto é, o mal será vencido por completo no meio dos homens.

Sob a influência de trágicos sucessos históricos anda-se em procura de visões que chamem a atenção para a luta entre o monoteísmo de Israel e o paganismo. Tendo cada nação seu anjo tutelar, ao conflito entre as nações corresponde outro travado entre seus anjos protetores. Acabadas essas lutas e alcançada a vitória final, surgirá um mundo novo, o mundo do futuro. É aqui que o apocalipse se vincula às esperanças messiânicas. O Rei-Messias não é a esperança a se verificar de um dia para outro. Nem é mera recordação histórica como se fôsse um regresso à figura heróica de Davi. É algo mais importante: rompem-se os limites do tempo, apagam-se as linhas divisórias entre passado, presente e futuro, embora sempre se trate dum "primeiro", dum "agora" e dum "depois". O paraíso e a Jerusalém celeste, até agora distantes no passado ou no espaço, se aproximam entre si e se aproximam das mentes e dos corações dos leitores dos apocalipses num presente em que se encontram e se confundem o mais longínquo passado com o mais remoto futuro<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> Por falta de espaço não podemos tratar das versões antigas, tão importantes para uma melhor compreensão dos textos (Z.). — Não compreendemos o sentido desta nota, pôsto que no cap. 17 o autor tratou das aludidas versões (T.).

SEGUNDA PARTE

## O NOVO TESTAMENTO

1. - *Uma grande luz.* — “Enquanto trevas cobrem a terra, e nuvens espessas as nações, sôbre ti resplandece o Senhor e a sua glória sôbre ti se espraia” (Is 60,2). “Não falei convosco num lugar secreto, numa terra tenebrosa; não disse aos descendentes de Jacó: buscai-me em regiões desoladas. Eu sou o Senhor, eu digo o que é justo, e anuncio o que é reto” (Is 45,19). “E agora” — assim fala o Senhor — “que te criei, Jacó, que te formei, Israel: Não temas! Eu te remi, eu te chamei por teu nome, és meu! Ao passares por águas eu estarei contigo. Os rios não te tragarão. Se andares no meio de fogo não serás ferido, as labaredas não te queimarão, porque eu, o Santo de Israel, sou o teu Salvador... Não temas, que eu estou contigo... (Is 43,1 ss). “Como derramo água sôbre o sequioso e correntes de água sôbre a terra ressequida, assim derramarei o meu espírito sôbre a tua posteridade e a minha bênção sôbre a tua prole... Este dirá: Eu sou do Senhor. Outro se chamará a si mesmo pelo nome de Jacó. Um escreverá sôbre sua mão: Eu sou do Senhor. Outro adotará o nome de Israel... Assim fala o rei de Israel e o seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro e o último e afora de mim não há Deus” (Is 44,3 ss).

Revelar-se-á este Deus como Juiz justo e severo de quantos habitam a terra, e de todo mal que, qual monstro, infesta a terra (ib 26,21 e 27,1 e 42,13). A hora do Senhor arrebatará os povos culpados. No céu aparecerá<sup>1</sup> a espada do Senhor gotejando de sangue (ib 34,5) e coberta da gordura dos opressores.

O Senhor pronuncia os grandes acontecimentos históricos e envia um portador da Boa-Nova (ib 41,27). Seria

<sup>1</sup> “aparecerá”, tornar-se-á visível, e não, “saciar-se”, de acôrdo com a proposta acertada de Sofia Cavalletti (Z.).

feliz a sorte de Israel, se tivesse ouvido a voz (ib 48,18) do Senhor que dirige os destinos do povo concretizando viva e palpavelmente a palavra dos seus servos e os conselhos dos seus mensageiros (ib 44,26). O Senhor é onipotente. Ele transmuda os desertos em nascentes de água para dar de beber a Israel sedento (Sl 105,41). O Senhor deseja cancelar os pecados do povo. Não quer mais se lembrar das transgressões de Israel. Israel, porém, continua pecando (Is 43,25). Contudo...

Contudo, haverá um momento de crise na história, uma hora que marcará o início de um período novo e importante, portador de direito e de justiça. Será uma passagem rápida das trevas para a luz (ib 9,1). Em outra ocasião o profeta nos faz presenciar a crise histórica sob a imagem dum temporal do Senhor que abate as mais potentes e robustas árvores do Líbano (ib 10,33). Entretanto, ao mesmo tempo, longe dos terríveis fragores, desponta silenciosamente um rebento da estirpe de Jessé, sobre o qual repousará toda a plenitude dos dons do Espírito do Senhor. Ele será o juiz dos míseros, juiz pela mercê do Senhor. Sobre a criação inteira, homens e animais, descerá uma grande paz e um grande amor. E todos os desterrados retornarão à Terra do Deus de Israel...

A vida e a palavra de Jesus, bem como a palavra dos Evangelhos, se nos afiguram como repetição e sublimação destes pensamentos longínquos, destas promessas antigas, destas esperanças multisseculares.

## JESUS E ISRAEL

2. - Em um mundo submerso no politeísmo, em um mundo onde se presta culto a divindades que, quais homens, comem e se banqueteam; que, desinteressadas do destino dos homens, se deixam dominar por todas as paixões humanas — amor, ciúme e ódio; divindades em cujo meio se destrona

o deus envelhecido para apoderar-se do comando; divindades em cujo ambiente reina a volúpia e o suicídio, a luxúria e o delito — em um mundo de politeísmo tão grosseiro surge repentinamente o conhecimento de um Deus uno, único, eterno, isento de paixões, criador e doador da vida, vida eterna. É êle, a um tempo, juiz justo e pai extremoso...

Aos israelitas pertence a doação filial, a glória, os pactos da aliança, a Lei, o culto e as promessas. A êles pertencem os patriarcas (Rom 9,4 ss). No entanto, era bem dolorosa a existência do povo eleito. Viviam sob o calcanhar do pagão, que despreza o Deus de Israel. Mas virá o Messias, justo e poderoso, para aniquilar pagãos e paganismo. Êle fará resplandecer de nova luz a glória do reino de Davi. Será chamado "Filho de Davi". Todavia, eis um Messias, filho dum carpinteiro. Um Messias que se diz "Filho do Homem", expressão que — os judeus bem a compreendem — significa: "Filho de Deus" (um homem, portanto, a se proclamar Filho de Deus), e cujo "Reino" *não* é dêste mundo.

Nós, porém, vivemos e sofremos *neste* mundo. O "Reino", portanto, é de Deus e só de Deus.

Declara ser o "pão da vida", portador de uma Lei. Depois daquela de Moisés? Êle desceu do céu? Mas, qual o homem que pode subir ao céu? Declara ser a "Verdade": porventura, segundo os profetas, não é o Senhor Deus a "Verdade"?

Jesus tem a consciência de ser o enviado de Deus e sabe que um só caminho aproxima o homem de Deus: a fé neste mesmo Jesus. É o próprio Deus que pergunta: "Quando vier o Filho do Homem, encontrará fé sôbre a terra?" (Lc 18,8). Jesus sabe-se enviado às ovelhas da casa de Israel, quer sejam poucas, quer muitas as que nêle hão de crer. Deus ama essas poucas que têm fé em Jesus, que crêem ser Jesus o enviado de Deus (Jo 16,30). Jesus lhes assegura: "Eu não estou sôzinho, porquanto o Pai está comigo". Crêem em Jesus os que o Pai lhe deu, aos quais êle, Jesus, dará a vida eterna. "Ora, a vida eterna consiste em conhecer a vós, Deus único e verdadeiro, e aquêle que enviastes, Jesus

Cristo" (ib 17,3). "Eu manifestei vosso nome aos homens que me confiastes no mundo; eram vossos, e vós mos destes; êles conservaram a vossa palavra. Agora conhecem que tudo quanto vós me destes vem de vós; e as palavras que me comunicastes eu lhes tenho transmitido; êles as receberam reconhecendo sinceramente que eu saí de vós e crendo que vós me enviastes" (ib 17,6-8).

Sabe Jesus que só uma minoria insignificante de predestinados e previstos pelo Pai terão fé nêle. Nem poderia ser diferente. A missão de Jesus não podia ser posta em prática senão dentro de Israel, que é monoteísta. Para os politeístas êle não seria mais que um dos numerosos deuses encarnados. A terra devia ser lavada com o sangue de Jesus. Os seus amigos recobriam ânimo para sua missão à vista da Cruz e do sangue dos primeiros mártires. O sacrifício assume de maneira sempre mais clara a significação de uma luta incessante contra o Maligno, Satanás.

É êste, em têrmos gerais, o substrato psicológico dos inícios do cristianismo e o ponto de partida para a compreensão dos Evangelhos.

### MARCIÃO

3. - Nascido pelo ano de 85 em Sinope, no Ponto, foi excomungado por heresia, em sua cidade natal. Em 139 veio a Roma como rico armador. Aderindo à comunidade cristã, à qual entregou somas de dinheiro, já em 144 começou a elaborar suas idéias reformistas. A seguir fundou uma igreja dissidente que tomou vulto no Oriente até os confins da Pérsia e da Armênia.

A idéia central do marcionismo é um rigoroso antijudaísmo e uma conduta hostil para com o Antigo Testamento. Partindo de antinomias paulinas da Lei e do Evangelho, da justiça divina e da graça, devido à interpretações errôneas, chegou à conclusão de que entre o Antigo e o Novo Testa-

mento existem divergências tais que revelam a existência de divindades diferentes. Um deus justiceiro e colérico dos judeus, um deus que se identifica com o Demiurgo (Criador), e outro Deus do amor que se manifesta nos Evangelhos. Este último Deus, pela vez primeira, se revelou em Cristo. Assumindo um corpo aparente, Cristo desceu do céu para esta terra. Jesus pregou o Deus do amor, operou prodígios, sendo enfim crucificado pelos sequazes do Demiurgo, cujo reino ele devia destruir. Dos seus adeptos Marcião exigiu a abstinência de todos os bens do deus criador, antes de tudo do matrimônio, da carne e do vinho.

Entre outras coisas Marcião compôs, de acordo com suas idéias, um Novo Testamento especial, constituído do Evangelho de S. Lucas, excetuando a história da infância de Jesus, e do "Apostolicon", isto é, das primeiras dez cartas de S. Paulo (sem a carta aos Hebreus e as cartas pastorais). Foram omitidas, igualmente, na Bíblia de Marcião, todas as referências ao Antigo Testamento. Certas particularidades foram consideradas como "falsificações judaizantes". A Igreja rejeitou decididamente a heresia de Marcião cuja atividade tornou mais premente a necessidade da formação do cânon neotestamentário.

## CRISTIANISMO E ANTIGO TESTAMENTO

4. - No cânon do Antigo Testamento Jesus reconheceu uma coleção de livros sacros, divinamente inspirados. Ao mesmo tempo, porém, atribui a si mesmo a autoridade de distinguir entre o que nas Escrituras tem valor temporal (o divórcio, Mt 19,2 ss), e entre o que permanece inalterado e ao que ele opõe a doutrina particularmente sua. "Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás, e o que matar será submetido ao juízo. Eu porém vos digo: Quem se encolerizar contra seu irmão, merece ser sentenciado". A mágoa experimentada pelo irmão não reconciliado torna impossível a reconciliação com Deus (Mt 5,21 ss).



Outro preceito do Decálogo: "Ouvistes que foi dito aos antigos: Quem olha para uma mulher cobiçando-a, no seu coração já cometeu adultério com ela".

Jesus interioriza o homem. Considera pecado não só quando já concretizado em uma ação externa prevista na Lei, mas quando aninhado no coração do homem, porque só os puros de coração verão a Deus. Enquanto os rabinos construíram "sebes"<sup>2</sup> em torno das observâncias das leis dos ritos, dos alimentos e da pureza levítica, Jesus se opõe a quanto constitui uma possível lesão da pureza da alma. Não basta não guardar rancor, não se vingarem de injustiças sofridas. Jesus exige uma conduta positiva, isto é, o amor ao inimigo. O amor vai de encontro ao ódio e à injustiça. De tudo isso resulta um aprofundamento da Lei, e não a sua negação.

Essencialmente o Antigo Testamento é uma profecia concernente a Cristo. Como então o Cristianismo poderia negar aquilo que, sob certo ângulo de vista, perfaz a sua legitimação? É em Jesus que se "cumprem" as Escrituras. "Ademais — assim 2 Pdr 1,19 ss — temos a palavra mais firme dos profetas, à qual fazeis bem em dar tódia a atenção. É uma lâmpada que brilha em lugar escuro, até que clareie o dia e a estrêla da manhã nasça em vossos corações. Antes de tudo, porém, convencei-vos de que nenhuma profecia da Escritura se explica por interpretação própria. Pois jamais uma profecia surgiu por vontade humana, mas, foi impelidos pelo Espírito Santo que falaram os homens santos de Deus".

## OS INÍCIOS DO CÂNON NEOTESTAMENTARIO

5. - À frente dos 27 escritos do cânon estão os quatro Evangelhos, seguidos pelo *Corpus Paulinum*, composto de 14 escritos.

<sup>2</sup> Trata-se das *tradições dos pais* (Mc 7,5-13), isto é, das interpretações fornecidas pelos rabinos célebres do passado. O termo *sebe* origina-se do tratado da Mishna "Pirquê Abot" (= Sentenças dos Pais) 1,1 (T.).

Os quatro Evangelhos (segundo Mateus, Marcos, Lucas e João) surgiram na segunda metade do século I. Mateus para os judeus-cristãos da Palestina; João, para a Ásia Menor; Marcos e Lucas, para Roma e Itália em geral. Cada qual foi divulgado nas províncias vizinhas.

Mateus redigiu seu Evangelho no idioma aramaico, em uso naquela época, e um escritor anônimo traduziu-o para o grego. Este e Lucas conheceram o texto de Marcos. João depois do ano 100 achou larga divulgação no Egito central<sup>3</sup>. Papias, Bispo de Hierápolis (cap. 130) conhece Mateus e Lucas. Opina-se que os quatro Evangelhos foram, no tempo do Imperador Adriano (117-138), na Ásia Menor, fundidos numa unidade<sup>4</sup>. No entanto, nos meados do século II os quatro Evangelhos não são ainda considerados como canônicos<sup>5</sup>.

As palavras do Senhor, geralmente, são referidas em forma genérica e não literalmente. Nos Padres apostólicos se encontram palavras do Senhor que não constam nos Evangelhos. Ou remontam a uma tradição oral, ou pertencem a escritos apócrifos. Vale o mesmo no tocante a certas tradições evangélicas, registradas nas obras de Justino Mártir († 165) e no Diatessaron de Taciano, publicado pelo ano de 170.

Justino, na Primeira Apologia, refere o uso constante de se lerem, na ocasião das reuniões sagradas, as "Memórias dos Apóstolos", editadas em 155, chamadas "Evangelhos". Só uma vez fala das "Memórias" de Pedro, tendo em vista o Evangelho de Marcos.

O assírio Taciano, discípulo de Justino, pouco antes de 170 redigiu o "Diatessaron", ou seja, harmonia dos quatro Evangelhos, no qual em forma contínua apresenta os atos e as obras do Senhor, omitindo os paralelismos e servindo-se, aqui e acolá, de fontes apócrifas.

<sup>3</sup> Alusão a célebres fragmentos papiráceos do 4º Evangelho (T.).

<sup>4</sup> Alusão à harmonia evangélica de Taciano, chamada "Diatessaron"? (T.).

<sup>5</sup> Ignoramos as razões que levaram o autor a proferir esta afirmação; cfr. cap. 6 (T.).

O *Corpus Paulinum*, já pelo fim do século I era divulgado na Grécia, Ásia Menor e Itália.

## FORMAÇÃO DO CANON NEOTESTAMENTÁRIO

6. - Irineu, bispo de Lião na França meridional, menciona em sua obra "Contra as Heresias" (composta nos anos 180-192) 22 escritos sacros de caráter canônico.

O assim chamado "Fragmento Muratoriano" constitui o elenco mais antigo de livros canônicos do Novo Testamento. Redigiu-o um autor desconhecido pelo fim do século II e foi descoberto e publicado por Muratori (daí o nome) em 1740. O original, a menos que se trate duma versão do grego, é redigido num latim bárbaro. Nesta espécie de introdução ao Novo Testamento o autor já fala em nome de certa "Igreja Católica".

Pelo ano de 235 Hipólito de Roma fala de 22 escritos. Ele reconhece a autoridade tanto do Antigo como do Novo Testamento.

Tertuliano de Cartago (cêrca de 160-220) dentro do âmbito do Novo Testamento distingue entre "instrumento" (= testamento) evangélico e apostólico. Segundo êle são canônicos os escritos compostos pelos Apóstolos ou discípulos dêles. Para Tertuliano, que representa a Igreja africana, o Novo Testamento compreende 22 livros: os quatro Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, 13 cartas paulinas, 1 de Pedro, 1 de João, de Judas e o Apocalipse.

Clemente Alexandrino, nascido provávelmente em Atenas e morto em Alexandria (211), conhece todos os 27 escritos do nosso cânon. Orígenes (185-255), sucessor de Clemente na direção da escola catequética de Alexandria, alude — evidentemente de acôrdo com a Igreja egípciana — aos 27 escritos neotestamentários.

Notícias numerosas e importantes sôbre a formação do cânon fornece Eusébio, Bispo de Cesaréia, na Palestina († cêrca de 340). Fala de "homologômena", ou seja, escritos

de canonicidade incontestada, e de "antilegômena", isto é, escritos de canonicidade impugnada; 17 escritos ao todo. Outras notícias oferece-nos Cirilo de Jerusalém (315-386).

Em 367 o patriarca Atanásio de Alexandria enumera os livros do Antigo Testamento e os 27 que somam o cânon do Novo Testamento.

Em 382 o sínodo romano registra os livros do Antigo Testamento, acrescentando os 27 que constituem o Novo Testamento. É de importância decisiva a carta do papa Inocêncio I, endereçada em 405 aos bispos de Tolosa: fazem parte do Novo Testamento: Os quatro Evangelhos, 14 cartas do Apóstolo Paulo, 3 de João, 2 de Pedro, 1 de Judas, 1 de Tiago, os Atos dos Apóstolos e o Apocalipse de João.

## O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

### 7. - Os 27 livros do cânon dividem-se em três categorias:

#### LIVROS HISTÓRICOS.

- |  |   |
|--|---|
| 1) Evangelho segundo S. Mateus (28 cap.) | 3) Evangelho segundo S. Lucas (24 cap.) |
| 2) Evangelho segundo S. Marcos (16 cap.) | 4) Evangelho segundo S. João (21 cap.)  |
|  | 5) Atos dos Apóstolos (28 cap.)         |

#### LIVROS DIDÁTICOS.

- |                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| a) <i>Epístolas de S. Paulo</i>     | 17) A Tito (3 cap.)                                   |
| 6) Aos Romanos (16 cap.)            | 18) A Filêmon (1 cap.)                                |
| 7) I aos Coríntios (16 cap.)        | 19) Aos Hebreus (13 cap.)                             |
| 8) II aos Coríntios (13 cap.)       | b) <i>Epístolas de outros Apóstolos ou católicas.</i> |
| 9) Aos Gálatas (6 cap.)             | 20) De S. Tiago (5 cap.)                              |
| 10) Aos Efésios (6 cap.)            | 21) I de S. Pedro (5 cap.)                            |
| 11) Aos Filipenses (4 cap.)         | 22) II de S. Pedro (3 cap.)                           |
| 12) Aos Colossenses (4 cap.)        | 23) I de S. João (5 cap.)                             |
| 13) I aos Tessalonicenses (5 cap.)  | 24) II de S. João (1 cap.)                            |
| 14) II aos Tessalonicenses (3 cap.) | 25) III de S. João (1 cap.)                           |
| 15) I a Timóteo (6 cap.)            | 26) De S. Judas (1 cap.)                              |
| 16) II a Timóteo (4 cap.)           |   |

#### LIVRO PROFÉTICO.

- 27) Apocalipse (22 cap.)

## TEXTO E VERSÕES DO NOVO TESTAMENTO

8. - Os autógrafos, escritos sobre o material frágil de papiro, se perderam muito depressa. Foram feitas cópias sobre rolos de pergaminho, como os judeus utilizaram para o Antigo Testamento. O aumento de cópias acarretava o aumento de erros. Montou-se a 2500 o número de manuscritos do Novo Testamento, além de uns 1600 lecionários, isto é, coleções de pericopes destinadas ao uso litúrgico.

Entre as versões merece menção a *Vetus Latina*, chamada também *Ítala*, que precede a de S. Jerônimo. Além da *Ítala*, havia outra, chamada "afra" (africana). Antes que S. Jerônimo tivesse redigido a sua tradução, os Evangelhos já tinham sido traduzidos quatro vezes\* para o latim.

O papa Dâmaso (366-384), em face do estado deplorável em que se achavam as várias versões então em uso, confiou a Sofrônio Eusébio Jerônimo, o maior bibliista da antiga Igreja latina, a tarefa de executar uma nova versão latina, a "Vulgata". Jerônimo, natural de Estridão (Dalmácia) formou-se em Roma, aperfeiçoou-se em grego quando de sua permanência no Oriente grego, e aprendeu hebraico com um judeu convertido. Em 382 o papa Dâmaso quis que Jerônimo, na qualidade de conselheiro, participasse num sínodo, fazendo-o depois seu secretário particular. Um ano depois, confiou a Jerônimo, então com 35 anos de idade, a tarefa de preparar um texto seguro da Bíblia latina. Deveria ser uma edição crítica da versão existente. Os quatro Evangelhos foram terminados em 384.

Morto Dâmaso em 11 de dezembro de 384, Jerônimo deixou Roma em agosto de 385 para fixar residência em Belém (Palestina). Ali submeteu a uma revisão os restantes livros do Novo Testamento, se bem que não tão radicalmente como os Evangelhos. Dependia muitíssimo dos manuscritos de que dispunha. Só em 405 completou a versão de ambos

\* Será que Zolli pensou nos manuscritos mais antigos da *Vetus Latina*? Segundo a cronologia vigente, só o códice *Vercellensis* precede S. Jerônimo (T.).

os Testamentos. Conforme Jerônimo pressentira, desencadeou-se uma campanha de oposição, fadada a durar séculos. A razão principal, foram as divergências entre a *Vetus Latina* e os textos de S. Jerônimo traduzidos do hebraico. Até um Santo Agostinho se limitou a concordar com a versão latina dos Evangelhos, mas não com o texto dos livros traduzidos do hebraico. Só Beda, o Venerável († 735) chama a versão de S. Jerônimo, em oposição à *Vetus Latina*: "nostra editio". Somente pelo fim da Idade Média foi dado, de modo incontestável, à Bíblia latina de Jerônimo o nome de "editio vulgata". Verificou-se com o tempo um grande inconveniente: os amanuenses confundiram desordenadamente a *Vetus Latina* e a versão "Vulgata" de Jerônimo. O papa Sisto V colaborou pessoalmente para uma edição crítica da "Vulgata", que foi publicada em 1590 (Edição Sistine). Sendo retirada esta edição por causa dos defeitos que continha, foi substituída pela Clementina (de Clemente VIII), em 1592. Nas edições ulteriores (1593 e 1598) foram eliminados parcialmente os seus erros de imprensa. Entre as edições recentes figuram a de A. Grammatica (Milão 1914 e 1922) e a de Hetzenane (Innsbruck 1914 e Regensburg 1929).

Em 1907 Pio X encarregou os beneditinos (Instituto de S. Jerônimo, em Roma) da árdua tarefa de reconstituírem cientificamente o texto autêntico de S. Jerônimo. Os trabalhos até agora editados pelo Instituto mereceram o aplauso incondicional não só da Igreja, como também dos estudiosos da Bíblia em todo o mundo.

Mencionemos ainda, entre as várias outras traduções, a "Peshittha" ("Vulgata" siríaca), a versão siro-palestinense (no idioma de Jesus Cristo), a gótica, a copta e a armênia.

### O TÉRMO «EVANGELHO»

9. - "Euangelos", em grego, denota o portador duma boa mensagem. "Euangelion" (daí "Evangelho") origi-

nalmente significa, ora o prêmio recebido por uma boa-nova, ora a própria mensagem, precipuamente a de uma vitória alcançada. Além disso, sendo o imperador considerado salvador do mundo, “boa-nova” era o nascimento, a tomada de posse e os decretos de cada um deles. Não obstante isto, o conceito de “Evangelho” não remonta ao uso que tinha em grego, e sim ao Antigo Testamento e ao judaísmo posterior. O termo hebraico que deriva do verbo “basar” significa: recado da vitória, a boa-nova, a notícia da salvação que se aproxima. É com o anúncio da salvação que se inaugura a era messiânica. E este anúncio em nome de Deus cria uma nova realidade. Esta mensagem reveste-se de significação escatológica. Lê-se em Isaías 52,7-10: “Como são formosos sobre os montes os passos do que anuncia a boa-nova, do mensageiro da paz, do arauto do bem, daquele que fala a Sião, dizendo-lhe: O teu Deus reinará”. Numa visão o profeta vê e ouve os passos do arauto que transpondo os cumes da colina se apressa a anunciar aos habitantes de Jerusalém o retorno dos exilados na Babilônia, o regresso do Senhor a Sião, para restaurar o seu reino. Este anúncio constitui o início do tempo da salvação.

O mesmo sucede no Evangelho. Jesus mesmo anuncia: “O tempo se cumpriu, o reino de Deus está próximo” (Mc 1,15). S. Paulo (Rom 1,1 ss): “Paulo servo de Jesus Cristo, apóstolo por chamamento, destacado para (comunicar) o Evangelho de Deus”. O mesmo apóstolo (1 Cor 15,1): “Eu vos manifesto, irmãos, o Evangelho que vos anunciei, que vós aceitastes, no qual permanecéis, pelo qual sereis salvos se retiverdes como eu vo-lo anunciei... Antes de tudo eu vos transmiti o que eu mesmo recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, que foi sepultado e que foi ressuscitado no terceiro dia, segundo as Escrituras...”

Sempre entende-se por “Evangelho” a palavra viva do pregador, e não um escrito, e é por isso que os arautos da boa-nova são chamados “evangelistas”. Por isso fala-se de Filipe, o evangelista (At 21,8). S. Paulo fala de apóstolos, profetas *evangelistas*, pastôres e mestres (Ef 4,11). Somente pelos meados do século II o “Evangelho” passa a

significar um relatório escrito sobre a vida e a obra de Jesus. Nesta época Justino Mártir alude às “Memórias” dos apóstolos, referindo-se aos “Evangelhos”. E os autores dos Evangelhos escritos passam a ser chamados “Evangelistas”.

### A VIDA DE JESUS NOS EVANGELHOS E NAS CARTAS DE SÃO PAULO

**10.** - O termo “Evangelho” ocorre 4 vezes em Mateus, 8 vezes em Marcos, nenhuma vez em Lucas, e cerca de 60 vezes em Paulo.

Depois dos Evangelhos, as Cartas de São Paulo são as fontes principais para o conhecimento da vida, da obra, da paixão e morte de Jesus.

### SÃO MATEUS

**11.** - Lemos em Lucas 5,27 ss: “Depois disto Jesus partiu e, vendo um publicano de nome Levi, assentado junto ao telônio, disse-lhe: Segue-me. E êste, deixando tudo, levantou-se e o seguiu. Levi preparou-lhe um magnífico banquete em sua casa. E havia grande número de publicanos e de outras pessoas que estavam com êles à mesa. Então os fariseus e seus escribas murmuravam e diziam aos discípulos de Jesus: Por que comeis e bebeis com os publicanos e com os pecadores? Respondeu-lhes Jesus: Não são os que gozam de boa saúde que precisam do médico, mas sim os doentes. Não vim chamar os justos, mas os pecadores à penitência.

Êste Levi é idêntico ao evangelista Mateus, nome com que é chamado no primeiro Evangelho. Lucas e Marcos chamam-no “Levi”, no ato da vocação, “Mateus”, porém, no elenco dos Apóstolos. Tudo indica que “Levi” (filho de Alfeu) era o nome principal, “Mateus” o nome ligado à



dignidade apostólica. Mateus vem do hebraico *Matath-jahu* e significa "Dom do Senhor".

## O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

12. - O mais antigo testemunho acêrca dêste Evangelho é o de Papias de Hierápolis (ca. 130), onde se diz: Mateus compôs em hebraico (isto é, em aramaico palestinese da época) as sentenças de Jesus interpretando-as (isto é, traduzindo-as. — T.) cada um conforme podia. O grego "lógia" (= sentenças) reproduz mentalmente o hebraico "debharim" que significa a um tempo "palavras" e "fatos". Papias, pois, refere-se ao Evangelho aramaico de Mateus que recorda fatos e ditos do Senhor, ou seja, quanto êle disse e fêz.

Orígenes também fala do Evangelho de Mateus, que primeiro fôra publicano e depois apóstolo, sendo o Evangelho redigido em hebraico, destinado à evangelização dos judeus.

No Evangelho de Mateus distinguem-se seis (segundo outros, cinco) conjuntos de discursos que apresentam seis conjuntos da pregação de Jesus. Estas sentenças de Jesus, Lucas as registra não agrupadas sistematicamente, mas sim esparsas e ligadas a vários episódios. Tanto Mateus como Lucas reproduzem o Sermão da Montanha, embora com extensão e conteúdo diferentes. Opina-se, geralmente, que o texto de Lucas seja o original, ampliado por Mateus. Quanto a mim, creio tratar-se de duas metades do mesmo discurso, cujas partes se completam mutuamente. Mateus refere uma metade, Lucas a outra, o que não contradiz a tendência geral de Mateus de agrupar sentenças de conteúdo semelhante, diferentemente do método mais histórico de Lucas. Mateus ajunta os contos. Lucas procura esboçar um quadro histórico, se bem que segundo critérios particulares, como logo mais veremos. Mateus parece querer conservar as notícias de caráter histórico-geográfico.

Do ponto de vista teológico Mateus vê em Jesus o Messias do Antigo Testamento, o filho de Davi, que, no entanto,

não alcançou o sucesso pleno e imediato na Palestina por causa da incompreensão e incredulidade dos chefes do povo. Em Jesus se cumpriram as profecias messiânicas da Bíblia. Em nenhum outro evangelista abundam assim as citações e referências vetero-testamentárias como neste Evangelho. O próprio Jesus invoca o Antigo Testamento. Na genealogia de Jesus diversamente de Lucas, Mateus pretende provar que Jesus era o "Filho de Davi". Jesus mesmo é o cumprimento da Lei e dos Profetas (5,17-48). Obras messiânicas são as curas praticadas por Jesus. Os curados dirigem-se a Jesus como ao "Filho de Davi", que equivale a Messias.

Pondo em relêvo particular as polêmicas e as hostilidades entre Jesus e os escribas, o Apóstolo deseja despertar em seus leitores o senso de penitência e a conversão expiatória. Nestas polêmicas Mateus serve-se dos recursos rabínicos de que dispõe. Amiúde êle recorre às leis judaicas, um argumento que, por motivos óbvios, tinha menor valia para Marcos e Lucas<sup>1</sup>. A Lei encontra seu perfeito cumprimento não já na observância da minuciosa casuística dos rabinos, mas no amor do próximo, ensinado igualmente por essa Lei. Este argumento vale para os judeus, não para os gentios. Quanto aos atos de piedade, devem ser praticados em segredo e não em praça pública. A redenção trazida por Jesus é universal e não mais exclusivamente judaica, outro argumento de maior interesse para os judeus que para os gentios.

## O ESTILO DE MATEUS

13. - Não resta dúvida que Mateus é autor dum Evangelho redigido em aramaico, que chegou até nós em grego. Este texto grego, porém, embora se baseie no trabalho precedente, é uma composição uniforme e nova, e não mera tradução. A existência de semitismos não forja um argumento contrário. Em Marcos, por exemplo, são encontrados

<sup>1</sup> A razão está nos destinatários: Mt visa os judeus-cristãos da Palestina; Mc e Lc os gentios-cristãos do Império Romano (T.).

mais semitismos que em Mateus. Conforme nossa opinião a presença de expressões semíticas em toda a literatura neotestamentária se justifica antes por fatores ideológicos que filológicos. Certos conceitos e idéias, encontrando seu equivalente mais facilmente em um idioma semítico que em grego foram por isso traduzidos literalmente sem que se levasse em conta a índole da língua grega.

Para o conceito "homem", por exemplo, achamos a expressão "carne e sangue", o que em grego soa bastante estranho. Perguntamos, por que não escreveram "*ánthropos*" já que eles também sentiram a inconveniência das palavras gregas "carne e sangue"? Veremos que a razão desta preferência tem maior peso que o puro bom-gosto lingüístico. "Homem" e "carne e sangue" não indicam a mesma coisa. Do contrário, os evangelistas teriam escrito "*ánthropos*". Mas, "carne e sangue", por exemplo, em Mateus 16, denota o homem, o ser frágil e mortal em oposição à eternidade, à onipotência e à sabedoria infinita de Deus. Por isso, embora não soe bem estilisticamente, escreve-se em grego "carne e sangue". Além disso, os evangelistas nem sonharam em exarar uma obra de valor literário grego. Interessava-os antes de tudo o conteúdo religioso e a intenção apostólica. Com "carne e sangue" também em grego se percebe o ente frágil e mortal, ao passo que o termo altivo "*ánthropos*" teria cancelado tudo aquilo que se eleva acima de consideração de estilo e de literatura: a fé. Eis por que a presença de semitismos não implica necessariamente em versão elaborada sobre textos originais hebraicos. O fator decisivo é de índole sentimental. Consta, outrossim, que os evangelistas no caso de menor importância religiosa, atendem menos ainda à beleza estilística. Sirva de exemplo a partícula hebraico-aramaica *bê* que ora significa "por meio de", ora "em" (local). Pois bem, os evangelistas, imbuídos de mentalidade semítica escrevem "em" onde melhor caberia "por meio de". Mas, por que não prestam maior atenção? Bem, trata-se de assunto sem a mínima importância religiosa.

Compreende-se que o *Kerygma*, a pregação antiga, vi-

sava avivar nas mentes o interêsse pela *personalidade* humana e sôbre-humana de Jesus. Atingida, porém, esta meta, e embora só essencialmente, sentia-se a necessidade de realçar a *espiritualidade* de Jesus e do cristianismo.

O intérprete incomparável desta tendência, em forma sintética e profunda, é S. Paulo. "Entre os perfeitos anunciamos uma sabedoria, porém não a sabedoria dêste mundo, nem a dos príncipes dêste século destinados à destruição. Anunciamos-lhes a sabedoria de Deus, aquela sabedoria misteriosa e oculta, preparada por Deus antes dos séculos para glória nossa. Nenhum príncipe dêste século conheceu a sabedoria (se a tivessem conhecido não teriam crucificado o Senhor da glória); mas, como está escrito: O que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem atingiu o pensamento do homem, Deus o tem preparado aos que o amam. Tudo isso Deus no-lo revelou por meio de seu Espírito. O Espírito, com efeito, perscruta tudo, até as profundezas de Deus. Que homem conhece os segredos do homem, senão o próprio espírito do homem? Da mesma maneira ninguém conhece os segredos de Deus, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não recebemos o espírito dêste mundo, e sim o Espírito que vem de Deus para conhecermos os dons que Deus nos concedeu. O apostolado consiste em fornecer ao homem espiritual a realidade espiritual, cuja compreensão é vedada ao homem carnal e psíquico, ao qual, embora dotado de alma racional, falta apesar disso a comunicação com o Espírito de Deus. O homem espiritual, porém, julga tôdas as coisas, não sendo êle próprio julgado por ninguém. Com efeito, quem conhece o pensamento do Senhor tão difícil de ser sondado? Contudo, nós é que possuímos o pensamento de Cristo" (cfr. 1 Cor 2,6-16).

Estas linhas paulinas sôbre a compreensão e aquelas outras em que o Apóstolo versa com incomparável beleza e profundidade sôbre o poder irresistível da caridade, fazem parte da mística, semeada por Cristo, brotada no Evangelho de Mateus e nos outros dois sinópticos, e avolumada qual maré no Evangelho de João, para depois esparramar-se qual mar de luz sôbre a humanidade de todos os tempos.

## SÃO MARCOS

14. - O segundo Evangelho é de Marcos, discípulo do Apóstolo Pedro. Segundo o supramencionado Papias, bispo de Hierápolis na Frígia, Marcos o "intérprete" de Pedro, escreveu, certamente não por ordem cronológica, o quanto recordava das palavras e obras do Senhor.

Marcos não seguiu diretamente a Jesus, mas a Pedro, que, atendendo às necessidades de seus ouvintes, apresentou as palavras do Senhor sem pretender ser cronológico e completo. Marcos esforça-se por relatar fielmente o que aprendera de Pedro. Morto Pedro em 64, Marcos compôs e redigiu sua obra para com isso satisfazer os anseios dos auditores do apóstolo.

Que significa o título "intérprete" (hermeneutes) dado a Marcos? Não é fácil responder com exatidão. Talvez, porta-voz. Marcos é mencionado no fim da Carta de Pedro: "Saúda-vos a Igreja da Babilônia (Roma), eleita convosco, e Marcos, meu filho. Saudai-vos uns aos outros com o ósculo santo. A graça a vós todos que estais em Cristo. Assim seja". Marcos é "filho" espiritual de Pedro, isto é, foi batizado pelo príncipe dos Apóstolos.

Durante certo tempo Marcos acompanhava Paulo e Barnabé nas suas rotas missionárias. Em outra ocasião Marcos achava-se ao lado de Paulo, prêso em Roma. Pelo fim da Carta aos Colossenses (4,10 ss) Paulo escreve: "Saúda-vos Aristarco, meu companheiro de prisão, e Marcos, o sobrinho de Barnabé a cujo respeito recebestes recomendações — se fôr ter convosco, dispensai-lhe bom acolhimento — saúda-vos igualmente Jesus, apelidado justo. Dentre os circuncisos, são êstes os únicos que comigo trabalham pelo reino de Deus; e foram para mim um conforto".

A afirmação de que Marcos tenha sido o primeiro bispo de Alexandria não encontra crédito nos historiadores.

## O EVANGELHO DE MARCOS

15. - Este Evangelho relata com preferência as ações e palavras de Jesus. Nem sequer alude ao Sermão da Montanha. Os episódios contidos em Marcos são mais concretos que os de Mateus. Ele registra o estado de ânimo de seus personagens, e do próprio Jesus (1,41; 1,43; 3,5; 7,34). Quanto ao estilo, notam-se no grego de Marcos muitos semitismos, a par de numerosos latinismos. São escassos os dados biográficos de Jesus. Todo o interesse do Evangelista se concentra no que constitui a quinta-essência da confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe (Mt 16): Jesus, Filho de Deus e Messias.

Com seu Evangelho Marcos dirige-se aos cristãos oriundos do paganismo, e é por isso que ele explica usos e costumes judaicos, como, por exemplo, as festas. Traduz regularmente, pelo mesmo motivo, os termos aramaicos. Muitos estudiosos opinam que Marcos compôs seu Evangelho em Roma. Segundo os críticos, Lucas se serviu do Evangelho de Marcos. Lucas escreveu antes de 63<sup>o</sup>.

Objeto de controvérsia é a autenticidade dos versículos finais do Evangelho de Marcos (16,9-20). Este acréscimo interrompe o fio do pensamento. Estilisticamente difere do resto do Evangelho. Falta em vários manuscritos. Como então explicar a presença de 16,9-20, texto antigo, porquanto já conhecido na metade do século II? Não é provável que Marcos tenha deixado incompleto o seu Evangelho. Eis por que se supõe que se tenha perdido o final do Evangelho de Marcos, sendo substituído por um acréscimo da lavra de outros.

<sup>a</sup> Logo mais, no cap. 16, Zolli afirma — corretamente — que S. Lucas escreveu seu Evangelho entre 70 e 80 (T.).

## SÃO LUCAS

16. - Afirma Santo Irineu (século II) que Lucas, companheiro de Paulo, assentou num livro o Evangelho anunciado por Paulo. Outros referem que Lucas era cidadão de Antioquia (Siria), médico de profissão, discípulo dos apóstolos e mais tarde companheiro de Paulo até o martírio deste. Renunciando a fundar família serviu ao Senhor até a idade de 84 anos, vindo a falecer pleno do Espírito Santo. Tendo Mateus escrito seu Evangelho na Judéia e Marcos na Itália, compôs também ele o seu Evangelho, sob o impulso do Espírito Santo, em Acaia. Seu fim era oferecer aos cristãos oriundos do paganismo uma exposição genuína da obra da salvação, para resguardá-los da influência das mitologias e outras fantasmagorias perniciosas.

Pelo fim da Carta aos Colossenses (4,14) Paulo escreve: "Saúda-vos Lucas, o médico caríssimo".

Segundo uma tradição que remonta ao século I, Lucas é também autor dos Atos dos Apóstolos, sendo esta tradição confirmada por argumentos estilísticos e literários.

Lucas inicia o seu Evangelho com um proêmio, endereçado a Teófilo, cristão e amigo seu da Ásia Menor. "Já que muitos empreenderam pôr em ordem a narração das coisas que entre nós se realizaram, de acôrdo com o que nos foi transmitido por aquêles que as presenciaram desde o início, e que delas se fizeram arautos, pareceu-me bom, também a mim, ó nobilíssimo Teófilo, depois de me ter informado cuidadosamente de tudo, desde o princípio, escrever-te uma exposição ordenada dos fatos, para que conheças plenamente a verdade dos ensinamentos em que foste instruído" (1,1-4). Entre as fontes de que Lucas se serviu, figura o Evangelho de Marcos, além de outra, não conhecida a Marcos e de procedência ignorada.

Lucas dispunha de uma profunda cultura. Evita vocabulos hebraicos e aramaicos, substituindo-os por termos gregos. O mesmo vale acêrca das expressões latinas. Todavia,

nem Lucas quer escrever uma biografia de Jesus. Mateus apresenta Jesus como Messias de Israel. Marcos, como filho de Deus. Lucas como Filho de Deus e Salvador do mundo. Omite controvérsias só de interêsse judaico, acentuando mais o caráter universal da mensagem de Jesus. Só Lucas, para citarmos um exemplo, fala da pecadora a quem muito foi perdoado (7,36 ss). Êle insiste também no pouco valor dos bens terrenos em oposição aos celestes. Cristo ama os pobres. As riquezas representam um perigo (6,24 ss).

Lucas escreveu seu Evangelho entre 70 e 80.

### SINOPSE E "FORM CRITICISM»

**17** - O t ermo "Sinopse" foi criado por Gr esbach em 1776 para evidenciar, através da justaposi o dos três primeiros Evangelhos, a "concordia discors" existente entre os três. A Sinopse revela uma série de fen menos. Por exemplo: O Evangelho de Marcos é o mais breve. Quase todo o seu material, exceto uns 30 versículos, encontra-se em Mateus e Lucas.  sse último usou a metade do material encontrado em Marcos. Lucas, o "historiógrafo" supera os outros sinóticos pela abundância de material, devendo isso, evidentemente, a uma fonte exclusivamente sua. Mateus e Lucas têm material comum não encontrado em Marcos. Ao lado destas grandes divergências há um grande número de convergências: boa parte das palavras de Jesus ocorre nos três sinóticos. Êstes concordam largamente na disposi o do material. O Sermão da Montanha de Mateus difere do de Lucas. Como explicar as desarmonias? Em 400 S. Agostinho escreveu o "De consensu evangelistarum" com o propósito de harmonizar as divergências apontadas pelos adversários pagãos. A partir do século XVIII o assunto foi reassumido por vários estudiosos, surgindo uma longa série de teorias e hipóteses. Até o momento nenhuma soluço satisfatória foi apresentada, razão por que prosseguem



as discussões. Procura-se evidenciar as "fontes": As sentenças do Senhor, o Mateus aramaico, a tradição oral. São afirmadas e negadas correspondências entre os sinópticos.

O método proposto por Martinho Dibelius e Rodolfo Bultmann, método conhecido em alemão por "Formgeschichte" (História das Formas) e em inglês por "Form Criticism", considera muitos textos dos Evangelhos como um reflexo de tudo quanto criavam e elaboravam as massas populares.

Mas serão indispensáveis estas teorias complicadíssimas e de pouca durabilidade? Porventura não basta a realidade histórica para harmonizar os textos concernentes à Paixão? O temperamento e a origem diferentes de cada um dos Evangelistas, a influência de Pedro sobre Marcos e de Paulo sobre Lucas — Pedro e Paulo tão diferentes e tão semelhantes entre si, a diversidade do ambiente em que escreveram (Palestina, Itália, Acaia), a variedade de destinatários a que se dirigem (judeus-cristãos, pagãos), as oscilações entre as fontes históricas, os depoimentos individuais das testemunhas oculares e, enfim, a diferente preparação cultural de cada um dos Evangelistas — não serão suficientes para justificar as divergências entre os sinópticos? Cumpre levar em conta que a intenção comum de todos não era escrever uma biografia ou fazer "literatura" mas pôr-se a serviço do apostolado. Será que reaparece em todos os Evangelhos a pregação oral da qual se originaram e que por sua própria natureza está sujeita a oscilações? Será que a crítica não esmiúça e reconstitui muitas vezes textos hipoteticamente orgânicos quando deveria reconstruir e compreender melhor personagens históricos vivos e operantes? E não se cuidará demasiadamente dum pretenso objetivismo onde ferve um subjetivismo pulsante de vida e paixão?

## S. JOÃO EVANGELISTA

18. - Segundo antiga tradição da Igreja, o Apóstolo João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago Maior, teria escrito o quarto Evangelho em Êfeso, na Ásia Menor. Acêrca dêle escreve Irineu de Lião (180): (Depois dos primeiros três Evangelistas) João, discípulo do Senhor, "a quem Jesus amava e que se reclinara no peito de Jesus" (13,23), redigiu também um Evangelho, quando morava em Êfeso, na Ásia. S. João teria vivido até à época do imperador Trajano (98-117). Irineu assevera basear-se sôbre notícias que lhe foram transmitidas e sôbre o que soubera de Policarpo, bispo de Smirna († 155) que ainda conhecera João pessoalmente. Outras testemunhas antigas afirmam que, morto Domiciano, João teria retornado da ilha de Patmos a Êfeso. O Evangelho de João quer apresentar um Jesus espiritual (pneumático). Parece que João compôs o Evangelho depois do Apocalipse, redigido durante o exílio em Patmos.

Alguns herejes rejeitam tanto o Apocalipse, como o Evangelho. A Igreja, porém, conservou inalterada a fé na origem apostólica do quarto Evangelho. Em 1820 apareceu o ceticismo, representado por Bretschneider, literato alemão. De acôrdo com uma das hipóteses avançadas o autor do quarto Evangelho teria sido certo João, presbítero de Êfeso.

Note-se que S. Paulo (At 20,28) identifica os "presbíteros" de Êfeso com "bispos", homens idosos, incumbidos de "cuidar do rebanho", de "vigiar" e de "apascentar a Igreja do Senhor". Em 1 Pdr 5,1 diz o príncipe dos Apóstolos: "Aos presbíteros que estão entre vós exorto eu, também presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo...: Apascentai o rebanho de Deus que vos está confiado". Não será, portanto, arriscado contrapor o "presbítero" ao apóstolo? Por que João, o presbítero, e João, o apóstolo, não podem ser a mesma pessoa?

Insiste-se que o "outro" João, verdadeiro Evangelista, foi, também êle, discípulo de Jesus e testemunha da história

evangélica. Ademais, João morreu mártir em 66, quatro anos depois do martírio de Tiago, irmão do Senhor. O martirologio de Cartago, datado de 505, mas baseado sobre fontes muito antigas, afirma: "Em 27 de dezembro, (festa) de S. João Batista e de S. Tiago que Herodes mandou matar". Pois bem, este João (Batista) primeiro pelo tempo e terceiro a comparecer na discussão, perturba um pouco a fé na teoria que opõe João, o presbítero, a João, o apóstolo, para declarar o presbítero autor do Evangelho no lugar de João apóstolo, discípulo predileto do Senhor.

Ademais se de alusões contidas no próprio Evangelho se devesse concluir que seu autor foi o apóstolo e não o presbítero de Éfeso, dever-se-ia ainda justificar os esforços que os críticos fazem para distinguir o presbítero do outro?

Marcos (1,19) refere: "Tendo passado (Jesus) um pouco adiante viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, consertando as rédes na barca; chamou-os sem demora e eles, deixando na barca seu pai Zebedeu com o companheiro, seguiram-no". No episódio da cura da filha de Jairo (5,37): "Jesus não permitiu que ninguém o acompanhasse, senão Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago". Nos Atos dos Apóstolos (3,1 ss; 4,13; 8,14 ss) lê-se: "Ora, os Apóstolos que estavam em Jerusalém, sabendo que a Samaria tinha aceito a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João". Em Gál 2,9 escreve S. Paulo: "Tiago, Cefas (Pedro) e João, considerados como as colunas, ofereceram-me, a mim e a Barnabé, a mão em sinal de união, para que nos dirigíssemos aos gentios". Em João 19,25 ss: "Junto da Cruz estavam sua mãe e a irmã de sua mãe... E Jesus, vendo sua mãe e, ao lado dela, o seu discípulo predileto, disse à sua mãe: "Mulher, eis aqui o teu filho! Depois disse ao discípulo: Eis aqui a tua mãe! E a partir daquele momento o discípulo levou-a consigo para sua casa".

Jesus, ao lado de sua mãe, vê "o discípulo que lhe era caro"... depois disse "ao discípulo"... "o discípulo levou-a consigo"... Só o *apóstolo* João, e nenhum outro João no mundo, pode escrever assim!

Prescindindo de descobertas de documentos, papiros,

etc., os defensores da tese segundo a qual o autor do Evangelho seria o presbítero João, afirmam que Tiago, primo irmão do Senhor morreu mártir em 62. O apóstolo João e seu irmão Tiago teriam sofrido a mesma morte ou juntamente com Tiago, irmão do Senhor (em 62) ou em 66. Calcule-se portanto: João torna-se discípulo de Jesus aos 25, mais ou menos. Teria em 66 a idade de cerca de 58 anos. Ora, em João 21,18 ss Jesus prediz a morte violenta de Pedro. Neste momento voltando-se Pedro, vê aproximar-se o discípulo predileto de Jesus, aquêle que durante a ceia reclinava no colo dêle, inquirindo-lhe: "Senhor, quem é aquêle que te trairá?" Também aqui emprega-se a mesma terminologia para falar em João, como em 19,25. Para que serviriam tais matizes de delicadezas num presbítero João? Por certo, não é qualquer "João" que, ao lado de Pedro, merece semelhantes atenções.

Prossigamos, porém, na leitura do último parágrafo do Evangelho: "Vendo-o, Pedro disse a Jesus: Senhor, que sucederá com êle? Respondeu-lhe Jesus: Eu quero que êle permaneça assim até que eu venha; que te importa? Segue-me tu". Por isso, entre os irmãos correu o boato de que êste discípulo não morreria. Ainda hoje costuma-se dizer a respeito de quem atinge idade avançada: "Êste não morrerá nunca!"

Averiguou-se a profecia de Jesus, ou não? Se João apóstolo morreu na idade de 58 anos, Jesus viu mal e foi exatamente o presbítero João quem deu a conhecer êste erro a tôdas as gerações futuras!

Em suma, refletindo um pouco sôbre a tese que afirma o presbítero João, em vez do apóstolo João, como autor do Evangelho, fica-se desconcertado, mesmo na suposição dum erro dos nossos cálculos\*.

\* Zolli voltará mais vêzes ao problema do "outro" João. Sôbre o valor relativo dos argumentos a favor do tal presbítero João contra João Apóstolo, escreve F. M. Braun, O. P. na sua última obra sôbre S. João: "Seja como fôr: os críticos da antiga escola liberal que abraçaram a causa do presbítero João, não deixaram de tirar proveito da passagem de Papias em abono dos seus sistemas. Nisso trilharam o caminho franqueado por Eusébio. Não querendo

### O DISCÍPULO «A QUEM JESUS AMAVA»

19. - Em João 13, Jesus prediz a traição de Judas. “Um de seus discípulos, aquêle a quem Jesus amava, estava reclinado sôbre o peito de Jesus. Simão Pedro lhe fêz sinal e disse: “De quem é que está falando?” Estando aquêle discípulo assim reclinado sôbre o peito de Jesus, perguntou-lhe “Senhor, quem é êsse?”

João 18,15 (Jesus ante Anás e Caifás): “Simão Pedro seguia a Jesus com outro discípulo. Este discípulo era conhecido do sumo pontífice e entrou com Jesus no pátio do pontífice. Pedro ficou do lado de fora, junto à porta. O outro discípulo que era conhecido do sumo pontífice, saiu...”

Note-se bem: esta delicada sensibilidade de jamais dizer “João” scrá devida ao presbítero João, autor suposto do Evangelho? E o discípulo que toma parte na ceia, íntimo de Pedro, não é o apóstolo João? E não é êle que estava reclinado sôbre o peito do Senhor? Por que João, o presbítero, referindo-se ao apóstolo, não diz “João”?

O apóstolo João, o “discípulo” que está junto à Cruz ao lado da mãe de Jesus, não era, por acaso, o indicado para escrever o Evangelho pneumático de João, o presbítero? Atrás de Marcos está Pedro, atrás de Lucas, Paulo; e quem está atrás do presbítero?

Ressurreição de Jesus, Jo 20,2 ss: “(Maria Madalena) correu e foi estar com Simão Pedro e com o outro discípulo a quem Jesus amava... Saiu Pedro com aquêle outro discípulo... mas o outro discípulo correu mais rápido do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro... Entrou também aquêle discípulo que chegara primeiro ao sepulcro...” É

que o Apocalipse, do qual abusavam os milenaristas, tenha sido escrito por um apóstolo, Eusébio descobriu o expediente para atribuí-lo (o Apocalipse — T.) ao presbítero; ou, pelo menos, o sugeriu. O mesmo procedimento, sem razão alguma, foi aplicado ao Evangelho”. Jean le Théologien et son Evangile dans l’Eglise anclenne. Paris 1959. p. 364 (T.).

evidente que o autor do Evangelho é o apóstolo João cuja modéstia não lhe permite falar em si próprio senão por alusões e na terceira pessoa; quanto ao presbítero João, este seria modesto à custa de outrem.

## O EVANGELHO DE JOÃO

20. - Este distinguiu-se dos sinópticos, sobretudo, pelos discursos de Jesus que, em João, são bem diferentes dos que se acham nos três primeiros Evangelhos: são extensos, elaborados e de teor elevado. Diverso é também o número de viagens de Jesus a Jerusalém. Em João a ordem cronológica dos sucessos é mais exata.

Do ponto de vista teológico, o conceito do "Reino de Deus", predominante nos Evangelhos precedentes, em João é substituído amiúde pela idéia da "vida eterna", que indica um bem presente, atual, e não só escatológico, que consiste no conhecimento de Deus e na fé em Cristo, seu enviado. O "Filho do Homem" em João, assinala o mensageiro de Deus que, procedente do céu, no fim de sua peregrinação terrestre, será elevado à glória celeste. No quarto Evangelho a mensagem da salvação vale para a humanidade inteira. "Nós cremos nêle", asseverou o habitante de Samaria à samaritana, "não só pelo que tu nos disseste, mas pelo que nós mesmos temos ouvido, e nós reconhecemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo (4,42). Avistando Jesus, João Batista exclama: "Eis o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo" (1,29). Será que Jesus não é enviado para salvar as ovelhas da casa de Israel? Sim, mas também os pagãos: "Tenho ainda outras ovelhas que não são dêste aprisco; é necessário que eu as conduza também, elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor" (10,16).

No centro das controvérsias entre Jesus e os escribas, relatadas por João, não se encontram mais as questões de

pureza levítica e observância sabática, e sim o problema da presença ou ausência da fé. Lê-se no prólogo (1,17): “Porque a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade foram trazidas por Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus; o Unigênito que está no seio do Pai, este é quem no-lo manifestou”. Tratando dos primeiros discípulos, lemos no capítulo I: “Filipe encontrou-se com Natanael e disse-lhe: “Encontramos aquele de quem Moisés fala na Lei e que foi anunciado pelos profetas: Jesus de Nazaré, filho de José” (1,45).

### O MISTÉRIO DA PESSOA DE JESUS

21. - A idéia central do quarto Evangelho é o mistério da pessoa do Cristo, assunto que deixava nervosos a todos, como se pode observar nos sinópticos. Quem é Jesus? A sua autodefinição “Filho do Homem” tão clara para quem sabe que “Homem” (*Adam*) equivale aqui a “Deus” — na literatura rabínica Deus, às vezes, é chamado de “Adam” — é muito obscura e embaraçosa para os fiéis e, não menos, para seus adversários. Filho do Homem? É um homem... eis a tese defendida ainda hoje por muitos exegetas. E não obstante não é assim.

No Evangelho de João, Jesus fala de si mesmo na primeira pessoa: “Eu sou a luz do mundo” (8,12). Assim falou Jesus: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarà nas trevas, mas terá a luz da vida” (8,17). Note-se antes de tudo, esta antítese, tão cara de João: luz — trevas. Lemos em 1,4: “Nêle estava a vida, e a vida era a luz dos homens; a luz brilhou nas trevas, e as trevas não a receberam”. E falando de João Batista a respeito de Jesus: “Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz... A verdadeira luz que ilumina todo homem, estava por vir ao mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por êle; mas o mundo não o reconheceu”. Esclarece-se daí a frase: “Eu sou a luz do mundo”. Eu sou a luz verdadeira, isto é,

a vida de Deus no homem. As trevas representam o mundo que ignora a luz. Jesus é vida e ressurreição: “quem comer a minha carne e beber o meu sangue, terá a vida eterna e eu o ressuscitarei no novíssimo dia... Como me ensinou o Pai que vive (eternamente) e eu também vivo (eternamente), porque o Pai vive, assim quem me comer viverá também êle, porque eu vivo (6,54). “Viver”, evidentemente significa: vida eterna.

Será que há uma relação entre “eu sou”, e “eu vivo”? “Eu sou” evoca uma expressão empregada, muitíssimas vezes, por Deus no Antigo Testamento. “Eu sou” equivale a “eu sou eternamente”; “eu vivo”, no Antigo Testamento, na bôca de Deus, equivale a “eu vivo eternamente”.

Outro tanto significam nos lábios de Jesus, as expressões: Eu vivo, eu sou. Basta reler, sempre em João (10,26 s): “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes darei a vida eterna, elas jamais perecerão...”

“Em verdade, em verdade vos digo: se alguém guardar a minha palavra, não verá jamais a morte (8,51), porque alcançará a vida eterna. Os judeus não compreenderam: Como! Se todos morreram! Morreu até o patriarca Abraão, e todos os profetas! A resposta “Antes que Abraão fôsse feito, eu sou” (8,58) — suscita nova surpresa no auditório: “Tu não tens ainda cinqüenta anos e viste Abraão?” “Eu sou”, no sentido do Antigo Testamento, referindo-se a Deus, significa: eu sou eternamente. Quem guardar a palavra de Jesus, tendo fé em Jesus, entrará na posse da vida eterna, não será julgado, mas passará da morte à vida. “Em verdade, em verdade vos digo que a hora chegará, e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e quantos a ouvirão, viverão. Como o pai tem a vida em si mesmo, assim concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo” (5,25 s), e isso, não por um ato de generosidade, mas sim, totalmente independente de qualquer fator externo. O Pai e o Filho são a vida eterna. “Se alguém me amar, guarde a minha palavra e meu Pai o amará, e viremos a êle para fazermos nêle



nossa habitação" (14,23), de sorte que há uma relação direta entre o homem mortal e o Deus eterno.

No quarto Evangelho os milagres de Jesus se revestem do caráter de "sinais" que comprovam a filiação divina de Jesus. A multiplicação prodigiosa dos pães confirma quanto Jesus disse em Jo 6,35 e 48. Em 6,27 ss Jesus diz: "Esforçai-vos não por uma comida que perece, mas por uma comida que dura eternamente, que vos dará o Filho do Homem a quem o Pai assinalou com o seu sêlo. O sêlo de Deus é a Verdade. A obra (agradável) a Deus é que creiais naquele que êle enviou... Não foi Moisés quem vos deu o pão do céu (o maná não era pão do céu, porquanto não trouxe a vida eterna), porque o pão de Deus é aquele que desceu (Jesus mesmo) e dá a vida (eterna) ao mundo". Jesus, existindo antes do mundo, é o pão descido do céu para satisfazer o desejo de todos quantos têm fome e sede de Deus. Segue o discurso eucarístico: Jesus é alimento celeste e bebida celeste em forma visível.

Nos capítulos 8 e 9 voltam as mesmas idéias. Em 8,12 Jesus diz: "Eu sou a luz do mundo; quem me seguir não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida". Além do pão da vida e da água da vida temos aqui a luz da vida, a luz do mundo. O cego de nascença caminhava em meio às trevas. Jesus conferiu-lhe o dom da luz. "Enquanto eu estou no mundo, eu sou a luz do mundo" (9,5).

Distingue Jesus entre o cego de verdade que se queixa de não ver, e o outro que, vendo só com o olho físico, afirma que "vê". À pergunta dos adversários: "Será que também nós somos cegos?", Jesus responde: "Se fôsseis cegos, não teríeis culpa alguma; mas porque dizeis: "Nós vemos", a vossa culpa permanece". Sempre e em todos os casos os discursos de Jesus são ocasionados e interpretados pelos milagres: daí o seu significado rico e profundo.

Há ainda outros discursos no Evangelho de João que tendem a revelar o mistério da pessoa de Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém chega ao Pai senão por mim. Se me tivésseis conhecido a mim, teríeis conhecido

também a meu Pai; daqui em diante o conhecereis; e, realmente o tendes visto" (14,6 s.).

Mateus 16 contém a profissão de Pedro: "Vós sois o Cristo (o Messias), Filho de Deus vivo (Eterno)". É pela primeira vez que se faz uma declaração solene e "oficial" em nome de todo o colégio apostólico. Quanto ao Evangelho de João, êste nos fornece contribuições definitivas para o desenvolvimento da cristologia, contribuições tais que só poderiam promanar da autoridade de João Apóstolo.

## OS ATOS DOS APÓSTOLOS

22. - O conteúdo: Introdução. Aparição de Jesus ressuscitado e Ascensão. Reintegração do colégio apostólico devida à morte de Judas Iscariotes. A Igreja no período judeu-cristão. A vinda do Espírito Santo na festa de Pentecostes. Conflitos com autoridades judaicas. O Diaconato. Estêvão protomártir. O diácono Filipe como missionário. Conversão de Paulo.

Inícios e progressos da missão entre os gentios: Pedro como missionário. Início da comunidade cristã em Antioquia. Herodes Agripa persegue a primeira comunidade. Viagem apostólica de Paulo e Barnabé.

Paulo e a missão entre os gentios: Viagens. Paulo em Jerusalém e prisioneiro em Roma. (Nas introduções às Cartas do apóstolo forneceremos maiores informações sobre Paulo e sua obra).

Os Atos tratam de Pedro, príncipe dos apóstolos, e de Paulo, apóstolo dos gentios. Todavia, o objetivo principal do livro é oferecer-nos uma idéia da marcha triunfal do Evangelho em cumprimento da profecia de Jesus: "Sereis revestidos da fôrça do Espírito Santo que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em tôda a Judéia, na Samaria e até os confins da terra" (1,8). Lucas deixa bem claro, nos Atos, que tal obra se realiza por meio do

Espírito Santo. Dado o interesse particular de Lucas pela conversão dos gentios, explica-se o seu devotamento especial por S. Paulo, apóstolo dos gentios, de cujos trabalhos, embora apenas periódicamente, participou em pessoa.

Relatando o itinerário de S. Paulo, Lucas baseia-se num documento de certo companheiro anônimo do apóstolo cujo texto se conhece do uso do pronome "nós"<sup>10</sup>. Trata-se de uma testemunha ocular que viu e conheceu as pessoas e os lugares de que fala, bem como assistiu pessoalmente aos júris movidos contra Paulo em Jerusalém e Cesaréia.

## SÃO PAULO

**23.** - "Eu sou judeu, natural de Tarso na Cilícia" (At 21,39). Desde criança foi iniciado no estudo da Bíblia. Sendo seu pai, ao que parece, fabricante de fazendas e lonas, o pequeno Paulo aprendeu na fábrica paterna tecer lonas de peles caprínas para tendas. Em Jerusalém torna-se discípulo do insigne rabi Gamaliel: "instruído segundo a verdade na Lei paterna, zelador da Lei como todos vós o sois" (At 22,3).

Defendendo-se na presença do rei Agripa, o apóstolo Paulo disse: Quanto à vida que levei desde a juventude, todos os judeus sabem de que modo vivi, desde os primeiros anos no meio do meu povo, em Jerusalém. Conhecendo-me desde muito tempo... que eu vivi como fariseu, seguindo, dêste modo, a seita mais rigorosa de nossa religião. E agora eu sou submetido a julgamento, por causa da esperança que tenho na promessa, que Deus fez a nossos pais. Promessa cuja realização esperam nossas doze tribos, servindo a Deus com perseverança, noite e dia. É por causa desta esperança, ó rei, que sou acusado pelos judeus!... Eu também julgava que devia fazer veemente oposição ao nome de Jesus de Nazaré. Foi o que fiz em Jerusalém. Fui eu que, tendo para isto recebido autorização dos príncipes dos sacerdotes, apri-

<sup>10</sup> Segundo outros, Lucas, dizendo "nós" se referiria a episódios de que éle mesmo teria sido testemunha ocular (Z.).

sionei grande número de santos. Quando eram condenados à morte, dava meu voto contra eles. Por tôdas as sinagogas, muitas vêzes, os maltratei rudemente, obrigando-os a blasfemar. No excesso do meu furor para com eles, perseguia-os até nas cidades estrangeiras. Foi assim que me dirigia a Damasco, com poderes e permissão dos príncipes dos sacerdotes. Ao meio-dia, durante a viagem, vi, ó rei, uma luz vinda do céu e mais brilhante que o sol, a qual resplandeceu em tôrno de mim e dos meus companheiros. Todos nós caímos por terra e ouvi uma voz que me dizia em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues?... Quem sois vós, Senhor? perguntei. Respondeu o Senhor: Eu sou Jesus a quem tu persegues. Mas levanta-te, põe-te em pé, porque eu te apareci para te constituir ministro e testemunha das coisas, para as quais me viste, e daquelas para cuja revelação eu te aparecerei ainda. Eu te livrarei das perseguições que sofrerás no meio do povo e dos gentios, para os quais te enviarei. Tu lhes abrirás os olhos para que se convertam das trevas à luz e do poder de Satanás a Deus; para que, pela fé em mim, alcancem o perdão dos pecados e a herança entre os santificados... Graças ao socorro de Deus, que até hoje não me tem faltado, continuo dando testemunho ao pequeno e ao grande. Nada ensino fora daquilo que os profetas e Moisés declararam que havia de acontecer, isto é, que o Cristo devia sofrer, que seria o primeiro a ressuscitar e anunciar a luz ao povo de Israel e aos gentios" (At 26,4 ss).

Na primeira Carta a Timóteo, que faz parte das Cartas Pastorais, escrita entre 64 e 67, Paulo assim se expressa: "Rendo graças àquele que me deu forças, a Cristo Jesus, nosso Senhor, porque me considerou digno de confiança, pondo-me a seu serviço, a mim que antes fui blasfemo, perseguidor e ofensor insolente. Mas alcancei misericórdia, porque o fiz na ignorância, sendo ainda incrédulo. E a graça de nosso Senhor se manifestou em abundância, juntamente com a fé e a caridade que há em Cristo Jesus. Esta palavra é digna de crédito e merecedora de tôda a aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais

eu sou o primeiro. E se alcancei misericórdia, foi para que Jesus Cristo manifestasse primeiro em mim toda a sua longanimidade, a fim de que eu servisse de exemplo aos que devem crer nêlo para obter a vida eterna. Ao Rei dos séculos, Deus imortal, invisível e único, honra e glória pelos séculos dos séculos! Amém!" (1,12 ss).

Paulo, que primeiro "devastava a Igreja, entrando pelas casas, arrastando homens e mulheres, metendo-os na prisão" (At 8,3), foi "pêgo por Cristo" (Flp 3,12). Em caminho a Damasco, ferido de cegueira, os companheiros tomam Paulo pelas mãos para conduzi-lo a Damasco, onde passou três dias sem tocar em alimento. O presbítero<sup>1</sup> da comunidade de Damasco, por ordem de Jesus, visita a Paulo, restituindo-lhe a vista por meio da imposição das mãos. Sobre o batismo que logo depois recebeu, Paulo escreveu aos romanos (6,37): "Ou ignorais que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte? Pelo batismo, fomos, portanto, sepultados com êle, unidos à sua morte. Mas para que, assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos em nova vida. Pois, se nos unimos intimamente a êle por morte semelhante à sua, estaremos também unidos a êle por ressurreição semelhante à sua. Tenhamos presente que nosso velho homem foi crucificado juntamente com êle, para que fôsse destruído o corpo que pertence ao pecado e assim não mais sejamos escravos do pecado. Aquêle que morreu está livre do pecado" (6,3-7).

No sábado que seguiu o batismo, Paulo se pôs a pregar o Cristo na Sinagoga. Ameaçado, porém, de morte da parte dos judeus, retirou-se para a Arábia, retornando de lá a Damasco: "Terminados três anos subi a Jerusalém, para ver Cefas (Pedro), ficando com êle quinze dias. Dos outros apóstolos não vi nenhum; só a Tiago, irmão do Senhor" (Gál 1,18 s). Trata-se de Tiago Menor, filho de Alfeu, parente de Jesus, que não deve ser confundido com Tiago,

<sup>1</sup> Ananias não era o "presbítero da comunidade de Damasco". Era apenas um discípulo do Senhor (At 9,10) e homem de boa reputação (22,12) (T.).

filho de Zebedeu e irmão de João 'Apóstolo. "Arábia", hoje a península arábica, era, naquele tempo, o reino dos Nabateus, e sua capital Petra.

Depois de um período de recolhimento, Paulo voltou a Damasco para inaugurar ali a missão de pregador. Contudo, passados muitos dias (At 9,23) os judeus decidiram matá-lo; sua trama veio ao conhecimento de Saulo. Guardando êles até as portas da cidade dia e noite para eliminá-lo, os discípulos no silêncio da noite desceram-no em uma cesta, por uma abertura da muralha. De volta a Jerusalém, Paulo foi recebido com desconfiança, cabendo a Barnabé, helenista de Chipre, dissipar as suspeitas. Certo dia, enquanto Paulo estava a orar no Templo (At 22,17 s) aparece-lhe Jesus e diz-lhe: "Apressa-te e sai, quanto antes, de Jerusalém, porque não receberão aqui teu testemunho a meu respeito... Vai, porque eu te enviarei aos gentios, em terras longínquas". Passados quinze dias, conduziram-no a Cesaréia e dali, por Tiro e Sidônia, a Tarso.

Durante o período de paz, Pedro desenvolve uma profícua atividade missionária. Em Cesaréia converte o centurião Cornélio, justificando sua atitude em Jerusalém. Os helenistas, por sua vez, iniciaram a obra da evangelização dos gregos pagãos. Barnabé realiza uma obra proveitosa em Antioquia. Para lá se dirigiu Paulo, destinado a ser apóstolo dos gentios.

## DADOS DA VIDA DE S. PAULO

### 24. - *Dados cronológicos.*

Conversão — 34

Primeira viagem apostólica — 46-49

Concílio apostólico de Jerusalém — 49

Segunda viagem — 50-53

Terceira viagem — 54-58

Cativeiro em Cesaréia — 58-60

Viagem para Roma — 60-61

Primeiro cativeiro romano — 61-63

Segundo opinião da maioria dos estudiosos, durante o primeiro cativoiro romano S. Paulo redigiu quatro cartas: Aos Efésios, Filipenses, Colossenses e a Filêmon.

*Dados biográficos.*

O relatório apresentado por Paulo sobre sua atividade missionária entre os gentios foi aceito favoravelmente em Jerusalém (At 21,18 ss). Percebeu, todavia, o fanatismo crescente dos "judaizantes", adversários irreductíveis da missão entre os gentios. Um voto de "nazireato" (abstinência do corte dos cabelos) veio a agravar os ressentimentos. Acusaram Paulo de ter introduzido no Templo pagãos. Matéria gravíssima aos olhos dos judeus e transgressão das ordens emanadas das autoridades romanas. Paulo recebeu permissão de pronunciar em hebraico uma defesa diante do populacho enfurecido. Uma alusão ao seu trabalho entre os gentios foi rebatida com os gritos: "Ele deve desaparecer da face da terra! Não deve mais viver!" Na presença do tribuno romano Lísias, que quis torturá-lo, Paulo invoca os foros de sua cidadania romana. No dia seguinte foi apresentado ao sumo sacerdote Ananias e ultrajado com um golpe no rosto. Durante a noite o Senhor apareceu a Paulo para dizer-lhe: "Coragem! Como deste testemunho de mim em Jerusalém, dá-lo-ás também em Roma" (At 23,11). Enquanto isso, alguns "zelantes da Lei" conspiraram para eliminar Paulo, inimigo da Lei de Moisés. Descoberto a tempo o conluio, o tribuno envia Paulo, sob forte proteção militar, para Cesaréia, pondo-o à disposição do governador Félix. Passados dois anos Félix foi substituído por Pórcio Festo, o qual, querendo ganhar as boas graças dos judeus, deixou Paulo na prisão (At 24,27). Pretendendo Festo reconduzir Paulo a Jerusalém, este, na sua qualidade de cidadão romano, disse: "Estou diante do tribunal de César... nenhum mal fiz aos judeus, apelo para César" (At 15,10 ss).

O rei Agripa disse a Festo: "Este homem poderia ser pôsto em liberdade, se não tivesse apelado para César" (At 26,32). Assim, Paulo foi enviado para Roma. "Por dois

anos completos ficou Paulo na casa que alugara. Recebia a todos que o procuravam, pregando o reino de Deus e ensinando a respeito do Senhor Jesus Cristo, com desassombro e sem empecilho algum (At 28,30 s).

## CARTA AOS ROMANOS

a) — *A justiça de Deus e a justiça do homem.*

**25.** - A carta foi escrita em Corinto, no inverno de 57-58. A diaconisa Febe, da Igreja próxima de Cencrêia, levou-a a Roma. Paulo não tinha ainda visitado Roma, — fazendo-o só em 61. As idéias cristãs penetraram em Roma por intermédio de peregrinos romanos, judeus e prosélitos, que no dia de Pentecostes ouviram o sermão de Pedro em Jerusalém (At 2,10). Com grande interêsse os judeus residentes em Roma, cêrca de 40.000, receberam a nova. Já pelo ano de 50, uma parte dêles reconhecia Jesus como Messias. Sob o império de Cláudio, entre 49 e 50, muitos judeus e judeus-cristãos foram expulsos de Roma em consequência de motins, ocasionados pela atividade de um falso messias, chamado Cristo.

O conteúdo da Carta: Depois da introdução inicia-se o tratado da justiça de Deus. Este termo denota a justiça caritativa, pela qual êle nos torna justos renovando-nos no Espírito. É a justiça que êle nos comunica para nos fazer "santos", para nos oferecer a sua graça mediante a fé. "Na verdade, não me envergonho do evangelho, pois êle é fôrça de Deus para a salvação de todo aquêle que crê, do judeu primeiramente, mas também do grego. Porque nêle se revela a justiça de Deus, indo da fé para a fé, conforme está escrito: o justo viverá pela fé!" (1,16 s).

Como a nossa vida física, assim também a nossa vida espiritual, baseada na fé, é uma renovação contínua de atos enlaçados entre si numa constante perpetuação. A fé (Hebr 11,1 s) é a permanência constante do objeto de nossa esperança, a convicção das coisas que não se vêem, — ora, se o



próprio Deus se comunica a nosso espírito para oferecer-nos graciosamente a fé, como é que Deus poderá comprazer-se em alguém que não tem fé? Foi sob o impulso da fé que amadureceram os grandes eventos e os grandes homens da história bíblica. Cumpre ao homem, portanto, vencer os obstáculos armados pelo pecado, para se deixar conduzir por Jesus, cuja vida, obra, ensino e paixão foram postos a serviço do aperfeiçoamento da fé. Seja judeu ou grego, quem resistir à ação divina para livrar-se do pecado, caminha de encontro ao justo juízo de Deus. "Deus renderá a cada um segundo suas obras; a vida eterna para aqueles que, perseverando nas boas obras procuram a glória, a honra e a imortalidade; a cólera e a indignação para os espíritos insubmissos que se rebelam contra a verdade e se anoldam à injustiça" (Rom 2,6-8).

b) — *O paganismo.*

Aqui esbarramos com a justiça punitiva de Deus. Pelos seus crimes os pagãos tornam-se alvo da cólera divina. "Com efeito, a cólera de Deus se revela, do alto do céu, contra toda a impiedade e a injustiça daqueles homens que aprisionam a verdade com a prática da injustiça. Pois o que podemos conhecer a respeito de Deus, eles o conhecem claramente. Deus lho manifestou. De fato, desde a criação do mundo, suas perfeições invisíveis, seu poder eterno e sua divindade se tornam perfeitamente visíveis à inteligência, por meio de suas obras. Dêsse modo não podem ter escusas, pois, embora conhecessem a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças. Pelo contrário, perderam-se em vãs cogitações e obscureceu-se-lhes o coração insensato. Declarando-se sábios, tornaram-se tolos e substituíram a glória de Deus imortal pelas imagens que representam o homem mortal, pássaros, quadrúpedes e répteis" (1,18-23).

Na opinião de S. Paulo, o paganismo não se identifica com o ateísmo, visto que até o pagão, mediante as coisas criadas, concebe o Criador. Contudo, o método exclusivamente racional seguido pelo pagão causa nêle tal sensação

de auto-suficiência, em virtude da qual de sábio (que podia ter sido ao menos parcialmente) passa a ser tolo e vaidoso. Seu culto divino assume formas politeístas voltando-se a simulacros mortos de homens e animais. Faltando-lhe o conhecimento de Deus, torna-se duplamente injusto, sendo que nêle se manifesta tanto a "asebia", ou seja, a ausência de piedade religiosa a par do direito religioso, como a "adikia", ou seja, a injustiça perante o próximo, associada à ausência do direito social. A conduta pessoal do pagão traz a fisionomia da imoralidade.

E será que os judeus, o povo da Lei revelada, estão ao abrigo da punição do Deus justo? "Haverá tribulação e angústia para a alma de todo o homem que pratica o mal, para o judeu primeiramente, mas também para o grego. e haverá glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, primeiramente, para o judeu, mas também para o grego. Porque diante de Deus não há preferência de pessoas" (2,9-11).

O juízo de Deus leva em consideração a conduta de quem quer que seja, sem distinção de pessoas; o conhecimento da Lei é um agravante para o transgressor (eis um princípio teológico que ocorre também na teologia rabinica) da mesma maneira que aumenta o mérito e o prêmio daquele que pratica o bem. "Todos aqueles, portanto, que pecaram sem a Lei, perecerão também sem a Lei; e todos que pecaram sob o regime de uma lei, serão julgados de acôrdo com esta lei. Não são os que ouvem a leitura da Lei que se fazem justos diante de Deus, mas sim aqueles que praticam a Lei; é que serão declarados justos. Quando os pagãos, que não possuem a Lei, praticam naturalmente as prescrições da Lei, embora não possuam a Lei, tornam-se lei para si mesmos. Mostram ter gravados em seus corações as prescrições da Lei. Sua própria consciência dá testemunho, assim como seus pensamentos que ora os acusam, ora os defendem. Tudo isto aparecerá no dia em que, de acôrdo com meu evangelho, Deus, por intermédio de Jesus Cristo, julgará as ações secretas dos homens" (2,12-16).

Para exprimir o conceito "consciência" o apóstolo serve-se aqui do termo "Kardia" (coração), e isto em conformi-

dade com o uso das línguas semíticas que identificam “consciência” com “coração” (= centro). Outras vèzes recorre ao tèrmo “syneidesis”, empregado na filosofia grega e que corresponde exatamente ao latim “cum — scientia”. A consciência age segundo o impulso da justiça que opera no homem, ora consentindo e aprovando, ora discordando e desaprovando. A consciência se comporta qual lei escrita no coração humano. A consciência correta é Lei não escrita; a Lei revelada era um apêlo à consciência correta; ambas se manifestam através das obras consumadas. A consciência correta, orientada por Deus, é uma música sem palavras. A palavra de Deus, a Lei, acatada com consciência reta, é uma melodia celeste tornada canção sublime. A palavra ouvida e não praticada mata o quanto de divino existe na alma e produz o pecado, a morte. É este o ensinamento fundamental que aparece em todo o Antigo Testamento: “Mais vale a obediência que o sacrificio” (1 Sam 15,22 ss). “Desejo cumprir a vossa vontade, ó Deus meu; a vossa Lei está nas minhas entranhas” (Sl 39,9). Os rabinos ensinam a mesma coisa: “A que compararemos aquêlo cuja sabedoria supera as obras? A uma árvore que possui uma copa frondosa, mas de poucas raízes. Soprando o vento, a árvore é desenraizada e abatida. E a quem compararemos aquêlo cujas obras superam a sabedoria? A uma árvore que possui copa exígua, mas numerosas raízes. Ainda que todos os ventos do mundo investissem contra esta árvore, não a moveriam de seu lugar” (Sentenças dos Pais, 3,17). S. Tiago (2,14) declara nula a fé sem obras: “De que serve, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não pratica as obras? Pode, porventura, a fé salvá-lo?” Jesus mesmo dissera: “Quem ouvir as minhas palavras e as puser em prática, é semelhante a um homem que constrói a sua casa sôbre uma rocha” (Mt 7,24). E S. João: “Desde que compreendeis estas coisas, sereis felizes se as praticardes” (13,17).

c) — *A lei e as obras.*

A polêmica que S. Paulo sustenta com o judaísmo baseia-se justamente sôbre o desacôrdo existente entre a Lei

proclamada e as obras. Um confronto de Mateus 23,3 com Romanos 2,17 demonstra que aqui se trata de uma polêmica antiga entre o judaísmo tradicional, detentor arrogante da Lei antiga e os arautos da novel doutrina. Mateus 23,2 s: "Os escribas e fariseus sentaram-se na cadeira de Moisés. Fazei, portanto, e observai tudo o que vos disserem, mas não lhes imiteis o modo de proceder, porque eles dizem mas não fazem". Romanos 2,17 ss: "Ora, tu que trazes o nome de judeu, que te apóias sôbre a Lei... que estás convencido de ser o guia dos cegos, a luz dos que jazem nas trevas... tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo?" A Lei deve concretizar-se em boas obras, sem as quais as palavras da Lei se tornam vãs. O conhecimento da Lei conduz ao conhecimento do pecado (3,20), mas não apaga o pecado. De resto, a Lei vale só para o povo eleito e, porventura, o Senhor não é Deus de todos os homens? .

"Agora, porém, independentemente da Lei, se manifestou a justiça (caritativa) de Deus, da qual dão testemunho a (própria) Lei e os profetas (que anunciaram o messias-profeta); esta justiça, concedida por Deus, vem pela fé em Jesus Cristo e estende-se a todos os que crêem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão privados da glória de Deus. Agora todos são justificados gratuitamente por sua graça, em virtude da redenção em Cristo Jesus" (3,21-24). É assim que no cristianismo se realiza tanto o conhecimento natural de Deus, próprio dos pagãos, como o dos judeus por meio da Lei. Pois o cristianismo traz a redenção mediante a "Lei da Fé" (3,27). O patriarca Abraão é o pai de todos nós, porquanto "esperou contra tôda a esperança" (4,18) e "a esperança não desfalece, porque a caridade de Deus foi derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (5,5).

Nós seremos salvos da ira. "Pois se, quando éramos seus inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, com muito maior razão, depois de reconciliados, seremos salvos por sua vida. E não sômente isto. Nós nos gloriamos também em Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por cujo intermédio obtivemos agora a reconciliação" (5,10 s).

O apóstolo, a seguir, passa a traçar um paralelo entre Adão e Cristo (5,12 ss): “Assim como pela desobediência de um só homem, todos os outros se tornaram pecadores, do mesmo modo, pela obediência de um só, todos os outros se tornarão justos. Sobreveio a Lei, para fazer abundar o delito. Mas onde abundara o pecado, superabundou a graça, para que, assim como o pecado reinou na morte, igualmente também a graça reinasse pela justiça, para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor” (5,19 ss).

Segundo a mística paulina, o batismo significa morrer e ser sepultado com Cristo e, por conseguinte, enquanto mortos, ser libertados do pecado. Quem morrer com Cristo, sendo depois ressuscitado da morte, ressurge para a vida eterna, porquanto quem fôr ressuscitado da morte, não mais morrerá (6,8). Tal é a vida daquele que não mais se acha sob a Lei, mas sim sob a graça. É a graça de Deus que nos salva do pecado, que é a morte. Peca o homem por trazer o pecado dentro de si; por mais que queira fazer o bem, faz o mal. “Infeliz de mim!”, exclama o apóstolo genial, “quem me há de livrar dêste corpo de morte (do corpo que me obriga a pecar?)” (7,24). “Arraigado na graça de Jesus o homem procede segundo o Espírito e não mais segundo as aspirações da carne. Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, êsses são filhos de Deus. Na verdade, não recebestes espírito de servidão para recair no temor, mas recebestes espíritos de filhos adotivos, pelo qual gritamos “Abá, Pai!” (8,14 s). Somos co-herdeiros de Cristo e filhos adotivos de Deus. (Note-se que “Abá”, em escala maior que “pai” se aproxima de nosso “papai”). “Igualmente, também o Espírito ajuda a nossa fraqueza, pois não sabemos o que, em nossas orações, devemos pedir. Mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. E aquêle que perscruta os corações, sabe quais são os desejos do Espírito, porque é em consonância com Deus que êle intercede em favor dos santos (os cristãos)” (8,26 s).

d) *A justiça divina e a sorte do povo eleito.*

Conquanto enérgico, Jesus não deixou de ser meigo e sensível. Quanto amava as ovelhas da' casa de Israel! Desejava recolher os filhos de Israel como pintainhos debaixo de suas asas poderosas para protegê-los. Certo dia êle disse: "Deixai que os pequeninos venham a mim" e acariciava as crianças do povo eleito. Jesus chorou pela ruína de Jerusalém... Israel, Israel, Jesus orou por ti: "Pai, perdoai-lhes, êles não sabem o que estão fazendo". Paulo faz exceção. O missionário dinâmico, o genial pensador, o teólogo e polemista exímio, o futuro mártir, Paulo mostra-se sensibilizado como tantos outros gênios. Compreendeu Paulo o ódio que lhe votavam os judeus. Era a reação dos conservantistas contra tudo quanto era novo, inesperado e surpreendente... e, quem compreende, perdoa. Paulo também perdoou e... continuou amando. Não há sofrimento capaz de extinguir um grande amor.

"Digo a verdade em Cristo. Não minto. Minha consciência (syneidesis) dá testemunho comigo no Espírito Santo. Sinto grande tristeza e dor contínua em meu coração. Desejaria eu mesmo ser anátema (o hebraico *herem* indica coisa sagrada a Deus e portanto destinada à destruição), separado de Cristo, em favor de meus irmãos, os de minha raça segundo a carne, os que são israelitas. A êles pertencem a adoração, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas; dêles são os patriarcas; dêles descende segundo a carne, o Cristo, que é, sôbre as coisas, Deus bendito para sempre. Amém" (9, 1-5).

A justiça (que justifica e reconcilia com Deus) promana da fé. "Israel, procurando seguir uma lei de justificação, não atingiu esta lei. Por qué? Porque êles a procuraram, não pela fé, mas pelas obras" (9,31 s). Então Deus rejeitou Israel? "De modo algum! Porquanto também eu sou israelita, da estirpe de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou seu povo, que êle anteriormente escolhera... Também no tempo atual encontrou um resto escolhido por graça (uma idé'a cara também aos profetas do Antigo Testamen-

to). Mas se é por graça, não é pelas obras. Do contrário a graça já não é mais graça" (11,1 ss.).

Daí em diante o apóstolo se dirige aos pagãos: O fato de Israel ter repudiado Cristo aduziu a reconciliação do mundo. O Evangelho foi pregado aos gentios. Quão maior não será o benefício que derivará da readmissão deles?" Santa foi a raiz da nação eleita, santos são também os ramos. Quanto aos gentios, estes não passam de galhos bravios enxertados no lugar dos ramos de Israel, cortados por causa da incredulidade; mas dia virá, em que, convertidos, os ramos antigos poderão ser reenxertados no tronco da oliveira (11, 13 ss). Uma vez incorporada a multidão dos gentios, a misericórdia de Deus fará com que cesse a obcecação duma parte de Israel... "Ó abismo da riqueza, da sabedoria, e da ciência de Deus! Quão incompreensíveis são seus juízos e impenetráveis os seus caminhos! ...Sim, dêle, por êle e para êle são tôdas as coisas. A êle glória por todos os séculos! Amém" (11,13 ss).

### A CARTA AOS ROMANOS. PARTE MORAL

**26.** - Na segunda parte o Apóstolo focaliza os deveres recíprocos dos cristãos. A tese fundamental é esta: Os fiéis fazem parte da mesma sociedade, são membros do mesmo corpo, devendo por isso alimentar sentimentos mútuos de união. O conjunto dos membros formam um só corpo de Cristo, não obstante a diversidade dos carismas concedidos aos indivíduos: um é profeta, outro ministro do culto, um terceiro é chamado a ensinar. Entre todos deve reinar o amor fraterno. "Sêde alegres na esperança, pacientes nas aflições, perseverantes na oração" (12,12). "Tomai parte nas necessidades dos santos, empenhai-vos em praticar a hospitalidade. Abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, chorai

<sup>26</sup> Subentenda-se: dos israelitas (T.).

com os que choram... vivei em paz com todos os homens" (12,13 ss).

Insiste o apóstolo, a seguir, na submissão às autoridades enquanto constituídas por Deus (13,6). Não deixa de falar na caridade, porque "quem ama o próximo cumpriu a Lei". Cada proibição como "não matarás", "não roubarás", está inserida no preceito: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". O amor, portanto, é o cumprimento da Lei. Ademais, o amor reforça o vínculo da solidariedade. "Com efeito, ninguém entre nós vive para si mesmo, e ninguém morre para si mesmo! Se vivemos, é para o Senhor; se morremos, é para o Senhor que morremos" (14,7 s). Não julgar, não desprezar o irmão, "procuremos, assim, o que contribui para a paz e para a mútua edificação" (14, 19).

## PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

**27.** - Esta carta, escrita por Paulo em Éfeso, na primavera, durante o período pascal de 57, revela-nos o estado deplorável das coisas na comunidade cristã de Corinto. Ponto de encontro de várias populações, gregos, orientais e judeus, é lugar de riquezas, dissoluções e de indigência despercebida. No seio desta comunidade formaram-se diversos partidos que se denominaram, segundo as preferências que experimentavam, uns por Paulo, outros por Cefas (Pedro) e outros pelo missionário Apolo, judeu de origem egípcia. Um quarto grupo ufanava-se de aderir a "Cristo". Tinham, portanto, certa preferência pela pessoa do pregador ou, como nos quer parecer, pela interpretação da Boa-Nova. Envolto em obscuridade insondável sempre permanecerá o grupo que se apelidava por "Cristo". Tratar-se-ia duma interpretação "ao pé da letra" do Evangelho? A secção da carta que versa sobre o problema do partidarismo, segundo nosso parecer, fala a favor desta hipótese.

A doutrina da Cruz — assim Paulo — é insensatez para os sábios deste mundo, no entanto, Deus porventura não



demonstrou ser insensata a sabedoria dêste mundo e ser “salvífica”, para os que crêem, a própria insensatez da pregação? “Os judeus exigem milagres e os gregos andam em busca de sabedoria, nós, de nossa parte, pregamos Cristo crucificado, o que é escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Para aquêles, porém, que foram chamados — tanto judeus quanto gregos — Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Pois, o que é considerado “loucura de Deus” é mais sábio do que os homens, e o que é considerado “fraqueza” de Deus é mais forte do que os homens” (1, 22 ss).

O Apóstolo passa a falar de sua própria pregação: “minha palavra e minha pregação nada tinham da linguagem persuasiva da sabedoria. Eram, porém, manifestação do Espírito e do poder, para que a vossa fé se baseie não na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (2,4 s).

A Sabedoria de Deus é preexistente e oculta, e se os príncipes dêste mundo a tivessem conhecido “certamente não teriam crucificado o Senhor da glória” (2,8). Foi a nós que Deus revelou esta sabedoria por meio do Espírito de Deus. É que nós recebemos o Espírito de Deus. “Nós possuímos os pensamentos de Cristo” (2,16). Aos pregadores cabe completar a obra divina e por isso não devem ser alvo de confrontos e preferências. Só Deus conhece os desígnios e os segredos dos corações (3,5).

Seguem algumas ponderações sôbre a difícil situação criada ao pregador do Evangelho: “Deus nos exhibe em público, a nós apóstolos, como os últimos homens, como condenados à morte, porquanto nos tornamos espetáculos para o mundo, para os anjos e para os homens. Nós somos insensatos por causa de Cristo, vós sois sensatos em Cristo; nós somos fracos, vós sois fortes; vós sois honrados, nós somos desprezados. Até o presente momento, temos sofrido fome, sede e nudez; somos maltratados e não temos residência certa; fatigamo-nos trabalhando com nossas mãos; amaldiçoados, nós bendizemos; perseguidos, nós suportamos; caluniados, nós confortamos. Somos, até o presente, considerados como o lixo do mundo, como a escória de todos” (4,9 ss).

O cristão incestuoso (que vive em concubinato com sua madrasta) é, pelo poder do Senhor Jesus, entregue a Satanás para destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia (do juízo) do Senhor (5,5). A propósito da pureza dos costumes S. Paulo escreve: "Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? Tomareis, então, os membros de Cristo para fazê-los membros de uma meretriz?... Ou não sabeis que vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós e que recebestes de Jesus e que, portanto, não vos pertenceis a vós mesmos? Fôstes comprados mediante pagamento. Glorificai, pois, a Deus em vosso corpo" (6, 14 ss). Desejaria o apóstolo que todos vivessem em perfeita continência. Consente, entretanto, num matrimônio, interrompido por períodos de continência e por aplicação maior à oração, para não se expor à tentação diabólica. "Melhor é casar do que abrasar-se em concupiscência" (7,9). A seguir o apóstolo condena o divórcio.

Todos os cristãos são chamados pelo Senhor ao estado em que se encontram. Não importa nem circuncisão, nem incircuncisão. Livres ou escravos considerem-se, cada qual livre e escravo, porquanto o escravo, quando chamado pelo Senhor, é alforriado pelo Senhor, sendo, porém, como os livres, escravo do Senhor. Os escravos do Senhor são todos livres no Senhor (7,18 ss).

Pode-se tomar parte em banquetes de pagãos, consumindo carnes sacrificadas aos ídolos?

A esta pergunta, guiado pelo bom senso, o apóstolo responde: "Se um alimento é ocasião de queda para meu irmão, eu jamais comerei carne, para não causar a queda de meu irmão" (8,13). Por causa do Evangelho, o apóstolo mesmo sabe adaptar-se às circunstâncias, fazendo-se servo de todos. De resto, as vítimas oferecidas pelos gentios são carnes imoladas aos demônios e não a Deus, daí: Como poderá participar da mesa do Senhor, do sacrifício eucarístico, aquele que participa da mesa dos demônios? (10,20).

O ágape, o banquete do amor, deve ser franqueado simultaneamente a ricos e pobres. O que Paulo, nesta ocasião, nos relata sobre a Eucaristia (11,23 ss) constitui o

documentário mais precioso atinente a êste sublime mistério. Examine-se o cristão antes de se aproximar da mesa do Senhor, porque quem comer e beber indignamente, come e bebe a própria condenação, por não fazer distinção do corpo (do Senhor). “É por êste motivo que há entre nós muitas pessoas débeis e enfêrmas, e muitas morreram” (11,30).

Por mais variegados que sejam os carismas concedidos pelo Espírito Santo (sabedoria, ciência, faculdade de curar, profetizar, fazer milagres) fazem todos parte do único corpo, o Corpo Místico de Cristo. Segue-se o sublime Cântico da Caridade, uma das mais belas páginas em prosa poética: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver a caridade, não passo de um bronze que soa ou de um címbalo que tine. E se tiver o dom da profecia e conhecer todos os mistérios e possuir tôda a ciência; e se tiver tôda a fé, a ponto de transportar os montes, mas não tiver a caridade, nada sou. Se distribuir aos pobres todos os meus bens e se entregar o meu corpo para ser queimado, mas não tiver a caridade, isto nada me aproveita. A caridade é paciente, a caridade é benigna. Não é invejosa. A caridade não se ostenta, não se enche de orgulho, nada faz de inconveniente, não procura o interêsse próprio, não se irrita, não leva em conta o mal recebido; não se compraz com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (13,1 ss).

A ressurreição dos mortos. Cristo ressurgiu; se não fôsse assim, vã seria a nossa fé e nós estaríamos ainda com os nossos pecados. “Se tão-sòmente para esta vida temos esperança em Cristo, somos os mais miseráveis de todos os homens” (15,19). “Assim como todos morrem em Adão, igualmente todos serão vivificados em Cristo” (15,22). “O último inimigo a ser destruído é a morte” (15,26). “É necessário que êste corpo corruptível se revista de incorruptibilidade, e que êste corpo mortal se revista de imortalidade” (15,53).

## SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS

28. - Os múltiplos assuntos tratados por Paulo na primeira Carta aos Coríntios são respostas a uma série de consultas apresentadas por uma delegação coríntia, enviada propositalmente a Éfeso. É provável que as perguntas apresentadas devessem servir para documentar as opiniões do apóstolo em oposição a certos elementos contrários, que estavam a agitar Corinto. Quem eram estes adversários do apóstolo? Judeus-cristãos palestinos? Helenistas? Sequazes de uma doutrina gnóstica? A primeira carta não ficou sem efeito. Paulo achou oportuno dirigir aos coríntios uma segunda carta, antes de ir pessoalmente a Corinto para, afinal, reconciliar-se com a comunidade.

O adversário de Paulo, — assim segundo 2 Cor 2,5 ss — arrependeu-se e o apóstolo perdoou-lhe. Resta, pois, que os coríntios façam outro tanto usando de muita caridade. Uma nota de autodefesa ressoa nas palavras seguintes: “Se nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que ele permanece velado, para os infiéis, nos quais o deus deste século obscureceu os espíritos, a fim de que não vejam brilhar a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus (4,3 s). Nós trazemos este tesouro (o Evangelho) em vasos de barro, para que se conheça que este poder extraordinário provém de Deus e não de nós” (4,7).

Em seguida o apóstolo apela aos coríntios para que preparem as coletas em favor dos pobres de Jerusalém: “Vós conheceis a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, que sendo rico, se fez pobre por vosso amor, a fim de que vós fósseis ricos por sua pobreza” (8,9). “Deus ama aquele que dá com alegria” (9,7).

Retomando a luta contra os “superapóstolos”, os seus adversários, Paulo indaga: De que é que eles se gloriam? “São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São descendentes de Abraão? São ministros de Cristo? ...Eu

o sou mais do que êles. Muito mais pelos trabalhos, muito mais pelas prisões, infinitamente mais pelos açoites. Muitas vezes estive em perigo de morte. Por cinco vezes recebi dos judeus quarenta golpes, menos um. Três vezes fui açoitado com varas; uma vez fui apedrejado; naufraguei três vezes; passei um dia e uma noite perdido em alto mar... Ainda mais: os trabalhos, as fadigas, as numerosas vigílias, a fome, a sede, os múltiplos jejuns, o frio, a nudez" (11,21 ss).

Uma visão: "Conheço um homem, um cristão que, há catorze anos foi arrebatado até o terceiro céu, — se em corpo, não o sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe... — foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis que a um homem não é lícito revelar" (12,2 ss). Tudo isso o apóstolo opõe aos "superapóstolos".

## CARTA AOS GÁLATAS

29. - É incerta a localização geográfica e não se sabe se o apóstolo visa as Igrejas da zona setentrional ou meridional da Galácia. Discute-se, do mesmo modo, a data da composição daquela carta que se reveste de excepcional importância histórica, e isso, não só por causa da inovação doutrinária que ela propala — fé contra Lei, circuncisão e demais observâncias — mas pelo teor combativo que nela se repara. Os "judaizantes" tinham desfechado um ataque cerrado para reconduzir o novel cristianismo a um legalismo tradicional judeu-nacional, com ligeiros vestígios do messianismo um tanto cristão. Percebendo tudo isso Paulo sem demora empenha-se numa campanha de salvação, com o ímpeto de uma mãe que se precipita para salvar seu filhinho periclitante.

Em face da ofensiva dos judaizantes, Paulo combate e, providencialmente, vence. Documenta-o a carta aos Gálatas. O ímpeto do contra-ataque de Paulo rompe as convenções

de estilo e forma literária. Com a clarividência que o distingue, Paulo escreve: "Cristo livrou-nos da maldição da Lei, tomando por nós a maldição sôbre si, pois está escrito: Maldito todo aquêlê que é pendurado ao madeiro; e isto para que, em Jesus Cristo, a bênção dada a Abraão fôsse comunicada aos gentios; e nós, graças à fé, recebêssemos o Espírito prometido" (3,13 s). "Dêste modo, a lei foi nosso pedagogo para nos reconduzir a Cristo, a fim de sermos justificados pela fé. Mas desde que veio a fé, não estamos mais sob os cuidados do pedagogo. Pela fé em Jesus Cristo, todos vós sois filhos de Deus, pois todos vós, que fôstes batizados em Cristo Jesus, vos revestistes de Cristo!" (3,24 ss). Quem aceita a circuncisão "está obrigado a cumprir tôda a Lei... e decaístes da graça" (5,3 s). A argumentação empregada por Paulo não é sem lógica. "A Lei — assim êle prossegue — se resume neste único preceito: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Se, porém, vos mordeis e vos devorais uns aos outros, tomai cuidado para não vos consumirdes mütuamente" (5,14 s). A luta fratricida é consequência de uma lei sem amor. Donde, o caminho indicado só pode ser êste: Amor sem a Lei. "Sem Lei", contudo, não significa licenciosidade carnal, mas obediência à voz do Espírito de Deus dentro de nós. Continuam, portanto, em vigor a caridade e o amor fraterno. Eis a verdadeira eleição e o verdadeiro guia<sup>13</sup>. A Lei? Os próprios circuncisos não a observam. Abrindo mão da Lei do amor ao próximo, seja um judeu ortodoxo, seja um convertido, como se poderá falar em observância da lei de Deus? Será que a circuncisão e a distinção entre alimentos puros e impuros — e como pode ser impuro o que Deus criou — constituem tôda a Lei? Será que a circuncisão e os preceitos alimentícios valem mais que a Cruz de Cristo?

Pelo fim da carta Paulo permite-nos entrever sua alma luminosa: "De minha parte, longe de mim, gloriar-me a

<sup>13</sup> Zollî quer dizer que a prática da caridade é o sinal da verdadeira eleição, isto é, do povo eleito do N. T., herdeiro e continuador legítimo e único das prerrogativas dos judeus. A caridade é também a verdadeira guia, enquanto substitui vantajosamente todos os ensinamentos das escolas rabínicas (T.).

não ser na Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo. Não tem valor algum nem a circuncisão, nem a incircuncisão. O que vale é a nova criatura. Para quantos seguirem esta norma, a paz e a misericórdia, assim como para o Israel de Deus. Daqui por diante ninguém me importune, pois eu trago em meu corpo as marcas de Jesus" (6,14 ss). Que significam estas "marcas" (estigmas)? Cristo marcou-me com fogo, para ser dêle, todo dêle, e não mais do mundo? As cicatrizes dos açoites? Eu ardo por Cristo e trago o sinal das queimaduras? Quem, senão o próprio apóstolo, poderia fornecer esclarecimento seguro? O termo "estigma" indica, certamente, um profundo mistério da alma do apóstolo Paulo.

### PRIMEIRA CARTA AOS TESSALONICENSES

**30.** - Pela primeira vez em 50 ou 51 Paulo esteve em Tessalônica (Salônica), em companhia de seus colaboradores Silas e Timóteo. Pregando nos sábados na sinagoga sem resultado notável, Paulo encontrou maior interesse entre os gentios e "tementes a Deus" (prosélitos). Porém, os judeus, numerosos em Tessalônica, amotinaram o populacho que, entre ameaças, cercou a casa de Jasão, anfitrião do apóstolo, apoderou-se dêle e de mais alguns cristãos arrastando-os à presença dos politarcas (chefes da cidade). Meses depois, encontrando-se Paulo com seus colaboradores em Corinto, chegou-lhe a notícia de que os cristãos resistiram valentemente a todos os ataques. A primeira carta aos Tessalonicenses é a mais antiga missiva de Paulo". Foi composta nos princípios de 52.

Na Galácia os adversários de Paulo eram os judaizantes. Em Tessalônica os judeus. Os ressentimentos do apóstolo contra estes últimos encontraram sua expressão em 1 Tes 2,14 ss.

<sup>11</sup> E também o escrito inaugural de todo o N. T. (T.).

Depois de havê-los exortado à caridade e ao trabalho, Paulo trata da sorte dos que pereceram antes da parusia. “Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim temos também a certeza de que Deus levará com Jesus aqueles que morreram unidos a êle. Eis o que vos declaramos em conformidade com a palavra do Senhor: nós, os vivos, os sobreviventes por ocasião da (parusia) vinda do Senhor, não, precederemos àqueles que morreram. Porquanto dado o sinal, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, o próprio Senhor descerá do céu. E, primeiro ressuscitarão os que morreram em Cristo. Depois nós, os vivos, os sobreviventes seremos arrebatados juntamente com êle às nuvens, para irmos ao encontro de Cristo nos ares. E assim estaremos para sempre com o Senhor” (4,14 ss).

Nós, os cristãos, somos destinados por Deus, não à ira, mas sim para alcançarmos a salvação por intermédio de Nosso Senhor Jesus Cristo. “Ele morreu por nós, a fim de que nós — quer acordados, quer dormindo — vivamos unidos a êle” (5,10).

## SEGUNDA CARTA AOS TESSALONICENSES

**31.** - Havia gente que, estribando-se em palavras proféticas, espalhava o boato de que o dia do Senhor estaria próximo. Na segunda carta o apóstolo faz frente a êstes boatos e ao estado de nervosismo que dêles derivava, chamando à ordem, também aqueles que se aproveitavam dos boatos para deixar de trabalhar. Ninguém pode determinar exatamente o dia do Senhor. É preciso que antes da chegada do Senhor, se verifique uma grande apostasia religiosa a par de uma rebelião contra Deus e os seus representantes. “Aparecerá então aquele iníquo a quem o Senhor matará com o sôpro de sua bôca e destruirá com o esplendor de sua vinda. Graças ao poder de Satanás, o aparecimento daquele iníquo será acompanhado de tôda espécie de milagres, sinais e prodígios mentirosos. Revestir-se-á de tôdas as seduções



iníquas para aquêles que perecem, pelo fato de não terem aberto seus corações ao amor da verdade que os teria salvo” (2,8 ss).

## A CARTA AOS COLOSSENSES

**32.** - Colossas situava-se na parte meridional da antiga província da Frígia, e era sede de uma comunidade cristã. As comunidades de Colossas, de Laodicéia e de Hierápolis eram fundações, ao que parece, de Epafras, colossense, convertido por Paulo e um companheiro voluntário no cativeiro romano. Ao lado da maioria de pagãos convertidos, havia nestas três comunidades também alguns judeus-cristãos.

O conteúdo da Carta: Paulo é Apóstolo dos gentios que por Deus são destinados a participarem de Cristo. A seguir (2,6-23), o apóstolo dirige-se contra os falsos doutôres. A última parte é consagrada a conselhos práticos. Constituindo os fiéis o corpo místico, cuja cabeça é Jesus, êles devem viver uma vida nova de virtude e santidade. São mencionados os deveres dos cônjuges, dos filhos e dos pais. Exorta o apóstolo à oração, à vigilância e à prudência quando d'ante de não-cristãos. Termina com a menção das incumbências confiadas a Tíquico e a Onésimo.

A respeito de Cristo escreve o apóstolo: “É êle a imagem do Deus invisível, gerado antes de tóda a criatura, porque nêle foram criadas tôdas as coisas, no céu e na terra, as coisas visíveis e invisíveis... Êle existe antes de tôdas as coisas e tudo nêle subsiste. Ê êle a Cabeça de seu Corpo, isto é, da Igreja; êle é princípio, o primogênito dentre os mortos, para ter em tudo a primazia, pois aprovou a Deus que nêle habitasse tóda a plenitude; e por meio dêle reconciliar tôdas as coisas” (1,15 ss). “Sepultados com êle no batismo, ressuscitastes igualmente (para a vida nova) por vossa fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos” (2,12).

Contra as falsas doutrinas: “Ninguém, portanto, vos condene por causa de alguma comida ou bebida ou por causa de

festas, luas novas ou sábados (elementos da observância religiosa dos judeus). Tais coisas são a sombra daquelas que deviam vir. A realidade é Cristo. Que ninguém vos faça perder a palma, afetando humildade e culto dos anjos, apegando-se a visões imaginárias... sem aderir à cabeça da qual todo o corpo recebe fôrça e coesão por meio de juntas e ligações, para realizar seu crescimento em Deus" (2,16 ss).

Exortação à oração: "Perseverai na oração com espírito vigilante e dando ação de graças. Ao mesmo tempo, orai também por nós a fim de que Deus abra uma porta à nossa palavra e assim possamos anunciar o mistério de Cristo. É por causa deste mistério que me encontro prêso. Possa eu torná-lo conhecido, anunciando-o como devo!" (4,2 ss).

### CARTA AOS EFÉSIOS

**33.** - Éfeso era um importante empório marítimo e um mosaico de populações asiáticas. Durante dois anos S. Paulo desenvolveu em Éfeso um eficiente trabalho missionário: "Todos os que habitavam na Ásia, judeus e helenos, ouviram a palavra do Senhor" (At 19,10). "E a palavra de Deus crescia e se consolidava" (v. 20), mas não sem tumultos da parte dos pagãos. "Depois disto, tomou Paulo, em seu íntimo, a resolução de ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e Acaia. E dizia consigo: Depois que tiver ido lá, é necessário que eu veja também Roma. Enviou à Macedônia dois de seus auxiliares, Timóteo e Erasto, e ele mesmo demorou algum tempo na Ásia" (At 19,21).

Desde cedo, zeladores da Lei e sectários, adeptos de doutrinas gnósticas, começaram sua atividade em Éfeso e Colossas. Daí explica-se a afinidade de conteúdo e de forma entre a Carta aos efésios e aos colossenses, porquanto ambas têm em mira oferecer um conhecimento profundo de Cristo. O conteúdo: Já antes da criação do mundo (o conceito de eleição *ab aeterno* dos cristãos é expresso em outra parte

por S. João e S. Tiago, com os termos: "No princípio"), Deus nos escolheu para, segundo o beneplácito de sua vontade, sermos seus filhos adotivos por intermédio de Cristo. "Foi em Cristo que também vós, depois de ouvir a palavra da verdade, isto é, o Evangelho de vossa salvação, e depois de ter crido, foi nêle que fostes marcados com o sêlo do Espírito Santo prometido, (o Espírito Santo desce sôbre os batizados) que é o penhor de nossa herança, até a plena redenção dos que foram adquiridos por Deus para o louvor de sua glória" (1,13 s). Cristo trouxe a paz entre os judeus convertidos e os pagãos convertidos, reunindo todos no seu corpo místico, a Igreja. A fé nêle dá acesso livre e confiante a Deus.

A oração do apóstolo (3,13 ss): "Por isso eu vos rogo que não vos deixeis abater por causa das tribulações que sofro por vós. Elas são vossa glória, porque vos transformam em discípulos daquele que sofre em Cristo e com Cristo". A oração termina com uma glorificação (doxologia) de Deus que derrama sôbre nós os seus bens de uma maneira superior à que nós pensamos e pedimos.

A segunda parte da carta encerra abundantes ensinamentos de moral cristã culminando na descrição da "armadura" do cristão (6,10 ss): "Finalmente, robustecei-vos no Senhor e em sua fôrça onipotente. Revesti-vos das armas de Deus para que possais resistir às ciladas do demônio... contra os espíritos malignos espalhados nos ares... Permanecei firmes, cingidos com o cinturão da verdade, revestidos da couraça da justiça, e os pés calçados com o zêlo pelo Evangelho da paz. Tende sempre em mão o escudo da fé, com que possais extinguir tôdas as setas inflamadas do Maligno. Tomai o capacete da salvação e a espada do Espírito que é a palavra de Deus... Orai por todos os santos, e também por mim que sou embaixador algemado do Evangelho de Cristo".

## CARTA A FILÉMON

34. - Era Filémon um varão abastecido, convertido por Paulo, certo tempo antes. Na ocasião acolhia os cristãos em sua residência para a celebração dos mistérios sagrados. Onésimo, um jovem escravo seu, tendo cometido um furto, refugiou-se em Roma para escapar à pena máxima da crucificação. Do encontro com Paulo resultou a conversão de Onésimo ao cristianismo. Como o apóstolo não podia conservá-lo consigo, porque, segundo os conceitos da época, o escravo era propriedade inalienável do amo, Paulo enviou-o a Filémon, munindo-o de uma breve mensagem em que solicitava a êste acolher Onésimo, já não como escravo fugitivo, mas como irmão em Cristo. "Lembrando-me sempre de ti em muitas orações, escreve o apóstolo, dou graças a meu Deus, porque ouço falar de tua caridade e de tua fé em relação ao Senhor Jesus e para com todos os santos". Podendo o apóstolo impor a Filémon a sua obrigação, prefere o caminho da petição: "Prefiro suplicar-te em nome da caridade, eu Paulo, tal como sou, velho e, além disso, agora prisioneiro de Cristo Jesus, venho suplicar-te em nome do meu filho Onésimo (filho espiritual) que gerei na prisão". Acolhe Onésimo, Onésimo que é "meu coração". "Perdeste-o pela fuga por um pouco de tempo, a fim de que o recuperasses para sempre, e não mais como escravo, mas como irmão em Cristo Jesus... Se, portanto, me tens em conta de amigo, acolhe-o como a mim próprio. Se algum dano te causou ou te deve alguma coisa, passa-o para a minha conta (isto é, faça de conta que o erro foi cometido por mim. Assim como perdoarias a mim, perdoa a êle). Contudo, caso preferires ser pago, então sou eu quem te pagará (oferecendo a Deus os meus sofrimentos). Eu, Paulo, o escrevo de próprio punho: Eu te pagarei (com as minhas orações, com as minhas cadeias, com benefícios espirituais de caridade), para não dizer que tu és meu devedor, pois me deves tua própria pessoa (fui eu que te converti). Sim, irmão, possa eu receber de ti êste benefício, no Senhor! Dá êste confôrto a um

coração, em Cristo. Escrevo-te plenamente confiante em tua docilidade, tendo a certeza de que farás ainda mais do que te peço". O apóstolo conhecendo a fundo a fé viva de Filémon sabe que as suas palavras encontrarão eco no coração dele.

Em S. Paulo a bondade de coração é de igual profundidade da fé e da generalidade de espírito.

### A CARTA AOS FILIPENSES

**35.** - Filipos foi fundada por Filipe II, rei da Macedônia e pai de Alexandre Magno. O imperador Augusto transformou-a em colônia militar romana, conferindo-lhe o *ius italicum*<sup>15</sup>. No tempo de Paulo eram veteranos romanos que constituíam o maior contingente dos habitantes de Filipos. Não faltou lá uma pequena comunidade judaica.

Chegando a Filipos em 50 ou 51, Paulo, Silas, Timóteo e Lucas fundaram uma comunidade, composta sobretudo de gentios convertidos. O apóstolo tornou a vê-los no outono de 57 e na primavera de 58. Paulo elogia o coração bondoso e a generosidade dos filipenses, os quais, logo que souberam do cativo do apóstolo, não demoraram em enviar para Roma a Epafrodites, portador de socorros. Ao lhes agradecer, Paulo exorta-os a que evitem cuidadosamente as discórdias internas, e isto, principalmente, em face do perigo iminente: Os agitadores judaicos, os antigos adversários do apóstolo e inimigos da Cruz de Cristo (3,2-18 s).

O conteúdo: 1,16 alude a pessoas adversárias, embora o apóstolo tenha a firme esperança de que "Cristo será glorificado em meu corpo, seja por minha vida, seja por minha morte. Para mim a vida é Cristo, e morrer é lucro" (1,20 s). O apóstolo sente-se arrebatado por dois afetos contraditórios: "O desejo de partir e estar com Cristo, o que é muito melhor. Mas, de outro lado, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne" (1,23).

<sup>15</sup> Isto é, os foros das cidades italianas (T.).

Os filipenses vivem em perfeita harmonia, lembrados de Cristo que, "possuindo a natureza divina, não se apega ciosamente à sua igualdade com Deus. Aniquilou-se a si mesmo, tomando a condição de escravo, tornando-se semelhante aos homens. Mostrando-se exteriormente como homem, humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até à morte, e morte de Cruz. Por isto Deus o exaltou, e lhe deu o Nome (Deus, Senhor), que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus todo o joelho se dobre no céu, na terra e nos infernos, e toda a língua confesse, para a glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é Senhor" (2,5 ss).

A vida interior do Apóstolo: "Por ele (Cristo) renunciei a tudo e tenho tudo em conta de lixo, a fim de ganhar a Cristo... não em virtude de minha própria justiça que provém da Lei, mas em virtude daquela justiça que vem pela fé em Cristo... Esqueço o que fica para trás, e atiro-me por completo ao que está à frente..." (3,8 ss).

O corpo glorificado: "Nós, pelo contrário, somos cidadãos do céu donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará nosso corpo miserável, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso, em virtude do poder que ele tem de submeter a si todas as coisas" (3,20 s).

"Alegrai-vos no Senhor... O Senhor está próximo. Não vos inquieteis por coisa alguma, mas em todas as circunstâncias manifestai a Deus vossas necessidades por meio da oração e da súplica, acompanhadas de ação de graças. E a paz de Deus, que está acima de qualquer compreensão, guardará vossos corações e vossos pensamentos, em Cristo Jesus" (4,4 ss).

"Eu posso tudo". O apóstolo agradece aos filipenses os donativos que lhe ofereceram, e isto porque estes donativos aumentar-lhes-iam os méritos perante Deus. Quanto a si mesmo, acrescenta o apóstolo: "Estou habituado a toda e qualquer situação: ou alimentar-me ou passar fome... Tudo posso naquele que me dá forças" (4,12 ss).

## AS CARTAS PASTORAIS

**36.** - Por esta denominação, formulada na segunda metade do século XVIII, entende-se as cartas endereçadas a Timóteo e a Tito, os dois companheiros dedicados do apóstolo. Ao primeiro, Paulo confiou a direção pastoral da comunidade de Éfeso, ao segundo a de Creta. Percebem-se aqui os inícios do direito eclesiástico. Revestem-se de importância as partes dogmáticas e cristológicas.

Timóteo, natural de Listra na Licaônia, era filho de pai pagão e mãe judia-cristã. Colaborador de Paulo desde jovem, foram-lhe confiadas missões difíceis, em particular a defesa da Igreja da Ásia Menor contra os falsos doutores. A Primeira Carta foi composta entre 63 e 65.

Tito, oriundo do gentilismo, pertence à Igreja antioquina. Conseguiu êle, entre outras coisas, reconduzir a comunidade de Corinto à obediência de Paulo. A Carta foi-lhe dirigida em 63. A Segunda Carta a Timóteo foi escrita em Roma, quando, entre rigores do segundo cativeiro, previu a condenação à morte.

A autenticidade das Cartas Pastorais, bem como da Carta aos Hebreus e de outras, foi alvo de dúvida da parte dos críticos. No entanto, mesmo nos casos, em que as dúvidas talvez se justifiquem, teríamos sempre documentos preciosos para o estudo da história e da vida do cristianismo antigo.

### PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO

**37.** - Timóteo, o "genuíno filho na fé" (1,1) deve dar combate às falsas doutrinas baseadas em fábulas e genealogias intermináveis (tiradas de alguns livros apócrifos). No tocante à Lei, esta deve servir aos desobedientes, aos depravados e aos que, por falta de fé, são ignorantes (como o próprio S. Paulo era antes da conversão). "Esta palavra

é digna de crédito: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro" (1,15). Deve-se rezar por todos os homens, inclusive os reis, elevando para os céus mãos puras. Sejam modestas as modas femininas, sejam banidos o ouro, os brilhantes e os vestidos luxuosos. As mulheres primem por modéstia e retraimento (2,1 ss).

Os bispos casem uma só vez, sejam irrepreensíveis, sábios, sóbrios no uso do vinho, bons administradores da própria casa. Para os diáconos valem as mesmas prescrições (3,1 ss), tudo em oposição aos falsos doutôres que condenaram o matrimônio e o uso de certos alimentos, conquanto fôsem coisas criadas por Deus.

O combate às fantasmagorias e aos erros é tarefa digna de Timóteo, sagrado bispo pelo próprio Paulo que lhe impôs as mãos. Do mesmo Paulo recebera o poder de sagrar outros elevando-os à dignidade episcopal (4,14 s).

Os anciãos sejam tratados com o respeito devido aos pais. As viúvas jovens contraiam novas núpcias; as idosas sejam socorridas. Os presbíteros (anciãos), indicando-se com este termo, muitas vezes, os bispos, devem receber um honorário.

### A CARTA A TITO

**38.** - No que concerne ao conteúdo moral, a Carta a Tito é bem semelhante à precedente. O apóstolo passa em revista o trabalho de Tito entre os cretenses, os quais deverão ser repreendidos, para que "se conservem sãos na fé, e não se apeguem a fábulas judaicas e aos preceitos daqueles que repudiam a verdade" (1,13 s). "Tudo é puro para os puros" (1,15) porque foi criado por Deus. Para os corrompidos e incrédulos nada é puro.



## SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO

39. - Escrevendo a Timóteo, seu "filho caríssimo", Paulo lhe evoca as lágrimas (no ato da despedida, quando foi prêso em Êfeso para ser levado à Roma) exortando-o para que também êle suporte os trabalhos pelo Evangelho, confiante no poder de Deus (1,8). "Tu, portanto, meu filho, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus" (2,1). Nos últimos tempos aumentará o número dos depravados e orgulhosos que, como Janes e Jambres (dois mágicos egípcios que, segundo a tradição, se opuseram a Moisés) se oporão à verdade. Mas serão desmascarados e abandonados por todos por causa de sua loucura, que será manifesta a todos.

Presentindo a morte: "Quanto a mim, já estou sendo derramado em libação, e o momento de minha partida já se aproxima. Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. E agora está reservada para mim a coroa da justiça, que o Senhor, o justo juiz, me concederá naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos aqueles que, com amor tiverem esperado a sua vinda" (4,6 ss). "Em minha primeira defesa, ninguém me assistiu. Todos me abandonaram. — Que isto não lhes seja imputado! — Mas o Senhor me assistiu e me deu forças, para que, por meu intermédio, a pregação se realizasse e todos os gentios a ouvissem. E fui salvo da bôca do leão. O Senhor me livrará de tôda obra má e me salvará, conduzindo-me para o seu reíno celeste" (4,16-18).

Derradeira saudação: "O Senhor Jesus esteja com teu espírito. A graça esteja convosco!" (4,22).

## A CARTA AOS HEBREUS

40. - Segundo a tradição da Igreja, também esta carta faz parte das epístolas paulinas, embora pela forma e pelo estilo seja diferente das outras. Duvida-se também das

Cartas Pastorais por causa de sua simplicidade, ainda que nestas se sintam os sentimentos nobres de Paulo. São notáveis as dificuldades na Carta aos Hebreus. São salientadas mais as diferenças formais e não fica muito claro a que espécie de gente é dirigida. Supõe-se que se trata de judeus-cristãos residentes em Jerusalém. O tema principal é a superioridade do cristianismo sobre a religião mosaica. O cristianismo é mais do que um culto dos anjos. Aquêles que não atenderam a Moisés, não entraram na terra Prometida. Aquêles que não ouvirem a voz de Jesus não entrarão no repouso eterno. Jesus Cristo, o sumo sacerdote, é superior à tribo de Levi. É ele sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, o qual abençoa o patriarca Abraão, recebendo dele os dizimos. É portanto superior à tribo de Levi. O culto sacrificial, o oferecimento de animais, personificado no sumo Sacerdote Arão, representa uma sucessão periódica de atos. O sacrifício de Jesus é único e assegura a salvação de todos os fiéis.

Em 3,12 ss, interpreta-se "rabinicamente" um trecho bíblico (Sl 94,7 s). Pois que ele é o nosso Deus, e nós o povo de seu rebanho e as ovelhas de sua propriedade, *hoje*, ó se quisésseis ouvir-lhe a voz da forma seguinte: "Tomai cuidado, irmãos, para que não se encontre em algum de vós um coração mau e incrédulo que o separe de Deus vivo. Pelo contrário, exortai-vos uns aos outros, todos os dias, enquanto durar o tempo denominado "hoje"<sup>16</sup>, para que ninguém dentre vós se endureça, iludido pelo pecado". A exegese puramente científica dos modernos não vence tôdas as dificuldades encontradas na Carta. A interpretação que segue é talvez mais bela que verdadeira. Ei-la, no que nos interessa aqui: Sentimentos de viva piedade cristã são expostos através de um método tipicamente rabinico. Os exegetas palestinos nos séculos antes e depois de Jesus preferiram citar um texto bastante obscuro para interpretá-lo de maneira exortativa e parenética, o que, dada a sutileza do raciocínio, nos faz pensar que a Carta tenha sido endereçada a cristãos oriundos

<sup>16</sup> Isto é, o tempo presente em oposição à vida futura, o repouso de Deus, prefigurado no repouso descrito em Gên 2,2 (T.).

do judaísmo e não do paganismo. Para êstes últimos a compreensão teria sido mais que difícil. O texto: "Se ouvirdes hoje a sua voz" é explicado por me.o de: "Se hoje ouvistes a sua voz". São sutilezas que poderiam ser entendidas por um judeu, mas nunca por um pagão convertido. Igualmente o paralelismo que segue mais imediatamente entre o texto do Gênesis: "E repousou Deus no sétimo dia" e: "repousou" do fim do salmo 94, faz parte do método rabinico daquela época, verificado na literatura parenética judaica.

Só a judeus podia ser dirigida 6,13 s: "Ao fazer a promessa a Abraão, como não tivesse Deus outro maior do que êle por quem jurar, jurou por si mesmo... e assim Abraão esperando com paciência obtivera o que lhe fôra prometido".

Quem foi o autor da Carta? Segundo a antiga tradição da Igreja a Carta aos Hebreus é de Paulo. Uma clara alusão encontra-se em 13,23 s, onde se lê: "Sabei que nosso irmão Timóteo foi pôsto em liberdade... saudai a todos os santos". Será que a Carta não é de Paulo?

Em razão do tempo — assim a Carta (5,12) — deveríeis ser mestres. Precisais no entanto ser alimentados "com leite", em vez de alimento sólido. Torna-se-vos ainda difícil compreender a Jesus que foi proclamado por Deus Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (5,10). A metáfora do "leite" no sentido mencionado ocorre também em 1 Cor 3,1 ss: "Quanto a mim, irmãos, não pude falar-vos como a homens espirituais, mas sim como a homens carnis, como a crianças em Cristo. Dei-vos leite a beber, e não alimento sólido, pois ainda não podeis suportá-lo". Na Carta aos Hebreus (5,13 s) prossegue: "Todo aquêle que ainda está no leite é incapaz de compreender a palavra da justiça: ainda é criança. O alimento sólido é para os adultos, para aquêles que, pelo hábito, têm os sentidos exercitados para discernir o bem e o mal". Com efeito, a contraposição: "leite — alimento sólido" faz parte da ideologia paulina. Lemos em 1 Pdr 2,2: "Como crianças recém-nascidas, desejai ardentemente o leite espiritual não falsificado, a fim de que êle vos faça crescer para a salvação". Vê-se nisto uma influência das cartas do "caríssimo irmão Paulo" sobre o Príncipe dos Apóstolos.

Esta metáfora tão paulina não será um indicio claro da autenticidade paulina da carta, se se atribui ao "secretário", encarregado da redação, algumas particularidades estilísticas, diversas do modo de escrever do apóstolo das gentes?

No que toca à ausência da introdução costumeira: "Paulo apóstolo, etc.", não poderia ser motivada pelo fato de a carta ser a única dirigida por Paulo aos judeus e judaizantes, portanto para um ambiente em que o apóstolo não era benquisto?

Pois então, por que a Carta aos Hebreus não poderia ser paulina, ao menos quanto ao conteúdo e mesmo, ainda só parcialmente, quanto ao estilo? A expressão "alimento sólido" não poderia significar o plano da salvação do mundo por intermédio de Cristo, revelado só agora?

## AS CARTAS CATÓLICAS

41. - Nas edições atuais do Novo Testamento as cartas paulinas são seguidas pelas sete cartas católicas: uma de Tiago, duas de Pedro, três de João, e uma de Judas Tadeu. A denominação "católicas" (universais) indica que estas cartas (excetuando-se 2 e 3 de João) se dirigem a um círculo mais amplo de fiéis e não, como nos outros casos, a uma só Igreja, a uma só pessoa.

## A CARTA DE TIAGO

42. - Tudo é alvo de controvérsias encarniçadas: o autor, a carta, a época de composição, o significado profundo do importante documento e os destinatários. Lutero taxou-a de carta "de palha" e indigna de espírito apostólico, por-

quanto — em aparente oposição ao pensamento de Paulo — insiste na necessidade de concretizar a fé por boas obras: “A fé, se não tiver obras, está morta em si mesma” (2,17). “Não foi Abraão, nosso pai, justificado pelas obras, quando ofereceu seu filho Isaac sobre o altar? Vês que a fé cooperava com as obras e que pelas obras na sua fé se tornou perfeita... Vêdes que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé” (2,21 ss).

É digno de um apóstolo este ensinamento? Jamais — responde Lutero — já que o sacrifício é apresentado como uma obra e não como fé pura. Neste caso, a obra é um ato de fé! Paulo antepõe a fé às observâncias prescritas pela Lei mosaica; aqui, porém, não entra em questão a Lei mosaica!

Tiago declara expressamente: “Se tu observas a Lei segundo o princípio: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” fazes bem; mas se te deixas levar pela consideração de pessoas, pecas — com que direito fazes distinção entre Deus e o próximo? — Se não cometes adultério, mas matas, tornas-te transgressor da Lei” (isto é, violas a lei fundamental do amor fraterno). Tal ensinamento — pergunta a crítica protestante — é digno de um apóstolo, do “irmão do Senhor”? Certamente que não!...

“A prática pura e sem mancha diante de vosso Deus e Pai é esta: confortar os órfãos e as viúvas em suas aflições” (1,27). E Lutero esbraveja por esta “palha” ter sido empregada até na Liturgia!”

“Porque o julgamento será sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia; mas a misericórdia (o bom-senso) triunfa do julgamento” (2,13). Só quem não compreende o espírito da Carta de Tiago se pergunta maravilhado: será que um documento desse pode estar no início da literatura neotestamentária? E, com efeito, nosso saudoso e caríssimo colega Dom Pietro de Ambroggi, em 1947, poucos anos antes de sua morte prematura, ousou defender que a

<sup>17</sup> Zolli exagera a importância da palavra de Lutero. Trata-se apenas duma ligeira observação emitida durante um almoço (Tischreden), e não dum ponto doutrinário do heresiarca (T.).

Carta "foi redigida para um ambiente judeu-cristão-helenístico, entre 45 e 49, antes que surgissem as controvérsias judaizantes". Nestas condições a Carta de Tiago seria o escrito mais antigo do Novo Testamento. Anterior aos próprios Evangelhos, pois o Evangelho mais antigo, de acordo com a maioria dos críticos modernos, foi composto entre 50 e 55.

A Carta começa assim: "Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, saúda as doze tribos que se encontram na dispersão. Meus irmãos, considerai como motivo de genuína alegria (mais tarde o Santo de Assis falará em perfeito regozijo) as provações de toda a sorte que caírem sobre vós (por causa da vossa fé em Cristo...)". E mais adiante: "A sabedoria que vem do alto é, antes de tudo, pura e, além disto, pacífica... cheia de misericórdia... O fruto da justiça é semeado na paz em benefício daqueles que promovem a paz" (3,17 s). "Humilhai-vos diante do Senhor e ele vos exaltará" (4,10). Aos ricos diz: "Acumulastes tesouros nos últimos dias", ensinamento que concorda perfeitamente com Jesus e S. Paulo (Mt 6,20; até a traça ocorre em Tiago 5,2 como em Mt 6,20; Lc 16,9; 1 Tim 6,17-19; Mt 13,22...).

"Sofre alguém entre vós? Que ele reze. Sente-se feliz? Entoe cânticos". (5,13; isto é, estando bem ou mal, louve-se o Senhor. As mesmas idéias acham-se em Jó 2,10 e na literatura rabínica). S. Tiago prossegue: "Está alguém enfermo entre vós? chame os presbíteros (anciãos ordenados) da igreja, para que rezem sobre ele (semitismo para dizer: por ele, em seu favor), unguindo-o com o óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e se tiver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados".

O autor da Carta é, embora não falem fortes razões em contrário, Tiago, filho de Alfeu, irmão (primo) de Jesus e apóstolo. Conforme alguns, ele não fez parte do Colégio Apostólico; mas todas as fontes e todas as opiniões são unânimes em considerá-lo chefe da comunidade de Jerusalém e a maior autoridade depois de Pedro.

## SÃO PEDRO

43. - Pedro e Paulo são os mais importantes continuadores da obra de Jesus Cristo. Dois temperamentos diferentes, dois gêneros distintos de vida, percorrendo caminhos diversos, ficam sempre unidos no amor de Cristo. Acima de tôdas as divergências ocasionais de opiniões, sempre tornam a ser irmãos na labuta apostólica, de importância histórica sem igual, no sofrer e no morrer. Os antecedentes diversos de cada um dêles, o diferente grau de formação cultural, os obstáculos tremendos que cada um devia transpor para chegar a Cristo vivo e operante na história e no esplendor de todos os tempos, tornam suas vidas e seus métodos de trabalhos aparentemente diferentes, embora até os desencontros não passem de uma preparação para encontro mais cordial e mais fraterno. Duas mentalidades distintas, Pedro e Paulo são um só coração, uma só obra e uma só morte: por Cristo e em Cristo. Pedro na sua escalada de degrau para degrau mostrou que sua vontade santa e boa era superior às suas forças. O homem Pedro vergava sob o peso de um messianismo nacional e duma observância multissecular de preceitos, da qual, só penosamente, se foi liberando, para sempre melhor compreender e mais estreitamente seguir a Jesus. Eis o homem Pedro ao lado do Homem-Deus Jesus. Foi amadurecendo em Pedro a compreensão pelas coisas divinas: botão, flor, fruto. Paulo, pelo contrário, foi uma labareda acendida num instante. Foi preciso que os dois grandes se encontrassem. Encontraram-se, engrandeceram-se e resplandeceram com igual brilho. Complementaram-se reciprocamente as suas atividades: a intensidade de idéias em Paulo e a obra dificultosa de Pedro confundiram-se num conjunto harmonioso. Como é diferente o epistolário de Paulo das duas cartas de Pedro! E, apesar disso, como os anima a mesma finalidade, como refletem tôdas elas, uma só luz, a de Jesus Cristo!

## PRIMEIRA CARTA DE PEDRO

44 - Como destinatários figuram os cristãos, oriundos do paganismo, residentes na província do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia. Não há dúvida que nestas regiões se achavam também judeus convertidos ao cristianismo. Os destinatários gentílicos, ao que parece, eram de condição social humilde e até escravos. A carta foi escrita em "Babilônia" (nome simbólico de Roma) e provavelmente na primavera de 64.

A teologia, própria de S. Pedro, representa Deus como sábio, misericordioso, santo, pai, fiel, poderoso, criador, juiz justo e salvador. O conceito trinitário reflete-se nestas expressões: "Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos escolhidos em conformidade com a presciência de Deus Pai e pela santificação do Espírito" (1,1s); "Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos regenerou pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos para uma esperança viva" (1,3); "Se recebeis injúrias por causa do nome de Cristo, sois bem-aventurados, porque o Espírito da glória, o Espírito de Deus repousa sobre vós" (4,14).

Nos pensamentos do Príncipe dos Apóstolos o universalismo cristão celebra triunfos: as portas da salvação abrem-se não só a todos os vivos, judeus e gentios, mas também aos que faleceram antes da fé justificadora em Cristo. Sede santos, porque assim vos quer o Deus Santo. — Amor fraterno, amor da caridade e da verdade. Os fiéis dêem bom exemplo aos pagãos, obedçam às autoridades constituídas. Imitando a Cristo os servos sejam fiéis aos seus amos, ainda que estes sejam injustos. — Respeito e amor entre os cônjuges; feliz aquele que sofre para imitar a Cristo; sofrendo rompeu com o pecado. Comovente é o aviso dirigido aos "anciãos", os presbíteros: "Aos presbíteros, que estão entre nós, exorto eu, também presbítero com eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo e que, juntamente com eles, participarei da glória que se há de manifestar. Apascentai o



rebanho de Deus que vos está confiado, velando por êle, não constrangidos... não em vista de lucro sórdido, mas por devotamento... E quando aparecer o Pastor supremo, receberéis a coroa indelével da glória" (5,1ss). Os presbíteros eram "inspetores", identificados, às vêzes, com os "episcopi" (bispos), um título que, no entanto, não deve ser identificado sem mais nem menos com a dignidade episcopal dos tempos modernos.

Terminando a carta Pedro transmite as saudações da comunidade de Roma e de "Marcos", meu filho" (o evangelista). "Saudai-vos uns aos outros no ósculo da caridade (*in ósculo sancto*)", com o ósculo da paz messiânica.

## SEGUNDA CARTA DE PEDRO

45. - Escrever uma carta, — a menos que se tratasse duma missiva pessoal e particular — já pelo fato de ser destinada à leitura pública em uma determinada Igreja ou em mais Igrejas, significava para os apóstolos a redação de um documento público ou, como hoje diríamos, "oficial". Escrever uma carta era coisa complicada também do ponto de vista técnico. Cabia ao apóstolo dar as idéias. O estilo era do secretário. Daí as dificuldades que se opõem a um exame crítico. Falsas doutrinas pululavam em tôda a parte. As doutrinas e idéias dos próprios apóstolos, amiúde, estavam sujeitas ao progresso e aperfeiçoamento. Ainda hoje, quem tiver atrás de si uma longa atividade científica sabe que as obras próprias publicadas vinte anos antes não o satisfazem mais. Mudam-se os tempos, mudam-se as idéias gerais sob a influência de contactos intellectuais com outros, transformam-se os estados de espírito, as experiências pessoais, as condições históricas e imediatas e, assim, nós nos transformamos também. Alterando-se a nossa aparência externa, como é que não se poderiam alterar, ao menos em parte, os fenômenos e o conteúdo da nossa vida interior? A transi-

ção dum estado ao outro, muitas vèzes, é lento, os elos de ligação escapando à percepção do crítico filosófico e lingüístico. Assim surpreende, o que não passa de uma conclusão natural da vida em evolução. Talvez, até transtorne o crítico que não considera e, portanto, não compreende, as mudanças ocorridas. Daí as discordâncias e as discussões, às vèzes acaloradas, verificadas entre os peritos ocupados no mesmíssimo assunto. Muda também de meios e métodos de pesquisas e torna-se, por isso, precária a base das indagações. O subjetivismo é inimigo do objetivismo. Mas quem pensa, escreve e ensina, é um “sujeito” e, como tal, confunde fàcilmente o elemento subjetivo com o objetivo. S. Jerônimo, por exemplo, escreve: “Pedro compôs duas Cartas Católicas, das quais a segunda, conforme muitos, não seria d’ele, por causa das divergências de estilo com a primeira”. E se a redação de cada uma das cartas tivesse sido confiada a secretários de índole, cultura e idéias diferentes? O secretário é muitas vèzes o intérprete e não o tradutor do pensamento do apóstolo — visto que a tradução implica geralmente, embora involuntariamente, alteração e interpretação. E que diremos da vitalidade e do sentimento que é parte integrante do pensamento? Que diremos da influência recíproca de duas categorias mentais e de dois idiomas tão diferentes como o aramaico e o grego daquele tempo? Note-se que o assunto tratado em tóda parte nas Cartas de Pedro é a fé, considerada por êle, e por outros também, como uma conexão íntima e perfeita entre o conhecimento (epígnosis) de Deus e de Cristo. Será que o secretário e, depois d’ele, o leitor sentiram sempre a mesma coisa? Ademais no ambiente palestinense procurava-se, muitas vèzes, ligar uma doutrina, também a doutrina própria de cada um, a um nome que garantisse um grau elevado de virtude, piedade e conhecimento — isso principalmente em se tratando de questões concernentes à fé e ao direito, assuntos êsses, atribuídos sempre à esfera religiosa: Deus mesmo é o juiz justo.

Ao apresentar um fruto do próprio pensamento e da própria piedade sob o nome de um personagem de vulto,

pretendia-se prestar homenagem ao valor exímio de outrem. Muitas vezes aconteceu viverem na mesma época o autor e a personagem homenageada e muitas vezes compartilharam o mesmo pensamento e a mesma fé. Será fácil distinguir um do outro? Quem se aprofunda nos escritos de outro, a quem admira, acaba por apropriar-se também de seu estilo. Eis de quantas dificuldades é juncado o caminho da crítica, a qual, apesar disso ou talvez exatamente por isso, deve continuar a ser exercida.

O conteúdo de 2 Pdr: “Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, àqueles que conosco receberam o precioso dom da fé, concedido pela justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo” (1,5 ss). Indagam os escarnecedores: “Onde e quando se realizará a promessa da vinda do Senhor?” Responde o apóstolo: “Porventura para o Senhor mil anos não são como um só dia?” (Sl 88,4). “Mas o dia do Senhor virá como um ladrão. Naquele dia os céus desaparecerão com fragor e os elementos se dissolverão ao calor... De acordo, porém, com sua promessa, esperamos novo céu e nova terra nos quais habitará a justiça (cfr. Is 65,17; 66,22)... Reconhece: que a longa paciência de nosso Senhor é para nossa salvação, conforme vos escreveu também nosso caríssimo irmão Paulo, segundo a sabedoria que lhe foi dada (“sabedoria”: conhecimento carismático dos mistérios revelados, próprio dos profetas e apóstolos). É o que êle diz em tôdas as suas cartas em que fala dêste assunto. Há passagens difíceis de se entender e cujo sentido os homens ignorantes e inconstantes deturpam para sua própria perdição, como também o fazem com as outras Escrituras (as Cartas dos apóstolos são “Escrituras”!)” (3,8-16).

### AS TRÊS CARTAS DE JOÃO

46. - Trata-se de João, o Apóstolo e Evangelista, autor do Apocalipse. João compôs os seus escritos na Ásia Menor.

Através das Cartas de João realça-se grandemente a transcendência de Jesus.

Como o quarto Evangelho, assim também a Primeira Carta de João foi escrita em Éfeso, em benefício dos fiéis da cidade e da região (a província romana da Ásia). Conclui-se do Apocalipse que o seu autor João manteve um intercâmbio epistolar com as Igrejas da Ásia. Os "lôbos rapaces" mais de uma vez conseguiram provocar apostasias entre os fiéis, recrutados dentre os gentios. Estes "lôbos" pretendiam estar sem pecado, habitar em Deus, do qual queriam possuir conhecimentos especiais, ser do mundo e amar o mundo, amar a Deus e odiar os irmãos. Negavam que Jesus era Filho de Deus. Aos olhos dos hagiógrafos eram sedutores, filhos do demônio, profetas falsos e mentirosos. Segundo o apóstolo, o verdadeiro conhecimento de Deus deriva da imitação de Cristo, bem como do amor fraterno, do amor de Cristo, proclamado Filho de Deus por ocasião do batismo e que, nesta qualidade, derramou o seu sangue para justificar todo o pecado. Jesus é a nossa propiciação.

A 1 Jo foi redigida entre o Apocalipse (90-96) e a morte do apóstolo, cêrca de 100. Distinguem-se as secções seguintes: I (1,5-2,27); II (3,1-24); III (4 e 5), e o epílogo.

1,1 ss: "O que existia desde o princípio (a Sabedoria preexistente, feita visível no Verbo), o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, o que tocamos com nossas mãos... a vós o anunciamos..."

"Sim, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo".

"Estas coisas nós vo-las escrevemos para que nossa alegria seja completa".

"Deus é luz; nêle não há absolutamente trevas... Se andarmos na luz... o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica do pecado". "Quem odeia está nas trevas" (2,11). "Passa o mundo e também sua concupiscência. Mas permanece eternamente aquêle que faz a vontade de Deus" (2,17). "Quem pratica a justiça (*dikaiosyne*) — no sentido que o termo tem no helenismo judaico: conjunto de tôdas as virtudes — é justo, como êle (Cristo) é justo. Quem peca é

do Demônio... quem nasceu de Deus não comete pecado..." (3,7 ss) "Nós passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama permanece na morte" (3,14).

"Todo aquêlê que odeia seu irmão é homicida" (3,15).

"Não amemos nem por palavra, nem pela língua, mas por atos e de verdade" (3,18). "Quem nega a divindade de Cristo não é de Deus; e sim do Anticristo" (4,3). "Quem não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor" (4,8). "Não fomos nós que amamos a Deus, mas foi êle quem nos amou e enviou seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados" (4,10). Se Deus, portanto, é amor, também nós nos devemos amar uns aos outros. "Deus é amor e quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus nêle" (4,16).

"No amor não há temor. O amor perfeito expulsa o temor, porque o temor supõe castigo. Quem teme não é perfeito no amor... Êle nos amou primeiro" (4,18 s).

A Segunda e a Terceira Carta formam um bloco com o quarto Evangelho. A 2 Jo é endereçada pelo apóstolo, que se intitula "presbitero" "a uma Senhora eleita". Provavelmente trata-se duma Igreja, considerada como espôsa de Cristo. A esta interpretação corresponde a saudação final da Carta: "Saúdam-te os filhos de tua irmã eleita", uma referência à Igreja de Êfeso. Na Carta mencionam-se muitos sedutores.

"Embora tenha muitas coisas a escrever-vos, não quis fazê-lo com papel e tinta. Espero estar convosco e falar-vos de viva voz, para que seja completa nossa alegria" (v 12).

Com uma forma semelhante termina a 3 Jo, endereçada a certo "Caio, a quem amo na verdade" (v 1). Ignora-se quem tenha sido êste Caio. O apóstolo louva-lhe as obras de caridade em benefício dos irmãos estrangeiros (v 5). Segue uma censura que visa um tal Diótrofes, um ambicioso que causava graves danos morais à Igreja (vs 9 ss).

## A CARTA DE JUDAS

47. - Judas, como Tiago, era (primo) irmão de Jesus. Traz também o nome de Tadeu, ou seja, o Magnânimo. A Carta, em que abundam os semitismos, começa assim: "Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos eleitos amados por Deus Pai e guardados para Jesus Cristo. Misericórdia, paz e caridade sejam dadas a vós copiosamente". Prosseguindo, passa a tratar de certos ímpios "que transformam em licenciosidade a graça de nosso Deus, renegando nosso único Soberano e Senhor Jesus Cristo" (v 4). Seguem exemplos de pecadores e castigos do Antigo Testamento. Merece interesse particular a menção do Arcango Miguel (v 9): "Quando êle discutia com o Demônio, disputando-lhe o corpo de Moisés, não ousou lançar contra êle uma sentença de maldição, mas apenas disse: Reprima-te o Senhor" (cfr. Zacarias 3,1-3).

São numerosas as tentativas de explicar o significado do episódio da luta entre o arcanjo e o diabo. O episódio como tal, embora de sabor judaico, não pertence diretamente à literatura (apócrifa) judaica, nem é possível chegar a uma interpretação satisfatória. Seja-nos permitido chamarmos a atenção para um conjunto característico da literatura rabínica, na base do qual se encontra o conceito dualístico a respeito da composição do homem: o corpo como elemento terrestre e o espírito como elemento celeste. Os elementos terrestres tendem a apoderar-se do defunto todo inteiro; daí o conflito. A morte dum rabi insigne é anunciada aos seus admiradores, ansiosos por notícias, nestes termos: "Uma luta feroz se está travando pela posse da Arca da Lei (o mestre defunto) entre os seres superiores e os inferiores, vencendo os superiores". Aludia-se com isso à subida da alma ao céu. A empregada doméstica do célebre rabi Jehudá († 210 d. C.) durante a enfermidade do ilustre doutor, exclamou: "Os superiores e os inferiores estão envolvidos numa luta pela posse do mestre; oxalá vençam os inferiores!",

isto é; "possa o mestre ficar entre nós!" Agravando-se a doença e sofrendo muito o paciente, a mulher disse: "Oxalá vençam os superiores", para pôr fim aos sofrimentos do mestre. A agonia que precede ao desenlace é apresentada como uma luta entre o arcanjo Gabriel e Samuael, um dos demônios mais abjetos. Miguel invoca contra o adversário a condenação da parte do Senhor. Nas lendas rabínicas combate-se pela posse da alma. Na versão de S. Judas está em jôgo o corpo de Moisés. Seja como fôr, trata-se da assunção de Moisés, coincidindo êsse conceito com o título de um escrito pertencente à literatura profética, judaica, extrabíblica.

## O APOCALIPSE

48. - O Apocalipse (Revelação) é o único livro do Novo Testamento de caráter profético e escatológico, isto é, um livro que versa sobre a parusia ou a vinda gloriosa de Jesus no fim do mundo. O apóstolo S. João, seu autor, recebeu as revelações diretamente de Jesus. Dado o caráter particular do livro, o feitiço literário difere dos demais livros do Novo Testamento. Embora uma obra nitidamente cristã, aproxima-se quanto à forma, à literatura apocalíptica judaica, rica em visões, imagens, símbolos e números misteriosos. Para a compreensão adequada do Apocalipse deve-se conhecer não só os profetas bíblicos, incluído Daniel, mas também a literatura apócrifa judaica que se estende do século I a. C. até o século II d. C. Todos êstes apócrifos apocalípticos apareceram sob pseudônimos, figurando como autores, celebridades do passado, como Henoc, do qual existem vários textos, sendo o mais antigo o etíope. Conhecem-se ainda os Testamentos dos Doze Patriarcas, a Ascensão de Moisés, o Apocalipse de Esdras e de Baruc. Opinam os eruditos modernos que o gênero apocalíptico surgiu para substituir e continuar o gênero profético, numa época em que já estava extinto o carisma do profetismo. Os apocalipses tratam do fim dos tempos e do início da era da salvação. Alguns

dos apocalípticos começam com um quadro do passado até a sua própria época; passam em seguida às profecias gerais e vagas para terminar com a descrição do juízo final e o começo da era da salvação. O primeiro livro de Henoc (cap. 85-90) abrange os tempos desde Abraão até o advento do reino messiânico, tudo em forma de um sonho. É que o futuro é comunicado ao escritor apocalíptico, não mais por meio da palavra, como sucedera com os profetas, mas sim por intermédio de visões estáticas ou oníricas (sonhos). Os sonhos, no mundo antigo, representavam algo de profético. A sucessão de eventos históricos é apresentada em quadros, símbolos e alegorias; assim, por exemplo, em Daniel (cap. 7) as quatro feras simbolizam os quatro impérios contrários a Deus. No apocalipse de Esdras a águia representa o império romano, os três chifres e as asas numerosas aludem a vários dominadores (11, 1 ss). No apocalipse de Baruc são as águas, ora escuras, ora claras, que alternadamente descem dum nuvem, e representam em forma alegórica os diversos períodos da história mundial a partir de Adão até o exílio babilônico (cap. 53 ss). As instâncias do visionário, um anjo esclarece as alegorias, embora o mistério nem sempre seja revelado totalmente.

É a este gênero literário que pertence o Apocalipse de S. João. Passagens estacológico-apocalípticas encontram-se também no resto do Novo Testamento, por exemplo: Mc 13; Lc 17,20-37; 1 Tess 4,15-17; 2 Tess 2,1-12; 1 Cor 15,20-28; 2 Pdr 3,10-13. No entanto, o Apocalipse de João não é só a obra mais ampla, como também a mais bela entre todos os produtos apocalípticos. É uma série de visões simbólico-alegóricas, frutos de visões e arrebatamentos místicos. O escopo principal da obra é fortalecer os leitores na fé em Deus e em Cristo, encorajando-os a resistirem às perseguições e a suportarem o martírio. Exortações neste sentido ocorrem tanto nas sete cartas dirigidas às comunidades da Ásia Menor, como na parte propriamente apocalíptica.

À maneira dos profetas do Antigo Testamento, S. João é chamado e recebe de Cristo a ordem de redigir por escrito as mensagens concernentes às sete Igrejas. Mesmo ali onde



o simbolismo formalmente é tradicional, a chama é mais viva e a palavra mais eloqüente. No Oriente antigo os algarismos têm, às vèzes, um valor simbólico, poético e misterioso. A aritmologia, surgida provavelmente muito depois, procura desvendar o segredo dos números. Em Gên 1, por exemplo, repete-se dez vèzes a expressão: "E disse" (Deus). É difícil subtrair-se ao fascínio de criar um paralelismo entre as dez palavras criadoras do cosmos físico, e as dez palavras do Decálogo, criadoras do cosmos religioso-moral. Em outros casos o algarismo é pura ficção poética. Eis por que não se deve insistir sôbre a imagem do Cordeiro com sete chifres e sete olhos (5,6) ou a bêsta de sete cabeças e dez chifres (13,1). O número sete indica simplesmente um número sacro e completo, significando, por isso, os sete chifres e os sete olhos que o Cordeiro possui a plenitude do poder e da ciência (os olhos seriam a fonte do conhecimento). A bêsta representa o império romano com sete imperadores e dez vassallos.

Tipicamente cristã no Apocalipse de João é a visão de Cristo que inaugura o desencadear dos eventos finais por meio da abertura dos selos do livro que contém o plano divino relativo à humanidade. Tendo reunido pela sua morte os homens pecadores, Cristo tornou-se digno de abrir o livro selado. Sentado agora à direita de Deus dispensa aos fiéis elogios, encorajamentos e consôlos, mas ameaça também os que merecem repreensões. No fim dos tempos Cristo se levantará como juiz de todos, revelando-se como Filho de Deus e dominador das nações, tal qual foi anunciado pelo salmo messiânico (Sl 2). Na nova Jerusalém, ao lado de Deus, para os eleitos será êle a fonte de vida e de felicidade eternas.

Quem é o autor do Apocalipse? Em quatro lugares o autor afirma ser João. Em 1,1 êle se define a si mesmo como João, servo de Jesus Cristo. No enderêço (1,4) designa sua obra de "profecia": "João às sete Igrejas que estão na Ásia: Graça e paz sejam dadas por aquêle que é e que era e que vem (o Deus transcendental, o Deus do presente e o Deus do futuro) e pelos sete espíritos que

estão diante de seu trono (provavelmente os sete arcanjos do livro de Tobias 12,15) e por Jesus Cristo que é a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos e o príncipe dos reis da terra". Em 1,9 lemos: "Eu, João, irmão vosso, que convosco participo da tribulação, da dignidade real e da perseverança em Jesus, encontrava-me (deportado) na ilha chamada Patmos (na costa ocidental da Ásia Menor), por causa da palavra de Deus (como adepto de Cristo) e do testemunho de Jesus". Enfim, em 22,8: "Eu, João é que ouvi e vi estas coisas. E depois de as ter ouvido e visto (fenomenologia profética a par da apocalíptica), caí de joelhos aos pés do anjo que mas revelou, para o adorar". Diferentemente, portanto, de tantos apocalipses em que o autor se serve dum pseudônimo para atribuir a obra a um personagem distante no tempo, o autor aqui se introduz como contemporâneo dos leitores. É, pois, necessário que seja um homem idoso, de autoridade grande e reconhecida por todos. E não obstante, alguns críticos sustentam que não se pode tratar do apóstolo João, mas dum presbítero anônimo. Segue de 1 Pdr 5,5 que "presbítero" não é necessariamente um ancião, ilustre pela idade ou por autoridade moral — ao menos para a época histórica em que estamos — mas simplesmente um chefe. Ao lado destes "presbíteros" acham-se os "jovens", ou seja, aqueles que não ocupam cargo algum. Pela etimologia "presbítero" significa ancião, e originariamente eram anciãos os que assim se chamavam — hoje, com 40 anos alguém já pode ser senador (de senex = ancião). E Jesus teria concedido visões e profecias a um presbítero qualquer de preferência a seu apóstolo João? Lemos na missiva endereçada à Igreja de Éfeso (2,1 ss): "Eis o que diz aquele que detém em sua mão direita as sete estrelas (Jesus que rege a imagem da Igreja terrestre) e que anda no meio dos sete candelabros de ouro (símbolo da Igreja universal): Conheço tuas obras, teu penoso trabalho e tua paciência. Sei que não podes suportar os maus. Submeteste à prova os que se dizem apóstolos e não o são, e os achaste mentirosos".

Será que João não é um mensageiro de Jesus encarre-

gado de dirigir às sete Igrejas palavras de elogio ou de censura, como, por exemplo, ao repreender os efésios de terem abandonado a caridade inicial? Será que o autor do Apocalipse não se apresenta como mensageiro de Jesus? E será que a palavra de João seria aceita como a dum apóstolo? O autor do Apocalipse está tão certo disso que elogia até os efésios por terem declarado mentirosos aqueles que se apresentavam como apóstolos sem que o fôssem. Será que tudo isso não indica que as sete Igrejas conheceram e reconheceram já de antemão o autor do Apocalipse como Apóstolo de Jesus? Na sua primeira parte o Apocalipse não é tão impessoal que deva ser atribuído a um personagem que viveu em tempos remotos. Não se deve então, admitir que João era conhecidíssimo já muito antes como apóstolo? E se o era perante os contemporâneos — e os efésios eram assaz desconfiados e cautelosos — por que se deveria hoje, degradar o apóstolo João, autor do Apocalipse, fazendo dêle um Presbítero João, discípulo do apóstolo, empossado por êle como bispo de Êfeso?

Eis a argumentação: Um confronto entre o estilo do Apocalipse e os escritos realmente joaninos demonstra, ao lado de numerosas correspondências, também numerosas divergências. Devido a estas divergências, cuja existência não pode ser explicada satisfatoriamente (assim o autor na melhor introdução católica ao Novo Testamento na Alemanha)<sup>18</sup>, é insustentável a identidade do autor do quarto Evangelho, das Cartas e do Apocalipse. Não se explicam as divergências estilísticas. Observa um douto eclesiástico francês<sup>19</sup>: Deus seja louvado! — A questão do autor do Apocalipse nada tem a ver com a fé! No entanto, aí fica sempre o problema literário. Em face das exigências da crítica que quer substituir o apóstolo João pelo problemático presbítero (João) homônimo bastará tão-somente uma atitude de respeitosa discrição? Citemos um exemplo que, embora de outro ambiente, pode esclarecer ótimamente o peso das divergências estilísticas em questões de autenticidade. De Maimônides

<sup>18</sup> A. Wikenhauser, p. 397. Freiburg/Br. 1953 (T.).

<sup>19</sup> M. E. Boismard, O. P. em Apocalypse, Bible de Jerusalem (T.).

(1135-1204), o maior pensador judaico da Idade Média, que influenciou também um tanto a filosofia cristã de seu tempo, conservaram-se duas obras importantes. A primeira chama-se "Mão Forte" e é uma codificação sistemática, clara e concisa de todo o direito judaico bíblico-rabínico. A segunda, "Guia dos Transviados", é uma obra filosófica, um teatro de encontros e desencontros do pensamento hebraico, aristotélico e platônico. Ora, é certo que com um pouco de conhecimento do hebraico bíblico, seja só do Pentateuco, e com alguma noção da Mishna (coletânea das leis na base do direito talmúdico) cada qual pode ler e compreender o Código de Maimônides (Mão Forte). Mas, e o "Guia dos Transviados"? É uma obra de compreensão difícilíssima. Difícil o estilo, difícil o conteúdo, difícil a concatenação dos pensamentos. Hoje em dia recorre-se a uma boa versão francesa elaborada por um insigne semitológico de Paris. Existe uma versão alemã. Moroni de Florença tentou uma versão italiana, impressa só em parte. Qual a relação existente, no estilo, entre o Código e o Guia? Nenhuma. Qual a razão de tal fenômeno? Quem duvida da identidade do autor de ambas as obras? Ninguém! Qual é o intervalo temporal entre a composição do quarto Evangelho e do Apocalipse? Confesso não saber responder. Suponho que haja um intervalo bastante longo. Quais e quantas obras apocalípticas, a começar de Daniel, João leu antes de redigir o seu próprio trabalho? Que sabemos nós das experiências pessoais de João, das visões e audições interiores e dos êxtases místicos ocorridos antes e durante a redação do Apocalipse? Quem poderá ter escrito o Apocalipse com o poder e a autoridade que nele se reflete? Só o apóstolo João. Realcem-se as convergências estilísticas existentes entre as obras precedentes e o Apocalipse; compreendam-se as divergências. A espiritualidade, como o organismo físico do homem, desenvolve-se e se transforma com o tempo. O físico pode até decair, ao passo que a espiritualidade cresce e se enriquece.

Para nós, o autor incontestado do Apocalipse é João, apóstolo de Jesus Cristo. Como data da composição afigura-se-nos o 14º ano do imperador Domiciano, ou seja 94-95;

outros pensam em 93-96. Mais segura parece a primeira datação contida, de resto, na segunda.

## DISPOSIÇÃO E ARGUMENTO DO APOCALIPSE

49. - Os capítulos 1-3 constituem o prólogo. 1,1-3 contém o título e a epígrafe: "Revelação de Jesus Cristo, que lhe foi dada por Deus para manifestar aos seus servos o que em breve há de acontecer. E êle (Cristo), enviando-a por intermédio de seu anjo, deu-a a conhecer a seu servo João..." ("Anjo" é um enviado de Deus mandado aos homens. No Apocalipse trata-se de um dos sete espíritos que estão ante o trono de Deus; 21,9; 22,6).

A dedicação (1,4-8): "João, às sete Igrejas que estão na Ásia (Menor). Graça e paz vos sejam dadas por aquêles que é e que era e que vem; pelos sete espíritos que estão diante do seu trono; e por Jesus Cristo, que é a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos e o príncipe dos reis da terra... Eis que êle vem sôbre as nuvens. Todos os olhos o verão, até aquêles que o traspassaram!"

Cena preparatória (1,9-20): "Eu, João, irmão vosso, que convosco participo da tribulação, da realeza e da perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. No dia do Senhor (Domingo) fui arrebatado em espírito e ouvi, por detrás de mim, uma voz forte como o som da trombeta, que dizia: O que está vendo, escreve-o num livro e envia-o às sete Igrejas: a Êfeso, a Esmirna, a Pérgamo, a Tiatira, a Sardes, a Filadélfia e a Laodicéia..." Segue a visão dos sete candelabros de ouro e no meio dêles a visão de um Filho do Homem, em veste comprida e cingida com um cinto de ouro. É Jesus que, por intermédio do Apóstolo, endereça elogios e repreensões às sete Igrejas.

O Apocalipse propriamente falando começa no capítulo 4. No êxtase, o apóstolo avista o trono do Altíssimo e, em tôrno do trono, vinte e quatro anciãos, vestidos de branco com coroas nas cabeças. A descrição recorda Ezequiel. Na

mão direita de Deus acha-se o livro do futuro. O Cordeiro recebe o livro da direita de Deus, enquanto tôdas as criaturas celestes entoam um hino em louvor do Cordeiro (cap. 5). A ruptura dos sete selos pelo Cordeiro segue uma série de calamidades que precedem o estabelecimento definitivo do reino messiânico. Tudo vem acompanhado de visões simbólicas. Um cavalo branco, vermelho, preto e amarelo. Aparecem os que foram martirizados por causa da palavra de Deus. Cada um recebe como prêmio uma veste branca. Chegam ao céu outros mártires da fé. A abertura do sétimo selo é acompanhada de um terremoto (cap. 6). No capítulo 7 anuncia-se que o número dos justos salvos dentre as doze tribos será de 144.000 isto é, 12 vezes 12.000. Segue um hino litúrgico. No cap. 8 prepara-se a passagem para outras cenas. As sete trombetas do juízo e as calamidades seguintes: granizo e fogo, o mar transformado em sangue, o eclipse solar, os gafanhotos, etc. Cap. 10: O livrinho com novas profecias. Cap. 11: As duas testemunhas Moisés e Elias. Liturgia celeste. Cap. 12: A mulher sublime, vestida do sol e da lua. O combate entre o arcanjo Miguel e o Demônio. Cap. 13: A fera que emerge do mar (o império romano). A fera que brota da terra (o espírito da mentira). Cap. 14: Anuncia-se o juízo sobre o mundo anticristão. O juízo sob imagem da colheita. Cap. 15: Triunfo antecipado dos escolhidos. O prelúdio da catástrofe mundial. Cap. 16: As sete taças derramadas sobre a terra causando outras tantas calamidades. Cap. 17s: A devassidão dos pagãos sob a figura duma mulher depravada. O juízo. Capítulo 19: Cânticos triunfais no céu. Cap. 20: Satanás algemado para os mil anos do período final. O Dia do Juízo. Cap. 21: O Reino Celeste. A Jerusalém Celeste. No Cap. 22,12 s Jesus anuncia: "Eis que não demoro a vir. Trago comigo minha recompensa para retribuir a cada um segundo suas obras. Eu sou o alfa e o ômega, o princípio e o fim", 20,20: "Aquêle que dá testemunho destas coisas (profecias, isto é, Jesus) diz: Sim, venho sem demora. (E a comunidade): Amém! Vinde, Senhor Jesus! A graça do Senhor Jesus seja com todos os santos. Amém".

## INDICE

Prefácio do tradutor .....	7
----------------------------	---

### PRIMEIRA PARTE

1. A Bíblia. O Antigo Testamento .....	11
2. Antigo Testamento e Antiga Aliança .....	11
3. O Cânon bíblico .....	14
4. A teoria do cânon em Flávio José, em 4 Esdras e 14 em Elias Levita .....	15
5. A ordem dos livros canônicos no judaísmo moderno ...	16
6. A ordem dos livros canônicos do Antigo Testamento na tradição hebraica .....	17
7. O cânon segundo Flávio José .....	18
8. Os cinco Volumes .....	19
9. O cânon do Antigo Testamento na Tradição cristã ....	21
10. Subdivisões dos livros canônicos .....	22
11. O cânon do Antigo Testamento no ensino da Igreja católica .....	24
12. O cânon do Antigo Testamento na tradição cristã antiga	30
13. Profetas e profetismo .....	32
14. Evolução do profetismo .....	42
15. De Ezequiel a Esdras .....	50
16. De Malaquias a Esdras .....	55
17. As versões do Antigo Testamento .....	59
18. Os livros do Antigo Testamento .....	65
19. A crítica textual do Pentateuco .....	66
20. O Livro de Josué .....	69
21. O Livro dos Juizes .....	69
22. Rute .....	70
23. Os Livros de Samuel e dos Reis .....	71
24. As crônicas .....	72
25. Esdras e Neemias .....	72
26. Tobias .....	73
27. Judite .....	74
28. Ester .....	75
29. Os Livros dos Macabeus .....	76
30. A Poesia vetero-testamentária .....	79

31. Os Salmos .....	79
32. A Literatura sapiencial .....	84
33. O Livro de Jó .....	85
34. Os Provérbios .....	90
35. O Eclesiastes .....	93
36. O Cântico dos Cânticos .....	97
37. O Livro da Sabedoria .....	100
38. O Eclesiástico .....	101
39. Os Livros proféticos .....	102
40. Isaías .....	105
41. Jeremias .....	112
42. O Livro de Baruc .....	114
43. Ezequiel .....	115
44. Daniel .....	117
45. Os Doze Profetas Menores .....	118
46. Oséias .....	118
47. Joel .....	119
48. Amós .....	120
49. Abdias .....	121
50. Jonas .....	122
51. Miquéias .....	123
52. Naum .....	124
53. Hababuc .....	125
54. Sofonias .....	125
55. Ageu .....	126
56. Zacarias .....	126
57. Malaquias .....	127
58. Os Apócrifos precipuos do Antigo Testamento .....	128
59. A Literatura Apocalíptica .....	130

## S E G U N D A   P A R T E

1. O Novo Testamento .....	135
2. Jesus e Israel .....	136
3. Marcião .....	138
4. Cristianismo e Antigo Testamento .....	139
5. Os inícios do cânon neotestamentário .....	140
6. Formação do cânon neotestamentário .....	142
7. O cânon do Novo Testamento .....	143
8. Texto e Versões do Novo Testamento .....	144
9. O termo "Evangelho" .....	145
10. A vida de Jesus nos Evangelhos e nas cartas de S. Paulo .....	147
11. São. Mateus .....	147



12. O Evangelho segundo Mateus .....	148
13. O estilo de Mateus .....	149
14. São Marcos .....	152
15. O Evangelho de Marcos .....	153
16. São Lucas .....	154
17. Sinopse e "Form Criticism" .....	155
18. S. João Evangelista .....	157
19. O discípulo "a quem Jesus amava" .....	160
20. O Evangelho de João .....	161
21. O mistério da pessoa de Jesus .....	162
22. Os Atos dos Apóstolos .....	165
23. São Paulo .....	166
24. Dados da vida de S. Paulo .....	169
25. A Carta aos Romanos .....	171
26. A Carta aos Romanos. Parte Moral .....	178
27. Primeira Carta aos Coríntios .....	179
28. Segunda Carta aos Coríntios .....	183
29. A Carta aos Gálatas .....	184
30. Primeira Carta aos Tessalonicenses .....	186
31. Segunda Carta aos Tessalonicenses .....	187
32. Carta aos Colossenses .....	188
33. A Carta aos Efésios .....	189
34. A Carta ao Filêmon .....	191
35. A Carta aos Filipenses .....	192
36. As Cartas Pastorais .....	194
37. Primeira Carta a Timóteo .....	194
38. A Carta a Tito .....	195
39. Segunda Carta a Timóteo .....	196
40. O Carta aos Hebreus .....	196
41. As Cartas Católicas .....	199
42. A Carta de Tiago .....	199
43. São Pedro .....	202
44. Primeira Carta de Pedro .....	203
45. Segunda Carta de Pedro .....	204
46. As três Cartas de João .....	206
47. A Carta de Judas .....	209
48. O Apocalipse .....	210
49. Disposição e argumento do Apocalipse .....	215

COMPOSTO E IMPRESSO NAS  
OFICINAS GRÁFICAS DAS EDIÇÕES  
PAULINAS - CIDADE PAULINA -  
VIA RAPÓSO TAVARES, KM 18,555  
ESCRITÓRIO CENTRAL: P R A Ç A  
DA SÉ, 180 — CAIXA POSTAL  
8017 - SÃO PAULO - A. D. 1961

## COLEÇÃO BIBLICA

---

Ao redor do Livro Divino as Edições Paulinas procuraram organizar uma assistência editorial para o Clero e o povo fiel do País, suscitando a presente coleção, que tende a prestar ajuda a todos na compreensão e defesa do Tesouro de inestimável preciosidade, qual é a Palavra de Deus, patrimônio dos filhos da Igreja Católica.

1. *Páginas difíceis da Bíblia*, de E. Galbiati e A. Piazza (2.a ed.)
2. *Protestantismo e Bíblia*, de Fernando Carballo
3. *Sinopse Evangélica*, de Frederico Dattler
4. *A Bíblia, escola de oração*, de Louis Leloir
5. *Guia do Antigo e Novo Testamento*, de Eugenio Zolli
6. *A Bíblia e as últimas descobertas*, de Armando Rolla

### EM PREPARAÇÃO:

7. *O Filho de Deus*, de Alceu Masson
8. *A Bíblia, Mensagem de Deus em palavras humanas*, de Jean Levie